

CRISTOVÃO TEZZA

O fotógrafo

Autor de *O filho eterno*



Cristovão Tezza

O FOTÓGRAFO

2ª edição, revista



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2011

Cip-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, rj.

Tezza, Cristovão, 1952-

T339f

O fotógrafo [recurso eletrônico] / Cristovão Tezza. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40408-4 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-01009

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Cristovão Tezza, 2004

Projeto gráfico da versão impressa: Regina Ferraz

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa

somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, rj – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40408-4

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



fotogramas

Capa

Rosto

Créditos

Sumário

O fotógrafo espera

Íris recebe um cheque

O fotógrafo encontra Íris

O fotógrafo bebe uma cerveja

Íris e Lídia encontram-se duas vezes

O fotógrafo almoça com a família

O fotógrafo conversa com o pai

Lídia e Duarte vão ao cinema

O fotógrafo revela um filme

Íris almoça em casa

Duarte volta para casa

O fotógrafo encontra o deputado

Lídia bebe um café

Mara caminha pela cidade

O fotógrafo faz um lanche

Íris vai ao Café Teatro

Duarte chega em casa

O fotógrafo e Lídia trocam palavras

Danton leva Íris para casa

O fotógrafo vai à cidade

Íris toma um banho

Duarte acorda de madrugada

O fotógrafo encontra um amigo

Lídia acorda de madrugada

O fotógrafo reencontra Íris

Colofon

Saiba mais

O FOTÓGRAFO ESPERA

A solidão é a forma discreta do ressentimento, ele pensou, com a nitidez de quem escreve um poema, olhando para o alto — quantos andares? — e mais uma vez lembrando de Lídia. Talvez ela tenha declamado para mim esse verso algum dia, como tantas vezes, durante a leitura de um livro. Conferiu de novo a fotografia de cores apagadas, tirada por uma máquina descartável por um não fotógrafo em alguma festa de aniversário — uma jovem difusamente bonita, parece; pode ser qualquer pessoa. No verso, a indicação precisa do endereço, que ele releu. Oitavo andar, 803, Edifício Liberdade. Uma ironia, ele pensou, fantasiando a biografia do prédio: o dono da construtora, hoje com quase 60 anos, ouvia Jimi Hendrix e Janis Joplin e Tropicália e era contra a ditadura militar. Fumou maconha duas vezes e frequentou três reuniões de alguma dissidência do Partido Comunista. Não se envolveu e formou-se em engenharia. Foi o orador da turma, imaginou. Um discurso cheio de imagens veladas mas contundentes. Nós erguemos o futuro, ele terá dito, pensando em prédios, e o fotógrafo sorriu. O primeiro prédio — este — recebeu o nome de Edifício Liberdade, em nome dos nossos princípios. Talvez em 1972. Não, não teria coragem. Tem o problema do financiamento, alguém sensato lhe diria, esse pessoal do dinheiro é medroso, melhor não provocar com vara curta, ele quase disse em voz alta, e lembrou — apalpando-as, na verdade — as duas notas que estavam no seu bolso. Seria uma provocação infantil. A doença infantil do comunismo. Sejamos cuidadosos. Talvez Edifício Mercedes Sosa, e quase o fotógrafo cai na risada, louco na rua, só: uma lamúria de merda, ele lembrou alguém lhe dizer anos atrás (Lídia?); ódio mendicância poética. É riso nervoso, ele avalia, voltando a olhar o prédio do outro lado da rua. Serão mesmo vinte andares? Recomeçou a contá-los, de baixo para cima, mas um vulto saindo do hall desviou sua atenção. Não, não é ela, percebeu, e imediatamente começou a biografá-la: é uma mulher de 34 anos que vai telefonar ao marido — nesse exato instante apertando o botão de uma máquina de café na empresa em que trabalha (a Construtora Liberdade) a 840 metros daqui. Vai telefonar a ele e dizer que. O que Lídia quer me dizer? Ela está mandando um sinal faz tempo. Outra pessoa sai do prédio, na verdade uma menina de cachos parecida com Alice, ele compara, só que mais velha, que

reluta entre ir para a esquerda ou para a direita — como o país, ele pensou, absorto, mas que sentido ainda tem isso? — e a menina decide-se pela direita (dela, ele pensou num átimo, quase virando de costas para sentir a mesma perspectiva e estendendo a mão direita; as relações geográficas são estranhas, eu nunca dominei o espaço em três dimensões, sou um cretino topográfico), e súbito a menina começa a correr, desaparecendo em seguida. A mulher que iria telefonar ao marido desistiu de seu projeto, ele calcula, sentindo agora uma dor na perna por ficar tanto tempo imóvel (eu não sabia que era tão difícil ser detetive, ele pensou sorrindo), e atravessou a rua, diretamente em sua direção, como se o conhecesse há muitos anos: Tenho duas verdades a lhe dizer, ela diria — mas passou direto quase esbarrando nele, como uma cega. De perto, ele vê: é uma mulher tensa, preocupada, envelhecida e triste. O quase sorriso que ele via era o cacoete de algum músculo da boca. Sentiu vontade de fotografá-la, um close daquela rede de linhas que lhe cortavam sutilmente a face, mas a ideia absurda não vai além do gesto de acariciar a bolsa de trabalho, que aliás já dói no ombro, a correia esticada pelo peso. Preciso de uma solução mais leve, ele pensou, se é que irei adiante neste novo bico — a sensação de que é o homem errado no lugar errado e fazendo a coisa errada, mas a nitidez do diagnóstico parece antes acalmá-lo que angustiá-lo. Olha em torno, prestes a tomar uma decisão que o corpo já sabe qual é, mas a alma ainda não, e vê alguém olhando para ele, um desocupado que baixa os olhos assim que se percebe também observado. O desocupado investiga quem será este outro desocupado, que é ele, o fotógrafo imagina, em outra sequência para passar o tempo; investiga a roupa, o estilo, o corte de cabelo, a postura, para concluir se pertence à sua tribo ou não; talvez ele conclua o óbvio, que eu pertenço a alguma tribo difusa, intermediária entre os ricos e os pobres. O que ele faz aqui? — o desocupado pensará. As pessoas se movem, mas ele não, plantado na esquina. É um homem com uma profissão, isso é evidente, e não um guardador de carros ou um mendigo, pensará o desocupado, e o fotógrafo se avalia na escala dos papéis profissionais da rua. O desleixo dele, vai autobiografando-se o fotógrafo — aquela calça velha — é a do distraído, não a do miserável. Talvez consuma drogas, o desocupado pensará; certamente que sim, o fotógrafo conclui com uma ponta de angústia, vendo-se de fora. O desocupado — há uma comunicação secreta entre eles, de entrelinhas — começa a se ocupar, coça os bolsos, apalpa os pacotinhos de cocaína, a

maconha, talvez o crack, imagina o fotógrafo; um gesto dele de aproximação e logo estariam conversando com aqueles circunlóquios da linguagem cifrada. Mas o desocupado, defende-se o fotógrafo, logo perceberá que esse outro desocupado não quer saber dele nem das drogas nem de nada — é alguém com um objetivo na vida, e se está parado há (olhou para o relógio) 57 minutos, às dez horas da manhã, naquela esquina movimentada, olhando para o alto de vez em quando, é porque terá uma boa razão. Uma boa razão? — ele se pergunta, para deixar as coisas nítidas. Dinheiro, é claro. E como se estivesse ali exatamente para demonstrar seu teorema, uma mãe suja se aproxima com um filho — um filho que, calcula o fotógrafo, terá mais três anos e dois dias de vida — com um filho já praticamente morto no colo, e balbucia uma ladainha cigana indiferente ao fato de ele não ouvir, olhando ostensivamente para o outro lado e balançando negativamente a cabeça — pensando, ele também, em dinheiro. Ela se afasta. O Brasil, ele lembra a voz grave do homem, é o melhor país do mundo para se viver, mas nós estamos perdendo o controle. Pense bem: é um diálogo de surdos. Há um país subterrâneo nascendo do outro lado do fosso, profundamente ignorante, primata, milhões de macacos de auditório, uma enorme multidão de débeis mentais sobre a qual e com a qual, nós, brasileiros, não temos nenhum controle, empatia ou paciência. Perto deste momento que se avizinha, dizia o homem, solene, as crises institucionais dos anos 80 e 90 são brincadeiras de roda. Se bem que. Mais café? Não, obrigado, foi praticamente só isso que eu respondi, lembra o fotógrafo. É só o dinheiro que me interessa. Foda-se. Olhou para o relógio. Um surto de depressão: isso não tem futuro. Chega. De repente distraiu-se com quatro pessoas que saíam quase ao mesmo tempo do prédio, e outras seis ou sete entravam nele, em fila; alguém segurou a porta de vidro enquanto alguém passava com a sacola cheia e — imaginou o fotógrafo — agradecia com um sorriso. O portão automático da garagem estava a meio caminho e um carro avançou de farol aceso contra o sol: duas pessoas a bordo. Ela não tem carro, ele lembrou. Subitamente ao seu lado, quase íntimo, o desocupado pedia fogo para o cigarro — ele fez que não, não fumava, a tempo de perceber que aquele baixinho ridente tinha a barba feita, ao contrário dele. Sentiu ansiedade: estou chamando a atenção, exatamente o que não devo fazer; fazendo exatamente o que não devo fazer, ele repetiu, quase em voz alta, como a súmula de um programa da vida inteira.

— Esperando alguém?

Ele não respondeu. Inclinou o corpo, na simulação de quem procura um táxi ou vai atravessar a rua ou não ouviu a pessoa que insiste ao seu lado (que não se abala — o desocupado está acostumado, sabe como funcionam as abordagens, imagina o fotógrafo, é um trabalho de paciência), ou mesmo como quem sente um pavor súbito de que o empurrem para o asfalto, para matá-lo sob as rodas de um ônibus; e avança, costura dois carros, agora mais lentos pelo sinal vermelho que se acende na esquina, e chega ao outro lado, numa segurança momentânea. Apoia-se na parede do prédio, sentindo o que parece uma ligeira tontura. Não, ele mesmo avalia: o problema é moral, não físico. O desocupado continuava na outra calçada, olhando para ele. Sentiu um sopro de medo, as pernas moles. Um problema moral, ele repetiu, agora verbalizando em voz baixa:

— É só o que me falta.

A vida inteira fotografando lixo, ele pensou, irritando-se, e agora eu tenho um problema moral para resolver. O desocupado continuava lá, olhando para ele — não era exatamente ameaçador. Parecia sorrir. Talvez eu precise mesmo de uma dose de crack, ele viu-se pensando e ao mesmo tempo reconhecendo o sintoma da autopiedade, o que dobrou sua irritação. Resolveu contra-atacar, vagamente suspeitando de alguma conspiração, mas isso era ridículo. Quem sabe? Agora na ofensiva, sem tirar os olhos do desconhecido, que talvez esperasse algum sinal, abriu a bolsa e trouxe de lá a máquina, um gesto de defesa que se tornava um ataque, e com algum prazer ele foi sentindo a transformação do desconhecido que, intrigado, talvez não acreditasse no que estava vendo do outro lado dos carros passando entre eles com o sinal aberto.

O fotógrafo desengatou da câmera a grande-angular, sempre com os olhos fixos no desocupado, e colocou (sentindo o estalo do encaixe nas mãos) a teleobjetiva. Sentiu-se seguro. Focou o rosto distante do desconhecido e lentamente o arrastou para perto, avaliando a metamorfose daquela face agora acuada atrás dos vultos dos carros; segurou-o firme, aproximou-o ainda mais, quase podia sentir o tremor daqueles olhos, a respiração subitamente assustada que vinha de lá, a interrogação que se transformava, quem sabe, em indignação, com que direito!?, diria o desconhecido, talvez considerando que cometera um erro terrível e no entanto óbvio desde o primeiro instante, aquilo era a polícia — e virou a cabeça ocultando-a ridiculamente atrás do poste, uma criança brincando de 31. O

fotógrafo manteve-o preso ali, pronto para eternizá-lo, covarde atrás do poste. Na sua calçada, as pessoas evitavam passar diante dele, esperando a fotografia que não vinha, ou davam corridinhas rápidas abaixando a cabeça, tudo para não atrapalhar o cromo da manhã, algumas intrigadas investigando a direção da objetiva para descobrir que foto afinal seria aquela tão brutalmente feia naquela esquina sem graça — mas sempre se respeita o fotógrafo, o mensageiro da identidade, lembrou ele, agora mais tranquilo, recordando-se do seu chefe e de seu hilariante, ou apenas ridículo, elogio do fotógrafo. Ele avançou até o meio-fio para liberar a passagem dos pedestres e voltou a empunhar a máquina atrás do desconhecido que punha a cabeça para fora do poste, avaliando, aflito, o que fazer — no visor da câmera, o rosto está inteiro diante dele e uma ruga atravessa a testa pequena do desconhecido; o fotógrafo escrutina linha a linha aquela cabeça miúda que, enfim, resolveu sair de seu esconderijo precário, ainda simulando uma certa ilusão de que não fugia, mas os passos largos — a teleobjetiva perseguindo-lhe a nuca — foram se transformando numa corrida disfarçada e enfim disparada, virando a esquina sem olhar para trás.

Nenhuma fotografia. O fotógrafo guardou a máquina na bolsa e ruminou o pequeno prazer de perseguir o desconhecido e fazê-lo sumir só com o poder de sua lente. Lembrou

de Alice, que gostava de se esconder de suas fotos — uma perseguição divertida em casa, aos gritos. Eu vou pegar você! E ela corria aos gritinhos, fazendo o teatro do desespero. Com a lupa, debruçado sobre as provas, ele se divertia com os dedinhos fechando portas, o vulto trêmulo do pé fugindo, a trança voando. Quando a encontrava, ela punha as mãos no rosto — durante um bom tempo de sua vida (seis meses? um ano? com que idade ela estava?) recusou-se a se deixar fotografar, com uma insistência primeiro divertida, depois irritada, enfim explosiva.

Talvez eu tenha feito a coisa errada, mudou ele súbito de assunto, o olhar na esquina. Fantasiou o desconhecido voltando com uma gangue — vão moê-lo de porrada, espetá-lo com canivetes, destruir o equipamento fotográfico, ensiná-lo a se comportar na rua. Deu alguns passos para mais perto do Edifício Liberdade, avaliando que talvez ela tenha passado diante dele um minuto atrás — como sempre, ele pensou, eu fiquei fazendo a coisa errada na hora errada. O filme continua virgem, pelo menos. Resisti à tentação. Um problema moral: eu já estou

no jogo, ele decidiu, colocando o fato na prateleira das coisas definitivas e portanto tranquilas. Não exatamente no jogo: trata-se de um acordo, ele argumentou. Um simples negócio, ele quase disse em voz alta — não há nada errado. A velhinha parou diante dele e as mãos trêmulas abriram um papel com um endereço:

— Onde fica o Hospital das Clínicas?

Ele apontou a esquina, pensando longe:

— A senhora vire à esquerda e vá até o fim.

— Obrigada.

Em frente ao prédio, o fotógrafo suspirou: há sim, algo errado. Eu posso mentir quanto eu quiser, mas não para mim mesmo. Essa mentira não é permitida, dizia-lhe o tio no escuro do laboratório, bem antes de Lídia, enquanto ele via encantado a mágica da revelação no papel em branco. Mentir para mim mesmo: essa é a mentira mortal. Decidiu entrar — um rompante tão súbito quanto definitivo. Ele não reconheceria a mulher se ela passasse ao lado dele. Eu preciso vê-la. Como um animal acuado (mas ainda tenho bastante tempo, justificou-se), lembrou com má vontade do trabalho a fazer ainda hoje (fotografar um deputado; era questão de marcar hora), pensou em casa (aquela tensão surda que se arrastava havia meses), pensou em voltar ao jornal e carregar a bateria do celular. Mas teria de ir para casa e isso era cada vez mais difícil. Lembrou azedo dos 200 dólares no seu bolso, que agora já não pareciam tanta coisa, como alguém que foi trapaceado. Bem, ele se defendeu, antes que o azedume tomasse conta de sua alma, é apenas um adiantamento. Notas novas, estalantes, cheirosas. Descendo sozinho no elevador, ele cheirou as notas, até perceber que havia uma câmera interna, ainda bem que deve ser em preto e branco, ele imaginou, com esperança — não veriam também a sua vergonha, pornográfica e sem controle, pintando-lhe as bochechas de vermelho. Mas antes mesmo de chegar ao térreo esqueceu a vergonha: o dinheiro tem sempre um toque de libertação, ele sonhou, é uma espécie sólida de esperança. Talvez não aquele dinheiro, ele contra-argumentou (não minta para você mesmo), lembrando a voz rouca do homem. Se você precisar de mais, ele sugeria, o rosto na sombra. Não se tratava de empáfia; era um homem que já havia ultrapassado fazia muitos anos a necessidade de arrogância. Eu não preciso disso, ele se ouviu dizendo, repetindo exatamente o bordão que sua mãe repetiu até morrer sempre

que se irritava com alguma coisa (principalmente com o seu pai).

Decidindo-se a tomar a iniciativa, um projeto inteiro delineou-se instantâneo: subir até o oitavo andar, agir às claras, confessar o crime, entregar-se à vítima, revelar os planos, reconhecer sua culpa moral, repassar a ela os 200 dólares e, por esta via, destruir a fonte do mal. Na pior das hipóteses, refugiou-se defensivo, mesmo que lhe faltasse coragem nesse primeiro momento, mesmo que ele inventasse uma mentira qualquer e ela nada percebesse, o jogo já estaria iluminado. Ela acabaria fatalmente descobrindo quem ele é — eu vou deixando pistas, ele planejou — e isso tornaria o mundo inteiro melhor e mais nítido para todos.

Avançou pelo longo corredor do prédio com aquele andar que (disseram-lhe no jornal) tinha a ginga de um caubói, inclinando-se lateralmente a cada passo e deixando entrever o esforço por carregar a sacola profissional de fotógrafo. Um presidente Bush dirigindo-se ao parlatório no gramado da Casa Branca — seal of the president of the united states — para anunciar aos jornalistas o novo bombardeio, a sacola de fotógrafo deformando-lhe o prumo. Com o porteiro à vista, avançou concentrado para o elevador, simulando a procura de algum papel nos bolsos que lhe lembrasse o número do apartamento.

— O senhor vai aonde?

Apalpava os bolsos:

— É... a Íris. É no oitavo, não?

— O seu nome?

— É da agência. Ela sabe — e esticou a mão para o elevador.

— O senhor aguarde um minutinho. O seu nome?

Ele suspirou, a porta aberta. Alguém estava à espera de que ele entrasse ou largasse a porta.

— Mauro. Da agência.

Não esperou resposta e entrou no elevador. Sorriu para o homem velho que olhava sério para ele, e apertou o 8. Temeu que o porteiro corresse a tempo de não deixá-lo subir, mas a porta interna se fechou e a máquina se moveu. Abriu a bolsa e tirou de lá a câmera, vistosa, impressionante com a teleobjetiva — uma máquina fotográfica quase sempre pacífica as pessoas, ele pensou, lembrando do discurso do seu chefe; há nela sempre uma longínqua promessa de eternidade, ou pelo menos um toque de comunhão. O velho afinal sorriu para ele como se,

agora sim, estivesse entendendo. Nem eu estou entendendo, ele ruminou, lembrando que mentiu ao porteiro e que teria de passar por ele de novo. A compulsão da mentira. Mas não para mim mesmo. De onde tirei esse Mauro? Enquanto Íris é um nome tão óbvio que parece falso.

O elevador parou no 6 e ao sair o velho sorriu novamente para ele, como despedida. Colocou a correia da máquina no pescoço; a objetiva saía-lhe do peito como uma arma — uma arma fálca de um extraterrestre, e sorriu da ideia. Ergueu a cabeça, e viu a pequena câmera no alto do elevador — também aqui, ele pensou — vigiando-o. Vacilou um segundo sob o desejo de apertar o botão do térreo e voltar. Um temperamento impulsivo e irracional, uma vez Lídia lhe disse, sacudindo o dedo como uma professora. Se pelo menos às vezes você parasse para pensar um pouco. Mas é só o que faço, ele se defendeu, mentalmente. Uma relação cada vez mais difícil. E no entanto, eu — a porta interna do elevador se abriu, mostrando o número 8 na porta externa, que ele empurrou devagar. Saiu para um corredor escuro e acostumou a vista até achar uma luzinha vermelha, indicando o interruptor que acendeu as luzes brancas. Passou uma sequência de portas e chegou ao número 803. Esticou o braço para o botão da campainha.

ÍRIS RECEBE UM CHEQUE

— A solidão é a forma suave do ressentimento — ela disse em voz baixa, como quem declama um poema. E pensou: náusea, é isso que estou sentindo. Esses pequenos ódios miúdos que vão se acumulando como gordura na alma, continuou escrevendo mentalmente.

— O que foi que você disse? — ele perguntou distraído, abotoando a camisa, em pé ao lado da cama.

Ela fechou os olhos.

— Nada. Algum verso que li em algum lugar e ficou martelando na minha cabeça. Nunca aconteceu com você?

— Ahn?

Ele ajustava o nó da gravata, espichando o pescoço diante do espelho.

— Ressentimento. Eu tenho medo do ressentimento. Ao mesmo tempo, preciso dele. É assim que funciona.

Na cabeceira, restava ainda um toco de maconha para queimar, mas desistiu. Náusea, é só isso, ela concluiu, vendo-o sentado na cama para calçar os sapatos. Localizar bem o problema, recomendava a analista.

— Você vive muito sozinha — ele disse mecanicamente, como num filme dublado, ela pensou, a alma não está no corpo: o que esse filho da puta fez da minha vida? Uma questão de atitude, foi o que a analista disse. Eu também não preciso mais de analista. Eu não preciso de ninguém. Eu preciso cuidar da minha vida sozinha, ela continuou pensando, como quem acumula forças para o momento seguinte. É isso: carregar minhas baterias. Contra ele, é claro. E sorriu, afinal. Era um prazer:

— Eu quero ficar só, doutor Joaquim.

— Como assim?

Ele olhou para ela e ela pensou: se pudesse, ele me matava e desaparecia com meus ossos, também como um filme dublado. Tudo é falso. Ele tem muito a perder, e se ele perder também o controle, eu posso desgraçar a vida dele. A analista disse: o ressentimento é uma carga muito pesada. Eu sei que é. Suspirou e começou o jogo, mas para terminá-lo hoje mesmo:

— Você, como sempre, não entendeu. Você não é exatamente uma pessoa

inteligente, sabia?

Por que ele não me aconselha a voltar a estudar? Ora, porque posso vir a ser colega do filho dele. A náusea, ela pensou; é ela que me defende. Preciso vomitar: assim nos purificamos. A analista supõe que isso é apenas uma imagem — não é. Ele voltou ao espelho do armário para conferir o resultado: gostou de si mesmo.

— Sabia sim, menina. Não sou inteligente — e sorriu. Também nele o ressentimento vinha à tona, mas era um ressentimento mais grosseiro, um ressentimento ameaçador e impaciente, um ressentimento sem lastro, ela avaliou, minuciosa. — Para compensar — continuou ele — tenho o que interessa. Tenho dinheiro. Não sou inteligente; sou interessante. Para você, vale mais. É muito mais útil.

Ajeitou a camisa uma última vez, sob o cinto preto.

Ela riu alto, o que, parece, o perturbou num curto instante. Não é mais uma brincadeira, nós sabemos, ela pensou em dizer em voz alta — estavam resvalando ambos para o terreno do ódio, os passos medidos. O jogo acabava.

— Você pensa que tem dinheiro. Quanto tempo você sobreviveria com o consultório fechado? Dois meses? Três meses? Cinco meses?

Ele achou graça, sentindo alívio. É só isso? — talvez se perguntasse. Como se concluísse (ela imaginou): essa menina não é páreo para mim. Continua a mesma criança brincando de boneca. Nunca entre nesse jogo, doutor Joaquim, ele dirá para ele mesmo. Mantenha o grau absoluto de superioridade (quando conseguia, ela imaginou, distanciando-se dali de olhos fechados, ele tem nos gestos a beleza tranquila e feliz de quem está no melhor momento da vida, no seu triunfo):

— É uma ótima pergunta, Íris. A melhor medida do índice de riqueza de alguém. O problema é que, por este seu cálculo, quase ninguém é rico.

Ela soltou uma risada que se pretendia escarmenta e que terminou numa nota falsa; ela não queria relaxar o jogo. Ele está gostando da conversa, Íris avaliou; eu não quero que ele saia daqui sentindo-se bem.

Ele olhou para o teto, calculando:

— Uns 25 meses. Acho que eu sobreviveria, mantendo o mesmo padrão de vida, para mim e para minha família, por uns 25 meses. Talvez mais, se eu fosse vendendo aqui e ali alguma coisa. Que tal?

— Você é muito pobre.

O meu pai, ela poderia dizer, é mil vezes mais rico que você. Quase disse, entreabrindo os lábios. Eu não preciso dele, ela insistiu, e corrigiu-se: eu não preciso deles. Eu não preciso: isso é liberdade. Uma intenção de ferir, mas uma intenção ridícula, o que intensificou a náusea — imobilizou-se, sentindo o próprio corpo. Vomitaria? Havia também, ela sentiu, um choro atravancado na alma, mas ela não abriu espaço. O entorpecimento da maconha de ontem, a garganta seca. O que esse sujeito está fazendo aqui? Sou eu que abro a porta, ela disse mentalmente, lembrando da analista. Sou eu que fecho a porta, também. Com alívio ela sentiu que a cada palavra ele ficava mais e mais distante:

— É verdade, Íris. Sou muito pobre.

— Eu não quero mais que você venha aqui.

Havia ainda um bom resíduo de medo, e ela decidiu vencê-lo. Ele tentou brincar, aproximando-se dela como em mil outras vezes, a mão gentil nos seus cabelos.

— Mas eu comprei você, lembra? O nosso jogo.

Nenhum humor. Uma sombra sinistra continuava a se erguer entre eles. Não posso mentir para mim mesma, ela pensou, antes de dizer:

— Você me comprou, mas isso não dá absolutamente nenhum direito a você. Você é um pequeno filho da puta.

Talvez ele esteja pensando, ela imaginou: O que terá acontecido com a minha doce magrela? Como se o que ela disse tivesse sido, de fato, um argumento, e não a senha de um jogo. Pela primeira vez — e era o prazer de um vômito — ela sentiu que o tinha atingido com a força de um soco no estômago. Ela gostou de vê-lo súbito perdido, Tateando esse pequeno penhasco mental para não cair, a mão se agarrando na beirada.

— É verdade.

Ele respirou fundo, pensando. Ela podia sentir o esforço dele em ficar em pé, mantendo o seu próprio diapasão — alguém que não se afeta. Já estava pronto para sair, e talvez pensasse em sair direto, sem uma palavra, ela imaginou, mas ele precisava, como sempre, recompor a felicidade corroída daquela manhã; ele não queria sair pela metade, dar a Íris, ou a ele mesmo, aquele gosto incompleto. Como tantas outras vezes, ele precisava arredondar o passado imediato, amaciá-lo, para poder prosseguir

tranquilo pela vida afora. Ainda incerto, resolveu — ela percebia nitidamente o mecanismo interno de cada gesto daquele homem, uma máquina transparente — resolveu simular que ainda jogavam. Tirou a carteira do bolso.

— Quanto você quer?

— Mais do que você pode dar.

O interfone tocou. Ela não se moveu, à espreita: talvez ele fizesse alguma ironia com aquela frase de efeito. Mas a máquina emperrava, insegura; ele colocou de volta a carteira no bolso, simulando um sorriso.

— Se é assim, melhor para mim.

— Eu preciso de dinheiro, você sabe — ela disse, a voz dura agora, como quem se arrepende (mas também isso é uma simulação, Íris imaginou, lembrando-se da analista — ele se sente seguro quando eu me arrependo).

Ele sorriu: assim é melhor. Como se entrassem no jogo de novo. Talvez ele lembrasse, ela pensou (e a náusea veio de novo): ela sentada sobre ele, quando os cabelos eram longos, e ele disse: Não quero nunca mais que você saia de dentro de mim; uma nota de cinquenta por minuto, ele dizia, arremessando as notas estalantes na cama, até que Íris desabou e simulou dormir imediatamente. Antes de ir embora, ele recolheu de volta uma das notas — para o táxi, justificou.

— Duzentos reais está bom? Para o supermercado?

— Dois mil — ela disse, depois de um átimo de indecisão.

Ele olhou para ela, tentando descobrir o que seria aquilo.

— Não tenho.

— Tem um cheque. — Ela tirou o talão dobrado do bolso interno do paletó, mais a caneta, um gesto que (ela sabe) o agradou. — Preencha. É o último. Ficamos por aqui.

O interfone tocou novamente. Ela correu ao banheiro, abriu a torneira e lavou o rosto, a água abundante. Ouviu a voz dele da sala. Era ainda um pedido discreto de paz:

— Vou colocar o cheque em cima da geladeira. Tudo bem, Íris?

Diante do espelho, de novo sentiu a ameaça do vômito. Gritou:

— Não volte nunca mais!

Ele ficou em silêncio. Talvez tentasse se lembrar (Íris imaginou) se ela já havia gritado assim antes. O interfone tocou de novo, o que deu uma urgência

inesperada a todos os gestos. Ela voltou para perto dele, arrancou de suas mãos o cheque que ele acabava de preencher, conferiu o valor sem demonstrar surpresa ou gratidão, e dobrou-o em dois.

— Encerramos nosso expediente, doutor Joaquim.

— É claro. Obrigado.

A ironia era uma derrota, ela calculou. Talvez ele pudesse sentir o estado limite em que ela estava. Talvez não, ela avaliou; ele está só pensando nele mesmo. Não é mais um jogo simulando prostituição; agora ele está perdido. Súbito, o fosso intransponível, Íris pensou: ele não consegue passar para o outro lado, que sou eu. Ela avançou para a porta:

— Eu não quero mais ver você. Você me faz mal.

Talvez, ela antecipou, ele queira agora invocar o valor do cheque (2.500 reais), talvez queira dizer uma última palavra para relembrar o amor, quem sabe provocar a reviravolta da paixão; talvez recontar a história deles, minha doce magrela. Sim: a história, eles tinham uma história que —

Mas ela não lhe deu tempo — abriu súbita a porta da rua e diante deles uma figura desengraçada, com uma câmera pendurada no peito e uma sacola a tiracolo, esticava o dedo naquele exato instante em direção ao botão da campainha.

O FOTÓGRAFO ENCONTRA ÍRIS

A mão no ar, a porta se abriu — e havia duas figuras recortadas contra a luz diante dele. A primeira coisa que conseguiu ver, piscando os olhos, foi o piercing de prata brilhando no umbigo de Íris, entrevisto entre o cinto negro e a blusa branca. Vinte anos? — é como se o cálculo viesse a ele pelo trecho da pele. O vulto mais amplo, um homem elegante, parecia não se decidir entre avançar pelo corredor ou fazê-lo entrar no apartamento: um breve pânico, uma mímica entrecortada se instaurou naquela aliança de presenças e todos pareciam ter alguma coisa urgente a dizer ao mesmo tempo — no gesto mútuo e delicado de esperar a palavra alheia restavam num silêncio ansioso, ele pensou, um pouco mais aflito pela presença do homem a complicar suas mentiras. A mão, suspensa no ar em direção à campainha, fez um gesto súbito para baixo e mergulhou no bolso, atrás de um cartão imaginário — para o caso de, por gentileza, continuarem esperando dele a primeira palavra, que afinal veio:

— É da agência. Você é a Íris? Eu — e os olhos em direção a ela quase pediam socorro.

No que foi atendido imediatamente: a palavra “agência”, com aquela objetiva brilhando no seu peito, parece que liberou a todos, dando sentido às coisas do mundo; o homem fez um gesto de quem se despede, um gesto (o fotógrafo avaliou) estranhamente incompleto, a mão no alto e um esboço silencioso de palavra, mas Íris não dava nenhuma importância a ele — sorriu como se esperasse pelo fotógrafo naquele exato instante:

— Ah, da agência! Que bom! Entre!

O sorriso tinha todos os dentes — uma imagem muito bonita, avaliou o fotógrafo, abrindo espaço para o homem que, um tanto abrupto, enfim atravessou a porta, saindo do claro para o escuro, e passou por ele diretamente para o elevador, como quem quer ainda pegá-lo naquele andar antes que se vá, o que conseguiu, porque o fotógrafo escutou o ruído da porta e em seguida o tranco da máquina que se move. O sorriso de Íris — como se agora não fosse mais necessário, e ele fantasiou uma cena de ciúme entre ela e o vulto — se esvaiu, ainda que não em completa antipatia; talvez cansaço. Ele viu num segundo uma sequência-relâmpago de fotos, não dela, como devia, segundo o contrato, mas de

dentes e piercings e umbigos e pés (ela estava descalça).

— Mas que agência?! — ela perguntou assim que ele deu dois passos para dentro, encostando a porta lentamente. Ela o conhecia? Alguém que há dois dias não faz a barba, a calça velha de jeans, a sacola rota, a máquina no peito com aquela objetiva enorme: os fotógrafos não se fotografam, ela estaria pensando, ainda com o vulto do homem na cabeça, descendo o poço do elevador.

— A Copas — mentiu ele, colocando a sacola sobre a mesa estreita, uma espécie de balcão, e, cacoete profissional, olhou em torno simulando familiaridade; eu passo o dia fazendo isso, ele lembrou, as matérias do jornal que precisavam de ilustração, donas de casa que opinavam sobre a primavera em Curitiba, deputados vítimas de ameaças anônimas, poetas lançando livro na Fundação Cultural, professores discorrendo sobre o descalabro da língua portuguesa, um centroavante acusado de doping e outro que fez um gol de bicicleta, o morador da periferia cujo filho levou um tiro da polícia — enquanto eles falavam com o repórter, o fotógrafo se perguntava sempre: A luz? De onde vem a luz? — e ele mais uma vez olhou em torno, avaliando já um pouco mais do que a luz, a aposta, pelos detalhes, de que ela mora sozinha aqui, o que o tranquilizou um pouco, ainda evitando olhar no rosto de Íris, enquanto remexia na sacola fingindo escolher o filme ideal para aquela luz e aquelas fotos, o filme virgem já engatilhado na máquina. E não estava fazendo o que devia: olhar antes para ela, gravar bem na alma aquela imagem que ele passaria meses perseguindo em troca de pagamento. Ela seria talvez sua fonte alternativa de renda. Mas acontecia justo o contrário, ele sentiu: ela que olhava para ele, atenta, não exatamente assustada, porque cada gesto dele era escarradamente o gesto de um fotógrafo profissional, e não há fotógrafos assassinos, assaltantes, estupradores, nem mesmo fotógrafos ostensivamente desagradáveis, porque entre eles e o mundo está a máquina, o amortecedor do olhar (ele sempre lembrava do discurso do chefe, aquele ridículo elogio do fotógrafo), a cortina do gesto, a defesa. Eventualmente pedófilos (ele sorriu), mas na sua forma mais inofensiva. Eles são os portadores da imagem, quase ele disse em voz alta, sorrindo agora para ela, todos acham bonita essa imagem, os mensageiros da identidade, como anjos de igreja; nós temos uma vida provisória, só estamos nessa terra para ligar a pessoa à sua imagem e depois nos afastar em silêncio. Ele se movia, discreto e determinado, como se imaginasse que ela já soubesse do

que se tratava. Haveria alguma coisa estranha nesse homem? — ele tentou imaginar, vendo-se do outro lado.

— Copas?!

Ele desarmou-a sorrindo, e finalmente fixou os olhos nela. Pensou no naipe que escolheu: copas, o coração vermelho de cabeça para baixo. Mas ela combinava mais com espadas, o preto no branco, e um toque subterrâneo de rispidez; talvez o momento, pouco feliz. Ela está tensa, ele avaliou. Olhando para ela com o alheamento simpático do fotógrafo, enquadrou-a numa fotografia imaginária. Assim: a pele nua do rosto, mesmo com a mancha nos olhos (era só a gasta pintura da noite anterior, ele calculou, e não o resultado de um soco); alguma coisa desolada, alguém que se abandona. Desviou os olhos para a máquina.

— É uma nova agência.

A mentira tem uma dinâmica própria, vai criando ramos, desdobramentos, parênteses, ordenação, motivos, luzes, mas o fotógrafo se sentia estranhamente bem, dono do terreno; ele até poderia ir embora, ele já sabia quem ela era, já sentia até mesmo o desejo de fotografá-la, independentemente de tudo — tão bem se sentia (há uma aura boa aqui, ele imaginou) que se surpreendeu com a sombra no rosto dela:

— Essa eu não conheço. Desculpe, mas — sobre o que é?!

Ele parou, também intrigado, simulando com perfeição a possibilidade súbita de um engano — e a mão voltou a tatear os bolsos atrás do mesmo cartão imaginário que de tanto procurar ele já sentia como um objeto verdadeiro na sua vida, agora perdido. Chegou a apalpar a fotografia dela naquele aniversário antigo, e por pouco não o traz à luz:

— Espere. Será que. Você não é —

O interfone tocou. Ela deu dois passos para trás até a porta da cozinha, mal tirando os olhos dele:

— Sim? — Franziu os olhos. — Sim. Sim. — Olhou para ele: parecia mais tranquila agora, ele calculou. — Ele está aqui. Obrigada. — Desligou o fone. — Era o porteiro. Ligou três vezes. Eu que não atendi. Ele já queria subir para saber.

Parece que o simples fato de o porteiro saber dele como que a libertou daquele interrogatório miúdo; o vulto do homem que acabou de sair ainda está na sua cabeça, quem sabe, ou então, pensava o fotógrafo, essa mulher visivelmente

tem presença, talvez uma agência de fato estivesse mesmo atrás dela por esses dias? Ela avançou para a cozinha, como se esquecida do fotógrafo (ele viu a pequena tatuagem de uma borboleta — ou as asas de um anjo? — no seu tornozelo, logo acima dos pés. Da cozinha veio a voz:

— Faz oito meses que nenhuma agência me procura para nada — num tom mascado que misturava ressentimento, revolta e tentativa de indiferença, uma espécie esperançosa de foda-se, e era, ele pensou, como se também isso se aproximasse. — Você quer um café? Eu estou precisando — e ela se abaixou abrindo uma prateleira sob a pia, de onde desabaram tampas e panelas.

Ela é modelo, o homem havia dito. Ou foi modelo. Se não trocou essa carreira pela outra, a do pó, o homem acrescentou.

— Café?! Não, obrigado. Eu —

A batalha de panelas prosseguiu até ela arrancar de lá uma chaleira. Ele se aproximou dois passos e viu como o sol da vidraça em frente à pia a devastava de luz; a porta fazia uma moldura natural — uma fotografia inteira de pequenos objetos atravessados por um perfil feminino impreciso de sol. Se eu captasse o espírito casual do gesto. Percebeu que a mão de Íris tremia conduzindo cuidadosa a chama do fósforo até a boca do fogão. Sentiu um ímpeto de sair dali, e não se enredar: manter sempre acesa a margem da desistência, ele pensou, admirando-a em silêncio: não sou policial, quase ele disse em voz alta. Você sempre desiste, Lídia costumava lhe dizer nos últimos tempos, cada vez mais — do tom conciliatório ao tom acusatório. A desistência é minha porta de segurança, ele pensou; o direito de sair, e pensou imediatamente que era isso o que Lídia queria, sem dizer ainda: o direito de sair. É a margem de desistência que nos impede um suicídio por semana, ele quase acrescentou em voz alta, para que Lídia entendesse.

— Eu não estou em condições de ser fotografada, como você deve ter percebido — ela disse agora sorrindo, olhando firme nos olhos dele e abrindo os braços num desalento simulado. O piercing brilhou sob um fio de sol. Uma exibição discreta de sua beleza, ele sentiu, ainda entrevendo nela um rastro de desconfiança.

— Sim, é claro. Quer dizer, não! — e sorriu. — Eu só preciso de umas provas e —

— Para que são as fotos?

As mentiras se ramificam como um pôster colorido de enciclopédia se desdobrando sobre a mesa, um item levando a outro.

— Uma campanha do Shopping Müller.

Isso foi marcante, ele calculou, vendo o rosto dela se iluminar.

— Ah, sim? E quanto pagam?!

Ele simulou finalmente fechar a tampa da máquina, que pelos seus gestos parecia emperrada. De novo olhou para ela:

— Esse é o problema — e suspirou.

— Esse é sempre o problema — ela cortou, olhando em torno como quem busca uma carteira de cigarro perdida, e era isso mesmo. — Você tem cigarro?

— Não, eu não fumo. — Por que eu não disse um preço qualquer? — Na verdade é uma licitação. A Copas pensou em você. Pode dar certo e pode não dar certo.

— Onde deixei essa merda de carteira? — e as mãos de repente pesadas tateavam objetos soltos sobre a geladeira. Como se a irritação fosse contra ele: — Eu sei, é de graça. Se aceitarem, ficamos ricos. Se não, foda-se.

— Não, claro que não! — ele protestou mecanicamente, suspirando em seguida, olhos e alma no chão: — Quer dizer, para falar a verdade eu não sei. Mas acho que é mais ou menos isso. Desculpe. Eu só tiro fotos. — Refugiou-se mais uma vez nos detalhes da mentira: — É uma série de fotografias para uma campanha completa: um pôster, um catálogo, um conjunto de encartes de fim de semana e uma sequência de outdoors. A ideia é a de sempre: manter uma unidade gráfica, com os mesmos modelos. Mas — e agora foi a vez dele de mostrar desalento, abrindo os braços sob um sorriso amarelo — tudo bem — como quem se despede. Melhor sair logo daqui.

Ela avançou para ele de dedo estendido espetando-lhe o peito e empurrando-o até quase derrubá-lo no sofá próximo:

— Sente aí.

— Eu nem devia ter entrado. Eu...

— Sente aí e espere. Eu vou fazer o café.

Ele continuou em pé. Disse uma verdade:

— Obrigado. Mas eu tenho de fotografar um deputado ainda hoje.

Ela voltou-se, divertida:

— Você tem que fotografar um filho da puta de um deputado?! Que vida,

hein? — E ela deu uma risada de todos os dentes, que ele acompanhou, ainda inseguro do tom da conversa. A linguagem bruta de Íris soava-lhe como uma nota falsa na fotografia. — Faça ele esperar bastante. Você tem o dia inteiro — e o rosto dela iluminava-se, de novo na cozinha; os braços se erguiam para uma prateleira no alto e ela ficou na ponta dos pés.

O fotógrafo afastou-se em direção à janela da sala, percebendo agora que era um dia realmente magnífico. O azul do céu de Curitiba e o sol, uma lâmina de luz, lancinante e fria, sobre todas as coisas. Daqui vem a luz, ele murmurou sem pensar, olhando em torno e antevendo uma série de fotografias em chiaroscuro.

Talvez, ela sonhou, isso seja mesmo um recomeço: a despedida, o cheque sobre a geladeira, o convite para as fotos. Mudar de vida. Até o desaparecimento da carteira de cigarros será um aviso: deixar de fumar. Pelo menos, ela pensou, deixar de fumar maconha. Deixar de beber. Deixar de transar por um bom tempo, até centrar a cabeça. Estudar inglês de verdade, ela pensou, e o coração se acelerava: tentar hoje mesmo retomar o curso de História, a partir do segundo semestre — ainda estou no prazo, estou sim. Ler mais. Fazer as pazes com a analista, e ela imaginou o rosto satisfeito dela diante desse catálogo de decisões, muito bem, menina, você consegue. Votar no Lula. Assumir definitivamente os valores morais da civilização ocidental, e ela parou, catatônica, olhando para a janela, até lembrar-se do seu voyeur adolescente no outro lado do prédio, dois andares acima. Procurou-o, distraída, mas ele deve estar na escola, como um bom menino aplicado, fazendo lição de geografia e pensando em mim. A alma se acelerando: sim, essa campanha do shopping pode render um bom dinheiro. 2002 será meu ano. Além disso:

— Dinheiro é civilização. Muito dinheiro é muita civilização — ela disse em voz alta, pensando no cheque e colocando uma colher de pó no coador de papel. Sorriu em direção à porta, para que ele visse que ela era louca e falava sozinha, mas o fotógrafo estava lá adiante, de costas, olhando para a cidade. Preciso lavar o rosto, ela pensou. A maquiagem, talvez se — segundo a segundo, na espera da água ferver, a perspectiva das fotografias como que renovava sua vida, um pequeno milagre. — Tanta coisa acontecendo! — ela disse de novo em voz alta, mas foi o aroma do café que chegou até o fotógrafo, não a sua voz.

Ele fechou os olhos e sentiu o aroma, aspirando o ar vagarosamente: as coisas

estão bem, ele pensou, calculando: eu tiro as fotos, despeço-me e desapareço. Troco o filme pelos 200 dólares. Se o homem reclamar da quebra de contrato — eu não deveria vir aqui —, eu direi: eu tinha de bater na porta, conhecê-la de perto. Com a fotografia que você me deu — e ele jogaria naquela mesa imensa a foto ridícula de aniversário — impossível saber. E Íris? Depois, quem sabe, telefone a ela e explico:

— Não deu certo. A Copas fechou.

— O que foi que você disse?

Ele voltou-se em pânico, mas ela sorria longe, sem entender o murmúrio. Percebeu de repente que estava suando: o sol na cabeça. Passou a mão no pescoço pegajoso, ainda se recuperando do susto. Preciso tomar um banho demorado, ele pensou. Uma sombra súbita: quem era aquele homem que saiu daqui quando eu cheguei? O pai dela? — e ele voltou a olhar pela janela, o recorte dos prédios, o sol agressivo, e ele lembrou o homem dos dólares: o Brasil é uma concentração estúpida de gente em subespaços esmagados e inabitáveis rodeados de um vazio continental. Estendendo as notas, primeiro uma, depois outra, estalantes: O Messias nos salvará. Jesus te ama, e o homem deu uma gargalhada. O modelo europeu de cidade é a grande pedida: espaço para respirar. Parques intermináveis. Praças imensas. A nobreza legou-nos a grandeza, agora socializada — mas já não era o homem falando, era a voz de Lídia, repetindo-lhe algum trecho de um livro.

— Você tem uma vista bonita.

Em volume tão baixo que ela não ouviu a mentira, esta mais inocente. No banheiro, Íris lavava de novo o rosto, agora com cuidado, atenção e detalhe. Água gelada e purificadora. Aleluia, irmão! Molhou também os cabelos e se olhou detidamente no espelho atrás de falhas, que não havia: um rosto branco, agora limpo. A analista uma vez lhe perguntou se Íris teria alguma explicação para a obsessão com água. Tenho sim, mas não disse. Criança, na banheira, brincando com o sexo. Esfregou a toalha no rosto com fúria, para apagar a lembrança e entrar em outro registro, e olhou-se novamente, primeiro séria, depois sorrindo. Eu sou isso aí, ela pensou, e achou graça do “isso”. Sou alguma coisa. Ocupo um lugar no espaço e o espelho me reconhece. E sorriu, não exatamente alegre, mas como ensaio: imaginou a fotografia. Sem maquiagem.

Puríssima.

— Tudo bem — ela disse, voltando à sala, e mais uma vez ele sobressaltou-se à janela. — Faça a prova. Se não der certo, você me devolve as fotos. Negócio fechado? Assim não fica totalmente de graça. E não preciso tirar a roupa, não é? — e ela arremessou a cabeça para trás numa gargalhada.

Ele balbuciou sins e não, os braços sempre meio erguidos em defesa, o rosto vermelho de alguma vergonha, parece, sempre sem olhar para ela diretamente — isso seria sinal de que as fotos não ficariam boas? Um fotógrafo tímido, arredio, mas simpático; ela sentia-se cada vez melhor.

— Você não quer mesmo o café?!

— Não, eu...

Mas ela já estava na cozinha pondo a xicrinha sobre a pia.

— Açúcar?

— Um pouco.

Íris fazia tudo errado, mas com graça — trouxe xícara e pires na mão, sem bandeja. As mãos tremiam e, é claro (ela se disse), derramou café.

— Desculpe.

Ele se inclinou à frente, cuidadoso, como um pêndulo pesado, encolhendo a barriga; bebericou o café como quem experimenta um licor. O pires era uma lagoinha de café. O cuidado foi inútil — pingou na camisa, mas ele não percebeu, e ela refreou o impulso de avisá-lo.

— Quer mais?

— Não, obrigado. — E apontou a janela: — A luz aqui está ótima.

Ele não olha para mim, ela intrigou-se ao levar a xícara à cozinha. Uma pergunta mecânica, para que ele fitasse seus olhos:

— Como vocês me descobriram?

Ele conferia a luz, estendendo o fotômetro ao lado do seu rosto.

— Sabe que eu não sei? — Olhava para o fotômetro. — Hum. Talvez um pouco mais para cá. — Qual é a tua agência?

Você pensa que eu sou a Gisele Bündchen? — mas ela não disse. Quem sou eu para ter agência? A periferia da periferia das modelos, ciscando aqui e ali com um book na mão — mas também não disse. Isso já passou. Talvez ele saiba quem eu sou de fato. Alguém que já recebeu proposta de filme pornô — e recusou. Para o renascimento, ela determinou-se, e preciso controlar também

essas pontas ressentidas: muitas coisas que podia ter ou ser e que se esvaíam, com os dias, pelos dedos longos da mão. Não preciso da piedade, ela pensou, como quem leva um choque — mas como é difícil! — e o fotógrafo, afinal, virou-se frontalmente para ela, o olhar atento, meticuloso, detalhista, já empunhando a máquina, e ela sorriu, estendendo a mão graciosa até o apoio da janela e olhando tranquila em direção a um horizonte imaginário.

O FOTÓGRAFO BEBE UMA CERVEJA

Ao se ver novamente na rua, era como se ele enfim sentisse o poder da queda. Suado, pernas fracas, uma sensação agonizante de desconforto, o fotógrafo avançou três quadras sem rumo, até lembrar-se de que havia deixado o carro em outro lugar, na direção oposta — a pracinha do Expedicionário —, e sentiu um desânimo duplo, de corpo e alma, a fraqueza física e a impostura moral. Não argumente, ele mesmo se disse no primeiro esforço de pensar com clareza no que estava acontecendo. Mas ele continuava argumentando: praticamente todos os jornalistas do diário em que você trabalha têm outra fonte de renda — ao deus e ao diabo, que se fodam todos, desde que eu sobreviva. Não é esse o problema, você sabe — o problema é a espécie de fonte — e. Avançou pela avenida Mariano Torres, com a decisão surda de ir à Assembleia fotografar o filho da puta do deputado (e ele riu, uma bela menina de língua suja), um trabalho enfim honesto mas — eu não estou bem, ele pensou — eu não posso ir a pé daqui, é claro. Devo subir o morro para pegar o carro. Teria sido melhor se a Lídia ficasse com o carro esta manhã, ele pensou. Pegar a merda do carro: foi o que resolveu enfim fazer voltando pela mesma rua, vagamente empenhado em descobrir se aquele desocupado espião ainda circulava por ali. Não; ele não estava mais em lugar nenhum, e a simples agonia da sombra do espião já parecia soar como uma reconfortante penitência moral, quase uma distração: procurar o inimigo. Ao chegar de novo à mesma calçada de antes, surpreendeu-se: Íris saía do prédio. Instintivamente ele atravessou a rua, ocultando-se atrás de um ônibus. Ela pode perceber que eu estou — pelo menos agora — de tocaia, ele pensou, contra-argumentando: obviamente não — bastará dizer que eu esqueci do lugar onde deixei o carro, de tão distraído, e os dois achariam graça juntos, ela balançando a cabeça divertida com uma espécie de “só você mesmo”; talvez ela até disses-

se que ela também costumava ser assim, não com o carro, porque eu não tenho carro, mas — e talvez ela tocasse o peito dele, ajeitando um botão da camisa dele, sorrindo ainda da distração do fotógrafo, e ele sentiu nova tontura de imaginar a cena absurda que entretanto voltava à cabeça, a mão imaginária ajeitando um botão da camisa ao lado da janela pouco antes de ele disparar a

primeira fotografia. O ônibus se foi, e ele ainda viu Íris dobrar a Doutor Faivre. Para onde? À universidade? Talvez a um dos restaurantes a quilo desta rua, ele pensou. Como por força de um hábito, levou a mão à bolsa para trocar o filme da máquina, enquanto se apressava em direção à esquina para não perdê-la.

Lá estava ela esperando o sinal abrir, com a mesma roupa das fotos, ele reparou. Praticamente sem olhar para a bolsa, trocou o filme e a objetiva da máquina — a perícia do tato. Melhor continuar o trabalho, que se foda — um filme a mais, 200 dólares a mais, ele calculou. Um hábito, na verdade: a fotografia é o meu trabalho. Em tudo que vejo, vejo uma foto. Explicaria ao advogado, para buscar um atenuante: sou dependente. Encostou-se no muro de um estacionamento e enquadrou, longe, o vulto de Íris, que aparecia móvel, inseguro, trêmulo, pronto a cair no mais milimétrico movimento da câmera, que capturava a sua forma e pouco a pouco a trazia para perto. Disparou duas fotografias e esperou um, dois, três carros que voavam entre eles no simulacro da lente, depois alguém que atrás dela, maior que ela, obtuso, também aguardava o sinal, e a própria Íris, como se percebesse o olhar na orelha, desviou-se para a sombra do vizinho, e enfim, meio passo adiante, surgiu inteira no quadro agora vertical. Disparou mais duas, três, quatro, cinco fotos, sentindo o prazer que sempre sentia ao ouvir aquele curto gemido do diafragma em cada toque. Agora ela atravessou a rua correndo, graciosa, ele avaliou, como alguém que foge aproveitando um vazio de carros e ele também avançou com a sensação de que, agora sim, ele trabalhava — um trabalho decente, às claras (justamente por não ser às claras). Não enganava ninguém: tirava fotos. Não envolvia ninguém, ele defendeu-se ao advogado imaginário, no mesmo passo em que sentia a trapaça: não minta para você, ouviu-se dizendo de novo quase em voz alta.

Mas agora ela estava longe — e arrisquei muito, pensou, assim perto do meio-dia, a rua cheia — um menino de rua parou ao seu lado para admirar a máquina, talvez com a intenção de pedir esmola, mas o fotógrafo foi adiante sem olhar para ele. Viu Íris dobrar a rua Quinze, e, ao chegar lá, sem pressa, ainda percebeu seu vulto entre outros (acho que é ela, ele pensou) aproximando-se do prédio mais alto da quadra da Reitoria, o setor de ciências humanas da universidade — e lembrou súbito de Lídia, que talvez estivesse ali exatamente agora. Chega por hoje, ele decidiu. Ainda tenho um deputado pela frente.

Calculou o saldo: 200 dólares no bolso, minha ajuda de custo, e na bolsa, em forma de filme, 36 poses — outros 200 dólares. Bastaria entregar o rolo ao homem. Ou não? É melhor que ela não saiba que está sendo fotografada, o homem havia dito, querendo mesmo dizer que é fundamental que ela não saiba. Sim, mas de certa forma ela não soube que estava sendo fotografada, o fotógrafo argumentou. Como fazer é problema seu, o homem disse. Pois eu resolvi a meu modo, ele planejou responder.

Encerrado o diálogo imaginário no meio da calçada, de novo se viu indeciso entre o deputado a fotografar — mas já é tarde —, a entrega do filme ao homem, como quem se livra da tarefa, dizendo claramente (voltava a conversar, era preciso descobrir o tom exato para lidar com aquele ser): eu estive lá, e chega. Alguma coisa que o devolvesse ao chão, ele pensou. Ir imediatamente para casa almoçar. Lembrou da filha (a Lídia vai precisar do carro) e decidiu voltar para casa, retornando à Doutor Faivre, mas entrou na primeira porta aberta, o bar de estudantes, para tomar uma cerveja. Uma só, determinou-se. O dia agora estranhamente quente, ou aquecido, ele pensou, enchendo o copo no balcão.

ÍRIS E LÍDIA ENCONTRAM-SE DUAS VEZES

Íris fechou os olhos para conferir se, no escuro, sem referências, poderia sentir que estava subindo — respirou fundo, como numa experiência lisérgica, e nem percebeu que havia três pares de olhos concentrados no piercing do seu umbigo à mostra, por três motivos diferentes (uma velha senhora, professora do terceiro andar, um ex-colega de curso, de mãos dadas com a namorada que, distraída, controlava as luzes indicativas do elevador, 2, 3, 4, 5, e uma jovem magra que parecia pensar em outra coisa). A porta se abriu e só restou Íris, para subir mais dois andares, e então saiu do elevador antecipando uma discussão irritada, talvez estúpida, com a secretária, que provavelmente lhe diria que ela perdeu o prazo, que teria de recorrer ao Conselho se quisesse conservar a vaga e voltar a estudar, que a universidade pública não é o cu da mãe Joana (não, ela jamais diria isso, concedeu Íris), que ela fizesse outro vestibular se queria tanto retomar o curso abandonado — e numa vertigem se viu agarrando a mulher pelo pescoço, puxando-a sobre o balcão com uma força que ela não tinha, de forma tão intensa que a imaginação quase a derrubou antes mesmo da primeira palavra. Sentou-se no banco do corredor para fumar um cigarro, mas não havia mais cigarros na sua pequena bolsa, só o cheque e o cartão do banco e os documentos e o batom e —

— Tudo bem, Íris?

Era alguém do sexo masculino. Não lembrava o nome.

— Tem um cigarro?

Ele imediatamente estendeu a carteira.

— Você está voltando?

— Talvez. Depende daquela vaca atrás daquele balcão ali. E você?

Ele riu.

— Estou me formando nesse semestre. Quer dizer, em março, por causa da greve.

Ela olhou nos olhos dele, investigando, a fumaça do cigarro fazendo uma cortina: um menino feio, mas feliz. Íris deu uma tragada funda, de fechar os olhos, e sentiu um prazer anestésico. Quando abriu os olhos, o menino corria para o elevador aberto:

— A gente se vê!

Ela avançou ao balcão da secretaria, cigarro em punho, ostentando a presença agressiva da fumaça — e súbito se viu desconcertada e desarmada por beijinhos de boas-vindas:

— Íris, que bom que você voltou! Bem, imagino que está voltando, não?

Sim, estava dentro do prazo do trancamento de matrícula ainda; poderia retomar as disciplinas no próximo semestre; teria — deixe-me ver, dizia ela, folheando fichas — três anos e meio para terminar o curso, o que seria mais do que suficiente. Bastava preencher esse papel aqui — eu preencho os códigos das disciplinas para você, não se preocupe — e você estará de volta.

Íris saiu dali inebriada por uma espécie esquisita, rara, de alegria, como alguém banhado de esperança, mesmo sabendo que aquilo não era nada em si: era um prazo, uma data, um projeto. Tanto que resistiu a pedir a alguém um outro cigarro quando o primeiro acabou, já um sintoma daquilo que ela chamava, de tempos em tempos, de síndrome de renascimento, cujo primeiro traço é a compulsão de deixar de fumar. Eu não sou uma mulher completamente vagabunda, ela pensou quase em voz alta, sorrindo sozinha e esperando a luz verde do elevador se acender, pelo menos não completamente, ela emendou, pensando no cheque, e ela imaginava um dedo indicador apontando, tocando e apertando, agressivo, exatamente entre os seios dela, um pequeno toque mental que lhe tirava o ar, e ela alisou a cavidade magra por sobre a blusa branca, como quem confere uma berruga inexistente mas dolorosa — e pensou — agora já no elevador — que não podia chover ou ela estaria nua como naqueles concursos de garotas de camiseta na chuva que ela viu milhares de anos atrás, quando ainda tinha mãe e até mesmo um pai, quem sabe; e fechou os olhos pensando em ligar para Dóris, sua ex-boa amiga, mas sua ex-boa amiga estava se encaminhando na vida há muito mais tempo e ela começava a sentir nos dedos o fio da distância, tênue mas inapelável, como um navio pesado que se afasta milimetricamente da nossa margem para todo o sempre, ela imaginou — o tempo haveria de levar Dóris para bem longe dela. É difícil viver assim, ela pensou, ou somente intuiu, como se já sentisse todas as coisas que vinham à cabeça confusa antes mesmo que elas se formassem, $a + b = c$, eu mais eu é só tristeza, mas ela achou graça e quase riu alto, a graça melancólica, ela pensou — e lembrou-se do fotógrafo, um dia cheio de sinais, o fotógrafo esquisito que com aquela conversa mais

esquisita ainda foi tirando fotografias dela como quem tirasse a roupa e ela se viu fazendo parte de um álbum de putas em oferta de hotéis cinco estrelas ou do tráfico de escravas brancas e — Não, menina, não: ele é um frila que apostou em você. Vai fazer uma proposta por conta própria e você ficará milionária. Não: ele ficará milionário, você apenas rica. Comprará um computador novo, em vez de consertar o velho (falar nisso eu tenho que), um devedê como todo mundo, uma televisão 29 polegadas tela plana estéreo como todo mundo, um namoradinho engomado como todo mundo, um carro mil cilindradas engraçadinho como todo mundo, como todo mundo desse pequeno mundinho de merda, lá vai ela, ela pensou, ficando nervosa por besteira de novo. Fechou os olhos: o elevador não anda, para em todos os andares como cavalo de padeiro, disse alguém ao seu lado, entra gente e sai gente e ficam conversando felizes com a porta aberta, os outros que se fodam (ela já fez isso, de propósito, segurando a porta durante um minuto só porque uma velha carcaça professoral reclamou). Íris não é fácil, ela sorriu, abrindo os olhos, agora no quarto, terceiro andar? Lampadinhas queimadas, não dá pra saber.

A que bar iria hoje à noite para festejar a matrícula e a grana extra? E o contrato com o Shopping Müller? No térreo, esgueirou-se no meio da massa de gente do elevador lotado e ao erguer a cabeça quase derrubou Lídia que, dando dois, três passos incertos para trás, reequilibrou-se e estendeu a mão, talvez para se segurar em Íris, talvez para ajudá-la, como se a culpa fosse da própria Lídia, e não da outra, estabanada:

— Desculpe. Tudo bem?

— Desculpe.

Mas o povo se movia, não atrapalhem — e Lídia viu-se entrando no elevador, também ela pensando longe, já esquecida do esbarrão. O que fazer hoje, ela sabia, atrasada para o almoço — pegar a filha na creche, para à tarde levá-la à escolinha, os horários provisoriamente confusos: mas o que fazer da vida? Tudo começava dependendo do que estaria no edital do último andar, e daí tudo era uma sucessão de condicionais, ela sabia, e teria de ir tomando decisões com a mesma determinação de quem avança o dedo para o painel do elevador e aperta o andar — 11. Se eu passar no exame, se ele concordar, principalmente se ele concordar, se eu decidir mesmo mudar de vida, se. Mas ela sabia qual o se mais importante: não minta para você mesma — o que você sempre disse ao seu

fotógrafo vale também para você, menina, ela se ouviu dizendo quase em voz alta, mas aquilo ainda parecia um sonho escuro, quase um pesadelo, se eu vejo de certo modo, ela pensou. Eu quero e não quero: isso é verdade, ela pensou. Viver com a filha, e não com ele. Alguma coisa assim é possível — sem dor? Abre-se uma porta e ocupa-se outro espaço: pronto. Saiu do elevador com a sensação de que pensava um absurdo. Mas qual absurdo? Era como se inventasse uma falsa questão só para não conferir o resultado que estava lá adiante, no corredor escuro, atrás de um mostruário de vidro fechado à chave. Eu tenho 32 anos, ela pensou, como quem pesa alguma coisa objetiva na balança imaginária. LÍDIA S. T. ALMEIDA E SILVA — o longo nome que ela herdou, seguido do *nihil obstat*: APROVADA.

Não senti propriamente alegria: era outra coisa. Sim, o sorriso dele já havia dito, sem dizer, o que lhe parecia óbvio: é claro que ela seria aprovada, ora se! O projeto, ele disse, é muito bom, principalmente depois que, dois meses antes, ela substituiu “a violência na literatura brasileira contemporânea” (isso vai colocar o trabalho numa vala comum; troque por, quem sabe, a imagem da mulher na literatura brasileira contemporânea) por “a imagem da mulher na literatura brasileira contemporânea”. Mas isso é um mundo! — ela disse. Sim, mas é um mundo mais nítido do que a violência. E pelas tuas leituras recentes, ele ia dizendo, eu acho que — veja: você tem um olhar especial para a mulher na literatura. Lembra do que você disse na tua apresentação, no final do curso? Sim, não esqueço — e ela riu, lembrando a pretensão do título: “Os limites de Simone de Beauvoir”. E ele disse, rindo: é um título melhor do que o texto, mas o trabalho tem um capítulo sobre a distinção entre o público e o privado no campo da mulher e no campo do homem urbanos que é uma tese completa. Por que não explorar esse ponto? Sim — e folheando o projeto refeito quase as mãos se tocam sobre a mesa e o coração de Lídia se descompassa, a porta politicamente correta escancarada para o corredor povoado: o público. E agora ali estava, lendo o seu próprio nome, catatônica, como se aquilo, de um golpe, mudasse sua vida. É outra coisa que quero mudar: de marido, quase ela disse em voz alta, como quem quer se livrar de uma sombra, voltando rápida para o elevador, que estava atrasada. Foram sete anos suficientes. Parece que, exceto por Alice, não construímos nada: só corroemos, ela pensou. Talvez ela pudesse ajudá-lo a renascer dessas cinzas — não precisavam ser necessariamente inimigos para

todo o sempre. Mas — é preciso que eu não minta para mim mesma — eu não quero ajudá-lo. Eu acho que. Passou pela cabeça — cinco elevadores nesse prédio e não chega nenhum! — que a vida sem as pavorosas reuniões familiares de sábado seria

o ápice do paraíso, a redenção da humanidade. Livre da família, ela quase disse de novo em voz alta, mas agora sorrindo de verdade, tomada de uma comoção. Entrou no elevador de onde saía alguém aflito, uma colega:

— Passou?

— Passei!

— Viu meu nome?

— Eu — mas a porta do elevador se fechou. Ela gritou, atrasada: — Não! — no momento em que o elevador de novo se abria, no 10; e duas professoras iguais entravam lado a lado vendo Lídia olhando para o alto, ainda no ar o eco do não. Recuou para dar espaço e ficou vermelha, uma sensação de erro, a colega entenderia mal, ela não sabe se ela passou, ela apenas não tinha prestado atenção nos outros nomes. Esqueceu conferindo a luzinha descendo andar a andar, dessa vez sem paradas. À saída, passou pelo corredor polonês de uma manifestação estudantil — FORA FHC! ABAIXO O FMI! LULA LÁ! —, recolhendo com um vago resíduo de simpatia os panfletos distribuídos, e avançou pelo pátio da Reitoria como se só então respirasse, revendo o próprio nome na lista dos aprovados. Uma boa notícia, é claro, uma ótima notícia, uma notícia maravilhosa: parece que a vida ganhava um fôlego extra, uma espécie de direção. O melhor de tudo: a independência. E como se já tivesse na mão o dinheiro que ganharia anos depois, tomou a direção da rua Quinze para apanhar um táxi, ou perderia a hora. Sim, ela pensava, olhando para o chão enquanto avançava, ele tem três filhas, mas eu tenho uma filha; há milhares e milhares de casais que mudam de endereço e de mulher e de marido levando seus filhos ou redistribuindo-os aqui e ali — e ela parou para achar graça (eu estou no mundo da lua, vou perder a hora); eu estou ficando maluca. É a verdade, para rir, rir sozinha, parada na esquina esperando o sinal verde. Era uma espécie avessa de felicidade, a da boa: eu estou ficando completamente maluca. Ele vai entender, ela pensou — e quando olhou à frente, lá estava ele, na Doutor Faivre, de máquina em punho, com aquele andar inseguro e o jeito ensimesmado de sempre, e ela sentiu gelar a alma como se estampasse no corpo inteiro a culpa de

seu projeto. Quase o chamou, mas controlou o reflexo; melhor testar o sexto sentido dele, para descobrir mais uma vez que, aos olhos dela, ele não tinha sexto sentido, ele não tinha mais sentido algum; ele jamais me veria do outro lado da rua, ela pensou; ele só tem os dois planos da fotografia. O mundo e a vida se penduram na parede — são coisas que não podem ser atravessadas pela nossa alma. Parecia remexer na bolsa pesada que lhe inclinava o corpo, como se prosseguisse o interminável serviço de ajeitar aquela parafernália de objetivas sem objetivo que ele carregava para toda parte; e depois, ele olhou em torno, sem vê-la: ele está procurando o carro, ela pensou, imóvel na beira da calçada, o sinal verde para ela, a 20 metros dele. Ele de novo esqueceu onde deixou o carro, ela concluiu. Como quem se lembra, ou desiste de procurar, o fotógrafo fez meia-volta e retornou pela mesma rua em que vinha, passo a passo, o pêndulo do corpo sutilmente se inclinando lado a lado, afastando-se de Lídia, que sentiu o impulso óbvio de ir até ele correndo para voltar de carona, o que seria o normal, até para economizar tempo e dinheiro; quem sabe até para conversar com ele. Dizer a ele: Eu quero me separar. Ou então, antes disso: Passei no exame. O que seria uma forma de superioridade: isso passou pela cabeça dela. Quando se chega a esse ponto, ela pensou, a comparação, é que as coisas chegaram ao fim. Dizer isso a ele, com todas as letras — mas quando atravessou a rua, não encontrou mais o marido. Entrou no bar, ela imaginou, acusatória. Virou alguma esquina, mas onde? Ou — olhava em torno, sem entender. Melhor assim: não estou com o espírito para conversar, ela decidiu. Pego um táxi, chego em casa e reuento o almoço antes mesmo de ele chegar, ela planejou; passaria na creche para pegar a filha, não esqueça (que ficaria com ela, é claro; ele não tem memória para cuidar dela, ainda que durante muitos anos tirasse mais fotos dela do que jamais pudesse revelar, imprimir ou mesmo ver). A geladeira cheia de filmes. Isso cansa, ela decidiu. Sim, talvez isso viesse à tona durante as discussões — não havia nenhum táxi no ponto, assim ela decidiu ir até a praça do Círculo Militar, calculando o preço da corrida, quanto sobraria de troco e se seria preciso passar no banco, porque ele iria esquecer, como em todas as outras vezes. Em frente

à farmácia — será que me peso? perguntou-se —, parou, indecisa se iria no banco ou não, e viu descer da balança a mesma menina (ou mulher, vista assim de perto, à luz do sol), com a argolinha brilhante no umbigo, que quase a

derrubou diante do elevador. Íris sorriu para ela, talvez pela alegria do pouco peso na balança, 55 quilos, ou então pelo dinheiro; não só o cheque que depositou, arrancado daquele sujeito que ela nunca mais veria (e pensou numa madeira para bater três vezes), mas também pelo depósito mensal, sempre bom depois de conferido, ainda que criasse aquela ansiedade recorrente dia a dia, porque ela nunca teria certeza de como seria o mês seguinte; e a sensação de já ter visto essa gordinha hoje de algum lugar, que também sorriu para ela um pouco tensa e se afastou como que envergonhada do cumprimento: eu tenho uma extroversão inadequada, Íris pensou, esquecendo em seguida, voltando à solidez de algum dinheiro no banco, que sempre a deixava feliz, a sensação de que, agora sim, a vida começava. Eram cálculos recorrentes da própria idade que ela fazia quase que todos os dias, sopesando o tempo e pressentindo suas cabalas, o que ela deixava para trás e o que tinha pela frente. Vinte e dois anos era um começo maravilhoso — e se ela errasse o passo, sempre é possível apagar tudo e começar de novo amanhã cedo porque a vida é comprida. Eu não estou condenada a coisa nenhuma, ela repetia quase em voz alta — talvez a única coisa sensata que ela ouviu da analista todo esse tempo e a todo esse custo, ela pensou; o resto é uma zona cinzenta de memória, e é bom que seja assim, luz em excesso cega. Pensou em ir ao shopping para almoçar — uma boa caminhada, o seu shopping, e ela lembrou do fotógrafo — e talvez comprar alguma coisa; estava precisando de algumas blusas leves, o clima em Curitiba é absurdo, mas o mundo inteiro está de cabeça para baixo, um taxista uma vez lhe disse, e ela achou graça: eles ficam brincando com fogo, dizia ele, um dia a Terra fica debaixo d'água, como está na Bíblia. Mas não, decidiu-se, voltando os passos — vou para casa. De lá, telefonaria para alguém contando a boa-nova do curso retomado, marcaria algum encontro para a noite, dormiria um pouco à tarde, depois de aquecer o almoço congelado (lembrou da lasanha), começaria a ler um livro depois de tanto tempo, talvez, e a sombra da solidão começou a apressar o seu passo — sempre é possível ir ao cinema e à noite frequentar algum bar, ver gente; sou uma menina agradável — o doutor Joaquim dizia gostosa, anos a fio ela era uma menina gostosa — ela pensou, mas não achou graça, alguma coisa começava a trincar em sua própria imagem, a analista voltando à memória: você não está condenada a nada.

Súbito na esquina da Deodoro ouviu a voz aguda — como para desmentir a

analista e devolvê-la à realidade:

— Quer uma trouxa? Tenho umas bombinhas aqui.

Íris olhou a figura nos olhos: eram olhos aguados, desprovidos de expressão, ela pensou. Algo gelado — não; indiferente — como a cera. Isso: uma figura de um museu de cera. A plaquinha no pedestal: O Pequeno Traficante. Um pirlhalho loiro, com um topetinho ridículo sobre a testa curta. Alguém subnutrido na infância — nunca mais conseguiu repor os neurônios. Mais um pequeno filho da puta que vai morrer em breve. Olhou para baixo, onde ele estava:

— O que o idiota está querendo agora? Ir para a cadeia?

Ele demorava a processar a informação. Ou talvez, ela imaginou, apenas esperasse que dois velhos com pacotes de pão comprados agora na padaria ao lado se afastassem dali. Os velhos olhavam os carros passando, tranquilos, à espera de uma folga para atravessar a rua. A figurinha sorriu, finalmente, e falou tão baixo que ela teve de descer a cabeça para ouvir:

— Quer um pó?

Ela cochichou no mesmo tom:

— Não. Suma da minha vida você também. Quer que eu chame a polícia?

Ele continuou sorrindo:

— Quero.

E o sorriso revelava um dente torto crescendo sobre o canino. Ela está achando que é fácil telefonar pra polícia, ele deve estar imaginando — e voltou à cabeça de Íris aquela angústia difusa atravessando a alma. Haverá, em vez de pó, um comprimido inocente que resolva isso? Decidiu ignorá-lo e atravessar a rua, deixando a velha alma ali, mas uma nova corrente de carros a impediu.

— Tem um cara fotografando você.

Deveria ignorá-lo, mas respondeu, sempre olhando os carros:

— Eu sei. É da agência. Vou estrelar uma campanha.

Isso pareceu desarmá-lo, mas ela não deu o gosto de olhar para conferir. De qualquer modo, sentia-se mal — eu vou chutar esse vagabundo, ela quase disse em voz alta. O pequeno vulto olhava para ela de boca aberta, alguém que se vê diante de um mistério que tem de ser decifrado. Ela enfim atravessa a rua em passos rápidos. Dois segundos depois, ele corre atrás dela e segue Íris em passinhos miúdos — uma pequena ave de perna quebrada, ela pensa.

Cochichava, como quem lhe puxasse pela roupa:

— Você não entendeu. Ele está fotografando você escondido!

Ela parou, mãos na cintura, mordendo a isca:

— Que história é essa?!

O vulto olhou para os lados, sorrindo — não esperava que ela parasse tão prontamente. Tentou precisar a informação, a gesticulação cuidadosa, desenhando o quadro:

— Na rua. Passou a manhã de campana. Eu vi. Depois entrou. Depois saiu. Depois, escondido, fotografava você de longe. Ali na outra rua. Eu vi.

E sorriu, o dente brilhando ao sol. Uma vitória. Perturbada, um breve soco na alma, ela voltou a andar para pensar melhor.

— Idiota. Você não entende nada.

Mas o dia já estava manchado. Refugiou-se no dinheiro que depositou no banco como quem injeta um remédio na veia. Quem será esse fotógrafo? Apressou o passo. O vulto vinha atrás, saltitante como uma galinha:

— Quer que eu descubra quem ele é?

Quase Íris parou para fazer negócio — chegou a diminuir o passo. Mas não: era só o projeto de uma campanha publicitária. Não tirou foto secreta coisa nenhuma. Esse pirralho só quer me envolver para vender mais coca. Vou à Delegacia da Mulher, decidi, e isso como que lhe dava outra vida nova — tinha surtos de ir à Delegacia da Mulher, tão próxima, ali na Carlos Cavalcanti. Entrar, puxar uma cadeira e contar a história de sua vida para uma delegada elegante, simpática, compreensiva. Ao final, a delegada diria: Fique tranquila. Nós vamos cuidar de você. Ninguém mais vai magoar você. Íris pensou, sempre caminhando: Esse diabinho louro está querendo acabar com a minha alma. Apressou o passo; quanto mais ela apressava, mais ele corria atrás. Ela enfim parou:

— O que você quer?

Ele sorria, o dente sobre o lábio, mãos enterradas nos bolsos.

— Ajudar você.

— Desapareça da minha vida.

Ele ficou imóvel, como quem luta desesperadamente por alguma coisa a dizer, que não vem, que escapa da língua. Ela avançou um passo contra ele, erguendo a mão:

— Desapareça!

A voz tão alta que uma velha senhora com um cachorrinho na coleira parou para observar; no bar adiante, três figuras contemplavam a cena pública. O pequeno vulto transformou o sorriso num esgar de desafio. Deu meio passo para trás, os olhos duros:

— Você que sabe.

Virou-se e — talvez por ver-se observado a céu aberto, já umas cinco ou seis pessoas — apressou o passo; virou-se mais uma vez, quase uma dança na calçada, andando de costas, um velho amigo que se despede:

— Até mais, Íris!

Ela sentiu o rosto queimar — a rua inteira fitava aquela menina com uma argola no umbigo, uma menina de vida complicada discutindo com um traficante. Pensou em dar uma banana generalizada para o mundo inteiro, que se fodam todos, mas desistiu. E recomeçou o caminho de volta a casa, a cabeça baixa — o meu dia é frágil como uma porcelana, ela pensou, lembrando um poema; qualquer coisa pode quebrá-lo — este lado para cima, lembrou, e ergueu a cabeça olhando em frente.

O FOTÓGRAFO ALMOÇA COM A FAMÍLIA

Não há grandeza alguma em estar sozinho, ao contrário do que parece — a solidão é só a forma discreta do ressentimento: quem disse isso? Era como se a conversa do homem e a memória de Lídia se misturassem. O pior que pode acontecer aceitando esse trabalho é você ganhar dinheiro, ele mesmo se disse, no elevador, os 200 dólares no bolso. E a vida (mas isso já era fantasia) pode ganhar uma motivação poderosa. Não, nada disso, frisou o homem: não é flagrante de adultério — ela tem idade para ser minha neta — nem material de chantagem, e o homem misteriosamente bateu três vezes na madeira da mesa, toc toc toc! Você quer saber por que tudo é ressentimento? Porque morremos no fim. Ressentir contra Deus é inútil. Assim, ressentimos contra os outros, que nos atravancam; ou contra ninguém, sozinhos, na nossa toca escura. É isso que você quer? Essa cidade, como todas as outras, quer exatamente isso de você. Não aceite. Recuse. Saia para fotografar o mundo. Cada filme que você puser sobre a mesa dele, ele continuava calculando, uma obsessão circular, filme não revelado, isso é absolutamente indispensável, o homem disse, valerá 200 dólares. Jesus te ama, o homem repetiu sorridente, abrindo a gaveta de onde tirou as duas notas novas, estalantes, cheirosas. Vá em frente.

— Eu fui em frente — ele repetiu em voz alta, estacionando o carro diante de casa. Travou a porta, acionou o alarme e abriu o portão, para trancá-lo em seguida. Mal se voltou e Alice veio correndo e se pendurou no pescoço dele, com exagero e um pequeno toque de violência:

— Pai!

— Oi, filha.

Beijou-a na testa e livrou-se de seus braços com um misto de delicadeza e impaciência, o mesmo modo silencioso de sempre de dizer “me deixe sozinho”, assim que chegava em casa.

— Filha, o pai está cansado.

Sentiu a presença da mulher lá na cozinha, na sua dupla jornada, como ela dizia brincando, cada vez mais sem brincar. Alguma coisa difícil estava acontecendo ali, e uma culpa difusa e um espaço cinzento parecia lhe espetar a alma assim que punha os pés em casa. Chamou o nome dela e ela respondeu de

lá um tudo bem — pelo tom, suspeitou que o dia para ela estava como o dele, ambos pensando longe. O tom de voz foi suficiente para ele refrear o desejo de ir à cozinha, envolvê-la suavemente e lhe beijar o pescoço, como passou anos fazendo; ela ergueria os braços, fecharia os olhos e se aninharia sob o queixo dele, talvez arrepiada, como um cromo da felicidade. E era de fato uma felicidade, pensando bem, uma brevíssima vertigem de ausência, como quem levita.

Ele pensou em ir direto ao laboratório revelar o filme: alguém que tem uma tarefa urgente a cumprir, o quanto antes — e só alguns segundos e alguns passos depois percebeu que revelar o filme seria jogar dinheiro fora. Sentiu um impulso de mostrar os 200 dólares a Lídia, mas também isso refreou. Jogou-se no sofá da sala e fechou os olhos. Ele ouviu a filha abrindo ruidosamente o zíper de sua bolsa de trabalho, para chamar a atenção. De olhos fechados:

— Não mexa aí, filha.

E ela obedeceu, como se sentisse uma gravidade adicional no tom de voz.

À mesa, Lídia quebrou o gelo que ameaçava destruir o dia e contaminar o menor gesto:

— E então? Rendeu o trabalho?

— Duzentos dólares.

— Dá pra mim? — animou-se a filha, batendo o garfo no prato, três vezes, até respingar o arroz.

Lídia segurou o braço da filha com força, uma força talvez excessiva, sempre olhando para ele:

— Como assim? Dólares?!

— Umás fotos.

Contar ou não contar? Não contar. Ela não insistiu. Continuaram almoçando em silêncio; como em outras vezes, cada vez mais frequentes, ele parecia pressentir uma Lídia prestes à explosão. Seria o hálito da cerveja, assim de manhã? Mas eu nem cheguei perto, ele calculou. Talvez fosse melhor contar de uma vez — a decisão de não contar exigiria todos os desdobramentos da simulação permanente, e ele sabe como isso dói; num lapso, imaginou o impacto de Íris entrando na vida deles, aquela presença intrusa; seria o meu trunfo, ele pensou, a minha carta na manga; seria, fantasiava ele — e Lídia cortou o silêncio:

— Fui aprovada no exame do mestrado.

Alice começou a bater o garfo no prato; o fotógrafo ficou momentaneamente paralisado pela revelação, como se não soubesse do que se tratava, até lembrar-se do concurso e sorrir, estender a mão e tocar tímido o braço de Lídia, quase um pedido de paz:

— Que ótimo. — Era um ótimo um pouco mais frio do que ele pretendia. Acrescentou, sorrindo: — Eu sempre soube que você seria aprovada.

Alice continuava a bater o garfo, mais devagar agora, atenta ao que diziam. Lídia finalmente olhou para os olhos dele, como quem se defende:

— Eu não vou ficar dando aulas de ensino fundamental até o fim dos meus dias — e largou os talheres, num gesto quase exasperado.

— É claro. — E acrescentou, sobre o silêncio que se fez: — Alguma chance de ganhar uma bolsa? — e arrependeu-se duramente em seguida.

Lídia olhou firme para ele; o fotógrafo conhecia aquele seu olhar investigativo, que pesava em detalhes todos os pesos e todas as medidas da alma que estava diante dela.

— Pouquíssimas. Esse governo filho da puta. Mas — e Lídia imaginou-se subitamente dizendo àquela figura que olhava apalermado para ela, imaginou-se liberando o desejo de agressão e de clareza, o desejo de nitidez, o desejo de transformação, o desejo de iluminar aquele escuro em que viviam: mas eu vou me separar de você, passar a viver com o professor Duarte e seremos, eu, você e ele, cada um em seu caminho, felizes para sempre.

— Tudo bem. Acho que vale a pena, assim mesmo.

Ele fará o sacrifício por mim, ressentiu-se Lídia. Fechou os olhos e respirou fundo. Estava intrigada.

— Que história é essa de dólares?

Não contar.

— Um frila. O cara me pagou em dólar. — Enfiou a mão no bolso, tirou as notas e mostrou-as, estalantes: — Isso aqui.

Alice puxou o braço dele:

— Pai, a gente não mexe em dinheiro quando está comendo. A professora disse. Agora tem de lavar a mão.

Os dois olharam para a filha e sorriram, mas a tensão prosseguia. Ele guardou

o dinheiro de volta. Pegou os talheres e, pensando em nada, largou-os.

— Eu já terminei.

— Então a crise da fotografia não está tão grande como você fala — ela disse num rompante e também se arrependeu em seguida. Mudou de assunto: — Você precisa do carro hoje? Eu vou sair à tarde. Vou primeiro deixar a Alice na escolinha até resolver a confusão dos horários e depois à Universidade me inscrever e depois à escola resolver pepinos.

— Tudo bem. E eu tenho uma revelação a fazer — ele disse sem pensar; e lembrou-se do deputado a fotografar. — Se eu precisar sair, vou de ônibus.

Ela imobilizou-se um segundo, para decidir o que tinha compreendido: uma revelação a fazer. Ambos se ergueram ao mesmo tempo para levar os pratos à cozinha, o que fez Alice achar graça. Reclamou:

— Hei! Não tem sobremesa hoje?

Quando os dois voltaram à sala, Lídia atendeu a filha.

— Você vai ter o seu lanche na escola. Hoje estamos com pressa. — E para o marido, que se afastava: — Troque a camisa antes de sair. Você derramou café.

O FOTÓGRAFO CONVERSA COM O PAI

Ele cochilou um pouco no sofá da sala, um descanso leve e sem sonhos. Passou a ouvir o vento, um ruído discreto, alguma coisa que sacudia a cortina, vidrinhos batendo ou um fio d'água caindo lento sobre pedras e areia, até que abriu os olhos pesados e viu o seu pai na poltrona, folheando o jornal em que ele trabalhava como fotógrafo. A primeira sensação foi a perda da impressão de paz da água caindo; em troca, sintonizava o folhear agressivo do papel do jornal. Custou a entender. O velho explicava, sem olhar para ele:

— A Lídia estava saindo com a Alice quando eu cheguei. Não quis acordar você.

— Que horas são? — e lembrou, aflito, do deputado a fotografar. Conferiu o celular (duas chamadas não atendidas — tenho de carregar a bateria, ele pensou) e aliviou-se ao saber da hora: cochilou apenas vinte minutos. Vontade de largar-se de volta no sofá e dormir a tarde inteira; sentiu uma ponta de depressão pedindo espaço na sua alma. Olhou para o pai diante dele e desejou que o velho fechasse o jornal, se despedisse e o deixasse sozinho. Mas o velho não tinha o que fazer na vida:

— Você vai mesmo votar no Lula? — e antes que ouvisse a resposta, que seria provavelmente e sinceramente não sei ainda, continuou: — Esse Lula não tem experiência nenhuma. Vai ser um desastre. Escreva o que eu digo.

Mais do que está o Brasil hoje? — ele pensou retrucar, a troco de nada, mas controlou a língua, pensando no deputado. Por que não mandam mais alguém lá? Por que não pegam uma foto de arquivo? Por que não me deixam em paz? Saco. Encheu a xicrinha de café, ainda razoável na garrafa térmica. O velho ergueu os olhos do jornal:

— Você não vai trabalhar hoje?

O que era uma boa ideia, ele pensou. Trabalhar no laboratório. Ficar sozinho, em paz.

— Vou. Tenho umas fotos para revelar.

— Em casa?! Eu quis dizer — mas mudou de direção, sempre folheando o jornal: — Não é mais barato fazer revelação naquelas lojas da rua Tibagi, por ali? Você que me disse uma vez. Hoje em dia esses processos industriais são

mais simples e mais econômicos — ele completou, como quem recita um catálogo. E não parava: — O tempo do teu tio Gustavo já passou.

— É fotografia preto e branco. Se eu levo lá eles me destroem as fotos.

— E lá no jornal? Você não pode fazer de graça?

Por que ainda me dou ao trabalho de responder? — ele se perguntava, irritado. Deixou o celular carregando na tomada, pegou a sacola e foi para o corredor onde encontraria a paz: o laboratório adaptado na extensão do banheiro, um e meio por dois metros, ou o buraco, como dizia a mulher, primeiro carinhosamente, mais tarde como censura, e afinal como ofensa. Só cabia uma pessoa, o que é uma bênção. Às vezes — isto é, muito tempo atrás, corrigiu-se ele mentalmente — ele e Lídia se arrastavam para lá e, no breu total, se tiravam as roupas com o cuidado, o silêncio e a perfeição de dois prisioneiros fugindo de uma solitária cujas paredes pareciam esmagá-los minuto a minuto; nenhum gesto em falso. Era uma sensação tão boa que eles demoravam uma eternidade de tempo naquela escuridão respirante até que, enfim, ele não conseguia mais segurar, e as unhas de Lídia marcavam-lhe as costas, eles inteiros entrelaçados no mesmo animal escuro. A ginástica se esvaziava suave e suada, escorregantes, um derretimento do corpo, o ar viciado deles mesmos — abrir a porta estreita era a expulsão, de novo, para o gelo do dia.

— Demora, essa revelação? — perguntou o pai, decidindo acompanhá-lo até o banheiro, como se me fizesse o favor, resmungou mentalmente o fotógrafo, de cuidar da casa enquanto eu trabalho.

— Vou antes escovar os dentes.

Largou a sacola no chão e colocou pasta na escova. No espelho via a imagem do velho apoiando-se no batente da porta. Ele podia sentir o esforço do pai — as rugas na testa — em busca do modo exato de dizer o que ele queria dizer, e antecipou-se ao velho, na esperança de que, resolvido o problema, ele o deixasse sozinho:

— Venham almoçar aqui no sábado.

— Mesmo?! — disse o velho, simulando surpresa. — A Lúcia vai gostar. Ela não anda lá muito boa.

O fotógrafo escovava os dentes como se pilotasse um triturador de máxima potência — as escovas não duram mais que uma semana na sua mão violenta, ele se viu repetindo Lídia, com o prazer da paródia. Logo teria de ir ao dentista,

as gengivas sangrando com frequência, e esse era mais um detalhe do que às vezes ele fantasiava como a ruína precoce de sua vida, aos 40 anos. Isso custa dinheiro, ele quase pensou em voz alta, o que seria um desastre: o velho pensaria no preço do almoço de sábado, e não no dentista.

O velho suspirou, satisfeito: um almoço no sábado. Não era a mesma coisa que um almoço da Maria, continuou pensando o fotógrafo pela cabeça do pai, a boca cheia de espuma diante do espelho onde, num canto, o velho coçava a cabeça imaginando o que dizer para sair dali e voltar à sala, já resolvido mais um problema imediato de sua vida, continuou pensando o fotógrafo como quem testa o próprio azedume, mas Maria está morta e, que fazer, restou este único filho, tão desatento, tão inepto até para escovar os dentes, e ele sorriu: a minha cabeça não para, e sempre na direção errada.

— Preciso ir ao dentista logo.

— No jornal você não tem direito a convênio? E aquele plano de saúde? — atropelou-se o velho, já com medo de que eu peça dinheiro emprestado, imaginou o fotógrafo, e bochechou furiosamente a água na boca até cuspi-la na pia. Arreganhou os dentes para o espelho: não estão tão maus, pensou. Por uma estranha associação de ideias e imagens cujos fios se perdiam, sentiu o impulso de revelar de uma vez as fotos de Íris, enterrar logo os 200 dólares e esquecer para sempre esta história. Não, talvez seja outra coisa: não minta para você mesmo, ele se disse, sempre diante do espelho, sob o olhar do pai — você quer revê-la, agora com todo o tempo, a atenção e o cuidado do mundo. Enxugou o rosto.

— A Lídia paga convênio. Sou dependente dela.

Por que frisar esse detalhe? Imaturidade. Não minta para você mesmo. Quase disse: continuo com 16 anos de idade. Eu preciso inverter essa relação, ele pensou: o velho precisa mais de mim do que eu dele. Alguma coisa resiste ao afago, entretanto. Maria, minha mãe, era tão doce com ele, mas Maria morreu. Agora ficamos nós, assim estranhos. Pegou a sacola do chão, quase ríspido; alguma coisa ainda amorteceu a rispidez do impulso:

— Vou trabalhar. Se ligarem, você diga que já sai para fotografar aquele filho da puta do deputado. Eles que esperem.

O velho não chegou a rir, preocupado:

— Não é melhor você fotografar antes o deputado (quem é ele? eu conheço?)

e depois trabalhar aqui?

— Não.

Abriu a porta do laboratório e trancou-se imediatamente na escuridão. Os olhos inúteis, fechados — e ouviu a voz do velho se aproximando do lado claro da porta:

— Eu fico na sala até você acabar o serviço. Alguém precisa cuidar dessa casa enquanto você se tranca aí.

LÍDIA E DUARTE VÃO AO CINEMA

Não foi exatamente uma coincidência, ela sabia. De qualquer modo teria de voltar à universidade (teria mesmo?) para devolver a ele os dois livros (melhor devolver hoje) e viu-se subitamente com a tarde livre, uma dádiva na escola, que dispensou uma reunião de professores — ela saiu de lá quase correndo para o carro, antes que inventassem alguma outra coisa para destruir o tempo. A filha já estava na escolinha

de onde sairia somente às seis e meia. Assim, lá estava ela de novo na universidade apertando o mesmo botão do elevador, agora sozinha no hall, naquele vazio da tarde, e o professor Duarte apareceu diante dela assim que as portas se abriram em seguida ao plim! da campanha verde; ele estava sozinho bem no centro do quadrilátero, olhando para o alto e pensando longe. Feliz de vê-lo tão sem preparo, ela sorriu como diante de um santo de gesso em um nicho de igreja, uma ideia que lhe pareceu num átimo absurda e alegre. O santo acordou, ela pensou, ao perceber enfim a porta aberta, e adiantou o braço para se defender de algum fechamento inesperado do elevador — e só então viu Lídia diante de si, carregando os dois livros que eram dele, professor Duarte, o que ele percebeu antes mesmo de ela dizer, só pela cor das lombadas e espessura dos volumes: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, e *O vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan.

— Professor Duarte! Que coincidência! Eu...

— Parabéns! — ele disse, tocando no ombro de Lídia e praticamente conduzindo-a para longe do elevador que se fechava. — Você já sabe que passou?!

— Sim, eu... de manhã eu — e os primeiros passos seus foram praticamente de costas, porque ele parecia estar com pressa. — Obrigada! — Lembrou-se de agradecer. E o gesto de mostrar os livros: — Eu preciso —

— Você foi muito bem — continuou ele. E se separaram por três segundos porque três estudantes avançavam correndo, quase os derrubando, em busca de um dos elevadores que começava a se fechar.

— É mesmo!? — ela disse, e acompanhando-o para a saída, viu-se acrescentando: — Eu preciso falar com você — e sentiu-se como quem

transpassa, para todo o sempre, uma linha não tão imaginária que ela pensava ser uma passagem sem retorno em direção a algo definitivamente melhor. Ele parou bem no meio da porta, de modo que quem quisesse entrar ou sair do prédio teria de desviar-se deles, o que já estavam fazendo, e sorriu para Lídia:

— Eu vou ao cinema, Lídia — e o braço estendido indicava vagamente a direção da rua Quinze, além do pátio da Reitoria, e ela pensou no Cine Luz, nas salas do Shopping Itália, ou mesmo mais longe, no Ritz, e se valeria a pena deixar o carro aqui na General Carneiro para voltar depois a pé — e haveria tempo de buscar Alice na escolinha? Mas ele não estava convidando ninguém, apenas apontando o braço e sugerindo que: — Se você for para aquele lado, podemos ir conversando.

No mesmo instante virou-se para descer os degraus e atravessar o pátio da Reitoria, ele realmente não queria perder o filme daqui a quantos minutos? E nem a simpatia — a mão tocou o ombro de Lídia de modo a conduzi-la com ele para assim conversarem, que ela não interpretasse mal a pressa. Reforçando a simpatia, parou no meio do pátio, ao sol, para enfim concentrar-se nos olhos dela:

— E então? Aliviada? — e imediatamente recomeçou a andar.

Ela sorriu: sim, aliviada, ainda tentando descobrir a origem do alívio, se da aprovação no concurso ou da caminhada com ele.

— A sua prova escrita estava muito boa mesmo. Você de fato tocou em todos os pontos relevantes da questão.

Ela tentava avaliar se aquilo era apenas um elogio padrão, porque por um segundo sentiu uma distância súbita, uma entonação inesperadamente formal no meio da intimidade nascente, afinal imaginária — mas intimidade. Estavam agora, depois de três ou quatro afirmações sempre formais sobre a qualidade da sua prova, no mesmo ponto do espaço em que estivera de manhã, e quase que via novamente seu marido perdido com a bolsa de fotógrafo na outra calçada, mas ele não estava lá e ela não tinha do que fugir. Sinal verde, ele deu o primeiro passo para o outro lado da rua, a mão conduzindo-a ligeiramente, como quem convida, gentil, alguém a entrar na sala, e aquele pequeno gesto parecia devolvê-la ao mundo íntimo de que ela não queria mais sair.

— De vez em quando — ele disse, saindo pela primeira vez da esfera pública da prova — eu dou uma escapada do meu gabinete, à tarde, e me esqueço na sala de cinema. Um filme é sempre uma viagem. Sou viciado em cinema. E

você?

— Eu já fui viciada em cinema — ela disse, alegrando-se pela mudança de rumo, exatamente o tom pessoal, o território em que ela desejava entrar. Eu não tenho mais território pessoal, ela quase acrescentou; eu cumpro tarefas — como se estivesse no analista, na aula de ginástica, no cabeleireiro, no confessorário infernal de todos os dias. Não, não é bem isso, não é o cumprir tarefas, é o fato de que não tenho mais solidão, nem intimidade; tenho apenas essa sensação de viver escancaradamente em público que todo filho nos dá. Quando minha filha nasceu, parece que eu abri a porta da rua e nunca mais voltei; não há mais porta. O provisório se torna definitivo. A menos que — Mas hoje raramente vou ao cinema.

Ela ainda estava com os livros dele na mão e assim os manteve como quem sustenta um álibi para a qualquer momento voltar à realidade miúda — Desculpe a demora em devolver, ela diria sorrindo, obrigada! Mas ele, felizmente, não pensava nos livros; se ela os devolvesse agora, ela calculava, não teria mais uma boa razão para continuar caminhando com o seu professor. O professor Duarte pensava longe, ela sentia, pensava nele mesmo, no descanso de sua escapada do gabinete, mas era exatamente assim que ela queria que fosse, alguém que ela pudesse ouvir e admirar, puramente: alguém que a suspendesse do mundo da necessidade, alguém gratuito e leve. Mas ele de fato me admira? — ela se perguntava, acompanhando-o; é certo que sim, ou ele teria pegado os livros mal saído do elevador e se despedido dela sorridente, e também isso seria gentil. Volte à terra, ela se disse, preste atenção — ele comentava o trabalho que estava escrevendo havia algum tempo e que o absorvia por completo:

— É sobre a narração, ou, mais exatamente, sobre o narrador, que afinal é o que importa. É de fato mais um material didático que outra coisa — desculpou-se ele, os bons professores costumam se desculpar sempre, eles têm nítida na cabeça a grandeza imensurável do mundo em que se metem, ela pensou —, é apenas — continuava ele, gesticulando com suavidade — uma reflexão sobre o ponto de vista na literatura.

— Naquele curso o senhor...

Ele parou súbito e tocou as mãos nos ombros dela, sorrindo:

— Lídia, “você”, por favor. “Você”. A minha velhice não precisa de reforço — e ele deu uma risada aberta e contagiante ao mesmo tempo que deixava a

mão no seu ombro, que ela não visse na risada agressão alguma, só bom humor.

Ela riu com ele, ainda intrigada com aquele senhor que lhe escapara — os nervos, ela pensou, eu estou à flor da pele — e alguma coisa bateu dentro dela como a prévia de um choro, melhor entregar os livros, agradecer e voltar e começar de novo. Eu ainda não passei o limite. Ele é um homem feliz.

O que eu quero? Voltaram do riso e voltaram a andar — ele parecia olhar atento as pedrinhas brancas do calçamento.

— Desculpe, professor, pelo senhor...

— Também não há necessidade do professor. Duarte é de bom tamanho.

— Duarte. O senhor escapou — e ela riu. — Basta sentar alguns minutos naquelas carteiras, mesmo com 90 anos de idade, e viramos alunos do primário de novo.

De novo ele tocou o seu ombro — chegaram à esquina, e era como se ele cuidasse, obsessivo, para ela não dar um passo suicida em direção à rua, mesmo sem carros à vista.

— Sabe que isso é verdade, Lídia? O lugar parece que determina o comportamento — e ele sorriu, olhando para ela.

É a segurança dele que eu estou querendo? — ela se perguntava, deixando-se conduzir para o outro lado da rua sob a sombra gentil do seu gesto. E de repente, subindo quatro degraus entre dois mendigos que conversavam tranquilos ali sentados, um em cada ponta da escada breve, viu-se diante do Cine Luz, a primeira e mais próxima de suas hipóteses.

O coração de Lídia disparou diante do cartaz que ela não conseguia ler, procurando antes o que dizer: Eu acho que vou te acompanhar nesta sessão, por exemplo, o que lhe pareceu uma frase estranhamente masculina. Ou deveria esperar o convite? O que ela estava fazendo ali, com os livros dele ainda na mão?

— O que você acha? — ele perguntou, os dois diante da placa com a indicação do horário, 15h30 e 20h30 horas, e Duarte conferiu o relógio. — Ele sai de cartaz amanhã, se não me engano.

Ela fez menção de estender os livros, encerrar por ali mesmo, mas o que se ouviu dizendo contrariava o gesto:

— Parece bom — e ela centrou os olhos falsamente atentos nas palmas e louros, seis indicações para o Globo de Ouro, dois prêmios em Veneza, duas indicações para o Oscar, o suor entre a palma da mão e as capas dos livros, que

resistiam a se entregar — e ouviu afinal o que parecia um convite discreto mas inequívoco:

— Você não se entusiasma? — e, tirando a carteira do bolso, voltou-se para o guichê ao lado, onde uma velha senhora fazendo tricô interrompeu o trabalho e olhou para ele por sobre os óculos, como quem desconfia de suas reais intenções de comprar ingressos.

— Acho que sim! — ela confessou, calculando que estaria livre às cinco horas, com tempo de sobra e margem de segurança para voltar à vida normal. — Mas, por favor, eu pago a minha entrada, vamos partilhar isso aí —

Ele entretanto já estendia a nota à velha senhora, que deu ainda seu último lance com as agulhas de tricô antes de destacar dois ingressos do bloco. Lídia balbuciou alguma coisa — Bem, a próxima vez eu — enquanto de novo a mão de Duarte, sem tocar nela, a conduzia em direção à roleta, para onde um homem lento, saindo do escuro, dirigiu-se entediado para recolher os canhotos. Um cheiro de mofo, de ar envelhecido, os envolveu enquanto no vazio eles avançavam para a escada, agora lado a lado, descendo a um espaço intermediário mais escuro ainda, no silêncio daquele estofamento gasto que não permitia o som de seus passos — e talvez só nesse momento ele tenha começado a perceber a extensão do pequeno desastre que se armava, a presença de sua aluna a seu lado, às três da tarde, no escuro de um cinema vazio e decadente, e era ainda somente o peso das aparências na pequena cidade, mesmo considerando, ele pensava, a brutal liberalidade contemporânea, nosso admirável mundo novo, como ele se ouviu dizendo aos alunos num súbito mergulho conservador a propósito não se lembrava mais do quê; e sentiu na alma uma brisa de felicidade particular, a forma do desejo vista pelo espelho, de quem é desejado e se transforma em alguém que cresce e se ilumina pelo olhar alheio, e só por ele. Quantas vezes na vida ele se viu na mesma situação? Sempre havia outra coisa a fazer. Poucas vezes, muito poucas, e ele lembrava três ou quatro nomes esparsos, uns mais fortes, outros tão vagos que nem nomes mais tinham, apenas imagem e alguns resíduos de sensação, a pura memória sem referência — e quando ele tateou e abriu a cortina grossa, o vermelho pesado que separava aquele corredor sinistro da sala de projeção onde os aguardava outra tonalidade de escuro, os dois corpos se tocaram e ele respirou ao acaso o perfume de Lídia, a aura de um vapor discreto que subia de seus cabelos também

escuros, e ele quase teve a certeza de que a mão dela buscava a sua mão, como uma criança que pede ajuda ao entrar numa caverna ou diante de um fato novo e assustador, o reflexo da segurança, mas não houve tempo para saber, porque ele imediatamente ergueu o braço para aquela luz mortíça que revelava a linha das poltronas onde havia apenas duas cabeças perdidas, uma lá adiante (que se voltou para vê-los e endireitou-se em seguida) e outra próxima, perfeitamente visível, com certeza de um estudante do mesmo prédio em que ele trabalha, a barbicha e os óculos das ciências humanas, compenetrado no livro que lia quase no escuro para não perder aqueles minutos de vida antes de a sessão começar, e para não perder nenhuma palavra nem olhou para eles, a cabeça enterrada no mundo secreto do papel — ergueu o braço, o professor Duarte, como se voltasse à normalidade depois daquele silêncio que se manteve quase constrangedor do ingresso até ali:

— Você prefere mais à frente?

Ela sorriu:

— O cinema é nosso! Acho que é a primeira vez que entro numa sala tão vazia.

E baixaram a voz, como dois seres inadvertidos que súbito se veem em meio ao ritual da missa.

— Aqui está bom? — ele sussurrou, conduzindo-a, vendo-a agora de perfil, como pela primeira vez: testa, nariz, lábios, queixo, uma linha descendo suave no desenho do rosto, um perfil naquele momento apenas atento aos passos no espaço estreito até que chegaram ao centro da fileira (e ela olhou para trás a certificar-se de que mesmo naquele vazio não atrapalhavam ninguém acomodando-se ali) e sentaram-se, e ele observou a sombra dos joelhos que se cruzaram na penumbra. Em defesa, distanciou-se dela para melhor considerá-la bonita — uma mulher desejável, ele pensou, na pré-maturidade balzaquiana, a verdadeira mulher dos 30 anos. Como se buscasse argumento para afinal passar ao outro lado da fronteira imaginária, ele fantasiou: deveríamos continuar assim até o fim dos tempos, namorando com inocência, porque no namoro estamos voluntariamente desarmados. Como se algum dia ele pudesse dar uma aula assim, e ele sorriu da ideia: o caminho da conquista é uma entrega de mãos limpas e vazias, ficamos vulneráveis por escolha — e parece que essa aura prévia da paixão nos protege mais intensamente que qualquer outro

encantamento da vida. No namoro — e ele olhou para a escuridão do teto, pensando — não temos poder, somos pura sobrevivência onírica, até que — e Lídia tocou levemente no seu braço:

— Só falta a pipoca para a matinê da infância, não acha?

E ela riu da própria imagem, uma mulher visivelmente feliz por estar no cinema ao lado do seu professor, ele pensou, tentando adivinhar mais, mas Lídia não se revelava; estavam ali por uma sucessão de coincidências e outro tanto de inércia. Ele tentou se lembrar se havia feito um convite claro e nítido em algum momento, mas não sabia mais; provavelmente sim, ou. Poderia — ele divagava, contemplando aquele perfil, penumbra sobre penumbra, que olhava em frente imóvel como se o filme já tivesse começado mas que na verdade pensava escancaradamente em algo que ele ainda não conseguira adivinhar por não conhecê-la, por não saber quase nada dela, exceto que era uma boa aluna, mais que isso, uma ótima aluna com uma excelente perspectiva acadêmica; sabia também que era uma mulher casada, menos por ter ouvido algo (embora vagamente se lembrasse de alguém, talvez ela mesma, ter comentado o casamento, ou um filho) e mais pela aliança da mão esquerda, a mesma que ele usava, o adorno dourado de algum resíduo tribal, pré-histórico, memória de um mundo primitivo, nostalgia de alguma essência — poderia, ele insistiu, inclinar-se para ela e beijá-la, o equivalente físico da matinê com a pipoca; mas ele também olhou para a frente, presa de uma ponta de ansiedade. Lembrou-se de Mara, sua mulher, aos 42 anos, e de suas três filhas, não como punição, mas para completar o quadro do que estava acontecendo, naquele exato silêncio: o desejo. Tudo que lhe ocorre dizer será idiota, ele conclui; talvez devesse mesmo beijá-la e aquilo acabaria por se encaminhar por conta própria em direção ao momento futuro — um motel, uma despedida, um choro, uma carta anônima, um atrapalho, quem sabe uma paixão, uma terceira mulher, a tertius que nos salva, uma morte ou um nada, um único beijo às três da tarde no Cine Luz para ser lembrado daqui a 27 anos, súbito, como uma porta que se podia abrir e que eu mantive fechada. Ela

é uma mulher casada; não somos mais adolescentes; tudo, ou quase tudo, quem sabe, se reduz a sexo — a tese da psicanalista Mara, minha mulher há tantos anos, freudiana heterodoxa, estava certa. Ele continuou divagando, a tela em branco adiante: estamos desarvoradamente desprovidos de Deus, uma figura que

restou tão real quanto Papai Noel e o Coelho da Páscoa, funcionando no mesmo registro e no mesmo código — um deus que, como todo o resto, move milhões. Vivemos no mundo da razão pura, ele pensou, eu e Mara; na pior das hipóteses, no mundo da biologia. Em qualquer caso, não há lugar para a fê, sempre falsa, no máximo a sombra kitsch de um ritual que se perdeu há mil anos, um resíduo, uma pulsação inexplicada. Por que pensar nisso agora? — eu sou, ele tentava concluir, um homem feliz.

— Curitiba é uma cidade em que a felicidade faz sentido.

Ela olhou para ele e depois de uma indecisão — em que mundo ele está? — começou a rir um riso saboroso, cúmplice e contagiante: riram os dois. Ele ficou vermelho (o que ela não viu), alguém agarrado em flagrante delito, e, defensivo, pousou a mão no braço dela:

— Eu estava momentaneamente viajando, Lídia.

— Eu sei, Duarte. É que foi engraçado o jeito como você falou. Eu percebi que —

Instaurava-se a antessala da intimidade, e só agora ele percebia a ambiguidade do que havia dito, quase um convite. Mas um ruído agressivo de microfonia explodiu na sala, interrompendo-os; as já poucas luzes se apagaram e houve alguns segundos de escuridão absoluta (ele pressionou milimetricamente os dedos sobre o braço de Lídia antes de retornar a mão ao próprio corpo). Então apareceu uma claridade difusa, riscos projetados sobre a tela com um som de plástico se rasgando, até que uma imagem se estabilizou, ainda trêmula: o trailer de um filme, e ele, por um momento esquecido de Lídia, suspirou para que o funcionário projetasse decentemente a sessão; como quem relembra por que afinal está ali, a mão de Duarte voltou a tocar o seu braço e a cabeça (sentindo o perfume) se inclinou para ela:

— Só espero que a projeção esteja no foco e centrada na tela — ele cochichou. — Uma vez vi a metade de um filme fora de foco, até que alguém enfim ouviu a gritaria da plateia.

A sombra de Lídia fez que sim.

— Já me aconteceu também. É horrível. A vista da gente —

Mas voltaram a olhar para a tela: no camarote da ópera, a câmera se concentra nos lábios enormes, carnudos, vermelhos, de uma mulher atraente do século XIX, cochichando algo talvez engraçado para a cabeça de um ator

elegante, e ele sorri, feliz, concordando e fechando os olhos. INTRIGA, dizia o trailer. DA OBRA DE HONORÉ DE BALZAC. Cavalos trotando nos paralelepípedos, à noite, em Paris, das rodas da carruagem para um grande plano impactante. SEDUÇÃO. A cortesã se larga sobre a imensa cama de dossel e ergue os braços para ele, brejeira: venha, meu amor, ela diz AS ILUSÕES PERDIDAS. Sob a luz de velas, o jovem Luciano de Rubempré escreve febrilmente diante de uma escrivainha escura. O lacre vermelho, fumegante, sela o envelope, e agora a câmara concentra o olhar nos olhos felizes, talvez esperançosos, de Luciano, sopesando o envelope.

— Você leu *As ilusões perdidas*? — ele perguntou, e era como se ele ganhasse tempo, recuperando o próprio terreno, a voz do professor. E antes que ela respondesse: — Leia.

Antes de ver o filme, para não destruir a leitura — e ela riu. — É a grande obra de Balzac.

— As ilusões perdidas — Lídia repetiu, contrita, mas o tom era de quem não ouve o que está dizendo.

De novo um lapso de escuridão — e um ruído de latas veio de algum lugar até uma imagem escura se estabilizar. No silêncio seguinte, como se por uma sequência de acasos (ele pensou), apertaram-se as mãos e as cabeças se inclinaram uma para a outra com a delicadeza dos que se protegem.

O FOTÓGRAFO REVELA UM FILME

Ele acendeu a lanterna vermelha, mas era como se não precisasse dela — apenas um hábito. A mão abaixou-se até a sacola e tirou de lá a máquina. Ele não queria pensar: no escuro, jogava no lixo outros 200 dólares. Talvez houvesse alguma coisa mais alta naquele impulso, menos pessoal, ele sonhou. Sim, pessoal, mas em nome da arte. Uma espécie de liberdade. Ver uma sequência de fotos suas na Galeria Lance, para dizer: esse aí sou eu. Nem Lídia me conhece; ninguém. Eu mesmo não me conheço, ele pensou, mas isso pode ser uma vantagem. Por enquanto, vou escapando pelas frestas. Não precisava estar tão escuro como agora, mas talvez eu não queira mesmo mais luz — e ele sorriu com aquele pequeno duplo sentido, enquanto dissolvia o revelador, calculando em seguida a proporção da água. Proporção um por um. Assim que deve ser a vida: uma proporção, ele divagou. A certeza de que as coisas estão chegando ao fim. E no entanto, ele pensou, também eu quis ficar só durante muito tempo. As coisas vão se deteriorando. Eu não precisava ter aceitado esse serviço. Uma pequena escravidão moral que me arrastará até o fim dos dias. As pessoas nascidas em 1960 deveriam todas fazer análise, Lídia dizia quando eles ainda conversavam: essa relação ambígua com os anos da ditadura. Todos os filhos da puta daquele tempo — agora era ele mesmo que concluía — todos os que mamaram na teta nos anos em que ninguém escolhia nada agora estão aí, em defesa dos grandes princípios. E vão se confundindo com todos aqueles que estavam do outro lado, do lado escuro, das trevas, do porão (ou terá sido este o único lado claro?), de modo que no lusco-fusco do ano 2000, do século XXI, do afinal admirável mundo novo, não se reconhecem mais uns e outros. Temperatura 20 graus, ele conferiu, e apagou a lanterna vermelha. Escuridão total. A minha função é olhar, não é pensar, defendeu-se ele, e sorriu: a minha função. Ridículo. Temos funções, obedecemos a algum chamado, ou da natureza, a essência do bom selvagem, posso até ouvir os uivos dos céus determinando em trombetas a minha vida, a aula da mãe-terra; ou dos grandes desígnios políticos, quem somos nós para interferir neles? Que cada um cumpra a sua função — ridículo. Resista ao niilismo, dizia-lhe Lídia, já impaciente com a minha cabeça confusa, ele só leu

uns cinco livros na vida mas presta muita atenção, uma vez ela disse para alguém, a título de brincadeira, ele lembrava. Ele fechou os olhos — a mesma escuridão, enquanto o tato se encarregava de enrolar o filme na espiral. Uma espécie de missa, ele pensou, agarrando um fiapo de alegria. A Lídia tem razão: estou precisando de um pouco de autoestima, um produto que se compra em farmácia, essa fantasia surrada da autoajuda. Talvez tudo não passe mesmo de química, como a que vai revelar nessas trevas a face, não do abismo, mas de Íris. Lembrou-se dela, frágil, no recorte da luz da cozinha. Depois, os olhos em direção aos olhos dele através da lente 100 milímetros, trazendo-a ainda mais para perto de seus olhos, como se aquela ilusão óptica lhe trouxesse também o respirar de Íris, aquele delicado bicho do mato transbordante de tensão e de controle, a discretíssima película sobre a água protegendo-a de vazar, indecisa ainda entre a paz e a guerra, alguém que talvez queira se domesticar mas não sabe ainda se isso será um bom negócio e por isso toda a pele se eriça mesmo quando os olhos se entregam aos olhos da fotografia. Ele não quis pensar mais nessas fotos antes de vê-las: talvez toda a minha depressão, fantasiou ele, esteja na distância entre o sonho e a sua imagem. Quando revelei a última fotografia que, de fato, era a imagem sonhada? O perfil de Lídia, muitos anos atrás, ele lembrou. Uma criança atrás de um poste, um flagrante; o que ele chamava de a série dos deputados, com o dedo no nariz, de boca aberta, dormindo no plenário, as várias ilusões de óptica de figuras se cruzando. Você é um excelente fotógrafo da vida política, uma vez lhe disseram, enchendo a boca. Mas são fotografias condenadas ao anonimato. As melhores talvez tenham sido as filhas do acaso; pensa-se uma coisa, enquadra-se outra, revela-se uma terceira que sai melhor que todos os projetos. Mas não é isso que eu quero, ele pensou, sempre no escuro, mergulhando o filme no revelador e fechando o tanque. Esperar 11 minutos — ele sabia tudo isso sem saber. Concentração: pense no que você está fazendo e só no que você está fazendo — se você pensar em como o sino ficará bonito depois da fundição, e pensar em como as pessoas admirarão o som do sino que você está fazendo quando o som ecoar na planície, certamente o bronze rachará e todo o seu trabalho será perdido. Quando ele tinha ouvido essa história idiota? Na época pareceu-lhe tão profunda! Um amigo bêbado, anos atrás, numa boate. Sacudiu ligeiramente o tanque. Ele nunca esqueceu, entretanto. Se você pensar somente no bronze e na sua tarefa, sem antecipar os olhos alheios sobre o ouro do

seu trabalho (foi algo assim que eu ouvi, e ele repetiu a frase baixinho), se você pensar somente no que você está fazendo, o som do seu sino será belo, o mais belo sobre a planície. Mais trinta segundos, e ele sacudiu o tanque, imaginando os grãos de prata ao contrário que devagar iam selando o destino — selando o destino, ele repetiu em voz alta, como um mantra, olhando para o alto. Lembrou-se do engenhoso sistema de ventilação que inventou, que deixa o ar entrar mas não a luz, a luz do pequeno quintal onde há anos ele planeja uma churrasqueira em que coubessem os amigos. Mas foi acontecendo uma diáspora silenciosa, a partir da primeira grande divisão — e ele sacudiu o tanque — entre os que ficaram aqui e os que viajaram para nunca mais voltar; e, entre os que ficaram, os que conseguiram uma boa colocação, ele pensou, com um fiapo de rancor, mas um rancor envergonhado (as pessoas sobrevivem; não há nada a fazer quanto a isso). E depois, onde está a Revolução? De que grande movimento humanista fazíamos mesmo parte, que haveria de transformar o mundo? Os pioneiros se foderam todos no Araguaia. O mundo melhorou por conta própria; ele não precisa de nós. Feche os olhos e pense no sino de bronze, somente nele. É esse utilitarismo moral que restou, que nos salva e faz o paraíso da autoajuda. Sacudiu o tanque novamente, com um pouco mais de força, e respirou fundo.

A moral é uma questão mesmo utilitária, ele pensou; uma questão quantitativa. A Lídia é que é boa para fazer esses paralelos: os gestos acompanham a fala com nitidez didática. Ele tentou lembrar: há graus de moralidade e graus de imoralidade. Ainda aprendiz de fotógrafo, aos 15 anos, cuidava da chave do laboratório do tio Gustavo (de quem ele herdou praticamente tudo que está ali, até mesmo o tique-taque do velho timer), que deveria ficar escondida atrás da Bíblia — só eles sabiam. Um dia a chave sumiu e a empregada foi demitida. Um ano depois, ele encontrou a chave no bolso de um paletó esquecido: nunca teve coragem de confessar ao tio, que morreu três anos depois certo da inocência do seu aprendiz. Sacudiu o tanque mais uma vez: por que ele não consegue se livrar dessa memória, quase trinta anos depois? Não foi a primeira nem será a última vez que uma empregada é demitida injustamente; a injustiça, e, mais que isso, a sensação poderosa de injustiça, é parte inseparável da vida. E, afinal, ele não teve culpa: ele não sabia que a chave estava naquele bolso; ele não mentiu quando disse que não tinha pegado a chave. Portanto. Portanto, ele deveria, um ano depois, ter mostrado a chave descoberta no seu bolso e repartir a culpa com

o seu tio. Uma reparação moral era necessária: uma indenização à menina despedida, aliás sem carteira assinada nem férias nem décimo terceiro nem porra nenhuma na melhor tradição da senzala brasileira, diria Lídia, mesmo sendo a moça uma polaca branquinha, na cor da fantasia curitibana. Sacudiu o tanque brevemente e respirou fundo. O tio era o irmão de sua mãe, o alemão de quem ele herdou nada exceto o talento de revelar, o senso de medida da escuridão. Conte, dizia o velho, conte até 11 e dê uma sacudidela no tanque. Como quem está marchando, dizia o velho, talvez saudoso do Führer, acrescentou Lídia com um risinho. Um homem obsessivamente correto e com um apurado sentido de punição. Ao mesmo tempo, capaz de uma imensa generosidade que se disfarçava em trabalho: abrir a porta do laboratório a uma criança de 15 anos, na exata medida da criança. Dois fiapos de pensamento voltaram-lhe à cabeça, para quem sabe dizer a Lídia, para que ela os deslindasse: a injustiça é a forma do mundo; e o mundo melhorou. Melhorou? Sim, tudo melhorou, do índice de mortalidade infantil às máquinas fotográficas que nem usam mais filme e que fazem deste laboratório escuro um buraco medieval onde um charlatão todos os dias tenta transformar pedra em ouro; eu faço parte desta gravura antiga, amarela e gasta nas bordas, ele pensou. Se tudo melhorou e não fizemos nada, quem fez o mundo melhor? O filho da puta do deputado que eu vou fotografar, e ele riu, como se pressentisse a batida na porta no mesmo segundo:

— Filho!

— Não posso agora, pai. Por favor, não abra a porta.

E o timer disparou. Como o padre rezando missa, ele voltou a olhar para o alto, enquanto as mãos retiravam a espiral do tanque, benzendo o filme — ou batizando-o, à maneira ortodoxa, enterrando a cabeça nas águas do rio.

— Mandaram avisar que o deputado espera você no escritório dele, e não na Assembleia. Eu anotei o endereço.

— Tudo bem.

— Ele vai ficar lá até as seis.

— Eu vou lá. Fique tranquilo.

Ele podia ouvir a imobilidade pensativa do velho, do outro lado da porta, a meio metro dele. E enfim:

— Eu estou tranquilo. O problema é seu, não meu.

Aguardar cinco minutos no fixador: o problema é meu, não dele, e o

fotógrafo sorriu. Sim, o problema sempre foi meu, não dele. Mas não se queixava do pai. Um pai sem densidade, felizmente; opaco, mas suave; um pai em meio-tom, de pouco contraste; um pai discretamente à espera; uma espécie de sobrevivente na penumbra. Alguém que vê o filho e aguarda, com um mínimo de interferência, para conferir o resultado. Anotou o recado exatamente com o mesmo espírito com que, 25 anos atrás, anotaria o recado de um colega do ginásio. Tudo em torno do meu pai, ele pensou, é mais forte que ele, e ele, sabiamente, se deixa levar. Um mínimo de dor de cabeça, de ansiedade, de decepção, de desespero, de alegria, de sentimento de horror, de felicidade e de infelicidade. Talvez eu seja um pouco assim, ele pensou, de olhos fechados: mas não me aceitei assim como ele se aceitou. Contar que estou queimando 200 dólares neste escuro para ver o que não preciso ver? A questão moral, talvez. A velha chave no bolso — eu tenho de entregá-la, confessar que, de fato, ela estava comigo, foi uma distração; eu devia tê-la colocado atrás da Bíblia, como sempre, mas na pressa de soltar pipa no banhado do Barigüi eu botei a chave no bolso e esqueci. Esqueci? Ele fecha bem os olhos para lembrar melhor. Era um acordo entre ele e o tio: ninguém entra no laboratório. Só os profissionais, e o tio piscava o olho. Sim, ele esqueceu. No outro dia foi incapaz de lembrar que a chave estava no bolso e não atrás da Bíblia — diante da menina assustada jurando inocência. Uma dura memória. Ele e o tio, de juízes. Ele ainda teria tempo para contar ao tio, um ano depois, quando descobriu o paletó perdido. Poderia ter lembrado ao velho que, de fato, a chave estava com ele. Para quê? Para o tio descobrir que havia cometido uma injustiça irreversível? Para o tio saber que aquele menino, já com 16 anos, em que ele depositara tanta confiança, a quem gostava de elogiar em altos brados — esse menino é um artista! — ele dizia à irmã, à mãe dele, e não ao pai, como quem manda um recado ao velho, como quem invade o território do pai e do filho para, em nome de uma ordem mais alta, fazer justiça com uma criança a quem não davam a devida atenção, o tio justo, que nunca teve família, nem filhos, só projetos e soluções totalitárias, porém bem-intencionadas, para o mundo inteiro — para o tio saber que o menino não era digno de confiança e o havia conduzido a um erro terrível? Não, ele ficou quieto. Empalideceu, ao sentir no tato o formato da chave, enfiada em algum buraco do bolso, caprichosamente perdida na sombra de um casaco sem uso. Lembrou do barulhinho que ela fez ao cair no bueiro, bem longe da casa do tio.

Guardou o segredo, que às vezes voltava, intrigante, como agora. Era sempre nos cinco minutos do fixador, e ele sorriu da ideia. Impossível esquecer. É o fixador.

Passou o filme para a água corrente. Vontade de fumar um cigarro: ela sempre volta nesse escuro, como um impulso suicida, sem ar. Sorriu de novo. Bem, eu já aceitei a ajuda de custo, ele lembrou. Mas não ficou bem claro se era um adiantamento ou uma taxa de custo incluída no contrato. Eu tenho de voltar lá e entregar alguma coisa para o homem, ou devolver as duas notas de 100 dólares. Era como se o tempo todo ele não quisesse pensar em Íris, ele quisesse apagá-la, não revelá-la. Parece que ele está voltando a algum momento antigo de sua vida, mas, dessa vez, um momento bom: uma breve emoção. O sentimento de alguma coisa nova. O fotógrafo cansado, o fotógrafo mecânico do dia a dia do jornal vislumbra, enfim, uma fotografia que vale a pena, que revela, que brilha: o perfil de Íris na luz. Uma composição rara. Uma imagem realmente bonita. Uma combinação de luz e sombra em que tudo dá certo, do trecho de nuvem que se afasta do sol para projetar uma pequena nuance, aos olhos que se pacificam entre um momento e outro. Mas tudo estava errado e tudo era inútil: não eram fotos publicitárias; não eram fotos artísticas; não eram sequer o mais fácil, flagrantes de alguém que se pretende capturar — para isso ele foi contratado. Talvez devesse conversar com Lídia, detidamente, sobre isso, mas eles não são mais do tempo bom em que os animais falavam, o fotógrafo pensou. Ela estava se tornando uma figura encolhida que olhava para ele com uma espécie difusa de medo; às vezes, uma superfície de agressão; alguma coisa que se oculta. Simples: o fim. Dois estranhos com uma filha no meio. Também não há nada de novo nisso, ele pensou. Uma fotografia sem ênfase, ele sonhou, desviando-se para o que revelava: alguma coisa bonita e tranquila, sem nenhuma estridência, e que não lembrasse outra imagem. Natural como uma pedra ao sol.

Batidas na porta.

— Filho, você vai demorar?

— Mais um pouco. Não se preocupe. Eu vou fotografar o homem. Tem tempo.

Silêncio. O pai dele sempre pensava antes de falar.

— Não é isso. É que eu queria ir para a cidade.

— Pode ir. Deixe o endereço que ele passou na mesinha da sala.

Novo silêncio.

— É que a casa está vazia. Você aqui e os assaltantes levam tudo.

— Não se preocupe, pai. Tranque a porta da sala e jogue a chave pela janelinha. A essa hora não tem assaltante.

— Eu acho que vocês deviam se mudar para um apartamento.

Ele não respondeu. Ficou ouvindo a água correr no pequeno tanque. Fechou os olhos.

— Filho, eu vou usar o banheiro aqui.

— Tudo bem, pai.

A Lídia havia avisado: é um absurdo você fazer um laboratório no fundo de um banheiro. Qualquer outra opção era mais cara; na verdade, inviável. E esse laboratório vou usar raramente, ele disse. Um tempo mais longo de silêncio e ouviu o pai mijando, em jatos lentos, intermitentes. A mãe morta no acidente brutal, e o pai, em menos de seis meses, põe o anúncio no mesmo jornal em que o filho trabalha. Viúvo de 59 anos, aposentado, situação estável, procura companheira de até 40 anos para relacionamento duradouro. Na verdade ele tinha 63 anos. Batida na porta.

— Então estou indo, filho.

— Tudo bem. Venham sábado almoçar aqui.

— A gente vem. Vou deixar o endereço do deputado na mesinha. — Silêncio. Talvez esperasse uma palavra que não veio. — E vou jogar a chave pela janelinha.

Os passos se afastaram, a porta do banheiro se fechou e ele voltou a ouvir o barulhinho da água corrente.

ÍRIS ALMOÇA EM CASA

Íris fechou a porta do apartamento e foi direto para a cozinha. Estou com fome, pensou. Preciso comer. Por que as coisas que me acontecem são todas esquisitas? Tirou do congelador atulhado uma lasanha quatro queijos. Isso engorda, pensou, mas vou comer assim mesmo. Leu as instruções que já sabia de cor e acendeu o forno — a mão tremendo, cuidando da chama do fósforo. Trinta e cinco minutos em fogo médio. A pia tinha louça de três dias. Telefonar para a Lana vir fazer uma faxina ou economizar quarenta patacas? Economizar quarenta patacas. Colocou o avental e abriu furiosamente a torneira da pia, que, caprichosa, rebateu água nos pratos em todas as direções.

— Merda.

O telefone tocou.

— Não vou atender.

No terceiro toque ela levantou o fone com a mão molhada.

— Íris?

Era a figura do cheque, o abominável doutor Joaquim. O coração começou a bater mais rápido.

— Eu disse para você nunca mais ligar para mim.

Fechou os olhos e tentou fixar a lembrança do balcão da universidade: é claro que você ainda está no prazo para fazer sua matrícula.

— Era brincadeira nossa, não?

Ela ficou em silêncio: vou ligar para a Dóris hoje, ela pensou. Conversar. Pensou na analista. Não, não vou, decidiu.

— Íris, ouça. Eu estou aqui perto. Só queria ver você.

Ela decidiu falar:

— Se você insistir, eu vou à Delegacia da Mulher. Também é aqui pertinho. Conto pra delegada a história da minha vida. O que você acha?

Ouviu o silêncio intrigado do outro lado. Sentiu uma ponta de medo bem no meio do peito. Era uma outra voz:

— Do cheque você gostou, não?

— E foi pouco. Você teve sorte.

A voz parecia mais diferente ainda. Ela deveria estar preparada: a ideia lhe

deu um sopro de entusiasmo: prepare-se, Íris — vem chumbo grosso aí.

— Escute aqui, sua... sua...

— Vamos, doutor Joaquim! Força! Coragem! Desembucha! Vomita logo!

Ela aguardava o desfecho, tentando adivinhar: sua puta?! É isso? E começou a rir um riso escarmento, o que deve ter surtido efeito, ela pensou: a voz suavizou o tom e mudou de rumo.

— O que aquele fotógrafo foi fazer aí? Quem é ele?

Contar ou não contar? Mas o que tinha para contar? E sentiu o vácuo no peito, lembrando: aquele pirralho traficante está inventando essa história de um fotógrafo que me persegue só para me infernizar. E outro vácuo no peito: Joaquim contratou o fotógrafo. Não: não faz sentido. Não.

— Íris. Diga alguma coisa.

Ela desligou o telefone e imediatamente puxou a tomada da parede, sob o sopro de um pânico agudo. Mas o que ele pode fazer contra mim? Pior do que isto: eles. O que “eles” podem fazer? Eles podem foder com a minha vida. Aliás, é isso que eles estão fazendo, ela concluiu, e curiosamente se acalmou: as conclusões lógicas são calmantes, ela pensou. Eu era boa em matemática. Conectou o telefone de novo e voltou à pia e, antes de abrir de novo a torneira, investigou se o vizinho de dois andares acima conferia se a louça está bem lavada — e ela riu da ideia, olhando para o próprio decote: tem dias que ele vê tudo, ela imaginou. Hoje não veria nada, só se chovesse. Fila de ninfetas molhadas no auditório: a campeã é... dona Íris! O auditório urra de alegria.

— Joaquim é o nome dele — ela recitou, e se corrigiu: — Não — ela falava agora para a geladeira aberta, onde guardou a margarina — não é o nome do adolescente imbecil do binóculo. Joaquim é o meu senhor e meu proprietário, já há muitos e muitos anos. Mais do que seria razoável. O homem que pensa que sustenta isso aqui e que eu não quero mais ver nem pintado de ouro.

Imaginou o fotógrafo de novo na sala, regulando a máquina. Engraçado: não conseguia se lembrar exatamente do rosto dele. Ele parecia mais um vulto que uma pessoa. Não se ouviam os passos. Mas — talvez justamente por tudo isso, ela calculava — era alguém que pacifica, uma presença tranquilizadora, que não ocupa espaço. Um bom astral.

— Saiba, senhor fotógrafo, que Joaquim é um homem muito rico. Isso mesmo: sempre teve o rabo cheio de dinheiro. Eu estalo os dedos, tá!, e ele — e

Íris olhou pela janela atrás do binóculo: — Não, senhor fotógrafo, o garotinho não está à janela hoje com o seu binóculo. Pois é, seu fotógrafo. Como era mesmo o nome dele? Mário. Mauro. Marcos. Aliás, quem disse foi o porteiro, não ele mesmo. Má alguma coisa. Ele também não tem nome. Esqueceram de dar um nome a ele e ele foi crescendo sem nome nem sobrenome, perdido no mundo, uma sombra fotografante cheia de fotografias fotografadas, e ela riu. Como era mesmo? Três mafagafinhos num ninho de mafagafos. Fotógrafos fotografados fotografantes. Três tristes tigres.

O copo ensaboado escorregou da mão e se espatifou na pia.

— Merda.

Foi atrás de um jornal velho para juntar os cacos. Cuidado para não se cortar, ela pensou, mas é como se ouvisse, continuou pensando, pela milésima vez a voz da infância: Cuidado para não se cortar. Eu já me cortei para todo o sempre, era o que ela sempre quis dizer para sua mãe, mas nunca disse; e quando disse, ela não acreditou. Um belo dia a mãe encontrou um príncipe de 23 anos de idade e desapareceu com ele. Tinha lá suas razões, é verdade. O príncipe era para ser meu, dez anos atrás: aguardando a maturidade, como nas famílias reais de antigamente. Eu tinha 12 anos, senhor Fotógrafo, e lia *Lolita*. Inteligentíssima, dizia meu pai. Eu me cortei para todo o sempre, ela pensou novamente, testando a veracidade do que dizia, só pelo jeito do som. Mas não dessa vez; e nem daquela também; estou confusa. Os cacos do copo cobriam a página de classificados do velho jornal, comido de traças aqui e ali, preciso limpar esse lixo da despensa — viúvo de 58 anos, aposentado, situação estável, procura companheira — e Íris achou graça do anúncio antes de dobrar o papel sobre os cacos. Vou arranjar um velho para mim, brincou. Bem, ela pensou, eu já tenho um velho. Dois até, somando bem, mas um não conta mais. Ou os dois não contam. Ou nada conta: estou sozinha — e ela parou com o pacote de cacos na mão limpa, pensando em nada, como quem leva um choque.

Ela sabia: bateu a ansiedade e era como se começasse a suar por antecipação. Passou a mão na testa. Descer correndo atrás do pirralho: um pacotinho. Um único. Escolheu dizer não. Não. É simples assim: não. Jogou o pacote dos cacos no lixo e voltou à pia, sentindo já o cheiro da lasanha. Fome. Muita fome. Quantas vezes ela disse “não” na vida? Milhares de vezes. Todos os dias. Às vezes funciona. Às vezes não funciona. Sentiu tontura: é fome, decidiu.

Desligou o forno, tirou o avental e foi para o quarto. O meu quarto está uma catástrofe, ela pensou. Jogou tudo que estava na cama no chão e deitou-se no lençol nu, olhando para o teto. Ela via sempre no teto uma rachadura sutil que se ramificava e ela imaginava formas desdobrantes. Hoje não tem forma nenhuma, ela pensou, fechando os olhos. Os dedos brincavam com a argolinha fria do umbigo e ela foi se acalmando. Aí desceram para o sexo, que ela cobriu caprichosamente com a mão em concha, fantasiando a armadura medieval das donzelas que devem ser protegidas porque têm minhoca na cabeça. Respirou fundo. O cheiro da lasanha chegava até ali. O que o Joaquim pode fazer contra mim? Este apartamento é meu — pelo menos isso o meu pai me deu, ela confessou uma vez ao Joaquim, enquanto ele assinava outro cheque. Era uma forma de dizer: dê o seu cheque, mas eu não preciso dele. Eu não sou puta. Imaginou-se, gigantesca, no outdoor da esquina. Um desejo de se olhar no espelho. Devo estar muito pálida, ela pensou. Gelada. Pressão baixa. Onde vou festejar minha volta à vida real? Ninguém jamais será meu proprietário, ela decidiu, lembrando a sombra de Joaquim. Ele vai bater muitas e muitas vezes aqui nessa porta atrás dos meus peitinhos. Como há sete anos: o doutor Joaquim, médico de senhoras, abriu a blusa branca de Íris e, mudando o rumo da consulta, comprou o seu passe para o resto da vida. Foi barato, porque, como disse o primeiro analista, você estava precisando de uma figura paterna. Você aceitou o jogo. Para compensar a outra figura paterna, mas isso ela jamais contou ao Joaquim; Íris tinha dificuldade até mesmo para pensar. Sou boa em matemática. Neste exato momento eu tenho 7.233 reais e 35 centavos depositados na minha conta.

— Não é muito mas não é pouco para os meus planos — ela disse em voz alta, pensando subitamente em comprar dólares antes que. Um sorriso na alma: o dinheiro tranquiliza, ela pensou.

Ela antecipava a voz dele, ressentida e rancorosa: Durante um bom tempo eu servi. Agora não sirvo mais. E ela responderia: É exatamente assim. Vontade de esbarrar na universidade com o filho dele, que aliás é a cara escarrada do pai: Já comi o seu pai! Ela riu com a ideia, afinal grotesca, concluiu — mas não é assim que eles falam?

Respirou fundo para sentir de novo o cheiro da lasanha e, como se por uma relação de causa e efeito, o interfone tocou.

— Não vou atender.

Levantou-se para almoçar, enfim.

— E vou terminar de lavar a louça.

O interfone tocou de novo quando ela passou em frente dele, ao entrar na cozinha. Abriu o forno, lasanha cheirosa. Com gestos deliberadamente calmos, controlados, lentos, como quem ensaia uma cena no palco, tirou do forno o alumínio onde estava a lasanha, colocando-o na pia. Noventa por cento de acidentes com queimaduras acontecem na hora das refeições em torno do fogão ligado, ela lembrou — ou setenta por cento? Pensou: Comer na sala? Comer na cozinha? Comer na sala, é claro.

O interfone tocou mais uma vez, um pouco mais demoradamente. Ela estendeu uma toalha nova na mesinha-balcão da sala, colocou um prato, o suporte de madeira, os talheres, um guardanapo de papel, um copo, ajeitando os objetos com algum senso estético. Afastou-se dois passos para apreciar as formas sobre a mesa, inclinando vagarosamente a cabeça para o lado, o indicador no queixo — como num cromô publicitário, ela pensou.

Mais uma vez o interfone tocou. Lenta e cuidadosa, ela trouxe a lasanha para a mesa, depositando-a no suporte de madeira.

— Falta música.

Ligou o som com o cedê que já estava lá: Cássia Eller. Sentou-se à mesa, o ouvido atento: pela ordem matemática do mundo, estava na hora de outro toque de interfone. Silêncio. Ela serviu-se de lasanha, evitando cuidadosamente que o queijo fizesse uma ponte espichante sobre a toalha, pegou o garfo, mas largou-o:

— Lavar as mãos.

Quantos milhões de vezes já me vi no espelho? — ela tentou calcular. Pálida, mas ela gostava da palidez. Você é uma dark disfarçada, uma vez alguém lhe disse, num namoro de bar. Ela sorriu da lembrança. Não tão disfarçada assim. Falta alguma coisa no meu rosto, ela pensou, inclinando um pouco a cabeça, primeiro para um lado, depois para o outro. Talvez uma argola de prata na orelha esquerda. Uma argola pirata mesmo. Será que fica bom? Enfim lavou as mãos.

De novo na sala, o interfone em silêncio. Ele foi embora, ela decidiu. Para todo o sempre, imaginou, feliz, dando a primeira garfada.

— Isto aqui está muito bom! — e fechou os olhos, ouvindo Cássia Eller.

Venceu o novo surto de ansiedade — o pirralho estendendo o pacotinho: e se

fosse ele na portaria? Não conseguia decidir se isso era melhor ou pior para ela. Decidiu prosseguir com a limpeza da casa. Não era tanto trabalho assim e é sempre um exercício e uma distração. Ainda mais agora, argumentou, sem pensar, que o computador está quebrado. Ou ela perderia a tarde fazendo nada diante do monitor. Lá vamos nós, torneira aberta. Lavando louça, assobiava a melodia da sala; num momento, percebeu que o vizinho punha o binóculo para fora da janela — como quem põe o pau para fora das calças — e ela deu uma risada da própria frase que saiu em voz alta. Olhou para ele como quem apenas vê, pensando noutra coisa agora: teria sido Joaquim na portaria? Resolver logo: enxugou a mão e ergueu o interfone:

— Alguém me procurou? Eu estava no banho e não pude atender. Ah, sei. Se ele aparecer de novo, por favor não deixe ele subir. Eu não estou em casa, para todos os efeitos. Obrigada.

Voltou à cozinha e olhou para o alto: lá estava o idiota com o binóculo, mais um filho da puta. Pensou em mostrar a língua, em mostrar os peitos, em mostrar a bunda, mas se satisfez com a simples ideia, sorrindo agora, de novo lavando louça. Melhor ficar quieta. Fingir que os outros não existem: a melhor política. Os adolescentes adoram essas provocações. É o terreno deles. Com eles, você perde sempre, dona Íris. Tudo para não pensar no principal: o doutor Joaquim não vai botar mais os pés neste apartamento. Bem, ela calculou, ele sempre pode comprar o porteiro, que também é barato. Não, ela rebateu, o prato suspenso sobre a pia: cuidado com a depressão. Apague aquele “também”. Você é caríssima, Íris. Praticamente não tem preço — e ela sorriu, calculando.

— Eu não sou propriedade de ninguém.

Isso mesmo. Você não tem preço, decidiu.

Telefonaria para o fotógrafo. Simplesmente perguntar: que história é essa? Mas ela não tinha o telefone dele. A rigor, nem se lembrava da cara dele. Pensando bem, tudo era esquisito.

Louça lavada, enxuta, guardada.

— Muito bem, menina. Você é boa nisso.

Mas a coisa — aquela sensação de pânico crescente — parecia voltar. Abriu a geladeira: tem um chocolatinho aqui, e mastigou de uma vez. Ai coisa boa. Mas: você sabe o que significa o que você fez? — ela se perguntou, como se condenando à resposta, que era uma pergunta: você tem dinheiro para viver por

conta própria?

Concentrou-se em Cássia Eller, levando o aspirador de pó para o quarto. Uma boa faxina. Mais de 7 mil reais guardados. E há sempre o depósito mensal, que nunca falhou. Quanto está o dólar? Disparando, com a eleição deste ano: comprar dólar. Lula ou Serra? Serra ou Lula? Lula, é claro. Leonardo da Vinci fazia cálculos minuciosos, numa escrita em espelho, em sua caderneta — cálculos de dinheiro, lista de despesas até o último centavo. Segundo Freud, uma compensação afetiva, disse uma vez um conferencista com sotaque alemão. Eu deveria ter feito Psicologia, não História. Por quê? E o lobo abriria a bocarra enorme, cheia de dentes: Para te ler melhor, minha menina! Para te ler melhor!

E Íris deu uma gargalhada — eu sou completamente maluca, e isso é muito bom, ela disse — que se misturou com o ruído histérico do aspirador de pó.

DUARTE VOLTA PARA CASA

Desconforto — talvez a palavra seja exatamente esta: desconforto. Ao mesmo tempo, um sopro de euforia: as coisas novas que acontecem na vida. A própria Mara seria capaz de explicar esse sentimento em detalhes: todas as tardes seus pacientes contam histórias semelhantes, de uma banalidade absurda, ele lembrou — mas nada que nos acontece é banal. O mesmo gesto, repetido todos os dias, mês a mês, ao longo dos anos, não tem de fato banalidade alguma: o gesto nos essencializa, ele pensou. É uma espécie de poder que nos envolve. Relembrou os dedos apertando a sua mão, a presença que se aproxima até a fronteira da intimidade, que rompemos como um invólucro, e leva tempo, às vezes anos, para refazer a assepsia da distância. Lembrou dos lábios e dos beijos — sim, é banal, professor Duarte, ele mesmo se dizia, subindo a rua para casa naquele fim de tarde, imaginando se deveria ou não deveria passar na padaria. Não, melhor não, decidiu. Deve ter ainda um pão de forma da última compra de supermercado.

É como se houvesse dois seres subindo a rua, ele imaginou. Ou estou simplesmente tentando racionalizar o que não merece racionalização? Afinal, ele pesava, plumas numa balança, o que aconteceu não nem importância nem futuro; e eu sou um homem feliz. Por alguns minutos procurou um homem feliz na boa literatura, afinal seu ganha-pão, e não encontrou. Eu é que sou a ficção, e Duarte sorriu. Não tem futuro, lembrou, mas já sentindo — não minta para você mesmo, ele se disse, jesuítico — que não era bem assim: lembrou a intensidade de sua Lídia. Lídimia Lídia. Um país desaparecido da Ásia Menor. Lídia, você não existe mais — ele poderia ter dito. Em que sentido?

— Lídimia — ele brincou, amando a palavra: naquele coração bate uma paixão, ele cantarolou mentalmente a letra de alguma música e isso como que o devolveu à normalidade. Paixão não é uma coisa banal. É como se ela, Lídia, estivesse me mostrando, o dedo apontado, alguma coisa nova. O que falta em Mara? Nada. Os períodos de distância e indiferença, os pequenos abismos de convivência, um pouco de tédio, quem sabe, nas tardes de sábado, uma excessiva autonomia, às vezes um desejo de não deixar muito espaço para ele impor sua vontade, um sutil domínio sobre as três filhas. Sou um marido ornamental, ele

pensou, desesperado atrás de um defeito como num jogo dos sete erros, atrás de uma fissura em sua felicidade. Fantasiou que talvez ela tivesse outro homem — mas por mais que procurasse verossimilhança não conseguia vislumbrar a possibilidade. O simples fato de imaginar essa possibilidade e me angustiar milimetricamente com ela já indica, ele concluiu, que sou um homem feliz: minha mulher está viva.

Talvez a questão biológica, ele pensou. A pele. Bem, eu também estou vivo. Decidiu sentar no banco da pracinha do avião — ou praça do Expedicionário, ele conferiu na plaquinha azul o nome oficial do espaço por onde passava todos os dias — como quem se prepara, toma fôlego mental, para chegar em casa. Começava a anoitecer. Na verdade, ele argumentou, reorganizando o passado imediato, não aconteceu nada: saímos do cinema como entramos: conversando civilizadamente. Gaguejamos um pouco no momento de assumir uma direção: ela teria de pegar o carro e buscar a filha na escola; eu supostamente só teria de voltar para casa. Ficou aquele desejo indócil, talvez culpado, entre nós dois. Andando de volta, mais lentamente, como quem quer ficar mais tempo (seria muito bom, ele fantasiou, olhando para o céu azul-escuro, eu levá-la para um hotel, mais um hotel que um motel, e passar a noite com ela; talvez nos acertássemos; talvez soubéssemos o que está havendo), a memória do momento juvenil parece que se perdia (mas não nos olhos dela, ele lembrou; a paixão feminina, fantasiou, não se mede, não é medida).

Não é medida de nada, ele concluiu, defensivo. Está esfriando. Talvez seja mesmo o momento exato de minha vida mudar de rumo. Aparentemente, nenhum problema: Mara ganha três vezes mais do que eu, ele calculou olhando os dedos. E tenho três filhas: as mulheres tomam conta do mundo, ele prosseguiu fantasiando. Imaginou-se subitamente vivendo com Lídia, e Mara vivendo, quem sabe, com o marido de Lídia; nos fins de semana as famílias trocariam filhos, sorrisos, impressões e brindes.

Uma mulher passava rapidamente com um carrinho de bebê; crianças pobres subiam no canhão da Segunda Guerra, aos gritos; uma delas se aproximava dele para pedir esmola e ele se levantou imediatamente. Estava a três quadras de casa, calculou. Já estou perto.

— Tem um dinheirinho aí, tio?

Fez que não, sem olhar para o menino, apressando o passo. A família é uma

instituição já sem função, ele concluiu quase em voz alta, com a entonação da sala de aula; transformou-se numa espécie de resíduo histórico, a última beirada do mundo gregário. E no entanto, contra-argumentou, todas as pesquisas dizem que homens e mulheres que vivem casamentos estáveis vivem mais e melhor (o que será que esse “melhor” significa?) que os separados, solteiros e avulsos em geral. Sim, é verdade — e esperou o semáforo dos carros fechar para ele atravessar a Ubaldo do Amaral. Uma velha tocou seu braço na calçada, mas dessa vez não era esmola: Onde fica o Hospital das Clínicas? Ele estendeu o braço e explicou.

Talvez devesse mesmo comprar pão, ele ponderou, voltando ao assunto. Deu dois passos e sentiu uma agulhada no estômago, ou um pequeno rasgo; não exatamente isso: azia, talvez. Eu estou me sentindo mal. Resolveu andar em outra direção: pensar um pouco mais. Resolveu derivar, como um pequeno Ulisses, e fazer um círculo quadrado — e ele sorriu da ideia — antes de chegar em casa. A inexorável cadeia de causas e efeitos: essa é a minha matéria, ele pensou, lembrando da sala de aula. A pele, ele lembrou, e o fio da lembrança era também o fio do desejo. Apressou abruptamente o passo pela Ubaldo do Amaral, como quem esqueceu alguma coisa e precisa recuperá-la para depois voltar correndo e chegar a tempo. Porque nesse momento, Mara, por instinto, já sentiu as horas que são e pela lógica o Duarte já deveria estar chegando, com a correspondência do dia que ele gosta de recolher (eu sempre esqueço, ela diz sempre), subindo o elevador com aquela atenção cuidadosa a cada envelope, tentando decifrar como esses caras descobrem o endereço da gente para mandar propagandas e supostas ofertas de bancos, supermercados, lojas e o escambau — pilhas de envelopes coloridos todos os dias. Aqui e ali uma correspondência de verdade, aliás raríssimas — com a internet, ninguém mais escreve epístolas, e ele riu da palavra. O cartão de um amigo que está em Paris numa bolsa de pós-doutorado; o livro de poemas que um ex-aluno publicou e agora está mandando de alguma cidade do interior de São Paulo — Ao professor Duarte, um pouco das reflexões poéticas suscitadas pelas suas aulas — ou então a carta anônima, escrita com recortes de jornal, “de uma aluna perdidamente apaixonada”, com um gracioso desenho de lábios, que despertou nele uma gargalhada defensiva e que imediatamente repassou à mulher que, no sofá, punha as pernas sobre seis

almofadas, para relaxar; e Mara, sorrindo, decifrava cada signo daquela cabala, para concluir: é trabalho de equipe. Elas estão se divertindo com você, professor Duarte. Porque se eu souber que é uma só... E Duarte desceu as mãos pelas pernas de Mara, escancaradas sob a saia negra, leve, diáfana, ajoelhado no tapete, inclinando

a cabeça para aqueles lábios sempre um tantinho arredios, e os olhos azuis são frios, ele pensou, mas charmosamente distantes e difusos como uma luz na neblina, ele sonhou, parado na esquina da Benjamin Constant, os olhos acompanhando o andar ostensivo, de certa forma militar, da perna mecânica, nua, engrenagens à mostra — clact-clact! — de um mendigo avançando para ele como o soldado sobrevivente de uma guerra, a mão exigente estendida, um refugiado da Bósnia, ele pensou, reprimindo o riso estúpido daquela perna absurda pedindo esmola como uma instalação de Bienal, e desceu a rua cheia de árvores, sem responder, para não perder a imagem fixa de Mara em sua cabeça — elas estão se divertindo com você — e súbito sonhando que a carta anônima de dois anos antes teria sido de Lídia, mas não, aquilo era coisa de calouras, aquela massa assustada e divertida de estudantes. E além disso — mas de novo ele se via no elevador, conferindo os envelopes, um a um, enquanto Mara ouvia música na sala, esperando Duarte, porque há vários anos ele chegava sempre no mesmo horário. A pele, ele lembrou, a mão descendo entre as pernas de Mara enquanto ela franzia a testa diante da carta anônima até que a filha do meio, Thaís, entrou na sala batendo a porta — Eu preciso de dinheiro! —, o que valeu um súbito rearranjo da composição, ele lembrou, uma gravura erótica do século XVIII em bico de pena, transformando-se o sofá numa cama de dossel e a saia diáfana num farfalhar de rendas brancas de onde brotariam aquelas coxas um pouco mais sólidas, e Duarte sorriu, tudo isso passava a ser agora um idílio neoclássico, ou, ainda melhor, uma cena doméstica remanescente do século XIX, tudo para não chegar nunca ao século XXI, tão subitamente despropositado, sem síntese nem direção, essa garganta aberta do futuro assustador — e as coisas pareciam tão bem encaminhadas! Não fosse a estagiária de Bill Clinton — e o professor Duarte sorriu — e a invasão da Lídia, Lídimia Lídia, a umidade da minha boca e do meu desejo, ele pensou, lembrando da pele, a pele de uma mulher de menos de 30 anos. Quem lida com dinheiro aqui é a dona Mara, ele disse, com a empostação de sempre, ajeitando-se no tapete. Cheguei em hora

ruim? — perguntou a filha, sem humor: o gesto de pôr a mão na cintura era o gesto de Mara nos momentos tensos. Mara é uma mulher rica, uma sólida burguesa alemã encravada em algum burgo, onde vive há oitocentos anos, só por acaso em Curitiba; para onde vão, levam a vida junto, isolada como num castelo da Idade Média. Minha sólida burguesa, ele brincava, atavicamente incapaz de ganhar dinheiro, refugiado na universidade pública como um soldado do Estado. Ele brincava: não tenho salário; tenho soldo.

Como para comprovar, entrou num boteco escuro com duas mesas sujas e figuras sombrias que silenciaram — o que ele fazia ali? Precisava comprar pão, não cerveja, mas mesmo assim encostou no balcão e pediu — quase pediu uísque — uma branquinha, apontando o dedo para uma garrafa de marca conhecida na prateleira em frente, ele quase podia tocar o rótulo. O bar continuava em silêncio. Ele lembrou que outro dia houve um transtorno ali, tiros ou assalto, ou sequestro, e a memória vaga da filha mais velha declamando dramaticamente o desespero de ter de passar por esta quadra depois das seis da tarde, cheio de maloqueiros por ali, não sei por que não botam guardas, luzes, radiopatrulhas, por que o prefeito não fecha esses inferninhos e ele tentando ler o artigo de jornal, pensando de repente na ladainha da filha e tirando a conclusão: quando a fúria explode, todos os chavões descem como morcegos na alma e metem os dentes no cérebro — e repetimos tudo que querem que a gente diga. Você nunca ouviu o que estou dizendo, reclamou a filha, e ele pensou: confirmando a tese.

Engoliu de uma vez a cachaça e fez uma careta verdadeira: aquilo lanhava a alma. Olhou para o homem como quem pergunta o preço (na mesa, os clientes voltaram a conversar, em voz mais baixa) e ouviu “50 centavos”, o que lhe deu um brutal desconforto, lembrando que tinha na carteira apenas uma nota de cinquenta, única, novinha e estalante, da máquina do banco onde passou pela manhã. Apalpou-se desesperado atrás de uma moeda inexistente, o coração disparado por aquele pequeno absurdo, e ainda abriu a carteira negra, com a nota brilhando no meio dos cartões de crédito — e antes mesmo que balbuciasse o que vinha planejando havia alguns segundos (eu acho que só tenho essa nota de cinquenta e), talvez olhando em torno em busca de algo mais consistente para comprar, quem sabe a garrafa inteira, que levaria para casa e entregaria à mulher como prova — de quê? — mas o homem já resolvia tudo por conta

própria:

— O senhor paga depois. Não tem problema.

De novo a freguesia silenciava; quem sabe exigissem o mesmo direito de pagar depois, ele devaneou, enquanto se despedia com o gesto canhestro, simulando camaradagem, sim, é claro, amanhã eu passo aí, tomo outro trago e pago os dois, e foi saindo em silêncio meio de costas, com a sensação anormal de que agora sim era um transgressor, pior do que aquele beijo na boca de Lídia e os carinhos e os tremores e as promessas de amor eterno que silenciosas brotavam no escuro e do escuro, a pele, tudo sobre a pele — algo como: começou uma nova etapa da minha vida. De novo na rua, já era noite. Imaginou a filha mais nova, a mais bela das três, alguém lhe disse absurdamente um dia, perguntando: o pai não vem hoje? — tudo por um atraso de alguns minutos. Avançou decidido até a esquina, organizando desde já a manhã seguinte: aula das 7h30 às 9h30, e então — e então ele sentiu um pequeno engasgo no esôfago, subindo, que se transformou num breve arroto, puro álcool, a vulgaridade já gasta da cachaça, com que contemplava Mara, a quem ele jamais beijava ao chegar em casa já havia muitos e muitos anos; quando moravam no outro apartamento, assim que ele veio de São Paulo, há 22 anos, costumavam se beijar quase que o dia inteiro: uma paixão devoradora que as filhas foram domesticando mas não exatamente apagando. Ou não? — ele pensou, lembrando Lídia e seu beijo — uma outra boca é um país estrangeiro, são outras línguas, mas isto é literatura, ele pensou, tentando separar as águas. A cachaça — e Duarte esperou o carro passar (de farol apagado, o motorista está distraído, ele pensou) — Mara já conhece, sabe que ele gosta de um trago antes da jantar, ou, nos últimos anos, do lanche da noite, porque ele vivia rodeado de projetos de saúde e de emagrecimento e enrijecimento geral, quatro mulheres atentas ao mundo vivendo sob o mesmo teto, submersas em estado permanente de reengenharia do corpo; um trago em casa ou mesmo na rua. Portanto. Mas não há o que concluir, professor Duarte, ele disse quase em voz alta. Mas concluiu: tudo isso é ridículo. Parece que cada passo que dava em direção de sua casa, agora na contramão da José de Alencar, um mar de faróis no olho dele, que já parecia noite completa, cada passo era, digamos, e ele calculou olhando para os dedos, 50 quilômetros para longe de Lídia, aquele ponto perdido na Ásia Menor, de

modo que, ao chegar, estaria a anos-luz de sua alma que — e aqui ele sentiu uma ponta de dúvida — deve estar sentindo exatamente a mesma coisa, o avesso feminino, de modo que amanhã, às 9h30, pontualmente, quando ele sair do elevador e esbarrar em Lídia, eles serão dois bons amigos que viveram um instante inesquecível de suas respectivas vidas mas que — nem será preciso conversar a respeito, ele previu, porque essas coisas se dizem no automatismo de um olhar — não deixará rastro na vida presente. Um encontro: as pessoas, às vezes, se encontram. É isso. Às vezes às claras. Às vezes às escuras. É um acaso. E só de pensar que tudo terminaria bem (bem para quem?, ele se perguntou no instinto do professor, mas balançou a cabeça apressando os passos, cada um valendo 50 quilômetros), ele se sentiu igualmente bem. O tempo suspenso, é isso: voltamos a ontem, ele decidiu. Imaginou Mara, ao beijar seu pescoço uma hora depois do lanche quando eles liam pedaços de jornais e revistas e faziam nada e comentavam fragmentos do dia como um cromo tranquilo, de cores suaves, sobre a vida doméstica da classe média urbana da virada do século XXI, imaginou-a catando delicadamente um fio de cabelo imaginário de sua camisa, olhando-o contra a luz, no alto, como um padre erguendo o cálice, e perguntando: quem é essa morena? — e eles riam. Um homem feliz, ele pensou, e suspirou, esperando para atravessar a rua. Estava perto. Feliz, mas nem tanto, ele filosofou: sou do tempo em que não haverá felicidade possível enquanto houver alguém passando fome no mundo. Como era mesmo a frase? E de quem? Uma estupidez lógica, porém tocante — uma determinação calvinista. Ou apenas estoica, com a sua perseguição (perseguição como procura, ele mesmo se corrigiu) à verdadeira felicidade humana, além do mundo das aparências? Ou uma determinação política: é preciso estimular as bases! Avante, sus! Um imperativo ético: não pode haver um homem isoladamente feliz como não podia haver uma nação isoladamente socialista. Trótski? Sartre? Como para comprovar a tese, descobriu na escuridão da rua um negro seminu puxando uma carroça de papéis, latas de alumínio, tubos plásticos, o lixo reciclável, uma carroça alta como a carroça de feno de Hieronymus Bosch (Jesus te Ama aos céus, sobre a miséria humana); e no alto do feno, a criança acomodada sobre um trono de papelão. Como um animal dócil e esforçado, o homem puxava aquilo contra a leva de carros que, já em boa parte civilizados, farejavam o obstáculo, tateavam o caminho, desviavam-se, às vezes com lentidão respeitosa, surpreendentemente

sem buzinar, daquela peça infernal arrastando o lixo — um respeito, talvez, ponderava Duarte, agora imóvel na calçada, ao trabalho que aquilo representava — ou ao primor de estatuária modelado em lama, como disse Euclides da Cunha, o único retórico brasileiro que deu certo, ele repetiu quase em voz alta, como numa sala de aula, o primor negro que arrastava aqueles — duzentos? trezentos? — quilos sem olhar para os lados, os músculos de Apolo reluzentes na escuridão sob os fachos de luz; ao chegar à esquina, o homem aproveitou um lapso de espaço em branco para, numa corrida infinitesimal, chegar à proteção do outro lado, sem derrubar a carroça que balançou com a criança ao alto, e seguiu, soturna e sólida, rua acima. Ele pensou, no alheamento de uma sala de aula, os lábios, sem voz, se movendo ao pensamento: sim, a felicidade é uma impossibilidade lógica, não temática. Portanto. Mas não há nada a concluir, professor Duarte, ele flagrou-se agora dizendo em voz alta, nítida, como a voz de Lídia em meio a uma aula, atraindo a atenção intrigada de uma adolescente com uma mochila nas costas que, como ele, esperava o sinal verde. Talvez amiga de suas filhas — o professor Duarte não bate mesmo bem. A solidão, ele pensou, como quem vai começar um discurso; a solidão é um ressentimento, mas é também a nossa pele, e ele pensou em Lídia — mas não (e começou a atravessar a rua ao lado da adolescente que aligeirou o passo sem olhar para trás) mas não há solidão nenhuma no mundo — estão de fato nos enganando com essa ilusão metafísica para vender novela. O que há (e ele chegou à outra calçada e pensou, para decidir) o que há é uma falta desesperada de solidão. Não nos dão tempo. Eu quero conquistar a solidão. Quero me despovoar, ele decidiu — também isso é uma vida nova. Um ressentimento? A forma discreta de um ressentimento, como diz o poema? Não: a solidão é uma escolha, uma boa escolha, simplesmente. Despovoar-se. Portanto. Não há conclusões: apenas vá em frente, professor Duarte, ele mesmo se disse, sussurrando, sentindo o mover dos lábios. Vá em frente: cada passo vale 50 quilômetros. Estou devendo 10 centavos porque eu só tinha 50 reais, ele lembrou, como quem brinca com a repetição — amanhã, faço o mesmo percurso, bebo mais um martelinho e pago o homem: ficamos acertados.

O FOTÓGRAFO ENCONTRA O DEPUTADO

A porta do ônibus, enviesando-se naquela momentânea profusão de carros que se engarrafavam entre buzinas, freadas e pedestres na rua estreita, abriu-se guinchante antes mesmo de parar completamente, e o fotógrafo pulou para o asfalto, a três passos da calçada, preocupado com o tempo — mas havia bastante tempo ainda, 5h15, o recado dizia até as seis, e dali da praça era perto. Foi pedindo licença, cortando as filas compridas da espera dos ônibus, um cheiro de pipoca fresca no ar — quem sabe uma pipoca?, pensou e esqueceu em seguida —, desviou-se de uma senhora com um filho no colo que lhe estendia os dedos magros, uma exata simulação de sofrimento no rosto (não era uma boa fotografia, ele pensou) e desceu rápido os degraus que enfim o entregaram para a praça Santos Andrade, um espaço aberto, e ele respirou fundo, segurando firme a bolsa com o equipamento. Parou e conferiu o recado, o papel esmagado no bolso: Marechal Deodoro, quase esquina com Barão do Rio Branco, e ele olhou em direção às colunas da universidade calculando rapidamente o melhor caminho — deu dois passos e suspirou, como quem ainda resiste, que merda de trabalho para um fim de tarde bonito assim para fazer nada, ou então só ficar em casa revelando Íris. O rolo do negativo contra a luz sugeria, quadro a quadro, belas fotos, mas ele estava impaciente com aquela canga do trabalho lhe puxando o pescoço para trás, sem falar do azedume residual de quem rasga dinheiro sem convicção, como quem não pensa no que faz e depois se arrepende, mas não muito, eu sou um animal acuado — sentiu vontade de beber. Girou os olhos atrás de um bar, quem sabe um gole, mas já avançando para o serviço a fazer — e viu. Talvez não. Mas era Lídia mesmo, longe, na frente do Cine Luz, com alguém. Deu dois passos adiante, como quem não se importa, a simulação da indiferença, a mais difícil de todas, ele calculou, pensando em si mesmo como se aquilo fosse um jogo, mas não conseguiu; parou e olhou de novo, desviando a cabeça para tirar da frente do olhar um tronco de araucária. Ela estava longe. Entre o fotógrafo e eles, adiante, passavam carros. Acabavam de sair do cinema. Ou não? Apenas se encontraram ali, no mesmo acaso dele? Não — o homem como que tocou o ombro dela, tangendo-a, em direção ao Teatro Guaíra. Sorriam, parece. Ela parecia feliz. Num momento, ela ergueu o braço e

jogou a cabeça para trás — nenhuma dúvida de que é ela — num sinal iniludível de felicidade. Sim. Encontraram-se ali. Colegas de trabalho. Talvez amigos de infância, ele sonhou: você não é a Lídia? Quanto tempo! Ele não quis olhar nem pensar: estava se comportando como um idiota. Instintivamente, a mão procurou a teleobjetiva na bolsa aberta de um golpe, e ele puxou Lídia e o desconhecido para bem perto, enquadrando-os: conversavam, de fato, e sorriam, ela mais, ele menos. O dedo tateou o botão para bater a foto, mas um sentimento de vergonha, uma sombra, impediu-o de fotografar — não era uma fotografia o que ele estava vendo. Outro impulso, devolveu a máquina para a bolsa, fechou o zíper e virou-se. Apressou o passo em direção às colunas; dali, pegaria o calçadão da Quinze. Não olhou mais para trás. É assim que se faz: não olhe para trás. Ele esfrelava o papel com o endereço no bolso, lembrando súbito da chave da infância. Por que não foi conversar com Lídia? Ora senhor fotógrafo — e ele esperou o sinal verde, que demorava — porque vocês estão mortos um para o outro, como uma boa fotonovela (o pôster na banca de jornais anuncia: exclusivo: lídia e duarte vão se separar!). Ele tentou fixar o olho nas letras menores para saber daquilo, transportado ao absurdo paralelo de alguma novela de televisão, mas acabou atravessando a rua no meio de trinta pessoas e esqueceu o cartaz, para lembrar: sim, ele tocou o ombro dela, e conduziu-a por três ou quatro passos — uma espécie discreta de intimidade. Há quantos anos, senhor fotógrafo (era um modo estranho de relaxar, ele sabia, mas às vezes funciona, sentado no banco dos réus, sob dedos apontados) o senhor não conduz suavemente a sua Lídia, com um toque gentil no ombro? O coração começou a disparar — isso é ridículo — e ele por alguns segundos (outro sinal aberto) realmente ponderou a ideia de comprar uma carteira de cigarros (voltar até a banca e tirar aquele cartaz a limpo), depois de quantos anos sem fumar? Chegou a olhar para a banca em frente ao Correio e se distraiu outros segundos com aquela profusão estúpida de capas e manchetes e fotos e mulheres, umas sobre as outras, como um depósito ressecando ao sol; uma loira rasgada olhava para ele com lábios entreabertos. Eu não sou assim, ele pensou. Nunca fui uma pessoa exatamente gentil. A Lídia sabe disso, ele argumentou. Atravessou enfim o caminho dos expressos (sinal vermelho) numa breve corrida. Olhou, idiota, para o bilhete de loteria que o homem estendia para ele gritando um número em voz estridente. Eu não tenho nada a ver com essa merda, ele determinou-se, avançando pelo calçadão. Esse mundo não é o meu

mundo. Lembrou-se do homem que o contratou: praticamente um homem da idade dele, e bastava abrir a gaveta para tirar de lá notas e notas de 100 dólares. Fotografe essa menina, foi o que ele disse. Você não tem nada a perder, ele acrescentou, tranquilizador: nenhum perigo. Sim, eu tenho a perder a própria menina, como perdi a chave da minha infância. E a perder Alice, que nunca foi exatamente minha. Eu tenho muita coisa que posso perder; talvez — e agora era uma espécie assustada de descoberta, ele tentou definir — eu já tenha perdido tudo. Só que eu não sei ainda — estou esperando que alguém venha me dizer a boa-nova. Lídia, talvez. Ou o homem que me contratou: ele não quer as minhas fotos; ele quer a minha alma, que é barata. Parou em frente da Galeria Lustoza: seria melhor descer por ela ou ir até a esquina? Resolveu descer por ela. Lídia tinha um livro na mão, parece — ele lembrou. E o homem era velho demais para ser seu colega. Talvez um professor. Sim, um professor: encontraram-se ao acaso. E o que ela foi fazer ali na praça? Deveria, se fosse o caso, estar trabalhando; ou então, deveria estar no prédio das ciências humanas, a três quadras dali. Não há nada a fazer na praça Santos Andrade exceto — exceto assistir um filme no Cine Luz. Ou — e ele parou diante de uma lojinha de relógios, procurando vagamente um termômetro de parede que procurava errático havia meses, tentando descobrir por que era tão difícil encontrá-los à venda (em lojas de aeroporto, alguém lhe disse) — ou comprar algum livro na livraria da esquina. Desviou o olhar dos relógios parados da vitrine para o próprio relógio: tinha tempo ainda para fotografar o filho da puta do deputado, e parece que chamando o deputado de filho da puta cada vez que pensava nele o mundo ficava um pouco melhor, mais lógico e mais nítido, e ele finalmente deixou escapar um sorriso, pensando em Íris. Imaginou que o jornal talvez o despedisse em breve, uma última perda, vítima desses enxugamentos estratégicos globalizantes, e ele teria de sair por aí distribuindo cartõezinhos para oferecer seus serviços fotográficos. Você é o único fotógrafo mal-humorado que eu conheço, disse-lhe o chefe uma vez. Nunca se esqueça: fotógrafos são pessoas amadas, amáveis e simpáticas; eles têm o poder de conectar as pessoas a elas mesmas; eles são mensageiros da identidade, e todo mundo quer uma identidade; eles são espelhos de circo, no bom sentido; eles têm o poder de melhorar o mundo na parcela que mais importa: o nosso rosto. Mais, muito mais que isso: só os fotógrafos podem revelar, de fato, quem nós somos. De dentro da nossa

pequena caixa mental, não nos vemos; eles é que nos veem, e nos estendem a nossa fotografia colorida: olha você aqui! E nela, quase sempre, nos encontramos, ele pensou, como quem reescreve aqui e ali, como quem retoca as palavras do chefe, saindo do escuro da galeria para a rua, subitamente atravessada por um sol de esgelha de fim de tarde, um brilho fugaz que desapareceu em seguida. Mas há os que detestam ser fotografados, como ele — e era só o fato de ele mesmo ser assim que assegurava a verdade da afirmação: algumas pessoas, verdadeiramente, e não por disfarce ou mera timidez, detestam ser fotografadas. Mas isso, ele pensou, procurando o número deste lado da rua, par ou ímpar, é problema para o analista que ele nunca teve, mas talvez tenha de enfrentar depois que ele e Lídia afinal se sentarem um diante do outro para declarar, definitivamente, que a vida em comum acabou. Talvez hoje à noite, ele sondou, descobrindo que teria de atravessar a rua porque o número era ímpar. Camelôs ofereciam óculos, cedês piratas, pilhas, brinquedos, relógios, ao lado de candidatos a camelôs (ele pensou) oferecendo volantes de propaganda de empréstimos bancários (DINHEIRO NA HORA!) e sortistas; ele espera o sinal verde da esquina agitada lendo o anúncio de Madame Susana — Quereis saber o futuro, tirar mau-olhado, retomar o amor que se foi, resolver impotência, falta de dinheiro, remover o espinho da inveja? Procureis Madame Susana — e o fotógrafo afinal sorriu, dobrando o papel e colocando-o no bolso, enquanto o sinal verde o levava para o outro lado da rua. Como seria tranquilo, o fotógrafo especulou, se ele acreditasse nos milagres transcendentais da religião: céu e inferno, revelação, graça divina, a presença de Deus como um motor primeiro a pavimentar solidamente todos os passos da vida, anjos do bem esvoaçando silenciosos e invisíveis em torno de seus gestos, tão presentes que ele sentiria a aura e o ar doce se movendo, o sopro suave na alma; a graça da fé — ele desmaiando com pressão baixa na Igreja da Ordem, quando criança, a presença insuportável da igreja dos padres, das avós, da aporrinhão da comunhão em sua vida, o constrangimento humilhante da confissão — e o fotógrafo seco e lúcido como uma pedra. Um homem exasperantemente incapaz da fé. Mas, ele pensou, de que serve algo que não se deseja? Distraído atrás do número do prédio, esbarrou em alguém parecido com Lídia, que olhou cortante para ele: o queixo não era tão bonito como o de Lídia e o olhar

não tem suavidade, como o dela sempre teve (por isso ela evita tanto os seus olhos nos últimos tempos, para não se entregar), mas a falta de suavidade talvez seja fruto do esbarrão, ele especulou. Desculpe, ele disse, e a mulher sorriu em resposta, desaparecendo em seguida: o mundo inteiro na rua neste fim de tarde, e ele sentiu um fio de desejo — quem sabe, fantasiou, correr atrás daquela outra Lídia, alcançá-la e beijá-la. O fio do desejo: essa espécie doce de melancolia. Talvez seja apenas o caso de uma breve separação, ele desejou. Estamos cansados um do outro. Mas também isso pode passar. As pessoas sentem falta umas das outras.

O prédio do deputado — e ele sorriu, pensando que esses filhos da puta poderiam render muito dinheiro neste ano de campanha eleitoral, se as agências, tocadas todas por outra espécie de filhos da puta, se lembrassem dele, o único fotógrafo mal-humorado do mundo, segundo seu chefe — o prédio estava na sua frente. No elevador, apertou o 9 e se protegeu no canto — mais pessoas entravam na caixa, apertando todos os botões. Saiu ao som estridente da campainha para um corredor vazio, sentindo ao mesmo tempo o desejo que sentiu praticamente em todos os momentos maduros de sua vida: voltar, desistir, preferir dar o passo atrás, acomodar-se no silêncio em que já estava (Você vai acabar um deprimido de internar, uma vez Lídia lhe disse, ainda em tom de brincadeira), largar de uma vez por todas esse emaranhado horroroso de pequenas coisas que iam se pendurando nos seus gestos a cada passo que dava, esquecer simplesmente. Chegou mesmo a olhar de volta para a porta do elevador, que não estava mais ali, como quem se despede do instante que já passou, um momento antes de afinal entrar no escritório sem nome do filho da puta. A moça (bonita, ele pensou, mas sem densidade; se lhe beijasse a boca, seria como uma despedida de alguém que nem sequer tivemos) ergueu-se imediatamente, sorrindo de mão estendida e, como se já soubesse de todas as coisas que acontecem no mundo e todas essas coisas fossem boas, apertou o botão do interfone sobre a mesa para dizer, com uma entonação de “finalmente”:

— O fotógrafo chegou, doutor Otávio!

Quase que ao mesmo tempo uma porta se abriu e o homem — também sorridente, a chegada do fotógrafo decretava uma festa no escritório — lhe

estendeu o braço para um caloroso aperto de mãos, e em seguida o abraço:

— Rodrigo, seu filho da puta! — tapinhas nas costas. —

E aposto que você nem se lembrava mais de mim! — O braço estendeu-se agora em direção à moça, os dedos tocando-lhe o ombro, a voz um pouco mais baixa, uma súplica suave: — Susana, você fica um pouco mais? Vou precisar da tua ajuda para as fotos.

— Não tem problema, doutor. — E, pelo sorriso, não tinha mesmo, avaliou o fotógrafo, atarantado, sem conseguir lembrar quem seria esse doutor Otávio à sua frente.

— Mas entre aqui, Rodrigo — e o deputado arrastou-o para dentro, uma sala caótica de pequenas mesas, cartazes, pilhas de papel, livros, e adiante o escritório propriamente dito, como um cenário montado: a grande mesa em semicírculo, uma bandeira do Paraná, outra do Brasil, fotos severas emolduradas ao fundo, papéis distribuídos aqui e ali com algum senso de organização, cortinas pesadas e escuras, e imediatamente, no instinto cotidiano, largando a sacola numa poltrona, o fotógrafo procurou a luz, de onde vem a luz?

Como quem responde, o deputado abriu um trecho da cortina e uma lâmina de sol cruzou o espaço, miríades de pontinhos de poeira dançando brilhantes num corredor estreito de ar que logo se apagou.

— Mas senta aí, menino. As fotos vêm depois. Não lembra mesmo de mim, já sei. Você não é mesmo um político, nunca foi — e o deputado sorriu. — Político não esquece, e, se esquece, inventa. Já vi candidato perder eleição só por não conseguir preencher o silêncio da ignorância com alguma coisa, qualquer coisa. A política odeia o silêncio; nosso combustível é o barulho, de qualquer tipo — e, como quem demonstra um teorema, disparou uma risada gostosa. Sentou-se ao lado do fotógrafo: — Vamos lá, Rodrigo, vamos nos lembrar. Faz bem pra memória. Eu envelheci, mas não muito. Você não envelheceu nada; você, com 12 anos, já era um velho. Colégio Estadual do Paraná. A Trinca da Caveira, se lembra?

Imediatamente se lembrou, sorrindo: então aquele Otávio é esse deputado aqui?

— É claro que sou eu, o velho Otávio Renon! Em que mundo você vive? Quando me elegi deputado estadual, lembrei de você, que ia ser detetive quando crescesse, lembra? Você e o Fernando iam abrir uma agência de detetives. —

Um tapinha nas costas do fotógrafo: — A vida é feita de infância. Lembra do “código caveira”, que o Fernando criou? As mensagens cifradas eram deixadas num tijolo à beira da jaula do leão, no tempo em que havia leão no Passeio Público. Era idiota, mas era divertido. Em que ano foi aquilo?

Um duplo esforço para se lembrar — mas que importa, ele pensou, sentindo-se momentaneamente bem, depois de muito tempo. O deputado preenchia o silêncio, seguindo a própria regra:

— Pois quando sugeriram o teu nome no jornal para as fotografias, eu lembrei, fiquei intrigado, levantei a ficha, e disse: mas é ele! Até queriam depois chamar outro fotógrafo, que você já estava cheio de serviço e ninguém te achava (Você é respeitado, hein, rapaz?! — e o deputado deu-lhe um tapinha no joelho), eu insisti: não não não, mandem o Rodrigo mesmo, que é um bom fotógrafo. Eu até menti, nem sabia que você ainda era fotógrafo, haha! Lembro que você tinha um laboratório em casa, a gente morria de inveja. Mas isso foi depois. Bem, tenho certeza de que você deve ser bom mesmo! Você lembra quando (Quer um cafezinho? Vou pedir pra Susana) você lembra quando matamos aula pra ver as putas matutinas da Riachuelo? Tinha o Hotel Martins, depois demoliram, que chamavam de Castelo da Rainha, ali quase em frente à Generoso Marques. Aqui pertinho — e o braço apontava a janela.

O fotógrafo começou a rir: é claro que lembrava disso. Três patetas contando dinheiro para comer uma mulher pela primeira vez na vida. Parecia lembrar até a idade:

— Eu acho que a gente tinha uns 12, 13 anos.

O deputado revia o filme da vida:

— Nós pulamos aquele muro dos fundos, eu quase torci o pé. O Fernando fez um mapa do tesouro. Elas começavam o trottoir lá pelas dez da manhã. A mulherada dava duro. Aí nós chegamos e começamos a diminuir o passo. Foi dando aquele cagaço de enfrentar as pistoleiras.

Os dois, em silêncio, se lembravam. E começaram a rir.

O deputado, agora em pé na tribuna, descrevia a cena: As mulheres coxudas, ossudas, feias, gordas, magérrimas, narigudas, ficavam encostadas aqui e ali sob as marquises, nos postes, em frente às portas fechadas, que sempre abriam para uma escada estreita e comprida. Uma bagulhada só. E nós ali, de uniforme do Estadual, fazendo uma avaliação. — E os dois voltaram a rir. — Alguém

perguntou, lembra?, alguém perguntou: quem vai primeiro? Como assim? Nem sabemos quanto custa! Acho que juntando todo o nosso dinheiro dá no máximo pra pagar uma mulher. Podemos tirar a sorte! Sim, no palito! Quem ganhar, leva! Você ganhou, lembra? Fui eu ou foi o Fernando? Não sei. Acho que foi você. Sim, ele lembrou. Chegou a dar dois passos em direção à mulher. Cabelos pretos, cara branca — uma bonita mulher, ele lembrou, para aqueles olhos da infância, naquela memória; uma mulher bonita.

— Vocês me sacanearam — o fotógrafo lembrou, meio rindo, meio sério, começando a se sentir mal outra vez. Faz quantos anos? Vinte e cinco?

Otávio protestou:

— Não não não! Ninguém fez nada. Você amarelou. Foi isso. Lembra? Porra, a gente usava fralda ainda!

Ele lembrou. A mulher, é claro, nem olhava para ele. Três crianças idiotas incomodando seu trabalho. Saia daqui, guri de merda, ela disse. Ele levou um susto que se acumulou com o susto que já levava na alma ao se aproximar.

Otávio se lembrava:

— Você voltou e disse que não estava a fim. Que quem quisesse que fosse lá. Você daria o dinheiro de volta, lembra? Peguem, você disse, estendendo o maço.

— Lembro — e ele lembrou também, nitidamente, que na sua entonação de criança havia, sob o toque do medo, a recusa moral; a fraqueza, defendendo-se, transformava-se em superioridade. — Você é deputado ou analista?

O deputado sorriu, desarmado: gostou de ouvir aquilo.

— Os dois, Rodrigo. Os dois. Bem — ele queria mesmo lembrar a cena inteira: — Nós acabamos dividindo de novo o dinheiro, cada qual com cada qual, e prosseguimos o caminho pela Riachuelo, como três experimentados senhores contemplando e desprezando aquela mercadoria de segunda. Todos encagaçados também. Lembra? De um momento em diante — e Otávio parecia descrever a cena para uma Assembleia silenciosa — ficamos em silêncio. Avançar por aquelas calçadas no meio daquelas putas avulsas, acho que foram as últimas, ou penúltimas, elas mudaram de lugar, as pistoleiras de Curitiba, aquilo foi nos deixando em silêncio. Depois, deu um sentimento de vergonha. Lembra? A gente tinha isso naquele tempo — e ele riu. — Vergonha mata. E depois, deu um sentimento de hostilidade entre nós três. Uma coisa esquisita. Lembra?

— Lembro.

— Mais ou menos assim: vocês dois sabiam que eu era um fracasso; eu e Fernando, que você era um fracasso; nós dois, que Fernando era um fracasso. Os olhares circulares. Os outros dois sabiam que cada um era um fracasso. Ainda fizemos umas brincadeiras grosseiras com você, afinal o único que teve a coragem de se aproximar de uma delas, e levou um corridão. Eram brincadeiras sem convicção. Chegamos à praça Generoso Marques completamente derrotados.

— E aí você disse que seria presidente da República.

Otávio surpreendeu-se:

— Eu disse isso?! Eu lembro que uma vez disse uma besteira assim pra vocês. Mas foi nesse dia?

— Foi — lembrou o fotógrafo. — Você falou de um jeito... um jeito forte — e o fotógrafo pensou: mais de ameaça que de promessa; ou uma promessa ameaçadora.

Mas não disse mais nada: Susana trazia o cafezinho, o que imediatamente criou uma cena de sorrisos. O fotógrafo desviou a memória daquele difuso mal-estar de três crianças numa praça e se concentrou em Otávio e sua secretária, e ponderou (os gestos, a sutileza dos olhares, alguma coisa misteriosamente próxima, uma espécie de respiração) que os dois, de algum modo, se amavam, e retornou por um segundo o sentimento de solidão como expressão ressentida da vida, algo como o poema perdido em outra lembrança: a solidão é a forma do ressentimento. Mudou mecanicamente de assunto, cafezinho à mão, ao mesmo tempo que a secretária saía e fechava a porta.

— E já que falamos de presidente: quem vai ganhar?

— Lula, com certeza. Nenhuma dúvida mais. Serra é o melhor candidato, mas o Lula vai ganhar como um rolo compressor: carisma, história e conveniência. O Brasil se conhece. — Sorriu, a mão no ombro do fotógrafo: — Bem, se você algum dia disser que eu disse isso, nego até a morte! E quer saber de uma coisa: Lula vai ganhar e não vai acontecer absolutamente nada, no bom e no mau sentido.

Talvez não, pensou o fotógrafo, insistindo na lembrança de Susana: talvez não haja mesmo nada entre eles. Eu estou demasiadamente à flor da pele.

— Como assim?

— No bom sentido: ninguém vai ser fuzilado, não haverá revolução alguma e

o país vai continuar do mesmo jeito que sempre foi. No mau sentido: o país vai continuar do mesmo jeito que sempre foi — e o deputado deu uma risada comprida; e só agora bebeu o cafezinho que tinha à mão. — O que você acha?

O fotógrafo concordou sem pensar com um gesto de cabeça. O deputado tocou levemente o seu ombro:

— O Congresso, Rodrigo. O Congresso é a nossa salvação. O Brasil não precisa de presidente; precisa de um bom Congresso. Aquela casa é a verdadeira salvação da lavoura. Portanto — e agora era o deputado em campanha — vote em gente séria! Vote em Otávio Renon! Neste ano estou saindo para federal.

Por que não? — pensou o fotógrafo. Diria hoje mesmo para Lídia — talvez fosse um bom argumento para começar uma conversa, e ela tem mais trato e saco com a política do que eu — encontrei um amigo de infância. Vou votar nele para deputado. Mas ela vai dizer, antes mesmo de ouvir o nome: aquele filho da puta de direita?

— É preciso purificar o Congresso, Rodrigo. Derrotar os corruptos, os traficantes, os messiânicos, os totalitários, os idiotas, os oligarcas. Será que sobra alguma coisa? — e ele mesmo deu uma risada. — Sobrando ou não, é preciso ir quebrando devagar o eixo do nosso atraso, e isso só pode acontecer pela via do Congresso. Lembra das nossas aulas de história? Acho que, aos 12 anos, naquele nosso magnífico Colégio Estadual, aderi ao Iluminismo. Está um pouco fora de moda, essa coisa etnocêntrica, o homem universal a partir do modelo da consciência europeia, mas eu acho que não inventaram ainda nada melhor, porque a própria consciência do valor cultural das diferenças é um produto da consciência iluminista europeia e só poderia surgir em seus pressupostos, e em nenhum outro lugar. Quer outro café? — E sem esperar resposta, baixando a voz: — Outra coisa importante — e ele sentou-se ao lado do fotógrafo, mão no seu joelho — talvez a mais importante de todas: é preciso que a democracia, essa ideia elementar segundo a qual as pessoas, de comum acordo, decidem o seu destino, e todas são iguais perante a lei, que é humana e construída todos os dias, seja não só um valor da elite, mas um valor popular, entranhado na cabeça do pipoqueiro da esquina, muito mais do que na minha, que, a rigor, não preciso dela.

O fotógrafo ouvia, atento, pensando, intrigado: Esse sujeito é mesmo bom: ele vai acabar mesmo presidente da República. Eu vou votar nele.

— As pessoas estão falando demais em dinheiro, fmi, balança de pagamentos. Claro, tudo isso é muito importante porque não se vive de vento, mas é preciso urgentemente um projeto para civilizar a população — a essa altura, verdadeiramente para civilizar o gado brasileiro. A História, Rodrigo, é uma escolha. É preciso ter o discernimento e em seguida a coragem de escolher e defender o valor escolhido; decidir que umas coisas são melhores do que outras. Responder pelas escolhas que fazemos.

O fotógrafo, discreto, abriu o zíper da sacola e tirou de lá a máquina. Erguendo-se, câmera em punho:

— Você se importa?

O deputado não respondeu. Continuou:

— Uma das coisas que me deixam em pânico é que o Brasil hoje é um país esotérico. Essa vulgarização — e o flash iluminou seu rosto — mas você não está me ouvindo, Rodrigo!

Com a máquina, o fotógrafo sentiu-se mais seguro. Sorriu:

— É o meu modo de entender as coisas. Continue falando que estou ouvindo tudo.

— Eu dizia: a vulgarização de Jesus Cristo, esse manto da religiosidade sem espinha cobrindo todas as atividades públicas brasileiras. Esse pessoal está enlouquecendo? A ideia da intimidade religiosa, que o mundo levou milênios para conquistar —

O fotógrafo parou para pensar, lembrando do que Lídia lhe disse uma vez:

— O lado de cá do mundo levou milênios. O lado de lá ainda não conquistou nada.

O deputado apontou o dedo, iluminando-se com outro flash:

— Sim! Você tem razão! Mas você acha que o problema deles é a religião muçulmana? Errado. O islamismo é tão ruim ou tão bom quanto o candomblé, o catolicismo, o calvinismo, a puta que pariu. Que me importa se você é muçulmano ou católico ou ateu ou nem aí?

— Isso. Ponha a mão sobre a mesa. Um pouco mais atrás. Um segundinho. Olhe para a cortina.

O deputado obedecia, falando:

— O que realmente importa é separar a escolha religiosa da esfera política. Isso sim é processo civilizatório, é a escolha que tem de ser feita, traumática ou

não. Não me venham com essa lenga-lenga relativista e multicultural de que todos têm suas razões e portanto todas as razões são iguais. Enquanto as populações — e eu incluo a nossa — acharem que uma boa ditadura resolve os problemas (se fizermos uma pesquisa bem-feita, vamos descobrir que a maioria do povo brasileiro pensa exatamente assim; é a mesma lógica idiota que acha que função de polícia é matar bandido) — enquanto a coisa continuar assim não há solução. Do mesmo modo como o Oriente vai continuar sendo o que é sob o comando daquelas ditaduras oligárquicas, sangrentas e religiosas que são o paroxismo do atraso, a bem-aventurança do martírio. Está bem assim? — e o deputado cruzou os braços, olhos diretos, severos, na lente da câmera.

O fotógrafo, girando o anel da objetiva, aproximou os olhos do deputado de seus olhos e avaliou-os demoradamente.

— Sim, está ótimo.

São olhos sinceros, ele pensou, afastando-os de novo para enquadrar o conjunto na fotografia grave, séria e cívica: um homem que tem um projeto político para melhorar o Brasil e o mundo (talvez mais para melhorar o mundo do que o Brasil), e bateu a fotografia sob um sopro fugaz de felicidade, alguém que encontra, em algum momento, uma ligação mais densa com outra pessoa: um pedaço de infância, um trecho da memória, uma noção partilhada de valor. Ao mesmo tempo (mas isso, parece, ele só sente quase sem formular, enquanto muda o ângulo da foto, agora no mesmo plano, o perfil romano do futuro senador, quem sabe) a pequena angústia antecipada da traição, em que o deputado e Lídia e ele mesmo, quem sabe a secretária, o pai, a chave da infância, uma rede esquisita de contatos, nunca teriam a certeza um do outro; alguma coisa, e ele lembrou brutalmente Lídia, vai falhar, seremos traídos, mas talvez, e isso ele mesmo se disse várias vezes, tudo seja apenas química. Vá a um analista, você sofre por nada, assim como ele antecipadamente sofria a perspectiva de reencontrar a sua Íris concentrada em preto e branco no pequeno contato em papel que, no escuro, ele ampliava com a lupa com o prazer de quem, parece, descobre alguma chave.

— Veja — dizia o deputado Otávio Renon —, parece que todos sabem o que fazer para o país se salvar, essa incrível, absurda, interminável grandeza brasileira, esse imenso coração percorrendo tudo que fazemos, para o bem e para o mal. E no entanto falta desesperadamente alguma coisa, e toda a opção

civilizatória que o país faz desde os tempos de d. Pedro II, aquela paralisia encantatória escravocrata bem-intencionada que preparou detalhadamente o Brasil de hoje, esse fosso demagógico mas real entre os vinte por cento que são o verdadeiro Brasil e os oitenta por cento que carregam o piano mas não sabemos o que fazer com eles, a multidão de analfabetos, porque além de tudo carregam mal o piano porque ninguém ensinou porra nenhuma, e é isso, parece: a coisa atola, escorrega, empata e empaca, anda pra trás, um pouco pra frente, pra trás de novo, imobiliza-se, e rigorosamente nada acontece, a não ser piorar um pouco aqui e ali e melhorar um pouco ali e aqui. Vamos levando, vamos levando o piano, quer dizer, eles vão levando o piano que parece que não toca mais nada. Mas não se preocupe, irmão! — e outro flash iluminou a ironia do deputado —, porque o Senhor é meu pastor e nada me faltará!

O fotógrafo riu alto, agora: o deputado tem carisma, ele pensou. Até para contrabalançar com humor o que, na severidade política, o sonho da estátua, nunca é o escárnio ou a gargalhada, era o que ele queria dizer, aproximando-se do fotógrafo e tocando-lhe, agora com severidade, o ombro:

— Você acha graça? Pois o país está virando um templo. Bom para rezar, mas não para viver. Lembre-se: o Congresso é a nossa salvação. Nós precisamos de um bom Congresso — bons deputados valem mais do que um presidente da República.

— Vou trocar o filme — ele disse, procurando agora um filme de grão maior na sacola, no mesmo instante em que Susana entrou:

— Vocês já começaram a sessão de fotos?

O deputado levou dramaticamente as mãos à cabeça:

— Susana, minha querida! Já quase terminamos, e nem te chamei. Que tal estou? — e ele fez-se manequim no provador.

Ela se aproximou:

— Está bem, doutor Otávio. A gravata vermelha ficou bem. Mas o paletó, eu acho —

— Talvez algumas fotografias sem paletó. De mangas arregaçadas. Na mesa? — e ele não sabia se perguntava à secretária ou ao fotógrafo que, compenetrado, trocava o filme da máquina sem pensar em nada.

— ...eu acho que o casaco escuro fica melhor.

— Sim! É isso! — e ele imediatamente tirou o paletó e, abrindo uma porta

oculta na parede, tirou de lá um casaco. — Que tal?

Ela ajeitou o caimento aqui e ali: o deputado se transformava em alguém visivelmente mais importante. Susana olhou em torno e recolheu o paletó da poltrona:

— Sinceramente, doutor Otávio, esse seu terno, eu acho —

— Sim, sim, sim, você tem razão. Tenho de refazer o guarda-roupa. Bem, a campanha ainda não começou. — E para o fotógrafo: — A Susana é também minha consultora de assuntos gerais — e havia um tom de justificativa nas palavras dele (e Susana parece tão absolutamente tranquila em cada gesto, o fotógrafo pensou, que lembra uma pessoa feliz). — Que tal? — perguntou o deputado, agora direto para o fotógrafo, como quem encerra o intervalo e volta ao trabalho.

— Está bem. Vamos tirar mais um filme — disse ele, imaginando que fotos afinal seriam aquelas, encomendadas pelo jornal e não pelo deputado e no entanto parecia o contrário, e, como se lesse seus pensamentos, o deputado baixou a voz para o tom coloquial amigo:

— Rodrigo, depois me consiga cópia dessas fotos. Eu acerto com você por fora. Vou precisar de muito material de campanha. Aliás —

— Para a página na internet também — lembrou Susana.

— Sim, sim, e —

O ideal seria arrastá-lo para as ruas, pensou o fotógrafo, imaginando-o na praça Santos Andrade, os braços erguidos diante do Teatro Guaíra, ou, melhor ainda, em frente às colunas da universidade; não, talvez não, e sentiu um cansaço súbito de fim de tarde, vontade de acabar logo o trabalho e sair dali.

LÍDIA BEBE UM CAFÉ

O que de fato aconteceu? Ou está ainda acontecendo? — ela se perguntou assim que o sol agrediu seus olhos, já na calçada, e era como se o professor Duarte, agora de novo um professor — e alguém que visivelmente, ela percebia, não coincide com o espaço que ocupa no espaço, sobra um trecho de braço, sobra uma inclinação de cabeça, sobram os olhos para a praça, onde ele parece não ver nada, como se Duarte não quisesse estar onde estava, ainda que a mesma mão gentil se estendesse a ela para indicar o caminho em frente à livraria, dali à esquina, o olhar sempre atento aos carros como se um único passo dela pudesse levá-la ao abismo. Eles estavam estranhamente em silêncio, mas não infelizes, pelo menos eu, ela pensou; eu estou bem; estou mesmo em estado de graça, porque agora não há volta, e talvez tudo que eu quisesse deste homem assustado e carinhoso seja mesmo isso que ele me deu, um beijo na boca para me levar a uma nova vida, e agora o problema é meu, meu e de meu marido, e sabemos que não temos mais futuro algum. Não era um silêncio constrangido; era encantado, como alguma coisa nova que se abre e os dois precisam de silêncio para compreendê-la. Lídia está leve, ela sabe; o olhar não se fixa em nada, mas isso é bom — e ainda há cabeça para pensar que ela não quer devolver os livros que ainda tem consigo, ou como uma cabala, ou — e alguém estende a ambos, como se adivinhasse, um folheto de Madame Susana, para males de amor, impotência, olho gordo, falta de dinheiro, comprove hoje mesmo o poder miraculoso de Madame Susana — ou, ela pensava, recolhendo mecanicamente o folheto e colocando-o no *Raízes do Brasil*, marcando página, ou, pragmaticamente, como um modo oficial de vê-lo de novo para devolver os livros que ela não quer devolver nunca justo para poder vê-lo sempre, e ela começa

a rir enquanto Duarte lê atentamente o folheto, mas é provável que ele não consiga ler nada — ele está pensando em mim e o que fazer comigo agora que se transpôs esta linha não tão imaginária. E por que não falavam? Ele — agora esmagando o folheto com uma força talvez excessiva até reduzi-lo a uma bolinha e procurando em torno uma cesta de lixo para arremessá-la, e eles deram mais alguns passos leves, realmente leves, ela imaginava, até chegar à próxima

esquina, e depois à outra — até que enfim ele disse: Você gostou do filme, como uma afirmação, não como uma pergunta, e ela disse, Sim, gostei. Eu acho — que nós devíamos nos ver urgentemente de novo, mas ela não disse, apenas olhou nos olhos apreensivos, talvez felizes, ela desejou, do Duarte que sorria. Se agora ele tomasse a iniciativa de beijá-la, apenas como quem tranquiliza e diz “espere”, mas ele não faria isso, ela sabia — eles não eram dois pombinhos, mas dois adultos, ou adúlteros, ou talvez não ainda mas a caminho de. Sim, adúlteros, uma palavra pedregosa e desatualizada, essa coisa antiga das antiquíssimas novelas de rádio que ela nunca ouviu mas sua avó comentava, de umas Minas Gerais inexistentes. Eu sou antiga, ela disse em voz alta, e sorriu, pensando que ela era adúltera havia muitos anos, talvez desde que nasceu sua filha — alguma coisa, um navio pesado se soltou da margem para sempre e nunca mais ela soube exatamente onde estava. Antiga? — e ele de fato se iluminou, como alguém a quem se propõe uma charada, iluminando Lídia. Sim, uma coisa que eu estava pensando. Ele sorria, intrigado — ele é um homem permanentemente intrigado, ela avaliou — e, imóveis, se olharam, um prato da balança em cada lado sopesando o ar que respiravam. Algum futuro? — parece que era a pergunta que se faziam como quem não se interessa pela resposta porque a sensação presente é suficientemente acolhedora. Um olhar de desejo, é assim que ele me olha, ela pensou, tentando descobrir mais coisas atrás daquele silêncio suave que estava diante dela (e ela lembrou, também, como um resíduo, nas conveniências: que estavam perigosamente próximos da universidade, que ele era um homem conhecido, ela também, pelas pessoas certas e pelas incertas, mas ela segurava dois livros sólidos como garantia, um escudo contra o peito, e nem se tocavam — tocaram-se afinal muito pouco, como quem abre uma clareira nesta meia-vida difusa, eu e ele, talvez mais eu do que ele, e ele não sabe onde está neste momento ou o que eu estou propondo; talvez ele pense — e a ideia assombrou-a — que eu o estou usando para a minha liberdade, porque tudo começa de alguma parte, mesmo para esquecer em seguida, e por que não começar pelo professor Duarte, um homem que me fascina?) mas o silêncio do seu professor não revelava mais nada além do grau de docilidade e do próprio silêncio.

— Precisamos, quer dizer, talvez, conversar — ela disse.

— Sim. — E acrescentou, ela tentando adivinhar cada mínima intenção no rosto que sorria: — Muito. — E ele olhou para trás, a mão vagamente estendida,

como quem se desculpa: — Preciso ir, agora. Mas.

— Eu sei — ela disse, e também sorria, mas era como se uma breve escuridão fosse descendo sobre a alma: o tempo. Ela preferiria ficar com ele, o professor, até o esgotamento, e desejaria, na camada irracional da alma, que ele desistisse de ser uma pessoa tão exata e não sentisse medo, como de fato sentia naquela segurança esquisita dos 40 anos (ela imaginava), de destruir a própria vida, o passado, a rede de conveniências, aquele laboratório escuro entranhado no próprio quarto, que ele se destruísse só para amá-la, exatamente agora — um homem que, finalmente, se entrega. E isso foi uma espécie de outra libertação, quase o poder de uma pura ideia que pelo simples fato de existir vai erguendo realidade por onde passa.

Ela estava sozinha agora — ainda vendo o passo de Duarte subir o escuro da General Carneiro como quem avança em direção da sombra para melhor desaparecer de seus olhos — talvez ela esperasse algum assombro, alguma mudança de rumo, e quase aconteceu quando ele se voltou desajeitado mas simpático para um último braço erguido e última despedida, um discreto rodopiar do corpo magro, deixando no ar a sugestão poderosa de algo que ele queria dizer e não disse mas que restava ali, vivo entre eles. Talvez a paixão, ela sonhou. Afinal — e agora ela esperava o sinal dos carros fechar para atravessar a rua — também a paixão começa de algum lugar escuro. Mas a mulher que atravessava a rua já começava a reorganizar as próprias defesas, o império das coisas práticas, milhares de pequenas tarefas e gestos da sobrevivência, depois do sopro de felicidade.

— Tenho de buscar Alice — ela disse em voz alta o suficiente para atrair o olhar curioso do catador de papéis que descansava ao lado de seu carro lotado de lixo sob a marquise do prédio azul. — Mas é cedo — concluiu, conferindo os trinta minutos que teria para pensar, e decidiu-se por um café na cantina, calculando mecanicamente a moeda para dar ao guardador de carros que dela se aproximava, mas ela fez um gesto de quem não ia sair agora, acompanhada de um sorriso perdido. Eu não estou bem, ela concluiu lembrando subitamente do marido, que às vezes dizia exatamente a mesma frase — agora era quase o susto de vê-lo diante de si com sua bolsa de fotógrafo e seu silêncio inescrutável. Entrou na cantina quase vazia, pediu um café com bolo (reservando a moeda do guardador) e se refugiou numa mesa ao fundo atrás de uma coluna. Estava com

muita fome, descobriu comendo o bolo, tranquila por não pensar em nada durante alguns segundos. Mas a cabeça insistia: o marido. O seu homem e a sua paixão. Ela foi conquistada por uma fotografia. Posso tirar uma fotografia sua? — na varanda da Amélia, uma festa de poetas, jornalistas, estudantes, professores-cabeça e desocupados da noite. Sim, ela disse, feliz, porque ele era um homem relaxado, nos dois sentidos (hoje ele é relaxado apenas em um) e bonito. Talvez não exatamente bonito, mas atraente. Atraente, ela insistiu na lembrança, como alguém, discreto, que se esconde atrás do próprio rosto para melhor perceber o mundo. Mas ela disse sim — não minta para você mesma, esta é a regra de ouro — ela disse sim porque queria mesmo ser fotografada, não porque ele era atraente. Isso ela foi descobrindo depois. Aquele modo como os fotógrafos olham para as pessoas quando vão fotografá-las: é uma coisa estranha e misteriosamente excitante, porque eles não nos veem — eles veem um recorte, um jogo de claro e escuro, uma composição. Eles olham atentamente para você, olham nos olhos, profundamente, como ninguém mais se atreve a olhar, exceto sob paixão; e no entanto trata-se apenas de uma investigação, é só isso o que eles fazem; eles querem saber qual o seu lugar naquele recorte do mundo que eles têm diante deles. E o quadro na parede ao fundo e o abajur próximo têm tanta importância quanto os seus olhos, ela lembrou, como lembraria milhares de outras vezes; é um olhar utilitário, ainda que o fim de tudo seja a beleza, não a nossa, mas a deles, a exata medida do talento. Mas ele me viu, ele me via, ela lembrou. Um homem anormalmente tímido, escondendo-se nos gestos de um fotógrafo. Num momento ele tocou o meu queixo, ela lembrou, com a ponta do dedo, para avaliar o equilíbrio do quadro. Moveu-a quase nada para o lado, sempre olhando profundamente para os olhos dela, sem vê-la. Eu me apaixonei, ela pensou, e foi um recomeço de liberdade depois de dois fracassos. O amor não é a minha substância, ela imaginou, como quem projeta um poema, e senti um desejo absurdo de chorar, na verdade já subindo incômodo pela garganta, que ela afogou com um último gole de café. Alice: por que eu penso tão pouco na minha filha? É como se fosse uma alegria a minha distância dela.

Uma criança solitária, ela calculou, imediatamente justificando: porque eu sou solitária e ele também é; além disso, somos silenciosos em casa. A criança absorve a atmosfera pelos poros. E passa a exigir mais atenção do que seria razoável. Mas não era isso: estava usando a filha como um álbi — ela está bem,

está muito melhor do que eu. O que eu não quero pensar é no que está acontecendo exatamente agora; é como se eu passasse, no mesmo dia, até mesmo na mesma hora, da euforia absoluta — ela imaginou — à última depressão.

Já na calçada, estendeu a moeda ao guardador do carro (que talvez esperasse mais, ela avaliou), fingiu não ver uma conhecida do curso que se aproximava, entrou rápido no carro torcendo para que ele pegasse logo, porque o choro, estúpido, a obrigava a esmagar a garganta e a alma para não romper — e no entanto, por alguns minutos, e misteriosamente ao mesmo tempo, era como se sua vida vivesse uma estranha plenitude. Ela deu a ré e quase bateu num outro carro, que freou e buzinou. Engatou a primeira concentrando-se no sinal vermelho adiante sem sequer ouvir o xingamento exasperado de alguém, como se essa merda de carro fosse importante, ela pensou, e pensou também em respirar fundo, o que conseguiu, para se acalmar.

— Isso é uma espécie de purgatório — ela disse, agora sim, em voz alta, quando o sinal abriu e ela virou à direita, descendo a rua Quinze. Controlou a sensação lancinante de erro que ela sentia, alguma coisa para sempre irremediável, porque Duarte sempre foi apenas gentil, e ela sonhou outra coisa; e o que parecia uma porta aberta era na verdade um breve gelo, um nada, que a fantasia dela transformara em outra coisa inexistente mas poderosa, alguma outra coisa que exigia dela uma mudança de rumo. Talvez comer meu marido hoje, e ela freou súbito, ou mataria a mulher que nem sequer olhou para o lado ao voltar rápida à calçada de onde descera imprudente — mas já estamos muito distantes. Não — nada. Não fazer nada: fechar os olhos e dormir até que essa neblina envergonhada (um sentimento absurdo de vergonha começou a subir pela sua alma, desde os pés, como um corpo que se afoga lento e indefeso) essa neblina se dissipe, se desfaça com o mesmo silêncio que a criou. Sentiu desejo de abraçar sua filha — um gesto carinhoso qualquer que pusesse de novo as coisas no lugar. Antes de o sinal abrir, o cartaz do Teatro da Reitoria, que ela olhava sem ver, revelou enfim o anúncio: O Direito à Felicidade. Texto de Neil Thomson; direção — e alguém buzinou: sinal aberto.

MARA CAMINHA PELA CIDADE

A última paciente faltou — e Mara sabia exatamente por quê, antevendo o mal-estar da cobrança da hora perdida, conforme detalhado acerto prévio, exatamente como das duas ou três vezes anteriores, o que fazia parte do tratamento, a parte dolorosa, como ela teve de ouvir e sorrir — e Mara estava particularmente alegre. Disposta, é a palavra certa. Uma espécie de retorno à infância, como a alegria fugaz mas intensa de uma professora que falta e o dia se ilumina de novidades. Um sábado antecipado, talvez — o descanso. Vitrines para ver ao longo da Marechal Deodoro, num dia de sol curitibano, como ela pôde antever abrindo um espaço da persiana que lançou uma espada de luz na penumbra profissional da sala.

— Hoje eu não volto mais — disse à secretária, que sorriu. — Fique mais um pouco e pode ir. Talvez alguém telefone.

Talvez alguém telefone: descendo pelo elevador vazio, lembrou que sempre dizia essa frase quando saía antes do horário previsto, e, autoanalisando-se (e sorrindo da própria análise ao cumprimentar, na coincidência do mesmo instante, alguém que encontrava na saída do elevador), percebeu que era um pequeno e ingênuo truque para que a secretária não saísse em seguida. Como se a frase desse uma pista de alguém que estivesse para ligar e que contaria a Mara que encontrou apenas a secretária eletrônica. Um mecanismo brasileiro de controle, ela pensou; um modo ridículo de dar uma ordem sem a ordem parecer o que ela era de fato, uma ordem: fique aqui até o fim do expediente. Você é paga para isso. Lembrou do ser cordial que nos define, e ouvia a voz de Duarte: as classes médias talvez sejam ainda cordiais, desde que pela televisão — e Mara via agora uma parede de televisões ligadas no mesmo programa de auditório das quatro da tarde nas portas escancaradas da loja ao lado do prédio — e num segundo se lembrou de que tinha três televisões em casa, três televisões, dois videocassetes e um (a essa altura, apenas um, e ela sorriu de si mesma, contemplando estúpida uma cabeça gigante na tela plana de cem polegadas) apenas um aparelho de devedê. E a parafernália eletrônica já inclui dois computadores, a caminho do terceiro. Moveu-se dali como quem descola o olhar de uma fixação sonambúlica.

Mas as filhas estavam bem, ela defendeu-se previamente, avançando para a loja de cristais e presentes. Uma linda peça para uma mesa de centro, e ela se lembrou do abajur, de forma semelhante, e da prateleira de canto: essa peça ficará bonita, e como quem adivinha, a vendedora silenciosamente sorriu a seu lado, a postos, até perguntar:

— Posso ajudá-la?

Mara parecia acordar — como alguém que está preocupada com alguma coisa que não consegue exatamente localizar. Era uma moça inteira de azul, o uniforme da loja com o logotipo no peito, e sorria, bochechas cheinhas de camponesa. Mara sorriu também:

— Estou só admirando esta peça. E —

— A senhora quer ver de perto? É cristal da Boêmia, e está em promoção. Fazemos no cartão em três vezes sem juros.

— Não não, obrigada! Outro dia, quem sabe.

Por que não comprei? — perguntou-se, já na calçada; para não carregar nada nas mãos, respondeu-se. O rosto de alguém que passava lembrou o namorado da filha mais velha: um bom menino, mas. Mas. O Duarte tem um modo mais relaxado de lidar com isso, ela pensou, imóvel na esquina — talvez pegue um táxi. Por alguma razão o entusiasmo da tarde se esvaía, numa química perversa. Eu ando estressada. Melhor andar. Uma hora de caminhada. Passar na livraria e relaxar. Voltar à ginástica. Ela parecia relutar em aceitar a hipótese de uma plástica. As mulheres são finitas, pensou, como quem escreve um poema absurdo. A ideia não é tão absurda, defendeu-se: se somos o que nos veem, as mulheres deixam de ser mulheres muito mais cedo do que os homens deixam de ser homens. Ela pensou em entrar no caixa automático, de repente ao seu lado, e tirar dinheiro, e no vidro espesso da agência flagrou seu próprio reflexo, perdido e fosco na calçada que parecia se mover: as mulheres são finitas.

Venceu a tentação de pegar um táxi atravessando a rua. Não é exatamente verdade, mas é uma bela imagem. Talvez o pequeno fio a atormentá-la fosse mesmo o namorado da filha mais velha. Não. Tudo estava bem. Ela já tem idade para saber o que quer. Estão distantes uma da outra, é verdade. Mas um dia isso acontece. Elas, as filhas, estão decididamente bem, Mara pensou. O que ela precisa fazer — e o menino praticamente enterrou o folheto na sua mão, que ela pegou sem ler nem jogar fora — era conversar um pouco mais com o Duarte.

Era como se a coisa estivesse saindo um pouco de controle. Talvez. Na outra esquina, olhou afinal para o papel com o anúncio de uma sortista. Sorriu: talvez eu esteja mesmo precisando. Jogou o papel na lixeira e resolveu subir para a rua Quinze, parando diante de uma vitrine de óculos. Já estava necessitada de um multifocal, ela lembrou, mas seu olhar se deteve num modelo masculino de óculos escuros. Duarte jamais usou óculos escuros, mas devia, ela pensou. Não, não era isso — aquela brevíssima ansiedade a tirou dali e Mara pensou em procurar a Tânia, dos investimentos. Era perto dali. Não seria exatamente por nada: conversar com alguém que não fosse uma paciente e nem mesmo uma amiga — alguém que cuidava, bem, de seu dinheiro. Tomar um cafezinho e ouvir, fazendo-se vagamente idiota, que os fundos DI estavam razoáveis e que ações eram um risco particularmente perigoso neste momento; cá entre nós, ela diria, compre dólares. Vá comprando. E reserve uma boa fração para os fundos parcialmente corrigidos pelo dólar, é claro. A história dos ovos em cestos diferentes, ela ouviria mais uma vez, atenta, simulando não entender nada mas conservando sua profunda gratidão pelos cuidados de Tânia. Todo brasileiro é um economista! — Tânia diria também, e acenderia um cigarro, culpada, defensiva, algo moleque e sorridente, tomando o cuidado extra de soprar a fumaça para o outro lado. Tânia era uma morena elétrica que se fazia mais feia do que de fato era — uma boa terapia (várias vezes Mara divagava a respeito) lhe faria bem. Se ela se recostasse na penumbra e fechasse os olhos fundos de olheiras, onde luziam inquietas as pupilas negras, uma rede familiar inteira com certeza saltaria para fora, numa doce libertação; a terapia é uma atividade visual, Mara dizia às vezes; somos um filme mas não nos assistimos. Sim, Mara balançou a cabeça rindo e repetindo, Todos os brasileiros são economistas — exceto Duarte, ela pensou, que de seis em seis meses perguntava: como estamos de dinheiro? Estamos bem, ela diria. De dinheiro, estamos bem — isso, ela não diria, Mara divagou. Sentiu um desejo estonteante de um doce no balcão da Confeitaria das Famílias, a breve vertigem de uma fome sem dor, só prazer antecipado, de salivar — e chegou a sorrir desta pequena felicidade e a sorrir do próprio sorriso. É uma delícia não fazer nada, ela diria, se falasse em voz alta. A filha mais moça, ela lembrou, vendo alguém, precisava ir ao médico: alguma coisa era aquela dor, para antecipar simplesmente que não seria nada. Um tiquinho mais pálida do que seria saudável, e só. Na livraria do calçadão, em que ela entrou

meio às cegas, por hábito, ou então só como quem não quer mesmo encontrar a Tânia e falar de dinheiro, um título ao acaso — *Lolita* — como que revelou brutalmente, de uma vez só, o fio de sua angústia, um efeito retardado que enfim dispara, e parece que só agora ela pensa exatamente no que ocorreu uma semana antes na sessão de Thaís. Um ato falho: o nome é Íris, estúpida: Thaís é a sua filha do meio, a única que usa óculos e vive quieta. Sim, Íris — talvez a mulher (é uma mulher, não uma criança; ela nos confunde) mais bonita que Mara jamais atendeu. Com o livro de Nabokov na mão, ainda confundida pela força da lembrança, tentou entender por que Lolita lembrava Íris, tão completamente diferentes. Largou o romance e percorreu com os olhos o vasto balcão de revistas da moda: cada uma daquelas modelos de capa tinha algum traço de Íris; ou seria o contrário? Imaginou-se contando a Duarte (ela planejou contar de Íris, mas esqueceu; não exatamente contar sua história, o que jamais fez com nenhum paciente, mas descrever aquela espécie de beleza) como era a paciente: é mais velha que a Cláudia, portanto não é nenhuma Lolita; tem a estampa de uma modelo, mas tudo se concentra no rosto, porque ela não parece tão alta, nem mesmo tão magra, embora seja magra e alta — e Duarte ouviria lendo uma revista, um livro, um jornal, ou nada, só bebericando a cachaça da noite sem olhar para ela, pensando talvez na *História da literatura brasileira* que Mara tirou nesse momento da estante conferindo o preço com a ideia absurda de presentear Duarte, hoje mesmo; mas devolveu o livro ao lugar, como quem ouvisse o eco — Mas por que você comprou este livro? Você não é do ramo, ele diria rindo para mim. Melhor uma caixa de quindins, quando então ele ficaria verdadeiramente feliz porque eu não avançaria no terreno dele. Duarte precisa marcar o seu território, em todas as pequenas coisas. Um romance seria uma boa ideia, de algum autor nórdico desconhecido; se ele não gostar, ele vem aqui e troca. Mas a modelo de figuração egípcia na capa da *Vogue* — egípcia, bizantina, art déco? — aquele cabelo negro curto armado em volta da face e o rosto de uma perfeição sobre-humana (A maquiagem do século XXI, dizia a capa) arremessou-a de volta a Íris. Claro, uma beleza comum, assim de repente. Mas quando ela fala e se move, ela nos leva para um outro território, o dela. As pessoas — e Mara olhou para a funcionária que olhava sorrindo para ela, em silêncio, porque a plaquinha pregada no peito já perguntava: Posso ser útil? — as pessoas negociam perpetuamente seus territórios. Alguns se encolhem, discretos,

para não esbarrar em ninguém.

De novo a figura indefinível e acachapante da capa da revista olhou para ela, e Mara se afastou dali, atravessou o calçadão e entrou direto na confeitaria, onde pediu um quindim, depois outro, que mastigava quase selvagemmente. Súbito, viu a mulher muda e inquisitiva ao seu lado, inteira pobre, com um bebê sujo no colo e a mão estendida, enquanto ela passava a língua nos lábios, ainda sem pensar em nada. Pagou os doces, deu o troco à mulher sem olhar para ela e voltou à rua. Sentiu um discreto vento frio, de fim de tarde — e Íris voltou à memória. Era meramente uma questão profissional que ameaçava perigosamente se tornar pessoal. Porque essa menina está se destruindo e eu não sei o que fazer, ela pensou, como quem resume a questão. A beleza se faz, frequentemente, de uma conjunção de brutalidades, como uma espécie de resposta; mas é só um fio, um breve sopro; a beleza não nos pertence, ela pensou, angustiando-se com a ideia de que se tornava cada vez mais — ou sempre teria sido? — uma mulher de substância conservadora. Isso faz sentido: eu nasci em 1963, ano que vem completo 40 anos. O que Íris precisa entender, mas não estou sabendo dizer, é que não se trata de conservadorismo; não é uma questão ideológica; não é sequer uma questão pessoal, uma escolha, um exercício de liberdade; não é também um direito: a prostituição é um limite muito claro. As pessoas sabem exatamente quando são compradas e quando são vendidas. E há — agora na esquina, Mara contemplava com olhos distraídos, mas com a alma tensa, uma vitrine de joias: quem sabe este colar para a Cláudia, pelo aniversário? Com o vestido azul — e há, o pensamento voltava renitente, o limite, o desenho do corpo, esse território mínimo. Aqui nós nos desenhamos, ela pensou, com o breve sentimento de transcendência de quem começa a escrever um poema. Desviou os olhos da vitrine para o ônibus que subia turbulento em direção à Generoso Marques. A lenta corrosão deste eixo discreto que nos deixa em pé, o corpo, ela disse, mas não era mais poesia: estou confusa. Íris precisa entender.

A sensação de carência na alma crescia: um desejo de não voltar para casa enquanto não deslindasse o nó de Íris, e Mara, atravessando a rua, uma nesga súbita de sol na cabeça, viveu uma vertigem curta de relações que se esfacelam, como se as filhas não fossem mais suas filhas e Duarte, súbito, se transformasse num estranho muito próximo, e a proximidade aumenta a estranheza, uma lupa num trecho da pele. Diante de uma vitrine de sapatos — lindo aquele ali, azul —

ela tentava reatar o prazer de um fim de tarde livre, confiscado brutalmente pela memória de Íris. Aquela beleza tensa de cabelos negros: lá em casa, ela lembrou, as três cabeças das filhas, mais a própria cabeça, somos todas aguadas, loiras lavadas. Uma família de uma beleza tranquila. Como disse

o meu pai, naqueles resmungos desmemoriados do seu último ano de vida, movendo-se pelo espaço como alguém que atravessa um labirinto de lâminas cortantes, o sangue preto do Duarte não conseguiu nada diante da nossa força. Faltou dizer: da força germânica, como um general das SS. Mas também, ele acrescentava: de que servem? Só mulheres. A morte do meu pai, ela lembrou, foi um alívio, mas um alívio triste. A sensação de que só eu o compreendia, mais a vergonha de vê-lo falar em altos brados o horror de seus preconceitos contra tudo. Ele era, ela tentava sintetizar, um homem especial que só Mara compreendia — gostaria de escondê-lo até o fim dos tempos, como a um animal de estimação. Enfim ele morreu. Um homem temido. Ninguém chorou — nem eu. Ainda bem que os estudos comprovam — ele gostava de repetir com um certo ar de neutralidade científica — que é

o sangue do homem que define o sexo da criança. Dependendo da plateia, acrescentava: isso é coisa do Duarte, o sujeito pardo que destruiu a família povoando-a de netas, e não de netos. Por incrível que pareça, o homem que também teve três filhas dizia isso — e Mara, sempre que lembrava, sentia o desejo da gargalhada. O triunfo final das mulheres sobre o mundo. Sim, e casaram com regime de separação de bens, com que Duarte imediatamente concordou sem nem ouvir

as complexas explicações jurídicas de uma família que de certa forma era uma empresa, um empreendimento genético-comercial, de mais de um século de bons serviços à cidade. Agora não era mais nada, umas ações, uns fundos, uns aluguéis avulsos, tudo foi virando pó enquanto ninguém da família, as três filhas e mais as quatro sobrinhas das duas irmãs, ninguém, como uma maldição, tinha o menor interesse pela vida comercial, pelo avô e por tudo que ele representava. Quando começou a derrocada? Decerto em algum ponto da infância — experimento o sapato azul?, ela pensou, quando a funcionária da loja se aproximou sorrindo, mas abrupta virou as costas e voltou à rua — mas, é claro, sem o peso demoníaco do que aconteceu com Íris, e, agora sim, a leveza daquele fim de tarde parecia se acabar de vez.

O que há de mais em receber dinheiro por uma trepada?

O tom da voz tentava ser tranquilo, mas tudo em Íris se atravessava de alguma coisa secretamente cortante. O desafio adolescente, ainda — e alguma outra coisa. Você não recebe dinheiro para me ouvir? Então ouça. Sim, Mara ouvia: depois, começou aquele pequeno terror de antecipar a sessão antes mesmo de Íris aparecer. Uma batalha silenciosa. Talvez eu mesma esteja precisando conversar, Mara pensou, indecisa: ir direto para casa. Somos o confessorário leigo, ela lembrou, recusando-se a esquecer de Íris. Decidiu avançar até a Santos Andrade, cortada ainda por uma fatia avulsa de sol, em reflexos erráticos em carros e janelas — e a passagem de um ônibus deixou um breve vento de ar frio, como uma conspiração do tempo que se deixa entrever. Sim, há alguma coisa de mais — ou de menos; há uma falha terrível em receber dinheiro por uma trepada. Uma coisa de menos. Não, ela disse: é uma coisa a mais — o mesmo dinheiro com que eu pago você. Bem, havia naquilo uma bravata adolescente — apenas um homem, segundo ela, e, mesmo assim, numa relação ambígua para ajuda de custo, um namoro, afinal de contas, por mais estranho que pareça. Um proprietário, disse Íris, com a risada: o rosto iluminado de beleza, dentes à mostra. Na marquise do Correio Velho passou por um estreito pátio dos milagres, cuja existência discreta só agora ela percebia, como quem se esforça para pensar em outra coisa: velhos de muleta, velhas com crianças no colo, vendedores de loteria, doces, esmolantes e molambentos, um breve espaço sujo entre os jornais das bancas, as paradas dos ônibus, as figuras sobreviventes, a sombra espessa de uma árvore arruinada, e ela avançou para fora dali ainda com o proprietário na cabeça até chegar enfim ao pai, não o dela agora, mas o de Íris. Começou a relembrar a frieza quase psicótica com que Íris escolheu uma sessão inteira para descrever a própria iniciação sexual, aos 9 anos, no quarto do pai. Aquele vazio no estômago, de novo. Minha garotinha, ele dizia, segundo Íris. Não era exatamente com frieza que ela descrevia (e se descrevia) a sua passagem ao mundo adulto; uma espécie de curiosidade revisitada, e ainda um toque de bravata, porque aquilo, afinal de contas, o fato, repetido várias vezes, segregava Íris definitivamente, até o fim dos tempos, de alguma estabilidade da alma. Por que o meu pai? Eu não sei, Íris. Eu sei que você precisa sobreviver e sobreviver inteira. Não é — e Íris completou: não é me prostituindo que eu vou me salvar. É isso que você quer dizer? Nada mais original do que isso? E por que

aceito o dinheiro que ele deposita no banco todos os meses? Ele deveria indenizá-la até o fim dos tempos. Na cadeia? Seria o ideal, porque, se a literatura médica está certa, ele não parou e não vai parar. Mas ele fez isso porque era eu a vítima! — e Íris ergueu-se, furiosa. Uma vingança. Ele me usava contra minha mãe. Talvez, mas também, se for o caso, o que não acredito: ela soube por acaso. Sim, disse Íris, a mesma bravata: ela soube porque eu, eu, eu contei. Quando você já era adulta. Sim. Mas. Pensando bem, eu era adulta aos 7 anos. Como todas as crianças hoje, ela pensou — o simulacro da vida adulta.

Avançou para a praça, para aquele resto rápido de sol: por que Íris me perturba tanto? Arriscou-se a sentar num banco da praça, com um pouco de sol no rosto. A sensação de uma tarde estragada — eu é que estou precisando de tratamento. O princípio da análise, o seu dogma, é o não envolvimento. Talvez seja o princípio da vida, ou da sobrevivência. Pensou subitamente nas filhas, com uma antecipação vaga de que elas correm perigo, onde quer que estejam neste exato momento; pensou em Duarte. Um bom pai, às vezes inepto para tudo o que é prático, um homem que vive longe, talvez como eu mesma vivo. Não ter nada em comum, parece, é uma boa solução. A poucos metros, alguns artesãos — meio hippies, meio ciganos, meio sujos, ela pensou, defendendo-se do racismo provável: são apenas morenos; são apenas sobreviventes — ofereciam badulaques de metal, dois homens, uma mulher, como que arrancados dos anos 70 para a boca do século XXI. Lembrou de 1979, uma transa incompleta no clube Duque de Caxias, numa festa espalhada — ela tinha lido Lawrence e imediatamente quis pôr em prática sua vocação de Lady Chatterley. A vítima era um jovem cabeludo que fazia teatro alternativo, vivia numa comunidade e lia Reich:

A Função do Orgasmo. Alguma coisa deu errado e os dois ficaram na grama olhando o céu; fumaram maconha e ela começou a rir descontroladamente. Depois, tentaram de novo, e quando ela enfim segurou inteiro o sexo dele, o primeiro de sua vida, que percorreu com a palma da mão e a ponta dos dedos com uma curiosidade quase assexuada, de olhos fechados, súbito sentiu o jato de esperma, o gozo nos dedos, enquanto ele gania, num espasmo infeliz. Ela não compreendeu exatamente o que havia acontecido, aquelas desculpas envergonhadas — começou a rir de novo e depois sentiu muita fome. Parecia paixão: poderia estar casada, hoje, com aquele rapaz ali vendendo bijuterias de

contas e latas, e, agora sim, sorriu de novo, como quem enfim se livra de Íris. Lembrou a mão dele aventurando-se sob a sua calcinha e a brutalidade da unha cortante: talvez ele também nunca tivesse visto alguém de tão perto. Dois adolescentes curiosos e assustados.

Alguém parou pedindo esmola com uma ladainha cansada mas ansiosa, dinheiro para pegar um ônibus de volta para a cidade dele, a casinha em que viviam pegou fogo, e ela apertou a pequena bolsa sem olhar para o homem, levantando-se dali enquanto ele continuava mentindo; desviou o olhar de uma mulher que também se aproximava de mão estendida e vislumbrou alguém, no meio da praça, que parecia fotografar alguma coisa distante, mas abaixou a câmera, como quem desiste. Mara voltou-se, decidida a andar um pouco mais, e lembrou-se do sapato azul que talvez enfim comprasse.

O FOTÓGRAFO FAZ UM LANCHE

Deixou os filmes do deputado na sede do jornal, enfrentando uma ponta de mau humor do seu chefe, que entretanto ainda o respeitava — Você é respeitado, dissera-lhe Otávio, surpreendendo-o. Talvez como se respeita alguém que, embora em fim de carreira (o fotógrafo imaginava, numa sucessão cuidadosa de detalhes), merece ser deixado em paz por mais alguns meses — quem sabe ele volte a se aprumar, a reorganizar a vida, a obedecer a horários, e afinal ele faz bem o serviço, ainda que movido a pauladas e sustos, como agora, trazendo as fotos quase no fechamento. Decidiu voltar para casa de táxi, como quem arrisca mais uma pequena extravagância neste dia comprido. Já tem a lista das tarefas do dia seguinte, entre elas fotografar pela manhã a manifestação dos sem-terra que saíam da praça Santos Andrade em direção ao Palácio do Governo, uma tarefa tranquila só na aparência, porque exigiria acompanhar aquilo até o fim; sempre pode haver um confronto inesperado — uma foice na cabeça — e você perde aquela fotografia única, de ganhar prêmio, ou, a essa altura melhor ainda, ganhar mais dinheiro. Fora isso, era o tédio, esse sentimento de lugar nenhum, ele pensou. Decidiu-se pelo táxi para chegar o quanto antes em casa e fechar-se no laboratório, para então se debruçar em cada fotograma de Íris. Por que aquilo? Já havia perdido os seus outros 200 dólares e teria agora de recomeçar, fotografá-la de novo e resistir à tentação de revelá-la. Mas o laboratório levou-o ao pai, e não a Íris, e assim entrou na praça Tiradentes pensando no almoço de sábado, a figura do pai surgindo feliz da vida e em seguida a madrastra dos classificados, aquela figura inacreditável de filmadora em punho, sorrindo como uma idiota. Por que convidou? Talvez para vingar Lídia de alguma coisa, e lembrou-se dela de novo na esquina da praça, não exatamente com um sentimento azedo ou angustiado, mas como alguém que já está no outro lado da relação, o lado zen ou o lado da indiferença, talvez — mas não era indiferença. Não minta para você mesmo, ele se repetiu. Há uma criança entre nós, uma vez ela lhe disse, como quem brinca — eles riram. Mas há de fato uma criança que está precisando urgentemente de atenção, como Lídia disse a ele, ele lembrou. Sou um homem naturalmente desligado, ele pensou, não indiferente. Eu nunca quis ter um filho; é como se estivesse ainda esperando preencher os requisitos

mínimos da paternidade, o certificado ISO 5000 de pai padrão, ele dizia a ela, rindo; mal domino a fotografia e você quer que eu tenha um filho? Ela achava graça da relação entre a fotografia e a filha, que afinal veio por acaso. Alice chamou-se, por todas as homenagens somadas em torno de Lewis Carroll, principalmente a sugestão fotográfica do filme que se revela, imortalizada por Disney na estética infantil universal do século XX, alguém lhe disse mais tarde, como uma acusação. Tempos felizes e incompletos. Fotografar a mulher era o lado visível de sua paixão; pelas fotos ele sabia como ela estava — mais que isso, era como se desvendasse o futuro. Uma vez ele criou a ciência da photomancia. Veja, ele disse: tem a quiromancia, a cartomancia, mas não descobriram ainda a photomancia, com ph. Vou registrá-la; ficarei milionário. Por alguns segundos, talvez minutos, Lídia levou a sério aquilo: Você sabe que isso tem futuro? Ninguém mais está interessado em razão ou ciência; e as religiões já se danaram todas — sobrou a magia, que é a irracionalidade em estado puro, para uso individual, não passível de controle, infantilizada, o que lhe dá o necessário toque poético, portanto positivo, e — e Lídia falava como quem repete uma aula de pós-graduação que acabou de ouvir. Melhor ler as mãos, as cartas ou as fotos do que assistir à missa, que pressupõe uma organização quase racional das coisas do mundo; uma missa é uma atividade quadrada, com começo, meio, fim, hierarquia, passado e futuro. A magia é súbita, inexplicável e anárquica. As bruxas são seres essencialmente solitários: como nós. Esse caldeirão na cabeça. Ela que disse isso ou ele que estava pensando agora? Lídia é arrogante, ele concluiu subitamente, como quem descobre a chave, não pelo que ela lhe dizia (também sou um cético quase absoluto, à exceção do hábito de não passar por baixo de escada, e ele sorriu, feliz por estar no táxi de um motorista mudo), mas pelo modo; é como se nos três ou quatro últimos anos de nossas vidas eu já não fosse suficientemente bom para as ambições dela; ela sabe pensar; eu sou confuso. Ela pensa; eu vejo. Ela é nítida; eu sou fora de foco. Ela parece tranquila; eu tenho um fio de ressentimento que tange todos os meus gestos. Ela é bonita; eu sou um homem — mas não completou: uma batida de carros adiante obrigou o motorista a parar num breve congestionamento, entre resmungos, e ele lembrou a informação absurda, brutal, do deputado, quando se despediram: O Fernando? Você não sabia? Morreu de acidente de carro, faz três ou quatro anos. Na descida a Paranaguá. Acertou a traseira de um caminhão. Morreram todos:

ele, a mulher, dois filhos. Um serviço completo de Deus, o deputado encerrou, com um sorriso e um tapa nas costas, a brutalidade desajeitada de quem tenta ultrapassar um instante difícil da vida simulando humor. Somos só nos dois agora, completou Otávio, abraçando-o, como se de fato a confraria da infância tivesse algum sentido trinta anos depois.

Não, sou só eu agora, ele pensou, movendo os lábios, como quem sussurra uma ladainha. O táxi afinal escapou da aglomeração e foi adiante, para alívio do fotógrafo, calculando a despesa do tempo parado. Um serviço completo de Deus, ele lembrou, ouvindo ainda a tentativa de humor que ressoava na voz de Otávio para dizer o absurdo; ele nem sabia mais de Fernando; não lembrava sequer o nome. Era um colega gentil, pacificador, talvez medroso; dos três, era o menos convicto a enfrentar uma prostituta. Uma imagem evanescente de trinta anos que, súbita, ganha um nome, uma mulher, dois filhos, um carro, uma casa de praia, um futuro, a felicidade e a morte: o pacote completo. Talvez tudo seja mesmo pura ideia, ele especulou, num sinal fechado; a morte dos outros só é de fato relevante se ela nos modifica; se, com alguma intensidade, ela é a nossa morte, parte integrante dela, talvez a sua sombra — o resto é polidez. Fernando descansará em paz, ele pensou, numa tentativa frustrada de cinismo — era como se alguma corrosão — ou seria comoção? — estivesse mesmo o transformando para todo o sempre. Quem sabe? — ele se pergunta em voz baixinha (o motorista meteu os olhos no espelho retrovisor). Sou só eu agora, ele repetiu mentalmente, juntando os cacos: a chave da infância, o amor de Lídia, o nascimento de Alice, a frustração do fotógrafo, o almoço de sábado, o contrato dos 200 dólares, os fotogramas de Íris, o encontro com a prostituta, o sorriso do deputado, o folheto de Madame Susana, a morte de Fernando (alguém que ele não conheceu), Lídia na praça, sorrindo para outra pessoa. Sentiu desejo de beber, como sentia cada vez mais todos os dias, e ele mesmo se avaliou como alguém que vai se afundando na mais previsível banalidade: não há nada espetacular sobre mim; nem mesmo o meu nome (o deputado só acertou o segundo nome, pelo qual o fotógrafo nunca foi chamado). Já o nome de Alice, por si só, era um manifesto existencial, a ilustração de um desejo humanista, de senso crítico, de imaginação, de transformação, até mesmo de plenitude sexual (como ele depois descobriria, pelas mãos de Lídia, num artigo freudiano sobre as imagens de Alice no País das Maravilhas) — a perversão ou a pedofilia, não, decididamente não. Um filho é só

a projeção da felicidade, a nossa e a dele, ou não será nosso filho. Um filho não pode ser um acaso; e mesmo que seja, ele se transforma imediatamente numa escolha, absoluta e intransferível. Com quem ficará Alice? — ele balbuciou sentindo-se perdido e vendo os olhos do taxista, de novo, intrigados no espelho retrovisor. Estava pensando em Lídia como alguém já fora de sua vida; já me aconteceu isso antes, ele pensou, e bastava vê-la para eu esquecer a ideia. Uma placa de bar o levou a imaginar sua nova profissão: photomancia. O que ele, um dia, gostou em Lídia? A nitidez da foto. Sim, nenhuma pessoa era tão parecida com a própria fotografia quanto ela, ele lembrou. Você vê a foto e apreende alguém, que vem a ser exatamente a pessoa real que você vê em seguida; até o jeito de respirar, ele murmurou com outro sorriso, sob outro olhar do taxista, taciturno. Fotografou-a muitas vezes e a cada quadro chegava mais perto dela. O que, talvez, alguém o acusou, seja o modo que você descobriu para não tocar em ninguém. A fotografia faz isso por você. Algum idiota num bar, ele disse um pouco mais alto, irritado com a lembrança, e o taxista por pouco não bate no carro da frente com a atenção desviada pela imagem do retrovisor. Você é um grande fotógrafo, Lídia lhe disse várias vezes. Talvez, mas um fotógrafo inútil; tudo que Lídia faz avança sua vida; tudo o que eu faço me estaciona. O mensageiro da identidade está com certeza esperando o momento de me demitir. Preciso abrir uma empresa, fazer algo produtivo do meu talento.

— Mas sou movido a paixão — agora ele disse mesmo em voz alta, envergonhando-se da voz alta e do que ele dizia, aquela bravata adolescente.

— O senhor falou comigo?

Ele não respondeu, refugiando-se na memória da fotografia de Íris: uma beleza estúpida. Sim, ela poderia estar fazendo sombra às modelos que — e o táxi parou diante da casa dele, o que o angustiou: era preciso completar o pensamento, aquele fiapo de pergunta que ele continuava se fazendo enquanto pagava o motorista — por que diabos aquele ogro pagava 200 dólares para cada filme da menina? Eu poderia ter mais dinheiro nesta carteira, ele pensou, se não tivesse sido burro a ponto de destruir meu primeiro lucro, revelando as fotos. Absolutamente ninguém pode ver essas fotos, o ogro disse. Chegou a avançar a cabeça barbada, enorme, para a frente: ninguém. E depois: a cada filme, renovamos o contrato. Que vai longe.

Tudo bem, o fotógrafo respondeu sem falar, e desceu do táxi, já noite. Alice o

esperava com o nariz colado na janela, e ele demorou a encontrar a chave do portão: cada vez que debulhava o chaveiro atrás da chave certa, lembrava-se da infância, do tio, do laboratório, da escuridão e, se houvesse tempo, da vergonha. Mas hoje ele não chegou ao fim, mais uma vez — trancou o portão, sentindo nas pernas o abraço da filha. Ajeitou a bolsa e pegou-a no colo, surpreendentemente leve, uma pluma que sorri, ele pensou, fazendo poesia, e apertou-a contra o peito. Leve, frágil, um ser que se move e respira e fala, um pequeno animalzinho agitado agora surpreendentemente quieta, a cabeça enterrada no seu pescoço.

— A sua mãe chegou?

— Não, pai. Fugi da escola e vim sozinha — e deu uma gargalhada estridente, jogando a cabeça para trás, enquanto mãos, pés e pernas se prendiam nele.

Na sala, tentou soltar a filha, que grudava como um carrapicho semovente e coleante entre pequenas risadas: minha filha está ficando chata, ele pensou, com alguma tranquilidade quase científica, atrás de um motivo razoável. Sempre o óbvio: a escola, filha única, as companhias, a desatenção dos pais, o temperamento.

— Filha, eu —

— Largue o teu pai, gurria!

O grito desproporcional de Lídia como que desalojou as coisas de uma certa ordem prévia — a menina largou o fotógrafo imediatamente e se afastou de costas, entre o desafio, o riso e o medo, ainda tateando a melhor estratégia de sobrevivência; talvez chorasse, o fotógrafo chegou a prever, também ele assustado com o grito de Lídia que, no mesmo instante, resmungou alguma coisa avançando para a cozinha, sem cumprimentá-lo. Talvez dizer logo a ele, ela pensou, abrindo a geladeira mecanicamente. Tinha acabado de receber um telefonema da novíssima sogra, agradecendo a gentileza do convite para o almoço de sábado; é preciso levar alguma coisa? — a vaca ainda perguntou. Não, não precisa trazer porra nenhuma, nem aquela filmadora de merda — e bateu a porta da geladeira; ela estava por explodir, e sabia que não era exatamente por uma boa causa; e não sabia ainda o quanto eram o próprio corpo e química que provocavam esse curto-circuito, logo agora, quando seria preciso uma dose absoluta de sensatez para separar-se do fotógrafo e começar uma nova vida, aos 32 anos, com uma filha de 5. Encostou a testa na geladeira, olhando

para os pés e respirando fundo; é preciso, antes de mais nada, separar uma coisa de outra — mesmo porque eu não tenho absolutamente nada na mão, nenhum futuro e nenhuma certeza. Tenho um desejo: é com isso que preciso lidar, na minha exclusiva medida. Chegou a erguer o polegar — ponto número um — como quem começa uma contagem progressiva até a liberdade final.

— Você está bem?

Talvez eu esteja com o cheiro do Duarte, ela pensou, absurdamente — ao contrário do meu marido, ele é um homem sem cheiro.

— Com um pouco de dor de cabeça — acovardou-se, a voz baixa (mas é estratégia, defendeu-se, respirando fundo: vamos às coisas práticas).

Na sala, Alice ligou a televisão em volume muito alto — o noticiário das sete. A marcha dos sem-terra programada para amanhã deve —

— Alice! Diminua esse som! — e o som diminuiu imediatamente.

Viu o marido olhando para ela, quase tranquilo, o olhar de quem avalia quem é afinal o ser que está a dois passos dele ao lado de uma geladeira fechada. Esse não é o momento de dizer nada. Apenas ouvir. E ouviu a voz dele, que chegava até ela em algum tom entre o desafio e o pedido de socorro:

— Convidei meu pai para almoçar aqui no sábado. Tudo bem?

— Eu já sei. — E Lídia abriu de novo a porta da geladeira. — Ela já me ligou agradecendo.

Tirou um prato de frios e colocou-o na mesinha, ainda sem se decidir pelo que fazer: preparar o lanche da filha, o próprio lanche, perguntar se ele queria comer alguma coisa, dizer que tudo bem, mas ela passaria o sábado fora, ele que se fodesse com aquela velha de merda filmando Alice e os pratos da mesa e o velho idiota reacionário lendo jornal, e depois mostrando o resultado na telinha colorida no nariz dos outros: olhe que coisa mais linda. Ou então pedir o divórcio porque estava tendo um início de caso com o seu professor e ela não queria a duplicidade. O nome dele é Duarte. Ele é casado, tem três filhas, e vai largar tudo para viver uma paixão fulminante por mim. Ele impediu que ela fechasse a porta da geladeira e tirou de lá uma garrafa de cerveja. Lídia pensou em dizer “já?”, mas mordeu o lábio. O último beijo — quando foi? — era uma caverna alcoólica na alma e para não lembrar (ou não pensar no que aquela lembrança solta afinal significava) chamou a filha.

— Alice, venha lanchar.

Com voz tão baixa que ninguém ouviria dois metros além. Sentiu um nó na garganta e mordeu o lábio de novo, com força: não vá chorar agora, imbecil. Um desejo sem direção de dar um soco, com toda a força. Deu as costas, avançando até a pia, para que ele não percebesse, mas nem precisava — ele já estava na mesa da sala, enchendo o copo e olhando para a televisão ligada, agora com o som tão baixo que ele não podia ouvir nada, apenas ver a sucessão de imagens cortadas de figuras sorridentes do vertiginoso intervalo comercial. Pensou em fotografia publicitária e lembrou que esta era uma área pela qual ele nunca se interessou: a publicidade nunca me interessou, ele quase chegou a verbalizar, como quem se explica a uma audiência imaginária interessada na vida dele. E no entanto ele aceitou a tarefa de fotografar Íris (espionar Íris, na verdade) e isso o deixou de novo ansioso, dessa vez exclusivamente pela imagem dela; sentiu falta dos fotogramas e desejou se trancar agora mesmo no laboratório para ampliar as fotografias, um desejo absurdo, inútil, mas compulsivo: esse ar está pesado, ele percebia, sem saber exatamente pelo quê. Não devia ter convidado o pai para o almoço de sábado, mas foi o modo que ele encontrou de tranquilizá-lo e tranquilizar-se, enquanto se esquecia no laboratório. Íris é um nome óbvio demais; talvez nem seja esse o nome dela. Por que Lídia está tão quieta? Há quanto tempo estamos assim? É o almoço de sábado, é claro, as gotas que transbordam toda semana: dessa vez é o almoço de sábado; às vezes é a toalha molhada na cama, ou esquecer a tevê ligada. Ela passou ao lado dele com o prato e o copo de leite da filha.

— Venha comer, Alice.

A menina acomodou-se à mesa, surpreendentemente tranquila: a mãe nervosa como que eletrificava a casa inteira, reduzindo-a a um silêncio expectante e temeroso. Eu não preciso de muita coisa para viver, ele calculou; sou um ser mínimo, leve, transparente. Praticamente não ocupo espaço, mesmo com o peso um pouco acima da média, e ele sorriu, pensando em dizer isso em voz alta, alguém que faz uma piada e pede paz. Deu mais um gole de cerveja.

— Do que você está rindo, pai?

Lídia olhou para ele como quem leva um susto.

— De nada. — Virou-se para a mulher, que olhava para ele da porta da cozinha: — Como foi o dia hoje?

Ela entrou na cozinha e disse qualquer coisa que ele não entendeu.

— Como?

— Cinema. Fui ao cinema.

— Ah. — Isso o deixou um pouco mais inquieto: como queria demonstrar. — Bom, o filme?

Ela respondia de longe, simulando desinteresse.

— Assim assim. Quer fazer um lanche? — e ela segurava um pratinho com pão à espera de uma resposta, no meio do cruzamento de muitos desejos: de sair dali e se trancar no quarto, de servi-lo à mesa e conversar com ele, de dizer imediatamente que gostaria de se divorciar, de confessar enfim que a vida deles em comum era uma merda completa já havia alguns anos e que tudo que eles tinham de fazer era organizar o desmanche familiar de modo a não destruir a vida de Alice. Talvez, ela pensou, ele queira a mesma coisa que eu, mas não diz com medo de me magoar, e essa breve fantasia a alimentou por alguns segundos até que ele se ergueu e aproximou-se dela com o copo de cerveja na mão.

— Eu faço um sanduíche. Descanse um pouco — e tocou-a na cintura como quem pretende abraçá-la mas aguarda algum sinal sutil de concordância, a pele que aceita o toque e se aproxima, os lábios que se movem, um breve olhar desarmado — mas ela se afastou abrupta com um meio sorriso no rosto, cujo sentido ele custava a decifrar.

— Filha, coma todo o pão. Você precisa se alimentar — ela disse, mudando ostensivamente o canal de comunicação entre eles.

Ele ficou olhando para ela, de novo perdido: talvez fosse o caso de cancelar o almoço de sábado. Chegou a abrir a boca para falar, mas ela entrou corredor adentro batendo inexplicavelmente a porta da sala. Restou a sombra de Lídia povoando a sala por alguns segundos. O olhar de Alice ainda à mesa encontrou o olhar do fotógrafo na porta da cozinha, e os olhares secretamente acordaram que “ela” estava braba, por algum mistério que se dissolveria por conta própria como em tantas outras vezes — e a sombra também se dissipou. Ela tem razão, ele pensou, imaginando o pai entrando na sala com aquela figura horrorosa atrás dele, ainda no rosto a alegria de uma propaganda bem-sucedida: Eu cuido dele, Lídia, eu cuido bem do Osvaldo, porque ele precisa de alguém que dê alegria pra ele, eu nunca vi um homem tão triste, meu Deus, o que será que acontece na vida dele?! A Alice está precisando de umas roupinhas novas, não? Vou dar de presente, trazer um pacote pra ela. Vem cá, menininha, vem ver a máquina de

filmar que a vovó comprou! Olhe aqui a — e ele lembrou a ladainha interminável, a boca que se movia torta, incansável, os olhos mesquinhos, a presença gorda esvoaçando inábil e inútil em volta do pai, ocupando todos os espaços da casa simultaneamente; o fotógrafo sentiu-se sufocar, como quem descobre o óbvio: bastava ligar e desmarcar o almoço, mas alguma coisa, como sempre, o impedia — a presença tranquila e pachorrenta do pai que, afinal, só tinha a ele como uma espécie de proteção. Mas ele não precisou da tua proteção quando recortou o classificado do jornal e apareceu com essa figura em casa, dizia Lídia, várias vezes, sempre que ele invocava a obrigação filial. Mas. Não tem mas, ele pensou, uma sensação de vida suspensa. Abriu outra cerveja: o que está acontecendo? A filha puxou sua calça:

— Posso aumentar agora o volume da televisão?

Ele fez que sim, percebendo que se criava mais uma vez entre pai e filha um secreto complô de rejeição a Lídia; ou, quem sabe, a hipótese boa, de compreensão. A menina —

ele pensou — está experimentando ficar do meu lado nessa batalha de névoas. O simulacro de inocência se escancara:

até o sorriso é falso, ele concluiu, e desviou os olhos para a tevê. Máquinas de planejar, é o que somos. Mas. Lídia não vai comer nada? Sentou-se à mesa: concentrar-se no noticiário.

A filha sentou-se ao lado dele, vendo-o mastigar o pão. Começou a juntar os farelos da mesa e a contá-los em voz alta, cada vez mais alta, arremessando-os, como pequenas granadas, no seu prato vazio, um dois três. O pai mastigava o pão com inesperada paz: Eu estou com fome, ele sussurrou.

ÍRIS VAI AO CAFÉ TEATRO

A sensação de casa arrumada foi uma boa sensação — resolveu tomar uma ducha rápida e assistir à Dama das Camélias, pela enésima vez, mais para saber se, outra vez, ela choraria no final. Não a Dama, mas ela mesma, de novo. Era um mistério: você vê as imagens, então alguma coisa se revolve aqui no meio do peito — e o menino Danton olhava para os olhos dela na mesa do Café Teatro, já à noite, com a admiração que as musas merecem, ela gosta de se imaginar uma deusa acima da vida e da morte e acima da própria ideia de amor, as musas não amam, elas apenas são amadas — e então, parece que vai subindo um caroço pela garganta (você já viu aquele filme, ela intercalava, você já viu mil vezes, você sabe que a moça vai cuspir sangue e vai morrer, você já sabe que ela é uma alma pura corrompida pela sociedade, de acordo com o imaginário romântico do período, lembra a aula da Dulce? pois é, você já viu, já sabe, não tem novidade nem nada), um caroço aqui na garganta. Então, preste atenção: é uma sequência pornográfica. Quer dizer, o mecanismo é pornográfico, você percebe? — ela diz. O que é pornografia, Danton? Vou explicar. Você vê aquilo, e como se não fosse suficiente, ela abaixou a voz até o sussurro, um sussurro rouco irresistível, deve estar pensando Danton, você vê um... você vê aquilo em primeiro plano, e ela fazia assim com as mãos afastadas mostrando algo do tamanho de, quem sabe uma pera, olhando para as próprias mãos para avaliar a precisão da mimese, e ela riu, não estou aqui para contar mentira, algo assim, no meio daquelas pernas abertas, e mais todas aquelas coisas — e ela interrompeu para dar um gole de gim-tônica — as línguas e babas e ângulos que aparecem em filmes pornográficos, ex-rated, XXX, já viu daquelas lojinhas? Tem uma ali na Francisco Torres. Morro de vontade de entrar, confessou, tocando o braço de Danton. Bem, você vê aquilo (a voz baixinha sorridente), e Íris mordeu o lábio represando o riso e as palavras, que quase escapavam, e começa a ficar — a ficar excitado. Quer dizer, falando objetivamente: a coisa que você tem no meio das pernas começa a inchar: não é assim que funciona? Quer dizer, o objetivo daquilo é o homem; vocês querem ver, e nós queremos fechar os olhos, como a Dama das Camélias, e ela riu alto agora. Íris — já estou um pouquinho mais bêbada do que seria razoável numa moça de família, ela disse — pediu água, só

água, sem gás; e tentou baixar a voz, porque um vulto da mesa ao lado parecia se inclinar em sua direção só para ouvir aquela descrição científica do desencadear mecânico do processo visual da pornografia moderna (e Íris deu outra gargalhada). Fale mais baixo, disse a amiga, o rosto queimando, talvez de vergonha, talvez do estranho escárnio daquele sussurro de sugestões, talvez de curiosidade, você parece louca! Eu sou louca, Íris disse, lembrando o momento em que saiu do prédio ainda confusa sobre o que fazer e encontrou Joaquim, súbito diante dela e segurando seu braço com uma força grosseira — estava doendo, e ela passou a mão de novo, agora no bar, já livre dele, acariciando a pele que estava roxa sob a blusa negra. Fixou-se por um segundo na memória daquele instante difícil em que ela teve de fazer uma verdadeira catarse, no bom sentido agora, das libertadoras — e então percebeu que Danton e a amiga esperavam que ela continuasse aquela fascinante explanação científica que havia começado com a cuspada de sangue da Dama das Camélias e terminaria sabe-se lá como ou quando ou em que posição, e Danton finalmente sorriu: além de tudo, Íris tinha verve. Ela sentiu a vaidade superior das musas e das deusas, das pessoas muito bonitas que às vezes, para nossa desgraça, atravessam nossa vida: eu sou essa pessoa bonita.

— Pois é — disse Íris, voltando à própria história assim que acreditou no seu poder de hipnotizar as pessoas: o Danton aqui, por exemplo, Íris poderia dizer em voz bem alta, estava na mão dela como um cachorrinho peludo. — É o famoso poder do sexo — ela acrescentou, pensando nela mesma e em Joaquim segurando seu braço na calçada escura, e adiante, na esquina, o pequeno traficante louro que, quem sabe, poderia salvá-la das mãos daquele homem, como um herói ao contrário.

— Espere aí: o que tem a ver a Dama das Camélias com pornografia? — perguntou Danton, temendo talvez que ela mudasse de assunto.

— Com o poder do sexo, sim, é óbvio — atalhou a amiga: Danton, tão inteligente, às vezes é tão limitadinho!, parece que ela dizia.

— Eu sei; mas você dizia... o que você dizia mesmo? — e eles riram.

— Eu falava do carço na garganta como um processo pornográfico. O mecanismo é o mesmo de uma sequência pornográfica; eu já vi aquele filme duzentas vezes, e no entanto choro todas as vezes. Desencadeia-se uma máquina de fluidos fora do meu controle. — Sim, ela estava vendo pela milésima vez o

mesmo filme que via sempre, uma fita roubada da locadora três anos atrás, quando ela era uma irresponsável — e Íris deu uma risada de olhar para o alto e mostrar os dentes, aquele colar africano, alguém lhe disse uma vez, brilhando no meio da selva: Joaquim disse aquilo — os filhos da puta também dizem boas frases de efeito para levarem a sua alma. O terror também é pornográfico, ela disse: pense num romance de Stephen King, ou naqueles filmes de cadáveres saindo das tumbas, ou n'Ó Iluminado: pura pornografia. Toda aquela idiotice de malucos batendo portas em castelos vazios, cadáveres verdes, caninos sangrentos, amantes tuberculosas, criancinhas perdidas na floresta — nos aterrorizam, provocam aquele vazio na alma, um desejo de correr; outros babam nossas bocas, incham e molham os sexos, dão aquela volúpia terrível de desaparecer dentro dos outros, de esfacelar a alma para nunca mais; outros dão o caroço no peito que nos estrangula a garganta até o choro, espremem nosso equilíbrio até o osso, sacodem nossa cabeça até que a porra das lágrimas esguichem pelo buraco dos olhos — nada disso passa pela razão; é inútil pensar; você vai chorar, você vai gritar, você vai gozar. Desça por uma montanha-russa e tente fingir que não está acontecendo nada, ou tente pensar friamente sobre o que está acontecendo. A Dama das Camélias é assim. A pornografia é assim. É por isso que eu amo a Dama das Camélias, aquela pornografia bem-intencionada, ela disse, mas Danton e a amiga e ela mesma já não riam tanto, como se esgotado o poço — e havia um toque agressivo, alguma coisa cortante vindo à tona em cada palavra

de Íris, alguém que diz o que diz só para não dizer o que de fato importa e que não quer dizer, aquela figura escrota segurando o seu braço na calçada escura e não conseguindo admitir que perdeu você, que nunca me teve de fato, ela pensou, que passou todos esses anos literalmente me esmagando — o sentimento de humilhação. E —

— O que você tem, Íris?

— Nada: é o riso que se transforma em choro. — Cruzou os braços sobre a mesa e enterrou a cabeça soluçante neles. O braço doía ainda: o pé também, talvez tivesse torcido o pé, ela pensou. Tudo doía na alma e não há nada que eu possa fazer agora, nem vocês, ela quase disse, sentindo na escuridão dos olhos fechados a mão gentil de Danton no seu ombro, a respiração próxima, e ouvindo o sussurro da amiga: Íris, o que foi? Talvez Danton queira dormir comigo hoje,

ela pensou, vendo-se nua aconchegando-se naquele corpo também nu de uma quase criança. Mas uma garrafa se quebrou adiante e foi como se o Café Teatro inteiro acordasse de um pesadelo, todas as cabeças se levantando atentas, olhares em busca de uma explicação, seria uma briga? Não — uma risada cristalina e inocente logo depois desfez o sonho ruim e todos se voltaram para onde estavam, incluindo Íris, que ergueu a cabeça enxugando o que parecia lágrimas. Desculpem, ela disse — sou tão boba. Pareço a Dama das Camélias. É que — mas ela não disse o que ia dizer — acho que é a fumaça, menti, pegando um cigarro da bolsa, que Danton acendeu imediatamente. Alguém — uma colega da universidade — puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela, trocando beijos: sim, estou voltando, estou dentro do prazo para retomar o curso, e dizer isso em voz alta foi uma coisa boa, a cabala do renascimento. Sentiu-se feliz, subitamente rodeada de amigas e de Danton, a criança, que olhava para ela com a devoção tranquila dos muito apaixonados — quantos anos ele teria? Dezoito? Dezenove? Ela fechou os olhos e se esqueceu por um minuto.

— É daqueles filmes em que não acontece nada, sabe como é? E no entanto — a amiga dizia ao Danton, mas já elevando um pouco a voz porque Íris parecia curiosa, ainda que o próprio menino não manifestasse muito interesse — você não consegue despregar o olho. Está passando no Cine Luz, acho que até amanhã. Quer ir comigo? Ou vamos todas!

— Eu também quero ir — disse Danton, inseguro.

Daniela concordou, Íris disse um “pode ser” mais ou menos animado, por que não? Um filme às três da tarde, no meio da semana! — ela pensou — enquanto sentia, quase escutava o latejar do braço, esmagado pelos dedos de Joaquim. Uma calçada escura, e ela teve medo, um medo pela primeira vez assustador — talvez não haja mais tempo para eu recomeçar a minha vida; talvez eu não seja mais completamente eu mesma; talvez eu tenha perdido um pedaço, para sempre; talvez eu não possa, nunca mais, me livrar desse homem que me apertou o braço, e o que está ali adiante é a simpatia do pequeno traficante com seus papелotes de cocaína. É mais fácil eu me livrar desse velho do que daquele mocinho — eu preciso sair desta calçada, e ela soprava a fumaça devagar fingindo prestar atenção nas duas amigas e no fiel Danton que continuavam a conversar sobre filmes. Eu estou com medo de voltar, ela pensou — talvez pedisse para dormir com Daniela, onde será que ela vive? Ou com a amiga cujo

nome ela não sabe e que está aqui ao lado de Danton há muitas horas, amiga dos bares, de belas unhas roxas e uma pequena cicatriz no lábio, o que lhe dava um toque de maldade, porque os olhos eram também enviesados — mas a voz desmentia tudo: uma voz tranquila. E de repente surgiu o fotógrafo quase que em carne e osso diante dela, com a face sem rosto e a voz também tranquila, propondo aquelas fotografias que ela entregou a ele com tanta boa vontade. Como era mesmo o rosto dele? — ela tentava se lembrar. Como era o nome? Você está sendo seguida, disse-lhe o traficante. Mas ele fotografava com uma atenção, com um cuidado — num momento os dedos dele tocaram-lhe o rosto tão absurdamente leves para dizer “um pouquinho para cá — isso!”, e ela percebeu como o bom fotógrafo não olha exatamente para você, ele olha para a fotografia que ainda não existe e que tem apenas dois planos; o bom fotógrafo — e agora ela estava falando em voz alta para Daniela — pode estar olhando para os seus olhos, fixamente, insistentemente, mas ele não vê você; ele vê a fotografia; ele vê aquilo em que você pode se transformar; ele é uma espécie de — e a ideia deixou Íris feliz — de cartomante das fotos, alguém que lê o futuro antes que o futuro exista. Você não acha isso bonito?

— Você, você é bonita — disse a menina sem nome, tocando-lhe a mão sobre a mesa, sob o olhar discretamente perturbado de Danton. — Mas se um fotógrafo olha para mim, não vê futuro nenhum! — e ela mesma deu uma risada longa, tirando a mão da mão de Íris. Íris pensou em dizer alguma coisa, mas uma voz alta, de homem, na mesa ao lado — As pessoas solitárias quase sempre são pessoas ressentidas! É um saco! Cada vez que eu vou lá — mas ela não pôde ouvir o resto daquilo que lembrava um poema cujo autor se perdia, porque a entrada no Café Teatro de um ator da Rede Globo protegido por um séquito de fãs provocou um burburinho contido, depois um quase silêncio logo coberto por comentários animados e parecia que a noite toda tomava outro rumo, sob outras luzes, mas, mesmo assim, a menina sem nome parecia esperar ainda o que Íris pretendia dizer e não disse. E agora foi o garçom, que depositou outra garrafa de cerveja diante de Danton e anotou o pedido de Daniela, uma coca-cola com gelo e limão. Íris acendeu outro cigarro e a primeira tragada lhe trouxe como que uma pequena e instantânea sombra na alma que se transformou na lembrança da calçada escura e o impacto assustador daquele homem agarrando seu braço, tentando puxá-la para o carro. Ela queria se lembrar exatamente do que disse,

mas foi distraída por um “parabéns pra você!” algumas mesas adiante entre risadas e gritos, mais alguém derrubando pratos de aço, uma sequência de ruídos desencontrados que se fecharam com um “Viva Cláudia!” consagrador em muitas vozes. De onde estava, Íris ainda pôde ver o rosto feliz daquela Cláudia de braços erguidos, ela inteira toda branca, agradecendo e voltando a sentar, e Íris sentiu o que parecia ser a dor de uma pequena inveja, não consciente, apenas um estado vicário, uma espécie de ausência de felicidade que aquela alegria branca punha a nu. Uma ausência, ela pensou, tentando esquecer; Danton lhe dizia algo que ela não ouvia, a memória teimosamente agarrada por aquele braço no escuro; se ele não fosse tão estúpido, talvez houvesse ainda uma conversa adiante. Talvez; mas agora, o gesto em si era uma despedida para todo o sempre, e no entanto ficava uma ausência.

— A teoria da pornografia?! — perguntou Daniela à menina sem nome. — Como assim?

E Íris sentiu de novo a mão da amiga sobre sua mão, em tapinhas: Conte, Íris! Começando pela Dama das Camélias! — E Íris apenas riu; eu não consigo me desligar, ela pensou, ainda no beco escuro de Joaquim, um homem que é um fim de caminho, desde os seus 16 anos foi um fim de caminho, e ela pensou: eu não tive tempo ainda; não me deram tempo. E o dinheiro no banco, e o apartamento para morar e o curso que terminaria e a solidez imaginária do futuro e nela as fotos do outdoor, ela inteira bela esparramada em preto e branco sobre Curitiba inteira, próxima e inacessível — que porra que eu sou?! — ela se perguntou, só os lábios se movendo enquanto segurava o braço de Danton e olhava para os olhos dele tentando neles se ver. Tudo bem? — ela ouviu alguém perguntar e viu Daniela dar aquela mesma risada da menina sem nome: tudo que provoca choro é pornográfico, sabe que você tem razão? Não passa pelo cérebro!

Íris também riu, por osmose, e mexeu ligeiramente a perna direita sob a mesa como quem faz o esboço do chute que acertou em Joaquim, a violência brutal daquele chute que ela desenterrou da alma, um gato acuado no fundo de uma garagem, é pular ou morrer, que dobrou Joaquim em dois pedaços, gemendo aquele “filha da puta!” — era isso? — mas nem aí ele gritou, apenas sussurrou, porque ele é um homem que tem algo a zelar, a sua reputação — e eu gritei, ela lembrou, alguma coisa como “socorro!”, tão alto que o pequeno traficante correu em minha direção e houve uma espécie de paralisia geral

naquele trecho de rua mesmo àquela hora da noite, de tal modo —

— Os homens são seres genética, mental e fisicamente ultrapassados; não servem mais para absolutamente nada. Mesmo assim, tenho alguma esperança de sobreviver — disse Otávio, inclinando-se sobre a menina até então sem nome para beijá-la: — Tudo bem, Maria? Não tem um cantinho nessa mesa pra me proteger? Sou um mico-leão-dourado atrás de proteção. Oi, Íris, minha doce menina! — e beijou-a três vezes. — Daniela! — Fez a volta para beijá-la, e, por último, cumprimentou Danton: — E daí, menino?! Babando em torno dessas deusas inacessíveis? Posso sentar aqui?

O que era um outro fim de caminho, pensou Íris, sentindo uma ponta de competição: só o Otávio vai falar agora, e de um modo totalizador.

— Li uma reportagem que me deixou destruído. O mundo é só das mulheres agora. Nós homens somos seres em extinção. Não servimos mais nem pra fazer filho. Não servimos mais literalmente pra porra nenhuma!

— Danton, dê uma cerveja pro mico-leão que ele está com sede! — disse Maria, acompanhando a risada geral.

Otávio, feliz pelo seu sucesso, levantou o braço no gesto vago de quem chama o garçom, que agora não estava em parte alguma.

— Pois eu vou até aceitar, mas preciso de um copo. E como está quietinha essa Íris!? E então? E os planos de voltar a estudar? — E antes da resposta: — Sabia que resolvi fazer outro vestibular? Agora pra Informática. Chega de humanidades. E... garçom! Traz um copo aqui pra mim?

— Mas eu gosto de homens! — disse subitamente Daniela, a faísca atrasada. — Mesmo que seja um mico-leão-dourado assim como você! Boto numa gaiolinha!

Até Íris achou graça, e a risada foi outro esquecimento da rua escura em que estava e de que tentava sair.

— Então aproveite! Que senão o Ibama me recolhe, e aí você só me leva de contrabando, pagando caríssimo e arriscando pegar cadeia.

O que está errado com Otávio? — perguntava-se Íris, distraído nele. Não é bonito mas não é feio; é maduro, quase 30 anos; é simpático, sempre, e de uma gentileza quase feminina (e ela lembrou do chute que dera em Joaquim, como quem se desmente, no exercício punitivo de se dizer “não minta”); é um homem inteligente; e no entanto — o que há de errado? Ele tem razão, ela pensou,

detendo-se nele, naquele alegre narcisismo infantojuvenil; os homens, de fato, vão desaparecer. Agora ele explicava à Maria, minuciosamente, por que não iria ao Cine Luz no dia seguinte — e Maria (já sei o nome dela agora, mas o que mais? eu vou acabar sem neurônio nenhum na cabeça, ela pensou, angustiando-se não pelos neurônios, mas pela falta de alguém para conversar justo agora — Daniela, cadeira enviesada, conversava com alguém da mesa ao lado que parecia profundamente interessado nela), e Maria sustentava o queixo com a mão, ocultando discretamente com os dedinhos e as unhas roxas a pequena cicatriz do lábio. Talvez Otávio e Maria acabem juntos a noite, Íris pensou, lembrando que Otávio jamais teve uma namorada por mais de uma semana, parece, assim como jamais frequentou um curso por mais de seis meses — É que eu sou hiperativo! — ele disse, súbito, com uma gargalhada que Maria acompanhou, segurando a mão dele por alguns segundos: Isso não vale, disse ela; é uma desculpa esfarrapada!

O que exatamente o pequeno traficante lhe disse quando se aproximou? — Íris segurou de repente a mão de Danton, que olhava silenciosamente para o seu copo de cerveja, imerso agora em um silêncio soturno. A ideia da prostituição não assusta você? — perguntou-lhe a analista no último encontro, e isso foi uma lâmina em sua alma, com efeito retardado. Eu respondi algo muito agressivo, ela lembrou, e apertou a mão de Danton, que parecia se encolher diante do toque inesperado.

— Suas mãos são bonitas, Danton — e ele sorriu, desconcertado.

— Sim! — era mais uma explosão que um comentário de Otávio, voltando-se súbito para eles. — Mas esse menino não faz porra nenhuma na vida! É filósofo! — e Otávio riu um riso pela metade, um tapinha estratégico nas costas dele, que Danton entendesse a graça.

— Ele está com ciúme, Danton — disse Daniela, de volta à mesa, enquanto o vizinho anotava sôfrego na palma da mão o que parecia um número de telefone.

Ler o futuro, Íris pensou, alisando a palma suave da mão de Danton — e ela quase podia ouvir ali o coração dele batendo. Um calouro de filosofia, em todos os sentidos. Um pequeno gênio silencioso, dizia todo mundo. Viu-se casada com ele descendo escadarias imaginárias diante de uma igreja inexistente, pais e mães sorrindo, e ela de branco feliz como uma gravura antiga que se transforma no outdoor gigante sobre a cidade inteira. Quase perguntou: Quer casar comigo,

Danton? Ele estava bebendo muito — Mais uma garrafa! — e o garçom trouxe mais uma garrafa, que ele empunhou com estoicismo para encher outro copo espumante. Ele não quer nada em troca, admirou-se Íris: ele quer só me amar, não o meu amor. Das escadarias do casamento reviu o pequeno traficante, imediatamente ao lado dela assim que ela gritou e que o homem, dobrado para a frente e gemendo de dor, largou enfim o seu braço. O vulto — era um vulto assustado o velho e bom Joaquim de sua adolescência — o vulto percebeu que gentes paravam próximas, que aquilo talvez fosse uma emboscada em que ele perderia, para todo o sempre, a imagem de uma vida completa, por causa de uma pequena puta, como em milhares e milhões de histórias vulgaríssimas envolvendo velhos tarados e pequenas putas, datilografadas em delegacias de costumes com o tédio da realidade, escrivãos coçando o saco, delegados cuspidando no chão, pegaram mais um filho da puta, agora ponham ele ali na cela para ser enrabado: talvez o vulto tenha pensado tudo isso quando enfim largou o braço de Íris e praticamente se arremessou para o carro já com a porta aberta e o motor ligado — o sequestro fracassara. Ele pode, ela continuou pensando numa agonia tensa, a mão de Danton ainda inerte na sua mão — suspender o pagamento do cheque, o dinheiro que é pouco por tudo que ele me deve — e Íris quase esmagou a mão de Danton agora, sob a força de gravidade da memória desabando. Danton olhou para ela e viu, deve ter visto, ela imaginou, que Íris estava prestes a chorar, é a tal pornografia, coisa que nos transforma sem passar pela alma, só pela mecânica dos nervos. A prostituição, disse dona Mara — por isso, só por isso, não foi hoje à sessão. Terá de pagar pela falta. As pessoas pensam que sabem o que está na nossa cabeça e na nossa pele, ela pensou, lembrando o dia em que fez a tatuagem no tornozelo, aquelas asinhas doidas, ponto a ponto. Ao gemer, ela lembrou — a imagem do vulto familiar voltando segundo a segundo — ele disse algo como “espere”, ou “aguarde”, ou “você vai ver”, ou “eu vou pegar você”. Talvez não tenha dito nada, ela fechou os olhos tentando se transportar para aquele segundo, mas era isso que ele diria se a dor do chute no saco que ele levou o deixasse falar; mas ele gemeu falando. E eu estou com medo.

— E o analista, como vai? — alguém perguntou, mas não era para Íris; era a voz de outra mesa.

— O analista vai sempre bem; por isso contratamos eles — ela disse em voz

baixa, sorrindo, como quem fala sozinha, mas Danton ouviu, e acordou surpreso:

— Você tem analista?!

— Tenho. Ou tinha. Eu não sei se — e calou-se.

O pequeno traficante triunfou, e era como se isso desencadeasse outra guerra: feliz, oferecia proteção, o cavalheiro das trevas, o libertador da princesa, conduzindo-a com o braço direito e os dentes tortos e sorridentes para longe daquele pesadelo, a mão direita estendida, respeitosa, venha, eu vou salvar você, enquanto a esquerda provavelmente apalpava no bolso o pacotinho que seria o prêmio da redenção: Eu cuido de você, ele disse, com um simulacro de grandeza tão descompassadamente ridículo que cinco passos adiante ela começou a rir o riso pornográfico que surge e explode por conta própria, senhor da alma, aquela secreção que não se contém, choro, riso, peido, chute, urro — Não é você, é alguma coisa que se move em você, ela balbuciou a ninguém, sob o olhar de Danton, que entrelaçou seus dedos nos dedos dela; mas ele também não estava ali, foi o que ela pensou. Ninguém está comigo — e a frase era menos um lamento, o choro da Dama das Camélias ou a melancolia do verso imaginado, e mais uma realidade simples, alguma coisa nítida que súbito lhe ocorria, como um instante de liberdade, uma porta tranquila que se abre.

DUARTE CHEGA EM CASA

O professor Duarte apertou o botão do elevador e conferiu os envelopes que o porteiro lhe entregou, como cartas de baralho — só publicidade e extratos a pagar. Pensou na frase que uma vez disse aos alunos com a sensação ruim de quem deixa vaziar detalhes de sua vida como se eles tivessem alguma importância, ou como se eu próprio fosse exemplo de alguma coisa, ele pensou, mas aqui por outra razão, a pequena punição moral, no fundo apenas o medo de revelar intimidade, algo que não se recupera — estou naquela faixa estreitíssima da classe média brasileira, dizia o professor, o tema era o achatamento da classe média, a faixa que é disputada por todo mundo que tenha algo a vender, banqueiro encanador eletricitista limpeza de fogão atendemos à domicílio com a crase errada, a crase ridícula que ele jamais deixou de notar: um homem vivendo de acordo com a regra do jogo, e ele embaralhava os envelopes, o elevador confuso de entra e sai. Viver de acordo com as regras, e agora ele sorriu, o príncipe entre as mulheres da casa, mas não exatamente tranquilo, pensando em Mara, que não saía de sua cabeça, embora ele se esforçasse, andar e andar — parou no quinto no sétimo no oitavo, boa-noite boa-noite boa-noite —, para se fazer tábula rasa, alguém que apagasse de sua memória os últimos 240 minutos de sua vida. Pelo menos aqui — Boa-noite! — ou então eu serei obrigado, ele planejou, mudando o rumo mental, a agendar uma hora com minha mulher e, no divã, pagando a consulta, confessar que estava interessado (na verdade muito mais interessado do que ele confessaria, e isso havia alguns meses, ou nada teria acontecido hoje, Lídia apenas seguiu a intuição, ou o faro, nós emanamos odores sutis, delicados ou brutos, o elevador cheio em fim de tarde), que estava obcecado, vou dizer assim, por uma aluna. Ele voltou à palavra: desconforto. E desejou beber outro martelinho. Talvez pegasse dinheiro trocado da gaveta do escritório e voltasse ao boteco, como nos bons velhos tempos em que ele era uma pessoa muito mais alegre do que é hoje. Um mal indefinido. Coisa de pequeno-burguês entediado, ele se viu pensando, como quem descasca uma camada arcaica de sua memória, do fundo da infância, de militante marxista; agora, *nel mezzo del camin*, o pensamento como reflexo mecânico, algo que não passa pelo cérebro, a frase feita à disposição do usuário,

parecia revelar cruamente o seu artefato lógico, as cordinhas que se puxam aqui e ali: eu sou mais do que isso, ele protestou — mas não sei, talvez não saiba nunca, até que ponto e em que isso é relevante. Eu sou relevante, disse ele no corredor, enfatizando o “eu sou” e procurando a chave da porta debaixo de uma inesperada angústia, muito além de Mara, como quem se revolta: esse é o axioma primeiro da condição humana e de qualquer projeto civilizatório — giz na mão, era como se ele enfim chegasse a dizer e a escrever no quadro que a ideia de um homem-bomba é o imoral absoluto. Se Deus não existe, temos de criá-lo. Duas afirmações aparentemente opostas, mas só aparentemente — e ele se via contra-argumentando diante da mão de um aluno se levantando no fundo escuro da sala. Mas não é esse o problema, professor Duarte, ele se ouviu murmurando já do lado de dentro de sua casa, o coração misteriosamente acelerado, o corpo mantendo distância da alma, e assustou-se com a presença sorridente não de Mara, mas de Cláudia, a filha idêntica à mãe, como uma versão passada a limpo, sempre iluminada de felicidade, beijando-o no rosto, já de saída:

— Estava bom o martelinho? — e deu uma risada.

Ele desceu à terra, lembrando do elevador lotado — a imagem diante dos vizinhos, mas isso é ridículo, professor Duarte!

— Está forte assim o cheiro da pinga?

— Forte não, pai. Perfumado!

Uma breve confusão na cabeça dele, custando a descer o pó; quase perguntava “como assim”, mas ela interrompeu-o:

— Estou saindo, pai. Me dê os parabéns, falando nisso!

A mão na testa:

— Não me diga que...

— Não se preocupe. Meu aniversário é só depois de amanhã. Mas a semana comemorativa começa hoje, no Café

Teatro.

Outro susto:

— Nós vamos lá?

— Não, pai. É só a minha turma, é claro! Tchau!

— Cadê a mãe? E as meninas?

Mas a porta já batia diante dele — ela estava atrasada, como sempre. De

repente só na casa vazia, conferiu o próprio hálito na mão em concha: álcool, só álcool. Nada grave. Um martelinho, uma bela palavra, e avançou até o balcão do bar, feliz pelo silêncio e inesperada solidão. Abriu a cortina e diante dele Curitiba anoitecia, uma bela vista, inteiramente de artifício: prédios, luzes, ruas, trechos de praças; muito ao fundo, o cinza já escuro do céu. Por uma inopinada associação lembrou-se pela segunda vez no dia de que era um homem pobre, e era como se a paisagem diante dele ganhasse uma cintilação especial — mas isso é ironia, ele pensou; o resíduo militante: o pequeno grande mundo do pequeno-burguês. Abriu uma cachaça de Minas e encheu outro martelinho. Cheirou-o: uma delícia. A pele de Lídia, ele lembrou, ainda sem dar o primeiro gole, e o coração acelerou-se, de novo. Confessar. O que — agora sentado, vendo Curitiba escurecer inteira, minuto a minuto — o lembrou da ligação

entre o militante marxista e a fé jesuítica. Confessar é preciso.

O problema — e agora era como se de fato ele falasse em voz alta em algum confessionário coletivo, Lídia e Mara diante dele — o problema é que a minha memória me aprisio-

na; não há, meninas (as filhas estavam na plateia), um só pensamento ou sentimento ou desejo ou sensação ou o que quer que aconteça comigo no plano dos sentidos que não

se explique imediatamente por uma causa redutora, sempre maior do que eu. Assim, não sou nada.

Ouviu a porta bater, com um pequeno susto. Mara chegava — olhou para ele, sorriu e disparou para dentro:

— Estou apertada! Já volto!

Demorou a voltar — agora os vidros da janela refletiam mais a própria sala que as luzes da cidade. Deu mais um gole e sentiu-se mais tranquilo. Começaria contando a vergonha que passou: Devo 50 centavos num boteco em que nunca entro. Ela pediria detalhes, ele detalharia: Pois me deu vontade de beber uma cachacinha. Não sei por quê. Fiz um caminho diferente hoje, vindo da universidade. Um fragmento de Lídia súbito invadiu seus olhos; pequenos detalhes, ele se confessou, sinalizaram para ela o meu desejo: foi isso. Por isso ela. Talvez nem isso: uma certa predisposição, desde que. Ela entendeu. Em seguida — ele via o reflexo escuro do seu rosto na vidraça, atravessado por uma luz, cortado por um brilho, dobrado por um fantasma, um reflexo trêmulo — o

professor Duarte é expulso do Paraíso: ele viverá a sua nova paixão numa casinha do Guabirotuba, pelado como veio ao mundo. O casamento com separação de bens era uma exigência jurídica inventada por aquele nazista filho da puta que aconteceu de ser o avô das minhas filhas, todas elas muito melhores do que todos nós, felizmente. Foda-se o velho, ele pensou, e a minha mesquinharia. Sentiu uma comoção inesperada, olhando para si mesmo na vidraça escura: coisas que não passam pelo cérebro, ele ainda pensou, um fiapo lógico, acabam por me conduzir. A máquina de pensar. O sonho iluminista. Mais o mundo da vida privada; não, mais que isso; o mundo pessoal, intransferível, inegociável — tenho direitos. Tenho a minha solidão, e me ressinto dela.

Talvez devesse comer alguma coisa antes de beber outra dose. Mara sempre achou engraçado — ou pitoresco, melhor dizendo, ele mesmo se corrigiu — o gosto dele por cachaça. Mara via-o — ele pensou — como alguém a ser protegido, e não o contrário, como o protetor. Talvez seja apenas a profissão dela. Do ponto de vista afetivo — a máquina de pensar, e ele sorriu — as mulheres já tomaram o poder faz muito tempo, nesse espaço abstrato em que vivemos, sem Deus, sem lenço, sem documento, sem nada, e cheios de planos: a humanidade é incansável, começa tudo de novo em cada esquina. O que produz um homem-bomba? Um homem-bomba é um homem? Quer dizer, ele se corrigiu: é claro que sim (disse em voz alta, para o reflexo do vidro, vendo-se cansado: eu não sei como continuar a mim mesmo, ele fantasiou; talvez não precise; aliás, não é necessário — o dia amanhece, queira eu ou não), mas quero dizer — em que quadro da condição humana ele pode ser definido como um homem? As premissas são transferíveis aos simples suicidas ou aos simples matadores?

— Filosofando, Duarte?

O que era outro detalhe pitoresco do seu marido, falar ou balbuciar sozinho, ele lembrou, sorrindo para a mulher, que veio até ele e sentou-se ao seu lado, suspirando.

— Ai, estou cansada de andar! A última paciente faltou e saí faceira pra passear. Quase comprei um livro pra você. E um sapato azul para mim. Lindo. Mas acabei comprando só dois quindins, para engordar! E você?

— Eu comprei um martelinho de pinga num boteco e não tinha dinheiro pra pagar.

Susto divertido:

— E aí? Chamaram a polícia? — Ela ria, agarrando a mão dele: — Deixa eu ver os dedos: tiraram impressão digital?

— Não. Não aconteceu nada. Vou pagar amanhã. Cinquenta centavos. Cadê as meninas?

— Saiu todo mundo, parece. Estamos livres! — E aproximou-se para beijá-lo, um beijo rápido e estalado. — Veja o que é isso aqui no meu pescoço: uma coceirinha.

— Isso é falta de banho — ele brincou, passando os dedos na nuca, sentindo o perfume familiar da mulher. — Aqui?

— É.

— Uma espinhinha, parece. Nada grave. Como você é branquinha, Mara — e enterrou suavemente os dentes nela, de olhos fechados.

— Ai, que arrepio — e afastou-o com delicadeza.

A pele de Lídia, ele pensou, é mais escura e mais suave que a pele de Mara. Ela queria conversar:

— Fiquei animada com a ideia do passeio, mas a lembrança daquela paciente não me saiu da cabeça. Ela não foi hoje. Estou preocupada.

— Por causa do pagamento? — provocou ele, rindo.

— Também — ela respondeu, séria. — Não sou a mãe dela pra ficar à disposição. Assumir a responsabilidade da análise é parte da terapia. É a primeira coisa que digo aos pacientes. Mas o que me preocupa mesmo é outra coisa. É — e Mara parecia pensar, imaginou ele, no melhor modo de dizer o que se passava sem dar informação alguma. Afinal suspirou: — É só uma menina, praticamente.

O tom de voz de quem se reserva. A mulher jamais lhe contou nada do que se passava no seu consultório. Nenhum detalhe sobre ninguém — mas sempre dava a impressão de querer desabafar alguma coisa. Como agora. Ele provocou:

— É então? É só uma menina. Continue.

— Nada. Eu só estou preocupada. Mas preciso me distanciar, ou não serei uma boa terapeuta — e ela desarmou-se e desarmou-o com uma risada.

Mas ele insistiu — um desejo difuso de espicaçá-la, um pouco de jogo, quem sabe uma pontinha de agressão (ele mesmo ponderava):

— Já sei. A menina quer casar com o pai e matar a mãe.

O que diz a cartilha?

O sorriso era falso, ele mesmo sentiu. Mara olhou para o marido, ainda sorrindo. Ele pensou: Ela antecipa cada gesto meu. Sou um homem previsível.

— Meu amor, você não vai me tirar do sério com essa provocação. O que aconteceu? Uma reunião do departamento?

Ele riu, agora sim, desarmando-se. É só a ansiedade do momento.

— Não. Fui ao cinema. Uma daquelas minhas fugas clássicas do departamento, como se fossem proibidas, ou alguém visse, soubesse ou se importasse. — E ele riu de novo. — No Cine Luz.

— Bom, o filme?

— Assim assim.

— Faz tempo que não vamos ao cinema.

— O vídeo caseiro acabou com a ida ao cinema de todo mundo — ele disse imediatamente. Pensou em perguntar das filhas: quando voltariam? onde foram? Mas retomou o fio: — Na semana que vem vai passar *As ilusões perdidas*. — Arrependeu-se imediatamente de dizer, mas como para não pensar e não ouvir resposta foi acrescentando informações,

o olhar em direção à janela escura, a simulação do mentiroso (e no entanto, ele contra-argumentava, só dizia a verdade): — Um diretor novo. Premiado em Cannes, ou Veneza, não sei bem. Parece ter uma bela fotografia, pelo trailer.

— É mesmo? — Segurou a mão dele e ele pensou: é como se ela adivinhasse cada pequena sombra do meu humor ou da alma inteira e estivesse sempre pronta a iluminá-la com a palavra exata, uma espécie de sopro docemente anestesiante. — Então dessa vez vamos ver se assistimos ao filme no cinema e não no devedê, quando sair.

Um sopro de suavidade, e no entanto, os teus olhos são frios, ele pensou — decididamente não conseguia voltar ao próprio espaço: eu não estou aqui. Os olhos azuis de Mara: o único poema que jamais escreveu na vida foi para eles. Pensou em lembrá-la do soneto infame, mas isso seria abrir a guarda e relaxar e se esquecer de novo. O que eu estou querendo?, ele se perguntou. Ela avançou o rosto até o rosto dele e beijou-o, fechando os olhos. Ele afinal também fechou os olhos, sentindo o cheiro, os lábios, a umidade, a língua da mulher; acariciou sua nuca, o cabelo curto (ela sempre ficou mais bonita de cabelo curto, ele lembrou); sentiu as mãos frias (coração quente! — ela diria, se falasse agora, como mil

vezes nos últimos vinte anos) as mãos frias tateantes, a ponta dos dedos percorrendo delicadamente sua cabeça; demoraram-se os lábios, ventosas coleantes, úmidas, familiares, protetoras; sentiu um fio de excitação quando a mão dela desceu à sua perna numa sugestão de carinho que não foi adiante; afastaram um pouco as cabeças e se olharam fixamente, ela sorrindo agora, parece, saturada de desejo, ele não; ela de novo fechou os olhos, os braços sobre os ombros dele, e outro beijo recomeçou, mais agressivo, mais próximo ainda; ele também fechou os olhos pela segunda vez e quando sentiu que ela vagarosamente se largava sobre ele — ele sentia a cintura de Mara, ainda firme, a pele fria sob a blusa que se abria, mas não a suavidade tensa da cintura de Lídia que ele ainda lembrou num lapso — ele se largou também, olhos bem fechados, a escuridão povoada, entregando-se enfim ao próprio corpo que parecia acionar uma rede intrincada de desejos, agora sim, todos à solta, e aquilo era muito bom, ele ainda pensou antes de se esquecer quase completamente.

O FOTÓGRAFO E LÍDIA TROCAM PALAVRAS

Eu estou assustada, ela pensou — e isso parece que amplificava uma solidão inexistente. Sim, ela insistiu — eu não estou sozinha. Eu nunca fui uma mulher solitária na minha vida. Mesmo que eu feche todas as portas, elas continuarão se abrindo, naturalmente. E eu tenho Alice, ela argumentou, agora nua diante do espelho; quem tem uma filha, continuou pensando, não tem o direito da solidão. Eu não sei o que é solidão — talvez seja isso o que me esteja faltando, um pouco de solidão, o orgulho da solidão, o direito a esse tranquilo ressentimento, como diz o poema, a forma aparente da solidão. Enfim seu rosto começou a aparecer no espelho, até agora embaçado pelo olhar que ia longe dali, resolvendo teoremas (ela brincou). Viu seu próprio rosto atentamente —

é melhor tomar banho agora antes que ele invente de se trancar nesse laboratório horrendo, sempre que ele se deprime ele se tranca ali, e ele vai ficar deprimido, ele já está deprimido — e aproximou-se mais de sua imagem. Um rosto cansado, ela avaliou. O que tão fortemente me levou a acreditar que

o Duarte me ama? Cada gesto, ela pensou; ele sabe disso. Talvez ele aguarde uma declaração formal: eu estou apaixonada por você. O que — e ela riu para ela mesma, um riso, ela conferiu, não exatamente solto, ou alegre, ou livre, ou inteiro — o que nenhuma mulher jamais dirá a homem algum, nunca. Exceto transando, como parte integrante do ato do amor, sem referência ou sentido fora dali, apenas como um dos sons permitidos que se sussurram ou se gritam à revelia — e Lídia sentiu uma breve ansiedade. Eu acho que nunca tive um orgasmo na vida, ela pensou, subitamente lembrando de um questionário de revista com cinquenta perguntas — parecia que ela ia sendo derrotada a cada exigência, e então se deteve nos dentes, próximos do espelho a ponto de se embaçarem, e lembrou que precisava ir ao dentista antes que. Vermelho vivo, essa é a cor, e alguma coisa conspirava para que ela não experimentasse o batom assim, imediatamente antes do banho numa noite que prometia ser infernal, em que teria de dizer ao seu marido Eu quero ficar sozinha. Mas passou o batom nos lábios. Eu gosto dos meus lábios, ela pensou, depois de uma breve indecisão. Por que, ela voltou ao tema, não podemos dizer que estamos apaixonadas? Elementar, minha cara Watson (e com os lábios vermelhos

imaginou-se de cartola negra, como uma cantora de cabaré, mas no cenário de uma volta à infância, rodeada de bonecas); porque, como até a Alice já deve saber em longas iniciações filosóficas com suas amigas de jardim de infância, uma mulher apaixonada é uma mulher perdida: nenhuma defesa. Lídia virou o rosto de lado, em meio perfil: tinha alguma implicância com o nariz, mas neste momento ele lhe pareceu exato, adequado, bonito.

— E os seios, como estão? — ela perguntou em voz alta, vítima de um pequeno terror. Em silêncio, pôs-se à escuta — muito distante, duas portas fechadas entre eles, ouviu o som longínquo da televisão e imaginou o marido e a filha diante do aparelho, ele bebendo cerveja naquela imobilidade, ou torpor, de quem está a mil anos de onde está, em outra órbita, e ela hipnotizada (em pouco tempo teria sono), talvez com a cabeça inclinada no ombro do pai, até dormir, como num cromo infantil. Os seios estão firmes e bonitos — e ela sopesou-os delicadamente, virando-se mais uma vez de perfil para avaliá-los no espelho; a pele lisa, e os biquinhos naturalmente arrebitados (vinte anos atrás, ela calculou, a menina precoce desfilou com uma blusa semitransparente onde se podiam ver, quase sentir, como se latejassem, os mamilos dos peitos; a mãe arrastou-a para dentro pelas orelhas e um tabefe sonoro, medonho, doído, ficou no seu rosto como a única lembrança de uma agressão sofrida pela mãe, que morreria três anos depois de câncer no seio). Tão bonitos que o seu fotógrafo os immortalizou numa fotografia em preto e branco, asa 32 (ela nunca esqueceu a cabala do número, o grão finíssimo da foto); tão bonita a fotografia que se deserotizava na sugestão não de um corpo, nem sequer a evocação de um desejo, mas de frias formas avulsas, detalhadas, minuciosas, nítidas, límpidas como grãos de areia. Lembrou a ponta da língua dele sobre os seus mamilos, para mantê-los vivos na sequência de fotos, e como para não esquecer apalpou-se imediatamente atrás de caroços: o autoexame. Sou uma mulher de risco, ela lembrou, e como quem não quer se afundar na depressão inexorável de tudo que nos espera (ela pensou), disse em voz baixa — Sou uma mulher de alto risco — e sorriu para o espelho. Pôs as mãos na cintura, a cintura ainda sob o seu controle (e ela sorriu da ideia) — mas há alguma coisa que me escapa, ela pensou, sentindo a pontada de angústia e como que sentindo nos lábios, de novo, o beijo de Duarte, o escuro no escuro, e a espécie de libertação que, naquele momento, ela sentiu. Por que ele não me disse nada? Era como uma descoberta tardia, e ao mesmo tempo uma

constatação simples e óbvia: Em momento nenhum ele me disse nada. Eu é que fui arrastando ele para o meu desejo, e ele se deixou vir como se picado pela anestesia. Ou curiosidade? Afinal — e ela sofreu outro sopro de aflição — o que eu tenho contigo? O que eu tenho de concreto além dos meus sentimentos?

Entrou na água ainda fria e arrepiou-se, olhos fechados, sentindo lentamente o calor aumentar e os pequenos choques se confundiam: por que tenho de relacionar uma coisa (Duarte) com outra (a separação)? Como se eu fizesse um cálculo, um negócio, um escambo, uma troca, uma traição. Não se joga fora o que se tem, dizia a sua mãe, na memória difusa das Minas Gerais. Eu tenho um homem, ela calculou, o cabelo transformado numa medusa de espuma de xampu, e não o quero mais. Esse é o princípio — atrás do pescoço, entre os fios de cabelo, apalpou algo que parecia uma espinha —

e doeu. Deixou a água quente escorrer; o corpo inteiro como que escorregava vivo na espuma, enquanto ela se alisava: emagrecer dois quilos. Não mais que isso. Voltou ao princípio: ficar sozinha. Conquistar a solidão. Sim! Na literatura — e ela viu-se erguendo a mão para o professor tão vivamente que de fato ergueu a mão até quase tocar o chuveiro —

a solidão precisa ser reconquistada, o senhor não acha? Isto é — mas o fio do argumento se perdia —, a solidão como um valor positivo. Mas a solidão em si teria o estatuto de uma categoria literária? Quem sabe? A imagem da solidão na literatura contemporânea. Arrependida de não ter ido ao vaso antes, deixou escapar a bexiga enfim, e sentiu o alívio da urina descendo mais quente que a água pelas coxas, lembrando (e apenas se divertindo com) a culpa infantil desse delito, que coisa feia, mijar no chuveiro! Ficar debaixo d'água tanto tempo quanto fosse necessário para não restar nenhum resíduo do pequeno prazer que se deu. Ensaboava-se tentando mais uma vez voltar ao princípio, o princípio, ela se viu explicando em voz alta, como premissa, não simplesmente como um começo temporal. A premissa é: eu quero ficar sozinha.

O resto — o professor Duarte, por exemplo, que esta tarde ela investigou, cega, com os dedos e a língua no escuro, como quem apalpa uma fruta e lhe avalia a consistência, a maturidade, a promessa de sabor, o aroma, a suavidade da pele — é contingente, isto é, pode acontecer ou pode não acontecer. Como queria demonstrar, diria o próprio Duarte, de cujas aulas sou devota, e ela riu, a satisfação de quem cumpre uma tarefa enquanto se esfrega de espuma tentando

não pensar no, ou escapar do desejo. Como quem quer manter viva a tensão; entretanto, lembrou não do marido, mas da nova sogra, e a simples lembrança dela — Você sabe, querida, ela lembrou do dedo em riste, como que ilustrando a voz, que eu e ele estamos tendo uma vida sexual muito boa? Cada coisa, cada ideia, hummm! — e seguia-se uma gargalhada histérica em que os três queixos, arremessados para a frente em sanfona pelo movimento da cabeçorra para trás, com os dentes, grandes, à mostra, um teclado em arco — e Lídia punha a cabeça para trás, deixando a água quente cair na face, como

a purificá-la de toda lembrança ruim, e aquela mulher era uma dessas lembranças, alguém que em sete sábados como que a obrigara a refazer a própria vida, em cada almoço que preparava; picando o alho para o arroz branco, descobriu

que era infeliz; limpando a carne da gordura, que era triste; queimando a mão na panela, que era burra; errando a colher de sal, que era só, sem estar só; experimentando o molho ferrugem, sentiu, uma descoberta angustiante, a distância estúpida, silenciosa e insolúvel entre ela e seu fotógrafo; servindo a mesa, sobre a mesa que ela mesma havia arrumado — quantos dedos já foram?, ela se perguntou, como quem tenta se livrar da cabala transformando-a em brinquedo — que ela precisava mudar de vida, porque (e aqui ia o sexto dedo) havia uma sombra de paixão na sua alma querendo

a luz. O sétimo dedo é o futuro, e antes de fechar a torneira os pés experimentam o azulejo do chão, sentindo as velhas reentrâncias enquanto lançam as águas no ralo e isso lembrou-a dos 200 dólares do marido, do pouco dinheiro, da ausência de perspectiva, do eterno quebra-galho. Que eram 200 dólares? Nada. Eu sou independente, ela lembrou. O sétimo dedo é meu, mas não chegou a articular, ainda, a ideia de sumir no sábado, daqui a três (ou dois?) dias. Que dia é hoje? Torneira fechada, esperou a água escorrer pelo corpo, apertando os cabelos como quem tira o sumo, perfumado, dela mesma. Uma separação custa caro, alguém lhe disse uma vez, mas parece que se referindo ao homem — mas, ela contra-argumentou, agora em voz alta, de qualquer modo, caríssimo é continuar onde estou. Alguma coisa lhe trouxe à memória novamente a figura da sogra, como se há um minuto perdesse o fio de um argumento que, afinal, era o que importava, além de todo o preconceito contra a vulgaridade. Eu sei o que me incomoda tanto, ela pensou: Aquela vaca é completamente desprovida de

intimidade. As pessoas desprovidas de intimidade são insuportáveis. Eu sei disso, ela concordou, finalmente saindo do boxe e se enrolando na toalha azul, a grande, a única grande toalha da casa, e que ela amava como a um animalzinho da infância. A imagem dos 200 dólares reapareceu, fugaz — alguma coisa errada, ela pensou, mas o ato de se enxugar amorteceu a curiosidade. Ele é um homem doce, ela lembrou; eu sei disso. Mas. Ele deve estar pensando a mesma coisa de mim, ela acreditou, esfregando a orelha e conferindo o resultado na toalha: nada. Limpíssima como uma índia saída das águas, uma vez ele lhe disse, no tempo em que os animais amavam, e os queixos da falsa sogra reapareceram quando ela ergueu a cabeça para enxugar o pescoço — quase que sentiu novamente a pele áspera do queixo de Duarte. Sim, ele procurou-a desde o início, ela lembrou. Pequenos sinais. A intuição sabe, ela disse, mas já pensando longe — parecia ter ouvido algum barulho, como se desejando ouvir uma outra cerveja sendo aberta, como queria demonstrar, no ritual de muitas e muitas noites, até que ele desabasse bêbado e manso na sua cama.

Quando ela enfim abriu a porta, assustou-se com a presença inesperada dele surgindo no corredor escuro, que ele acendeu no mesmo instante:

— A Alice dormiu no sofá da sala.

— Eu já vou cuidar dela.

— Você vai usar o banheiro de novo?

— Talvez daqui a pouco. Quer dizer, a Alice.

— Eu deixo a porta aberta. Vou trabalhar no laboratório.

— Tudo bem — ela se virou em direção ao quarto e ouviu em seguida:

— Eu posso cancelar o almoço de sábado.

Ele percebeu a reação silenciosa; ela não esperava, ele avaliou.

— Amanhã a gente fala disso — e se fechou no quarto; ele pensou que a batida da porta foi um pouco, muito pouco, mais forte que o normal. O vento, talvez, ou um desajeito da mão; às vezes calculamos mal a distância entre uma coisa e outra, assim nus, saídos do banho. Uma formalidade estranha, ele pensou, entrando no banheiro e dali direto à porta do laboratório, onde se trancou com uma certa avidez. Eu estou sufocado, ele pensou; há coisas demais para eu resolver ao mesmo tempo e não estou conseguindo centrar minha cabeça. Sentou-se no banquinho e fechou os olhos, como quem se concentra um segundo para trabalhar em seguida. Se alguém entrar aqui vai sentir o cheiro de álcool.

Mas hoje ele resistiu a abrir outra cerveja, e outra, e outra, e outra, até cambalear ao quarto, deitar e dormir. A estranheza, ele pensou, é uma construção sólida, demorada, trabalhada como uma parede. Trabalhamos nela dia e noite, atentos, detalhistas, até um não enxergar mais o outro. Sim: devo sair desta casa. Talvez hoje, e a ideia como que lhe deu um rumo, uma súbita euforia — sim, hoje! Não tenho mesmo direito à minha filha — e afinal sempre poderei vê-la. Um azedume — o nome disso é ressentimento, para ir direto ao osso, a forma do ressentimento, ele tentou lembrar dos versos — um azedume começou a paralisar seus gestos: perdi a chave, ele lembrou, e no mesmo instante lamentou a morte estúpida do amigo da infância — quem sabe, com ele, eu pudesse falar de minhas coisas mais secretas. Não seja idiota, menino, ele se disse: Você não tem para onde ir. Você não tem dinheiro. O que você ganha complementa o que Lídia ganha (que é mais do que você ganha e tenderá a aumentar, enquanto você). Enquanto eu. Um homem sozinho não precisa de muita coisa. Precisa de uma espécie secreta de sonho, que ele bebe com um canudinho, todas as manhãs, só isso. Súbito se viu percorrendo de memória os espaços que ele poderia ocupar esta noite, além de sua casa e além do hotel; e além, é claro, o inadmissível absoluto, da casa de seu pai. A madrasta de desenho animado lhe serviria chá com bolachinhas, sentaria diante dele e diria, batendo com força no joelho: Conte tudo! O que aquela jararaca fez com você? A imagem foi suficiente para fazê-lo rir, e chegou a imaginar o absurdo de correr ao quarto e contar a Lídia o que ele havia pensado; ele repetiria a entonação da velha — aquela jararaca! — e os dois achariam graça da perfeição da mimese. Jamais conseguiu tirar uma fotografia da velha — mas eu não sou casado com ela, era o que ele diria. Pois bem — e ele olhou para os dedos, como quem vai contar as possibilidades — para onde eu poderia ir? Não havia o que contar. Mas enfim — era como se houvesse agora um sopro de autoestima — eu vivo aqui. Talvez devesse sair deste laboratório escuro, abrir a porta do quarto e conversar com Lídia. Mas esta possibilidade — de fato, eles nunca conversaram na vida porque nunca houve necessidade, ele imaginou — foi atravessada por outra, sinistra e fugaz, a pura imagem: a morte da mulher. Eu seria um homem sem sombra, ele divagou, levantando o telefone e ouvindo a notícia absurda: — Assalto na rua Quinze, uma bala perdida. O senhor poderia reconhecer a sua mulher? Lá estava ele, compungido, derrotado, recebendo os pêsames. Sobre o

caixão de Lídia, a sogra choraria copiosamente, o fotógrafo voltou a rir o seu riso confuso. Preciso apagar minhas memórias, ele se disse, teimosamente, imaginando-se com um revólver apontado à mulher: um disparo silencioso, e, assim, a vida acabaria de fato, e não apenas na imaginação. A fantasia agonizou-o até quase o vômito, e ele se enterrou nele mesmo esperando passar. Se eu joguei fora 200 dólares, ele pensou lembrando de Íris, que pelo menos aproveite o que me resta, algumas fotografias. Finalmente acendeu a luz do laboratório e decidiu trabalhar, como se aquilo fosse de fato algum trabalho — ou decidiu pelo menos sair da escuridão, como ele revestiu o gesto de acender a luz. Eu deveria ter apertado o obturador, ou o gatilho, ele pensou, lembrando da cena fugaz do Cine Luz. Teria sido pior, ele continuou pensando, remexendo nos papéis atrás da folha de contatos do início da tarde, porque eu não poderia simplesmente entregar o filme inteiro do deputado ao meu chefe — teria eu mesmo de recortar aquilo, ou extirpar aquilo, antes de passar adiante o rolo com o deputado sorridente. Agora estava com os contatos diante dele e pegou a lupa para conferi-los. Era uma sensação sinestésica (o cheiro da revelação): varrer cada fotograma à procura de todo o seu potencial — o que essa fotografia terá a me dizer? Ele resistia teimosamente — e burramente, ele sabia — à ideia da fotografia digital, que crianças novas e entusiasmadas na redação tentavam demonstrar nas telas coloridas — isso muda tudo, ele intuía, à medida que ia acompanhando, praticamente mês a mês, a mudança na redação. Se você quer sobreviver, disse-lhe o chefe — e nem terminou a frase. O fotógrafo resiste, o verdadeiro fotógrafo resiste, ele balbuciava para ele mesmo, vivendo a sua melhor fantasia: sou um homem dos anos 70. Integração com a natureza. Sejamos autênticos. Nada de trapaça. Ergueu os dois braços como guindastes e olhou para o teto baixo, pensando em meio a um sorriso: sou um dinossauro. Voltou à lupa e aos contatos. Havia 32 fotos do rosto de Íris. Começou a se concentrar em cada uma delas. Na verdade, tudo é trapaça, ele se ouviu contra-argumentando, como se lhe fosse impossível encerrar algum problema. Os olhos de Íris, nesta primeira foto, olhavam desconfiadamente para ele; era um perfil temeroso e ao mesmo tempo desafiador. Ele calculou o volume de luz e sombra em torno do rosto, avaliou o brilho no queixo, avaliou a mancha dos cabelos se confundindo com as sombras, avaliou o contraste chapado — sim, o olhar, o olhar está bom — mas descartou o conjunto. Nada a fazer com esta foto. Tudo é trapaça, não porque

tudo seja falso; mas porque não há pureza em coisa alguma; a natureza é uma fraude. Uma fotografia, ele divagou, imediatamente imaginando que Lídia diria aquilo de um modo mais nítido, claro, elegante, bonito do que ele é capaz de dizer, uma fotografia é em si uma pequena trapaça, um discreto intermediário, um despachante da realidade nos entregando um documento de segunda mão, mas de alguma forma autenticado. A pureza — ele tentava entender o que estava acontecendo entre ele e Lídia — é uma referência que inventamos para ter alguma medida das coisas, ele fantasiou. A súbita ideia de que a autenticidade é antes uma invenção que outra coisa lhe bateu na cabeça, na senda da memória, como um *déjà vu*: sim, eram palavras de Lídia, anos atrás. Como queria demonstrar, ela costumava dizer, demonstrando. De todos esses fotogramas, onde está Íris? Ele se concentrou na lupa — mas a imagem do chefe diante dele reapareceu, e o fotógrafo disse, naquele tempo em que ainda argumentava: Mas então qualquer idiota pode fotografar. Ao que o seu chefe — talvez no único momento inteligente de sua vida, ele concluiu levantando os olhos da lupa — disse: A ideia é essa. A ideia é exatamente essa. Aliás, a ideia sempre foi essa. Agora estão conseguindo de fato. Sim, mas. Voltou a se refugiar nos fotogramas de Íris — ele não queria pensar muito em Íris, como alguém que começa a ser invadido. A ser invadido: talvez seja esse mesmo o meu desejo: quero ser invadido por Íris. Debruçou-se com a lupa em outro fotograma: agora ela estava em pé, nítida no quadro da porta daquela cozinha sem foco, e o sol, num instante, derramou-se sobre ela pelas beiradas como um bico de pena ao avesso fazendo o contorno de luz de todas as coisas. Íris era uma sombra, mas o rosto, no instante da foto, voltou-se para ele e a luz como que se propagava nela. Deteve-se no rosto: é por isso que eu amo os retratos, ele pensou. Agora havia surpresa, a lupa lhe dizia, era uma mulher surpreendida que ele via, suspensa no gesto do tempo, olhando firme para ele, quase inquisitiva; mais um segundo e a surpresa teria dado lugar à pergunta, e então o rosto perderia inocência. Ele pensou no potencial da ampliação — não era muito. Aquela sombra no rosto iria se granular e se perder, tornar-se outra coisa; mas o quadro estava bom, o conjunto. A minha composição é sempre conservadora — uma vez lhe disseram; se ela chega a ser clássica, ótimo; se fica no meio do caminho, o fotógrafo está morto. Mas este enquadramento está perfeito, ele teimou, como uma vingança infantil contra o exército digital: esta foto não precisa ser recortada — o olhar do

fotógrafo e o olhar de Íris bastavam-se. Entretanto, na ampliação alguma coisa vai se perder, eu sei. Marcou o fotograma para ampliação, de qualquer modo. Uma ideia ainda mal formulada começou a agitar o fotógrafo: vou revelar algumas fotos e levar para ela amanhã. Imediatamente começou a articular diálogos imaginários — no primeiro deles, ela abria a porta e já avançava para o corredor, desculpando-se: Eu estou de saída. Deteve-se em muitos outros closes de Íris: quem sabe este. Mas ele diria o quê? Íris, alguém me pagou para fotografar você secretamente. Sim, este close, ele conferiu atento com a lupa, tomado por uma euforia esquisita: O que está acontecendo? Se ele confessasse, as coisas ficariam claras e limpas? Como esta foto: um close perfeito, ele sonhou, mais uma vez feliz por, quem sabe, derrotar o mundo digital — o seu olhar, e apenas ele, produzia um dos mais belos closes de sua vida. É ela, ele pensou, como se a fotografia fosse o único, ou o verdadeiro modo de reconhecer a face do mundo. Aqui está ela, finalmente. Sim, a luz vem da confissão. Se eu confessar, serei perdoado: há alguma coisa etérea nesta fotografia, ele pensou, investigando-a detalhadamente com a lupa. Aqui ela está olhando diretamente para os meus olhos e não há nenhuma resistência. Não é nem um olhar de entrega, porque isso implicaria algum movimento, a passagem da recusa para a entrega, o que supõe uma tensão. Agora não: ela simplesmente olha para mim e está feliz. Essa luz — toda a composição está a serviço da felicidade de Íris. Uma fotografia assim é uma alegria, e ele sentiu desejo de sair do laboratório, andar um pouco, beber outra cerveja, pensar sobre o que fazer — mas agora sem ansiedade: como se o dia, pela simples foto de Íris, já estivesse ganho. Ou a noite, melhor pensando, e a ideia de entregar as fotos voltou inteira à sua cabeça, como um fato do destino: Sim, não há mais nada a fazer. Era a remissão da chave da infância, ele quase pensou, ainda desarticulado, tentando controlar os gestos: é preciso ampliar essas fotos. Sim, por enquanto ele tem apenas alguns negativos e alguns contatos grosseiros em papel de segunda. Por enquanto, ele precisou, tenho apenas o sonho de algumas fotos; talvez mais que o sonho — e começou a trabalhar, ajustando o braço do ampliador, no cálculo do formato 20 x 25 —, tenho a ideia das fotos, e só por essa ideia é como se eu já estivesse conversando com Íris. Sobre o quê? Ele não sabia ainda, surpreendeu-se; eu tenho um bom assunto, de qualquer forma; levar as fotografias e confessar. Ou não: talvez não seja o momento da revelação final — e ele pensou nessa expressão, olhando

momentaneamente para o teto, revelação final, com um sorriso, como alguém que se liberta e se converte em definitivo à felicidade. Conversar sobre as fotos — ou sobre as provas da campanha do shopping, num primeiro momento. O que você acha, ele perguntaria, mostrando aquele close em que ela olhava para ele tão nítida e tranquila, como uma mulher suspensa momentaneamente de todos os atravancamentos da vida. Quantas fotos levaria? Cinco, talvez, ele calculou. Não, decidi: duas. A de corpo inteiro, luminosa no esquadro da porta, e este close, exatamente este close. Rezou a própria cartilha: senhor fotógrafo, jamais mostre 17 fotografias para alguém. Mostre apenas uma, a melhor. No máximo, no máximo mesmo, no limite, mostre duas, senhor fotógrafo, se elas forem suficientemente distantes uma da outra. O olhar tem memória: se você mostra cinco fotos parecidas, uma irá corroer a outra com o resíduo da lembrança da imagem anterior, e, no fim, só vemos ruídos e manchas: as fotografias conspirarão umas contra as outras. Era a voz do velho tio profissional chamando o menino de Senhor Fotógrafo; mas naquele tempo tudo era desculpa para economizar material, sempre caro: Faça uma foto só, a melhor, e chega. Ele aprendeu, e ao longo dos anos foi acrescentando informação (ou poesia) àquela aula básica sobre o olhar alheio. Uma fotografia basta.

Ouviu a porta do banheiro se abrir, no mesmo instante em que ele, pelo tato, acertava o enquadramento do papel na base do ampliador.

— Escove os dentinhos agora, filha.

— O pai está no laboratório?

— O pai está trabalhando agora. Ó, ponha a pasta de dente. Assim.

— Pai? Você está aí? — ela perguntou, quase gritando.

— Estou, filha. Não posso sair agora.

— Por quê?

— Escove os dentes, filha. Deixa o teu pai sossegado.

— Porque eu tenho umas fotografias para entregar amanhã — ele respondeu.

— Posso entrar aí?

— Escove os dentes, filha.

— Não, Alice. Não pode. Estou revelando fotografias.

— Eu também queria revelar fotografias.

Ele ouviu perfeitamente o sussurro de Lídia, talvez a mão apertando o braço da filha:

— Pare de aporrinhar e escove esses dentes de uma vez!

Quase ele disse — Outro dia, filha; hoje não — mas achou que seria dar corda demais e de algum modo desautorizar a mulher. Esperou que elas sássem antes de acender a luz do ampliador. Precisava estar concentrado para o rosto de Íris.

— Quer fazer xixi?

— Eu já fiz, mãe.

— Quando?

— Eu não quero.

Ele pensou: ela quer reservar uma desculpa para voltar ao banheiro e conversar com ele pela porta fechada.

— Faça xixi, filha.

A filha enfim obedeceu. Ele podia sentir a demora estratégica, o desejo de suspender o tempo, o cabecear instintivo para não ir para a cama, o impulso subterrâneo da desobediência. Mas a mãe estabelecia os limites:

— Vamos logo com isso, filha. Preciso dormir e levantar cedo amanhã.

— O pai não?

— Ele também.

Ele pensou em dizer alguma coisa, mas de novo imaginou que qualquer palavra seria um pouco mais de lenha para desautorizar a mãe.

— Por que o pai não trabalha de dia?

A voz de Lídia — ele sentiu — ganhava agora uma tonalidade metálica, ainda discreta, mas já sinalizando o último limite:

— Alice, você —

— Pronto, mãe. Já fiz xixi.

— Falta alguma coisa.

— Ah. A descarga.

Uma certa demora no ritual, e o fotógrafo ouviu a descarga, depois a porta se abrir e a voz da filha:

— Tchau, pai!

— Boa-noite, Alice.

Agora sim — silêncio e trevas. Fechou os olhos e programou mentalmente, ponto a ponto, o que teria de fazer para a foto se revelar exatamente do modo como ele havia projetado. Cada minuto. Levantou-se do banquinho, conferiu a

bandeja com o revelador, o papel ajustado na base e, agora sim, acendeu a luz. Em pouco tempo, se ele fosse um bom feiticeiro, veria sua Íris surgindo, do nada, sombra a sombra, na folha em branco: era o momento de seu trabalho, cada vez mais raro, que parecia não perder o sopro de encantamento, como se ainda ouvisse o sussurro do tio aprovando sua perícia e seu talento.

DANTON LEVA ÍRIS PARA CASA

Otávio já está há mais de quinze minutos praticamente de costas para a mesa, conversando com uma carioca que visitava Curitiba pela primeira vez e que, com um casal de amigos, parecia esparramar em torno deles uma aura de simpatia. Agora Danton não segurava mais a mão de Íris; descobriu no bolso um folheto de propaganda e dedicou-se a fazer dele um pequeno navio, de dobras bem cuidadas, sob o olhar, que talvez ele julgasse carinhoso, de sua amiga; já era tarde, parecia; Daniela não escondeu o bocejo, mas se apressou a justificá-lo:

— Acordei de madrugada hoje e passei o dia correndo.

Era um sinal de que se preparava para ir embora; diante dela, Maria bebericava agora uma bebida alcoólica qualquer dentro de um cálice elegante com uma frutinha colorida brilhando no fundo. Estou ficando bêbada, ela disse sílaba a sílaba, e em seguida deu uma risada, mas era uma risada triste; talvez, Íris pensou, ela não esteja muito satisfeita pela mudança de rumo de Otávio, que agora precisa descrever à vizinha simpática sua interessantíssima carreira universitária. Aproximava-se o momento de ir para casa e isso sempre lhe dava uma pontinha de angústia, como se a noite ainda não estivesse completa, como se faltasse alguma coisa para, de fato, tranquilamente, encerrar o dia e começar outro, como

se sua vida adulta fosse uma sequência assimétrica de dias inacabados. Especialmente, muito especialmente hoje, ela pensou, voltando à memória escura das últimas horas, e desejou ficar no Café Teatro mais tempo, mesmo que em silêncio, sentindo em torno a presença das amigas. E de Danton, é claro, que agora — ele já estava um pouco bêbado, é verdade, mas as mãos ainda pareciam firmes — lhe estendeu finalmente o navio de papel, tão escrupulosamente construído, dobra a dobra. Para você, ele disse, tão baixinho que ela não pôde ouvir, apenas adivinhar o que veio daqueles lábios quando ele estendeu o brinquedo. Ele parece uma criança destroçada, ela pensou vendo-lhe os olhos pensos de cerveja; alguém confuso, mas feliz; está entregue à inocência de um sonho que ele nem sabe ainda qual seja; talvez seja eu, e ela sorriu, contemplando o barquinho, agora com uma sensação aguda de distância, não

contra ele — uma presença boa a seu lado — mas. Não completou o pensamento; Otávio voltou-se para dizer alguma coisa a Maria e imediatamente Íris se pôs a desmontar o navio de papel, ainda sem tomar consciência de que aquilo, de alguma forma, agride Danton. Só na segunda dobra desfeita daquela engenharia reversa ela parou, e como se adivinhasse, a mão de Danton tocou seus dedos frios (os dedos de Danton estavam quentes, ela sentiu) e sussurrou: Vá em frente. Olharam-se por um segundo, ela com um sorriso de desculpas, ele como que derrotado: talvez o peso do olhar

de Íris fosse excessivo para ele. O que aproxima duas pessoas, ela especulou, desfazendo mais uma dobra: o cheiro? Que cheiro teria Danton? Não: eu sou excessiva, e esta é uma noite-limite; estou pesada demais, e Íris desfez mais uma dobra, imaginando, idiota (ela frisou a palavra), que ao desfazer o último trecho de navio o folheto diria Eu te amo, como um torpedo inocente. Doía-lhe o braço ainda, e ela evita olhar para Danton enquanto planeja lhe pedir carona até em casa. É por causa do meu excesso, ela pensou, intrigada com a descoberta, que ele não quer o meu amor, mas apenas me amar. Eu deveria usar melhor os meus poderes, ela pensou, quase tocando em Daniela para confidenciar o que ia na sua cabeça — ou para confidenciar a sua vida inteira, sobre o pai, a mãe e o espírito santo em quem ela desfechou um chute no saco há três ou quatro horas, e ele vai gemer até o fim de seus dias — Daniela colocaria a mão na boca, assombrada e divertida, Não me diga?! O coração voltou a se acelerar. Largou o navio para procurar um cigarro, mas não tinha mais cigarro; Danton, adivinhando, colocou um na sua boca e acendeu-o cuidadosamente, cuidadosamente lhe evitando o olhar.

— Você ia me dizer alguma coisa — disse Daniela, inclinando-se para o rosto inquieto de Íris, que sorriu.

— Não. Nada. Eu —

E retomou os destroços do navio até, enfim, descobrir do que se tratava: Madame Susana, cartomante. Quereis reatar um casamento desfeito? Quereis — e ela esmagou o papel até transformá-lo numa bolinha, só então se dando conta da estupidez do gesto. Mas ele achou graça, uma acusação divertida:

— Você destruiu meu transatlântico?! Você esmigalhou o meu Titanic?!

Ela segurou a sua mão sobre a mesa e olhou nos olhos dele, sorrindo — em vez de pedir desculpas, seduzu, Íris pensou.

— Eu sou poderosa, Danton.

Ele continuou sorrindo, intrigado e perturbado por entrelinhas misteriosas. Desviou os olhos dos olhos de sua Dama das Camélias, que ele nunca conseguia sustentar muito tempo — alguém que teme, quem sabe, a própria entrega. Mas como se ela não quisesse mesmo criar nenhuma expectativa, mudou o tom, uma seriedade definitiva:

— Vou embora. Você me leva em casa? — Talvez impositiva demais, ela pensou, e imediatamente estendeu a mão fria sobre sua mão quente: — Eu moro aqui pertinho. — Aproximou a cabeça da cabeça dele e fez teatro: — Mas temos de passar por ruas escuras e cheias de perigo. Por isso preciso da tua proteção.

— A proteção de um filósofo! — gritou Otávio, cujas orelhas tudo ouviam, voltando-se para a mesa e dando um tapa nas costas de Danton, que custou alguns segundos para perceber que era dele que falavam: o filósofo. Ele queria dizer Sim, é claro que eu levo você, mas não lhe davam espaço.

— A proteção de um filósofo é tudo o que nós precisamos! — sentenciou Maria, e Íris pensou: Otávio é esse tipo raro de pessoa que o tempo todo nos estimula a contrariá-lo.

— Quem seremos “nós”? — perguntou Daniela, rindo.

— Nós, as mulheres, é claro! — disse Íris.

— Que mandam no mundo, aliás — completou Maria, divertindo-se.

— Amém! — encerrou Danton, rindo solto pela primeira vez na noite e erguendo a mão direita num juramento sagrado. E para Íris, ignorando o resto: — É claro que eu levo você.

Como um “grand finale”, Íris pensou: voltava-lhe a dor no braço e o escuro da memória, e sentiu-se feliz por contar com Danton. Esperavam que Otávio dissesse a piada brilhante para fechar a sequência de frases sobre filósofos e mulheres, a sua última palavra de sempre, mas ele se apequenou — a mesa vizinha cansava-se dele, talvez, calculou Íris. Otávio fez um gesto inseguro ao garçom, sem saber ainda o que pedir, se a conta, se outra cerveja, ou um conselho, pensou Íris, apertando a mão de Danton — havia uma suspensão breve do tempo, todos decidindo o que fazer ou dizer, e na cabeça de Íris essa mudança de cena já era passado antes mesmo que acontecesse, como alguém que vai à frente abrindo outras inesperadas portas, agora segurando o braço de Danton lentamente ao longo da Mariano Torres, como se fosse uma velha namorada,

talvez uma noiva ao estilo antigo, e era como se o outdoor imaginário também fosse já o passado distante de uma porta que não abriu. Ela quase podia ouvir o cora-

ção de Danton batendo ao ritmo de sua brutal timidez — mas, ela percebeu (talvez eu deva fazer filosofia, e não história, fantasiou, já diante da página de seu primeiro livro em que escrevia Capítulo Um — Sobre a Timidez, e a página ficaria em branco, os tímidos são pessoas permanentemente em branco, na antessala da vida, temendo transbordar do próprio corpo, tensos nos limites da pele, e é por isso, ela pensava, que cada vez que o silêncio de Danton cresce, cresce uma nuvem surda sobre eles, que ele não ousa falar) ela percebeu, é por isso que ele prefere o ato unilateral de amar. Talvez eu deva — falar? — e ela pensou em masturbação, depois neles nus na cama, em seguida — talvez eu deva, cortou-se ela, esquecer, e lembrou do navio de papel com a cartomante que ela esmagou até reduzir a nada. Na esquina, ela viu, já sem surpresa, o pequeno traficante, como sempre, a controlar a sua geografia universal, o guardador de gentes com a medida do guardador de carros, território que começava na praça do Café Teatro e avançava quem sabe até a igreja de Guadalupe, oito ou nove quadras e algumas transversais escuras e pulsantes — e agora era quase como se Íris protegesse Danton, e não o contrário, ela fantasiou, ainda que reconhecendo o poder da figura do homem, qualquer um, ao seu lado, para intimidar aquele pequeno vulto.

— Acho que eu bebi demais — conseguiu enfim dizer Danton, mentindo, ela pensou; ele queria apenas conseguir dizer alguma coisa, e o andar dos dois quase colados, passo a passo, talvez estimulasse Danton a falar, imerso na sua paixão soturna por esta mulher que segurava seu braço com a determinação tranquila de uma senhora vivida e que caminhava ao seu lado como alguém que nem sabe, de fato, o poder que tem sobre ele.

Mas ela sabia, Íris contradisse de relance, pensando no fotógrafo e se esforçando por lembrar de seu nome: ela poderia estar naquele outdoor e seria como se a vida, agora sim, recomeçasse; pensou em dizer a Danton de seu novo projeto, mas ela não acreditava nele o suficiente para verbalizá-lo — tudo se reduz à fantasia. Ouviu o assobio agudo do traficante do outro lado da rua, para alguém invisível, um guarda-noturno controlando o movimento e emitindo sinais de sua presença, aves

guinchantes mapeando o espaço aéreo; talvez o assobio se destinasse a ela, como um sinal secreto, uma cifra, uma simulação entre eles: Eu estou aqui, menina, conte comigo. E absurdamente, ela avaliou, isso fazia de fato sentido: o vendedor de cocaína é mesmo alguém familiar; ele está ali. Como Joaquim estava até hoje. Como seu pai esteve um dia. Como — mas ela mordeu o lábio e parou de pensar. Parou mesmo, agora segurando Danton pelos dois braços e puxando-o de volta à calçada, no mesmo instante em que um carro cheio de gente e explodindo música tecno passou por eles em alta velocidade deixando um eco fantasmagórico de gritos. Um instante bruto e assustador — Danton não ousava olhar para ela, imerso no susto; os olhos dele não se fixavam no alto, ela pensou, como se só agora percebesse que era um palmo mais alta que ele. Danton queria dizer algo, ela sentiu — algo como “Você salvou minha vida” — e Íris sorriu.

— Você quer me dizer alguma coisa — ela disse em voz baixa.

— É uma pergunta ou uma afirmação? — e, agora sim, ele conseguiu fixar os olhos nela, e ele parecia ficar mais bonito ainda nesta penumbra da rua, ela avaliou. Eles riram.

— Uma afirmação.

— É verdade. Eu.

Ele abriu a boca para dizer o que tinha a dizer e o sorriso de Íris diante dele, naquele escuro, como que o desmontou, derrubando-o de onde ele estava. Como se ele pensasse, ela imaginou, pondo-se no lugar dele: Se ela me amar, se ela disser Sim, se ela concordar, se ela me aceitar, se ela se entregar, o que eu vou fazer então com ela? Como será o minuto seguinte?

— Do que você está rindo? — ele perguntou, tentando manter fixos os seus olhos nos olhos dela.

— De nada. Vamos atravessar a rua?

Meia quadra adiante, seu guardião do mal — e ela sorriu do apelido — fumava um cigarro acompanhando-os com um olhar não exatamente desafiador, ela pensou; que eu faça o que eu quiser, desde que ele me assista, como quem vê e quem protege. Já na outra calçada ela sentiu como Danton queria dizer algo: talvez a proximidade física — ele parecia tão frágil, tão pequeno — o estimulasse a falar em voz alta, mas, de novo, era como se Íris se visse atropelada pela urgência do passado: ela não estava mais ali, era preciso passar adiante, avançar para algum outro momento, para amanhã.

— É logo ali — ela disse, e seguiu-se um gesto sutil de quem se afasta.

Trocaram três ou quatro frases — sim, ele mora um pouco longe, mas ele gosta de caminhar de madrugada; até que ele segurou seu braço, um toque suave.

— Eu sei que isso é meio ridículo — ele disse, preparando-se.

Ela sorriu: tudo isso é passado, ela pensou.

— O que é ridículo, Danton?

— Eu. Eu escrevi um poema para você.

Ela imaginou uma sombra familiar num carro adiante e sentiu medo. Na outra esquina, o guardião dourado sob a luz do poste prosseguia fumando. Inclinou-se para Danton, segurou sua cabeça com as duas mãos, aproximou a cabeça, fechou os olhos e deu um beijo demorado o suficiente apenas para que ele sentisse Íris na boca; mal respondia ao beijo, fechando ele próprio os olhos, quando ela se afastou — uma distância abrupta e inexplicada, mas que ia deixando atrás de si a leveza de pontas de dedos em sua direção, um toque de despedida:

— Obrigada, Danton.

E na outra mão já brilhava a chave da porta do prédio — foram mais três ou quatro palavras vertiginosas, não, o meu e-mail não está funcionando, preciso chamar um técnico e mais alguma coisa que ele não entendeu e súbito ela desapareceu numa garganta escura atrás de um vidro e ele se viu despejado na calçada; deu uns passos para trás, trôpego, como quem confere um endereço sem saber por quê, Edifício Liberdade, leu ele no alto, e era como se todo o efeito do

álcool evaporasse numa lucidez burra, quase revoltada, um sentimento difícil de traição — era preciso começar a noite inteira de novo para entendê-la. Subitamente viu uma figura loira se aproximando com um cigarro estendido — perto dali, um carro escuro acendeu as luzes e avançou vagaroso, o para-brisa negro.

— Tem fogo, amigo?

Ele acendeu o cigarro da figura magra e ridente que simulava uma intimidade inesperada, mal tirando os olhos daquele vidro escuro em que Íris desapareceu como a consubstanciação de uma fraude. O rapaz do cigarro

também apontou para o prédio diante deles, a mesma intimidade desagradável que agora o atingia como um soco:

— Essa Íris é foda, você não acha? — e riu um risinho de dentes que lhe pareceram podres, assim no escuro.

Danton sentiu náusea, olhou para o céu também escuro — essa porra dessa solidão, ele quase confessou para aquele filho da puta que não saía da frente dele, sentiu a alma ruim, uma espécie esquisita de covardia (ele é filósofo, ouviu de novo a risada de Otávio), a cartomante que ele transformou em navio, olhou ainda para aquele idiota lhe oferecendo cigarro com o mesmo sorriso sujo: por que eu estou inteiro me transformando em ressentimento, ele se perguntou, como quem afirma, lembrando o poema que não conseguiu entregar, e isso como que lhe deu uma centelha de futuro. Os lábios de Íris, ele lembrou, tocando os próprios lábios — e disparou a caminhar com a ideia de planejar, meticulosamente, passo a passo, atravessando a escuridão da cidade, o outro dia. Na esquina, ainda lembrou, como quem passa a limpo um mau momento, de acenar uma despedida à figura que ainda estendia o braço oferecendo-lhe um cigarro.

O FOTÓGRAFO VAI À CIDADE

Caminhou durante um bom tempo pelo alto das Mercês de onde, em alguns momentos, podia contemplar quase que a cidade inteira, que parecia estranhamente silenciosa, um distante e escuro perfil de prédios contra um céu um pouco menos escuro de onde vinha um vento quente; talvez chovesse, ele pensou, calculando que horas seriam, ao descobrir que o relógio ficara para trás, na mesinha da sala — e ele reconstituiu a breve cena em seus detalhes. Sim, que se foda, foi o que ele então disse em voz alta, tirando o relógio do pulso e colocando-o na mesinha — em alguma parte do cérebro havia passado a ideia de arremessá-lo à parede, é verdade, mas sem simbologia nenhuma — era o que tinha à mão, o relógio, e o gesto de tirá-lo do pulso foi apenas o cacoete aprendido no laboratório ao mexer com as bandejas de revelação, ainda um eco dos conselhos do tio de trinta anos atrás. Mas por que pensava nessas miudezas? E a irritação — ele respirou fundo agora, e parou de andar, sempre olhando para a cidade, aquele perfil imóvel diante dele. Como é bonito aqui, não? — Lídia lhe disse, segurando-lhe a mão, quando saíram para caminhar à noite muitos anos antes, ao comprar aquela mesma casa no que então parecia o fim do mundo, casa que hoje era uma velhice fora de lugar rodeada de cidade nova por todos os lados. Lídia tinha dinheiro guardado; ele, nem tanto, mas o pai ajudou, o que lhe dava o direito de frequentá-los, ele calculou, como quem descobre isso a primeira vez na vida, o que fez ressurgir a irritação. Que se foda, ele repetiu, deixando-se por um minuto submergir (ele sabia) na sua ocultação favorita: Eu nunca tive nada mesmo, o que é tanto um lamento quanto um orgulho, a liberdade do filósofo que vivia num barril — ele se lembrou de uma aula da infância e achou graça, o rosto infantil de Fernando reaparecendo misteriosamente na memória do pátio do colégio — como era mesmo o nome do filósofo? Procuo um homem, ele vivia dizendo, com um lampião na mão, mesmo debaixo do sol escaldante da Grécia, azulíssima e transcendente naquela fotografia publicitária que ele transformou em pôster e sobre a qual Alice desenhou uma obra-prima com canetas coloridas para grande felicidade da família inteira; ela tem talento, alguém chegou a dizer, acho que o meu pai, ele lembrou, levando mais tarde a liberdade grega, aquelas colunas magníficas e

arruinadas contra um céu inverossímil, até a calçada para que alguma criança de rua recolhesse e colocasse na carreta puxada pelo pai atrás de lixo.

Que se foda, ele repetiu, como um mantra, mas agora era para se enfrentar: não, não é assim simplesmente, desta vez. Absorva o que está acontecendo — o filósofo do barril faria isso; ele faria mais, ele compreenderia, o fotógrafo divagou, mas aí talvez seja pedir demais. Eu não compreendo, ele balbuciou, não diretamente para algum enigma, mas para tudo, ainda que a memória o arrastasse de volta à praça Santos Andrade, a memória agarrava-o pelo pescoço, como se faz com uma criança idiota, arrastava-o até aquele pinheiro e lhe dizia: olhe de novo para lá. Por que você não fotografou? Que se — ele tentou repetir, mas agora era como se o mantra de fato lhe trouxesse a luz: vou ver Íris. Estava com o envelope na mão e evitava apertá-lo muito, mesmo irritado, para não amassar aquelas duas obras-primas. A lembrança das fotografias parece tê-lo acalmado — ele voltou a andar. O deputado Otávio saberia o nome do filósofo grego e faria um belo e edificante discurso sobre ele — Não me tires o que não podes dar, o filósofo declamou em outro momento inspirado; ficaria bem na fotografia. Vamos esquecer isso, ele disse em voz alta, e em seguida um carro passou a dois metros dele numa velocidade absurda, desaparecendo na curva — o fotógrafo pareceu acordar.

— Uma coisa de cada vez — ele disse, e lembrou que mais adiante havia um boteco aberto para ele beber um pouco e pensar tranquilamente sobre os novos rumos de sua vida. Quando ele saiu do laboratório, e depois do banheiro, para onde voltou duas vezes, atacado por uma diarreia que o fez suar frio, um homem sentado no vaso sob o desconforto das vísceras, o cheiro da merda — e então também tomou um banho demorado, mas agora o que ele pensava era nas fotografias que secavam, e debaixo d'água viveu alguns minutos de euforia absoluta: Sim, vou falar com Íris, mostrar as fotos e me confessar. A nitidez de Íris, agora eternizada, parecia escapar de sua memória: era preciso recuperá-la ao vivo, como quem se abastece de sobrevivência. Que se fodam os 200 dólares, ele pensou, ensaboando-se, e era como uma liberdade reconquistada, enfim o filósofo do barril. Do barril de chope, teria dito Lídia, se ela falasse com ele, e ele deu uma risada comprida com a sensação fugaz de quem reconquista uma amiga capaz de humor — mas tudo se atravessa de ridículo. Como para demonstrar que não era isso, que ele não era um dependente imbecil, passou em

frente do boteco — Apolo Bar — sem sequer olhar para o lado. Atravessou a rua e, um pouco adiante, parou para respirar — estava suando — e contemplou de novo a cidade, bela, imóvel e soturna diante dele. Em alguma janela próxima uma luz se apagou, e ele ficou um tempo procurando luzes que se acendiam e se apagavam e se surpreendeu com aquela vida subterrânea se movendo em toda parte, braços esticando-se para ligar e desligar lâmpadas: a cidade respira.

De onde vem a luz, essa a pergunta que ele se fazia todos os dias, preparando o olhar, mas agora era o passado, a luz como metáfora: eu quero compreender, ele se viu pensando. Abriu a porta do quarto e ela dormia, ou fingia dormir. Ele acendeu a luz e ela moveu-se, sob uma aura (ele sentiu) de irritação, e virou-se para o outro lado cobrindo quase que a cabeça inteira com o lençol. Ele chegou a sentar na cama e inclinar-se no gesto de quem vai desamarrar o sapato, mas súbito se sentiu asfisiado pelo silêncio e não pôde prosseguir: ele fixou o olhar na parede em frente, onde havia uma foto com ele, ela e a filha no meio, todos sorridentes; ele ainda lembrou que a máquina estava no tripé, e ao voltar para esperar o disparo esbarrou levemente nele, modificando o ângulo da fotografia, que ele teria de corrigir no laboratório, o que ele fez com prazer, um simples corte lateral para manter a simetria. Agora o ridículo da foto, aquele cartão-postal da felicidade caseira, como o silêncio, também asfixiava. Ele olhou para as formas de Lídia ocultas sob o lençol e a cobertura leve e sentiu de novo o pequeno abismo, a dura sensação do intruso. Não havia o que dizer, mas ele gostaria de falar, desde que a primeira palavra não fosse a dele. Ele nunca dizia a primeira palavra; viver é prestar atenção e responder, ele pensou, mas dessa vez, ele pensou (aponto um revólver para a cabeça de Lídia e disparo) eu vou mudar de rumo, o que parece ter decidido na segunda vez em que fez o gesto de desamarrar o cordão de sapato (com o qual ele daria duas voltas no pescoço de Lídia e). Alice dorme profundamente, como um cachorro, ele pensou, com aquele relaxamento absoluto, completo, totalizante, de um cão que se larga na sombra de um pátio para dormir: ele ouvia a respiração tranquila da filha.

Ainda estou com os 200 dólares no bolso, ele pensou erráticamente, imóvel, acompanhando ainda as luzes que se apagavam e se acendiam no escuro da cidade. Trocou a correia da máquina do ombro esquerdo para o ombro direito, e a mão direita entregou o envelope das fotos para a mão esquerda, uma operação cuidadosa, e ele sentiu num átimo o medo de ser assaltado e perder não a

máquina, mas as fotos. Ou perderia Íris, o que é ridículo, ele se disse, mas mesmo assim abriu o envelope sob a luz suja do poste e fixou-se mais uma vez no seu retrato: o que ela tem de tão especial, ele se perguntou, no esforço para desdenhá-la, esquecer aquela estupidez noturna, voltar para casa, deitar-se ao lado de Lídia e esperar que o amanhecer passasse enfim (ou pelo menos por mais um dia) sua vida a limpo.

Voltou a caminhar, inquietando-se mais uma vez por não saber que horas seriam — poderia telefonar ao Otávio para conversar. Uma ideia absurda, ele avaliou. Quem? Ah, o fotógrafo. Diga que amanhã eu entro em contato. Cada figura que me aparece. Repassou mentalmente alguns nomes conhecidos com quem pudesse conversar mas todos eles tinham um pequeno defeito, uma falha, não em si — todos ótimas pessoas, até mesmo o seu chefe, o mensageiro da identidade, isso é antes engraçado que estúpido, ele pensou — mas na relação com ele. Sempre há algum ponto que não bate, e então a conversa se esvazia, como naqueles sonhos em que as pessoas falam sem parar sob a câmera com um olho de peixe, grandes-angulares, falam sem voz nem som: apenas nos movemos, ele pensou, apressando o passo, como para deixar o mau pensamento fisicamente atrás de si. Talvez eu devesse ter ouvido Lídia, anos atrás, ele lembrou, quando ela sugeriu que eu fosse ao analista. Agora é tarde. Mas, e de novo a sensação de alguma luz, aquilo já era um aviso, e eu não percebi. Ela queria me dizer alguma coisa. Como a cartomante, ele divagou — Onde enfiou aquele folheto? Era engraçado — mas a mão apalpava apenas os 200 dólares. Vou devolver esse dinheiro a Íris, ele se viu pensando, agora sim, com um projeto nítido para aquela noite, mas a convicção se esvaía quase que no mesmo instante, incompatível com as fotos da campanha publicitária de que ela seria estrela. Olhe aqui, ele dirá, duas provas fotográficas da campanha. Desculpe chegar a essa hora — que horas são? — mas a agência não para. Você gostou? E depois, ele tateou, eu fiquei tão feliz com o resultado que não resisti a — Ela abriria a porta? Subia o elevador avaliando as chances — isso se o porteiro. Sacudiu a cabeça. Mostraria primeiro a foto de corpo inteiro, o perfil luminoso na porta (e ele se lembrou da tatuagem no tornozelo, as asas, desaparecidas na fotografia, é claro); mas a argolinha do umbigo, um pequeno brilho, este estava ali, uma luz a mais naquele desenho magnífico de claro e escuro que ele conseguiu revelar: poucas vezes na vida sentiu tão forte a proximidade do desejo

com o seu resultado. Aqui, nessas folhas de papel, ele pensou e pesou, eram uma coisa só. Na luz de um outro poste, parou novamente e abriu o envelope mais uma vez: sim, ele disse em silêncio, é exatamente como eu pensei, e continua assim. A proximidade de uns vultos no outro lado da rua, que ele percebeu ao erguer os olhos da foto, como quem acorda, assustou-o. Eram quatro ou cinco figuras, talvez adolescentes, fumando, e uma risada artificial chegou até ele, junto com um olhar. Ele apressou o passo, colocando de novo as fotografias no envelope temendo amassá-las, e calculando que estava ainda muito longe do centro, que o projeto de caminhar a noite inteira se preciso fosse para entregar as fotos a Íris (uma vez descendi caminhando até Paranaguá com dois amigos, mais de 100 quilômetros serra abaixo, na aventura da estrada velha, o fotógrafo imaginou-se contando a ela), que ele havia decidido ao sair de casa, um desejo de bater para sempre e com estardalhaço a porta da rua, que se transformou no gesto de trancar cuidadosa e silenciosamente a tetrachave e respirar fundo, como quem sai da caverna — e em dois passos percebe que não saiu de lugar nenhum, que continua onde estava, que o ar livre não faz diferença. Isso é química, ele mesmo se explicou, ao chegar ao portão, que também trancou com cuidado; um bom comprimido resolve essa sensação difícil. Caminhar! E é como se a vida ganhasse momentaneamente um rumo. O tempo intriga, ele pensou agora, esse nada que escorre. Um dos adolescentes parece que atravessava a rua em direção a ele, e ele via somente o brilho do cigarro aceso que se movia em pêndulo. A luz providencial de um táxi salvou-o; fez um sinal e assim que o carro parou como que se jogou dentro dele, o coração disparado — pelo vidro traseiro, via a figura erguendo os braços, talvez desolada. Quem sabe um amigo? Alguém que quer lhe entregar um envelope perdido, fantasiou, sentindo firme o envelope na mão, até que o motorista lhe devolveu algum senso de tempo:

— O senhor vai para onde?

— Eu não sei — ele disse em voz baixa.

O homem diminuiu a velocidade, à espera de uma decisão. Com o olhar de esguelha, parecia avaliar que tipo de passageiro era aquele — mas a ideia de perigo foi rapidamente descartada.

— O senhor vá em frente — decidiu por fim, desenhando difusamente um mapa mental do caminho que o levaria a Íris.

ÍRIS TOMA UM BANHO

Esperando o elevador — o porteiro atrás do balcão se concentrava imóvel na pequena tevê em preto e branco, praticamente sem som, e ela por um momento planejou avisar que não estaria para ninguém, como se fosse normal chegar alguém às duas ou três da madrugada, que horas são? — ela se perguntou, quase em voz alta, mas o elevador chegava — Íris pensou em Joaquim, uma pequena picada de angústia por saber que aquilo não ficaria como estava e ele ia insistir, e ela imediatamente fantasiou alguém de prestígio que degrada a sua vida inteira, põe na lama o seu nome e a sua família e

a sua honra e a sua dignidade e essa merda toda pelo desespero de viver com uma puta, ela pensou, apertando o 8 e assustando-se com o vulto do porteiro súbito diante dela abrindo a porta que se fechava para conferir sonado quem chegava assim a essa hora — ele de fato dormia quando ela passou por ele — e disse um boa-noite com jeito de desculpa, agora sim fechando a porta, que por força da mola abriu de novo para só então fechar mesmo, teimosa no seu ritmo — uma puta, Íris sopesou a palavra lembrando a analista e instantaneamente Danton, o que lhe deu um frio de vergonha: por que beijar Danton na boca? Por agradecimento da Dama das Camélias? Para que ele corra atrás de você amanhã, ela mesma se disse; nem pediu para ouvir o poema, ou quem sabe recebê-lo numa folha dobrada, com um sorriso; mas faz parte da natureza feminina, ela estava agora diante de um quadro-negro, professora, de volta às aulas, da natureza feminina, eu repito, explorar os homens. O que, afinal, é um pequeníssimo troco, não é?

— Podemos amá-los?

Flagrou-se falando em voz alta, e a velha e rota e esquecida figura do pai dizia Não, ante aquela euforia maravilhosa de voltar às aulas, de se livrar de Joaquim, de colocar o diabo loiro em seu lugar, de beijar Danton na boca, ora bolas, ele me ama e não pede nada em troca, o velho sussurra: Você não precisa estudar. Você não precisa fazer nada. Há quantos anos morava sozinha? — e ela olhou para os dedos da mão, para contar (Lula não tem um dedo, ela lembrou), quando a máquina do elevador parou, completamente imóvel por dois segundos, como quem desistiu de trabalhar, e então um estrondo rachado abre a porta: estava

quase em casa. Começou com uma namorada, a prosaica Maria, hoje casada com dois filhos — nunca mais esbarrou com ela na rua, nem na cama. Depois — ao abrir a bolsa atrás da chave, era como se visse o pequeno traficante oferecendo serviços, quem sabe sexuais. Minha argolinha no umbigo incomoda, ela pensou, um lapso desviante, enquanto tentava acertar a chave no escuro, e a imagem de abrir a porta errada e entrar em outra vida passou-lhe pela cabeça (eu já li isso não lembro onde), como uma fotografia que se revela pela metade, esvaindo-se, pálida, quando a verdadeira porta se abre. Estou cansada, ela pensou. Mas era como se finalmente o dia de fato terminasse e amanhã seria melhor ainda, ainda por conta de uma felicidade secreta e inescrutável. Talvez — mas por que saber? Correu ao banheiro e voltou abrupta em dois passos para trancar a porta à chave — eu sempre me esqueço, ela disse baixinho, e era como se alguém forçasse a porta com o ombro e. Há uma sombra crescente de medo na vida, ela avaliou — mas talvez seja uma síndrome de abstinência: do pó, do cigarro, do sexo, das aulas, ou mesmo, estando em lugar nenhum, como agora, de alguma normalidade. Síndrome de abstinência de normalidade, e ela sorriu da ideia. Era assim que o sono se esvaía: um desejo de, antes de dormir, programar a vida inteira. Ligou a televisão para ouvir alguma coisa enquanto fosse ao banheiro, com a porta aberta, a bexiga começava a doer, mas deu com um pastor rezando contra um céu de artifício — Jesus me ama, Jesus me ama, Jesus me ama — e a multidão se erguia num auditório gigantesco levantando os braços, Jesus me ama! — ela mudou de canal aqui e ali até desligar, dessa vez correndo enfim ao banheiro antes que.

De olhos fechados, já inteira nua, deixou-se esvaziar e pensou em telefonar agora — amanhã, ela se corrigiu — para Alice, sua velha amiga, hoje nem tanto. Alguém para. Ou telefonar ao meu pai, ela se viu dizendo e imaginando no mesmo instante encontrar, um dia, a mãe. Talvez se inscrever nesses programas de televisão que acham nossas mães, Jesus ama você, menina! Jesus ama você! — todos choram no final, é aquela babaquice, e ela riu, ainda sentada no vaso e pensando se tomaria um banho ou se fumaria um último cigarro. Lembrou a analista, aquela figura gelada, tão aguda para dizer as coisas e tão indiferente para ouvir. Eu não vou mais lá, ela decidiu. Já economizo a última sessão. Ela não se impressiona mesmo com a minha história. Eu não sou verossímil. Todo mundo pode ser único, exceto eu. Veja, ela disse uma vez, uma biografia

parecida: Vilminha nasceu na favela da Cidade Industrial, em 1982, a sétima filha, terceira sobrevivente, de Maria das Dores e João da Silva, catadores de papel, ela analfabeta, ele alcoólatra. De tanto apanhar, Maria das Dores saiu de casa e nunca mais foi vista; o pai violentou Vilminha quando ela estava com seis anos e meio e viveram juntos por muito tempo, no velho colchão do barraco ou no carrinho de papel que ele puxava pela cidade inteira, suando a bebida diária, às vezes terceirizando o serviço para outro puxador de carga. Um dia ela fugiu e foi recolhida pela prefeitura, que a colocou na casa das meninas abandonadas, onde ela quase se recuperou e de onde fugiu de novo, agora para se prostituir nas imediações da Getúlio Vargas, depois Riachuelo, depois debaixo da ponte etc.

Então — já com você, a história é outra, ela deveria ter dito, ameaçadora. Por causa da Vilminha eu deveria abandonar decerto essa vida mundana, vestir um hábito e ir cuidar de leprosos na África para todo o sempre: talvez seja essa a mensagem daquela filha da. Não: calma, Íris. Antes do banho, decidi pegar um cigarro na cozinha: um maço ficou sobre a geladeira, ela lembrou, e foi andando nua para lá, mesmo detestando o toque áspero do carpete vagabundo na sola do pé. O seu pai havia lhe dito ao entregar o apartamento, já que ela queria tanto sair da sombra dele e praticamente não se falavam: Viu, como quem desfaz do presente que dá, ele não se emenda, essa merda de construção moderna, para não gastar com tacos de madeira põe esse lixo desse carpete. O maço de cigarros advertia contra a impotência, o que, mesmo no caso dela, ela pensou, faz algum sentido, pelo menos como metáfora — e a fez lembrar o vizinho, ela escancarada e nua com a luz acesa, mas não havia janela acesa na outra face do prédio. Começou a sentir frio, o pé no chão da cozinha; antes de acender o cigarro — cadê o fósforo? — abriu a geladeira. Pegou um iogurte natural e um www na embalagem lembrou-lhe o computador quebrado e a impressora sem tinta, aqueles ladrões, cartuchos caríssimos — preciso mandar consertar tudo porque também sinto falta do computador. O gelado do iogurte não tinha gosto de nada, apenas, momentaneamente, de saúde, ela pensou sem pensar, somos idiotas na mão da propaganda, e a figura do fotógrafo (qual o nome dele? — ela segurava a colher do iogurte, tentando lembrar) voltou-lhe como um pássaro rasante que desaparece.

— Vou tomar um banho — ela decidiu em voz alta, já esquecida do cigarro, jogando a colher na pia, que rebateu em pratos sujos, e o copinho vazio na cesta

de lixo, de onde veio um discreto cheiro ruim. — Preciso limpar tudo isso — ela disse, pensando: mais um projeto definitivo de segunda-feira. E hoje é quarta-feira? quinta-feira?

Distraída, foi para baixo do chuveiro assim que abriu a torneira, sentindo o gelo da água — mas deixou-se ficar, esperando a água aquecer, vagarosa. Banhos japoneses, ela pensou, banhos turcos, saunas, piscinas, vapores, massagens, água, água de olhos fechados. Você já pensou na água como purificação? — perguntou a estúpida analista. Mas pelo menos nisso talvez ela tenha mesmo razão. Não era para lavar os cabelos, mas agora é tarde. A massa de espuma cobria sua cabeça e ela imaginou se dessa vez o plugue do secador de cabelos daria contato — ou faria contato, como um extraterrestre: outro conserto a fazer, aquele aparelho é de lua. Quantos banhos diários devo tomar para a purificação completa? — ela imaginou-se perguntando à analista, que anotaria alguma coisa e devolveria um sorriso gelado de olhos azuis. Se o que ela disse está me perturbando é porque — mas não concluiu a frase. Que porra, ela pensou, que porra, ela repetiu, agora balbuciando, eu não preciso disso. Eu — mas ergueu a face para o céu e deixou a água cair. Ave Maria cheia de graça. Um vulto sem rosto — a avó paterna — levando-a criança para a Igreja da Ordem, onde ela desmaiava de pressão baixa. Cheiro de velas, de mofo, de velhice, um mundo de sombras. A avó, morta, desapareceu, e com ela se foram os parentes todos. Em seguida — mais tarde — a mãe, que também se foi para nunca mais, vivíssima; com alguém, afinal, que faria mais sentido ao meu lado, e ela lembrou dele, belo, uma figurinha de bronze, sem cérebro — mas isso eu só sei agora. Tem importância? Ave Maria cheia de graça. Como continua isso? O Senhor é conosco? convosco? A água escorre na face. Talvez o gás esteja no fim, ela calculou, pressentindo uma discreta diminuição do calor, mas não se moveu dali. Talvez eu esteja descobrindo agora o meu ponto alfa, ela pensou irritada, lembrando alguma revista idiota para adolescente. A suspensão dos meus grilhões de infância. Não, a analista não falaria assim. O meu piercing é o meu grilhão — palavra estranha, lembra grelha e o resto, e ela começou a rir, engolindo água. Quantos banhos? Para esquecer Pai, Mãe e Espírito Santo — que hoje levou um belíssimo chute no saco. Sentiu um desejo de rever Alice. Antes consertar o computador, que o telefone dela se perdeu — só ficou o e-mail. Quantos banhos a prostituta Madalena deverá to-

mar, ela perguntou, como quem afirma, mas alguma coisa dissonante começava a tocar sua alma: ela sabia. Está vindo. O meu pai. O meu pai — melhor deixá-lo em paz, ela pensou, ou ele não me deixará em paz. Dissonância, ela repetiu, pensando em um violão, que quase sou eu, ela imaginou, sempre com a face na água caindo, as mãos descendo pelas ancas: sou muito magra e muito comprida. Não sirvo para violão. Sou — mas ela parou, porque a dissonância voltava. Fechou os olhos e puxou a argola do umbigo para se magoar, como quem aciona um freio. Lá vem. Enfim deixou-se chorar, alguns soluços mecânicos — essa coisa é mesmo pornográfica, eu não tenho controle, ave menina cheia de graça, que vem e que passa, pronto, já passou. É a lembrança do pó. Eu me livreí, mas. Agora a água estava fria mesmo, mas eu não vou trocar essa merda de botijão — deixou-se ficar sob a água, até sentir a pele esfriar; ela sabia que ainda estava quente por dentro, e se saísse agora, suaria em seguida. Como se a analista estivesse ali, com o bloquinho. Algo assim: Mas você sempre se sentiu uma prostituta? Ou foi apenas quando?

— Chega.

Fechou a torneira, finalmente, os dentes batendo de frio. Depois de espremer os cabelos — e os fios da água desciam frios pela pele do corpo — enrolou a toalha menor na cabeça, como um turbante, e foi se ver no espelho, um vulto embaçado. Aproximou o rosto: os olhos ainda estavam vermelhos, ela percebeu, ao limpar o vapor da imagem. Estou precisando de companhia, ela pensou, lembrando novamente de Alice — um pedaço de infância que ficou pelo caminho. Distraiu-se com o turbante, sempre engraçado; viu-se de um lado, de outro. Eu gosto do meu rosto, ela disse em voz alta e lenta, desafiante, como se a analista dos olhos gelados estivesse ali à espreita. Enrolou-se inteira na toalha maior e apertou-se, à espera de que o calor da alma chegasse em ondas (ela imaginou) à epiderme. Antes mesmo de secar, antecipou-se aos projetos do resto da noite: dormir é o mais sensato, mas é como se eu estivesse levantando agora, também como metáfora, e ela riu, lembrando quase simultaneamente do pontapé em Joaquim e da definição de metáfora ouvida em alguma aula passada, o que acordou mais ainda no entusiasmo súbito de um futuro. Ler um livro é a melhor solução, ela decidiu. Deu dois passos no corredor e a campanha tocou, súbita, nítida, sinistra, plim-plom! — e ela paralisou-se. Coração disparado, parecia ver o fantasma de Joaquim atrás da porta, no corredor escuro. Ele não

tem esse direito; ele não pode ter esse direito, ela pensou, no miolo daquele silêncio empedrado. Talvez interfonar à portaria, mas — e de novo o frio na alma — o porteiro já sabe que ele está aqui; o porteiro foi comprado. Ou ligar diretamente à polícia — o número é 147. Há alguém batendo à porta, ela diria, mas ele não está dando aquelas batidinhas discretas e clandestinas de sempre, como ele costumava fazer trinta minutos depois de sair — ela abria a porta e ele era o lobo sorridente: Como vai minha menininha, o lobo voltou, e num passo trôpego de dança arrastava-a até o sofá, ele de joelhos, no chão, ela abrindo as pernas de olhos fechados. Enfrentá-lo de uma vez; ou fingir de morta; ignorar. Ele apertará essa campainha até morrer seco e arreganhado ali fora, esse filho da puta, ela pensou. Ele não tem peito de fazer escândalo. Súbito, a campainha — plim-plom! — tocou de novo, e o som pareceu-lhe agora mais tranquilo, como se fosse outro o toque. Seria mesmo Joaquim? Intrigada, aproximou-se da porta. Nada. Pensou ouvir um breve arrastar de pé. Talvez seja o porteiro. Lamentou a falta de um olho mágico. Os pés pareciam se afastar agora — num impulso, ela perguntou:

— Quem é?

Silêncio. Os pés voltaram. Talvez o fantasma não houvesse entendido. Perguntou com a voz mais firme:

— Quem é?!

Era como se ela sentisse o mesmo medo respirando do outro lado:

— O fotógrafo. — Uma espécie apagada de lamento, ou de súplica: — Por favor, eu... desculpe.

Invadida por um alívio transcendente, abriu a porta.

DUARTE ACORDA DE MADRUGADA

Acordou suado, no clímax de um sonho de que não lembrou nada no segundo seguinte: alguma coisa escura, tentou pensar, e levou um lapso de tempo até voltar à terra, aqui e agora, como uma fita que se rebobina, imaginou. Interrompeu o gesto de acender a luz da cabeceira lembrando-se da mulher que, nua, o abraçava ressonante sob o lençol — uma noite quente. Com delicadeza, desvencilhou-se do braço que o enlaçava, e a mulher, um bebê que se ajeita na oitava nuvem do sono, virou-se para o outro lado, agora em silêncio absoluto. Sentou-se na cama e tateou a cadeira próxima em busca da calça do pijama até descobrir que já estava vestido com ele. Nunca andava nu pela casa: o preço que as três filhas, sem saber, me cobram, uma vez ele se surpreendeu pensando ao assistir um programa sobre nudistas que achou ridículo; mas é um bom preço pelo prazer de tê-las, ele se corrigiu, esbarrando agora em outra cadeira, até alcançar a porta e sair para a luz do corredor, depois à saleta, também iluminada, que o levou cego à cozinha, onde enfim os olhos se acostumaram. A cabeça latejava de dor, uma agulha mecânica e profunda que parece tocar os nervos da alma em estocadas curtas e finas. Encheu um copo de água e, enquanto bebia, começava a reconstruir as paredes da lembrança; no segundo copo já estava suficientemente em pé para refazer a memória, agora com mais frieza, dos 50 centavos que devia até o corpo de Lídia. Perdeu completamente o sono. Pensou em ler um livro, na sala, para não acordar a mulher,

e os passos o foram levando para a janela. Ouviu o ruído abafado do elevador que despertava: alguém chegando ou alguém saindo, ele pensou, vendo a cidade escura e aqui e ali uma janela ou outra se acendendo ou se apagando. Sempre desejou ter um binóculo potente — e uma perna quebrada como desculpa, e ele sorriu — para controlar a cidade inteira no painel desta janela, mas a ideia envergonhava-o tanto que jamais conseguiu sequer verbalizar o desejo. Sou um estranho missionário, ele pensou, sempre com a sensação de quem perdeu o fio de alguma coisa. Sentou-se e ficou imóvel contemplando a escuridão tranquila de Curitiba. Lula vai ganhar a eleição, ele

pensou de repente, e lembrou que não havia propriamente um entusiasmo naquelas mesmas pessoas no cafezinho que discutiriam aos gritos dez anos antes. Alguma coisa se perdeu no caminho, e ele lembrou de Lídia, sentindo no mesmo instante um arrepio: as mãos no rosto dele, no escurinho do cinema, e ele suspirou (uma luz se apagava no horizonte da janela e logo em seguida mais duas, como em lances de um jogo, que então ficou estável), quando ouviu um ruído de chave na fechadura tentando abrir a porta, que enfim foi aberta e a filha apareceu sob o clarão da luz acesa lá adiante — ele piscou os olhos novamente feridos de luz.

— Tudo bem, filha?

— Oi, pai! Não dormiu ainda?

— Como foi a festa?

— Ótima!

E desapareceu pelo corredor sem ouvir o “Apague a luz!”. Levantou-se ele mesmo para apagá-la, piscando os olhos doloridos, e o simples movimento do corpo fez a cabeça voltar a latejar. Que horas são? — perguntou-se sem interesse na resposta e voltou à janela, como quem precisa apenas respirar, intrigado: falta um fio de raciocínio. Olhou para baixo, mas não via nada além de faróis esparsos: o carregador de papel já estaria dormindo para voltar ao trabalho às cinco da manhã. Se pararem de trabalhar, o depósito de lixo subirá em pouco tempo até a minha varanda. José Serra é um bom candidato; talvez o melhor, ele pensou, se tivesse — se tivesse o quê? A esquizofrenia brasileira: cada esquerda se alia com a sua direita. Máquinas sobrepostas e entrecruzantes de arcaísmos messiânicos; resolvida a equação econômica, no modelo sem saída, a nossa estupidez reluz inteira, agora sem desculpa. O cachorro silencia quando o caminhão que ele perseguia súbito para diante dele. A derrota como um valor moral. Em que língua quereis que vos fale? — perguntou Rui Barbosa;

o que ele disse depois, ninguém se lembra. E no entanto, as coisas avançam, ele continuou pensando, vagabundo: a rebelião das massas em Ortega y Gasset. Um pouquinho mais — e a ideia animou-o, um bom tema seria esse — um pouquinho mais, quem sabe mais 500 reais por mês, uma casa de 50 metros quadrados, um sistema de esgotos e o filho na escola do bairro, e nosso primor de estatuária modelado em lama teria potencialmente mais conforto na vida do que desfrutou Luís XIV, rodeado de peste, piolhos, sífilis, fedentina, mastigando seus dentes

podres, o hálito de enxofre, sempre a merda em toda parte. Não aqui, ele pensou, recostando-se na cadeira com a volúpia — e ele riu da palavra — do conforto. O velho era nazista, é verdade, mas deixou um bom patrimônio e talvez um senso tranquilo de ordem, e ele lembrou de Mara, uma mulher que parece carregar a paz, uma entidade quase física, aonde quer que ela vá. Ele seria — mas por que, Mara vai me dizer, eu gosto tanto dessas alternativas existenciais que se reduzem a pó, pura e simplesmente? — ele seria, o velho sogro, e ele passou a mão no pescoço, lembrando mais uma vez, inexplicavelmente, de Lídia, ele seria um bom porteiro de Auschwitz. Uma coisa ordenada: se cada um fizer a sua parte, o mundo será melhor. O trabalho liberta.

A porta da sala abriu de repente e a filha avançou para a cozinha. O telefone tocou e ele se sobressaltou pelo sono de Mara, sempre tranquilo — chegou a erguer-se, mas a filha já estava ao lado do aparelho.

— Alô?

Na penumbra ele ficou atento.

— Desligaram.

E a filha desapareceu da vista dele, felizmente sem acender a luz — algum namorado perdido, pensou Duarte, esquecendo-se do telefone imediatamente: queria recuperar o fio argumentativo. Mas não há fio nenhum, ele se disse — vá dormir. Tudo para não lembrar de Lídia, ou simplesmente eu não me lembro mesmo? Eu nunca seria um Casanova, ele decidiu, sorrindo para a escuridão, onde uma janela distante se acendeu e se apagou em alguns segundos. Essas coisas são complicadas. Você disse “coisas”? — e ele viu Mara, os olhos frios atentos, no consultório, a caneta pronta a anotar o detalhe revelador. Em que sentido? Ela gosta de usar esta expressão: Em que sentido? O sentido da pele, ele teria de dizer, mas não diria nem pendurado pelos pés no porão dos gorilas do doi-codi com a cabeça mergulhada no esgoto, e ele lembrou o velho tio Fernando, lenda e opróbrio da família, morto aos 23 anos com um tiro na testa, braços e pernas quebrados, e ainda nos olhos — ele quase escrevia o poema que jamais escreveria mas que agora parecia tão inteiro, verso a verso na melancolia da madrugada — nos olhos o brilho sincero, limpo, ingênuo, puro — não, nos olhos o brilho idiota de quem ia provocar a rebelião das massas contra a ditadura lacaia do imperialismo ianque que seria derrotado pelo povo em armas para a ascensão da ditadura do proletariado que traria a justiça celeste à Terra, pobre

imbecil burro débil mental estúpido coitadinho um mar de zumbis brincando de faroeste e Rosa Luxemburgo. A ditadura sempre gera esses gremlins vermelhinhos — e aqui o professor Duarte deu uma risada solta, uma boa frase para a hora do café, dependendo da plateia; afinal, ele ouviu alguém dizer entre o sério e a chacota, nós tomaremos o poder no próximo ano, já contando com Lula e com o ovo no cu da galinha —

— Rindo sozinho, pai? Isso é contagioso?

Uma breve e divertida vergonha:

— Acho que é, Cláudia.

Entrevia a filha na penumbra, brilhando os olhos, os dentes e o copo de leite:

— Quer um leitinho pra pegar no sono?

Arremedando a mãe, de quem ela é a cópia melhorada — talvez com o meu humor, ele pensou, incerto: isso seria bom?

— Não, obrigado. Estou aqui relaxando um pouco.

— Vai ficar aí no escuro pensando na morte da bezerra?

Ele riu solto agora.

— Acho que sim, filha. É bem isso mesmo.

— Então, bom descanso!

— Ah, e feliz aniversário! — ele lembrou, súbito.

— Eu já disse que nem é hoje, pai. Mesmo que fosse, já passou da meia-noite e já virei abóbora!

Ele fechou a porta da sala, levando o copo de leite. A morte da bezerra. Eu chamava meu pai de senhor, ela me chama de você — eis aí uma boa bezerra morta. Nem tudo piora nesse mundo de Deus, diria a mãe, outra bezerra morta frequentadora de missa. Hoje estaria mugindo nos shows evangélicos, Jesus te ama! Era justa essa lembrança? A representação da consciência, ele se atropelou, mais ansioso, ao mesmo tempo que procurava uma luz que se acendesse em alguma janela da cidade escura, mas as luzes agora só se apagavam, o jogo da madrugada, como ele disse numa aula que ninguém entendeu, e era tão nítido: a representação da consciência é o maior mistério da linguagem literária, ele disse algo assim, porque a representação, como tal, deve ser reconhecível, e nós pensamos em cacos; a representação mimética, ele escreveu no quadro, ao pé da letra é ilegível, e afinal a própria ideia da pura mimese é uma

fraude; e para saber o que pensamos é preciso reorganizar o evento, segundo um novo e indispensável olhar subjetivo; nós temos de escolher, necessariamente, sem álibi, esse olhar — e ele parou, giz na mão, suando, diante de 32 estudantes calados: no que pensavam eles?

O sentido da pele, ele tentou recuperar, eu estou tentando recuperar de fato, não de pensamento: os vinte anos a menos de Lídia, era nisso que é preciso chegar, com a mão na pele, e ele sorriu, tentando fazer humor com um outro professor Duarte que, de acordo com a preguiça do olho em não ir além do vidro diante dele, aparecia, trêmulo, deformado e escuro no reflexo da janela.

O FOTÓGRAFO ENCONTRA UM AMIGO

— O senhor pode parar por aqui — ele disse. — Eu vou caminhar um pouco.

Ao pagar, viu a estrela do Partido dos Trabalhadores no painel do carro e perguntou sem pensar:

— O senhor vai de Lula?

— É hora de mudar, não? — e sorriu.

De perto, percebeu que o motorista era muito jovem; ele até conversaria mais, o olhar atento à espera de uma outra palavra, que não veio, além do obrigado mecânico, depois de uma ligeira indecisão. O fotógrafo desceu a rua com o envelope na mão e a máquina pendurada no ombro, que conferiu aflito, como alguém que esqueceu o mais importante, e a mera ideia angustiou-o assim que o táxi arrancou. Que rua é essa? — alguém custando a acordar dos pensamentos. Mais alguns passos e estava na Mariano Torres e a poucas quadras de sua modelo — os passos agora começavam a pesar. Sim, ele vai de Lula, ele pensou vagamente, lembrando do pai, de Lídia, de Otávio e do pipoqueiro da esquina em defesa da democracia — súbito, uma camionete cheia de torcedores bêbados passou aos gritos e buzinações, bandeiras desfraldadas, e alguém berrou um “Filho da puta!” que parecia destinado a ele, mas não: uma janela próxima com outra bandeira se escancarou — “Vagabundos!” — fechando-se em seguida e em um segundo desceu um silêncio completo sobre a rua. Se até os taxistas estão com Lula, ele pensou — mas o pensamento voltou atrás (hoje teve jogo) e ele lembrou que prometera várias vezes levar Alice ao estádio, e nunca cumpriu. Sou alguém que não consegue dormir, ele pensou. Por isso estou aqui, a essa hora, com a demonstração do meu talento, alguém que se agarra ao que lhe resta. Se bem que a Lídia:

já aconteceu antes — quer dizer, e ele começou a atravessar a rua até o canteiro central, dias de silêncio e de tensão que se desanuviavam tão imprevisíveis, um dia que se abre, *el dia que me quieras*, e ele tentou lembrar de onde vinha essa música, de que cromos da memória. Eu tenho de sair de Curitiba, pensou, já no canteiro central, esperando passar uma sequência de carros, tranquilos dessa vez, esse mercado saturado, é o que todos dizem, você tem sorte, dizem. Eu tenho sorte, como se eu fosse um bom funcionário público, o que até faz sentido. Quem

me despediria, ele se perguntou, além de Lídia? Refugiou-se tenazmente nas duas fotografias, aqui à mão, cuidando para não deformar o envelope. Se Lídia ao menos falasse! Assim: cartas na mesa. E, bonequinho verde aceso, começou a segunda parte da travessia, sete passos exatos em diagonal até a calçada oposta, ele contou, distraído, e distraído diviso o que parecia a mesma figura esquiva da manhã, um vulto magro no escuro e uma brasa de cigarro se consumindo lenta. Fantasizou-se dono de um táxi, para esquecer a figura (evitou olhar para lá), talvez, mas também porque aquele jovem motorista lhe pareceu repentinamente um homem livre, assim de madrugada, na fantasia de desenhar o seu caminho dentro de um táxi e ganhar por isso. O sonho de alguém que nunca soube dirigir bem, ele pensou, lembrando a figura do pai, este sim, nunca dirigiu na vida — e nem a vida, completou; mas agora é azedume. Parou à altura dos bares da Nilo Cairo e imaginou-se sentado em uma daquelas mesinhas com uma cerveja aberta diante dele só para conferir, no claro-escuro, se as fotografias, agora, faziam sentido, o envelope na mesa com o suor da garrafa escorrendo sobre ele, e olhou em torno, uma ansiedade paralisante e absurda, respire fundo, sempre fui um homem tranquilo, ele frisou, defendendo-se. Avançou até outro bar, diante do qual uma viatura da polícia fazia posto, mas aparentemente tranquila, hoje — já mataram alguém por aqui faz pouco tempo, ele lembrou, e lembrou como um fantasma o silêncio de Lídia sob os lençóis, aquele subterrâneo agressivo que assomou diante dele, a treva, a treva feita de silêncio, fomos feitos para falar, mas eu nunca falei muito, e ele tentou lembrar de conversas antigas com a mulher, como eram? Às vezes aparece algum conhecido por aqui, edição fechada de madrugada, mas nada disso existe mais, todo mundo quer ir logo para casa dormir. É como se eu fosse meu pai, falando assim, ele lembrou. Daqui da calçada já podia ver o prédio de Íris, mas numa decisão impensada entrou e encostou-se no balcão do bar para uma cerveja, de novo a preocupação com a máquina no ombro, devia ter deixado em casa, contrabalançada pelo carro da polícia (a palavra “viatura” lembrou-lhe uma piada na redação, anos atrás, mas só conseguia se lembrar mesmo das risadas do mensageiro da identidade). Enfim, aperto o interfone, ele planejou, e digo o quê? Era como se ele não quisesse enfrentar essa obsessão e também o sentido dos 200 dólares ainda no seu bolso (devolver para ela). Sim: um bom plano. Em três segundos o dia — não, a vida — amanhecia luminosa como um cartão-postal. Bastava atravessar aquela

rua, ele fantasiou, e bebeu o primeiro gole, preocupado subitamente com o estômago, com a barriga mesmo, com o descontrole dos intestinos. É medo isso, ele pensou. Pediu também água, para acompanhar a cerveja como se fosse vinho, e continuou em pé, mesmo quando lhe ofereceram um banco, porque se sentasse ficaria ali até amanhecer o dia ou acabar o dinheiro, dólares incluídos, na transação escusa que ele fantasiou à sombra da polícia.

Olhando fixamente para as garrafas das prateleiras de vidro à sua frente contra o fundo de um espelho quebrado que multiplicava aos pedaços o seu rosto sujo de barba malfeita — ele tentava enquadrar uma imagem naquele caos de formas, achar um lugar para ele mesmo na moldura imaginária, mas essa definitivamente não é a minha linguagem, ele pensou, quase abrindo o envelope para provar o seu trabalho

e confirmar o que ele tinha de melhor: duas imagens de Íris em preto e branco. E veio-lhe a memória da luz no final da tarde na Santos Andrade e a fotografia que ele não bateu:

a imagem de Lídia trêmula na teleobjetiva com um sorriso que ele nunca havia visto desde — quantos anos? Eu estou fantasiando, e irritou-se, como se despertasse mais uma vez sobre a falta de sono e isso lhe duplicasse a lucidez: uma lente macro sobre mim mesmo, ele argumentou, apenas deforma; não revela nada. A nossa medida é naturalmente difusa, ele pensou, tateando a ponta da alma num terreno em que nunca se sentiu bem, que não era o seu, o das definições; há um limite de nitidez na boa imagem, aquele que o olho absorve; mais que isso, tudo se desembaça ao absurdo — e lembrou ansiosamente de Lídia, ela sim, discorreria sobre a perfeição do olhar e a natureza do objeto: é isso que ela estuda. Eu não estou mais no horizonte dela; faço parte apenas do seu silêncio. Como era mesmo o poema que eu quase escrevi hoje — e ele fechou os olhos, no esforço de lembrar. O ressentimento é a forma visível da solidão. Não. Era outra coisa. O contrário. A solidão é o charme discreto do ressentimento, e agora ele riu para si mesmo num pedaço de espelho, lembrando do filme. As palavras vão se esvaziando, ele pensou — e súbito, mudou a direção da vida, numa decisão que lhe parecia tanto definitiva quanto simples: nenhum risco. Não tenho nada a perder. Mas, se eu quero conversar, ele calculou, eu preciso confessar, ou a mentira prossegue e eu fico cada vez mais longe de mim mesmo. No fundo, trata-se de um cálculo, ele mesmo se acusou, pagando pela cerveja e

esperando o troco: não tenho nada a perder. A rigor, nem mesmo os 200 dólares.

— O que eu perdi — ele balbuciou, como quem quer deixar nítido o caminho antes mesmo de se mover — já está perdido. É daqui para a frente. Vamos levantar a cabeça e partir para outra, como diria o centroavante derrotado, e ele riu, tão alto dessa vez que duas pessoas olharam para o louco.

Atravessou a rua, momentaneamente confuso com a geografia — mais alguns passos e se perguntou no escuro: Esta é a Comendador Macedo ou a Nilo Cairo? — até que três minutos depois se viu diante do Edifício Liberdade, e ele deu dois passos para trás, como quem chegou cedo demais ao seu destino e agora tem de esperar as coisas se acalmarem; ou a própria noção de destino não está ainda suficientemente clara, olhando em torno como quem custa a reconhecer, afinal, que, sim, é exatamente aqui que você queria chegar depois de todas essas voltas, para isso revelou essas duas fotografias, saiu de casa, pegou um táxi, bebeu uma cerveja e transformou-se o tempo todo numa máquina inútil de pensar que vai girando as roldanas e as engrenagens sob um barulho desgastante, tudo para produzir coisa alguma, porque você está exatamente onde começou, ele se ouviu dizendo, como a voz de um inimigo — é só atravessar a rua e ver a fachada do prédio lá do outro lado e pensar que o arquiteto que o desenhou é um homem ambíguo dos anos 70 que resolveu ganhar dinheiro. Algo assim.

Isso é a mesma imagem agora em negativo, assim à noite, ele disse já na outra calçada ao perceber ao lado do poste próximo a mesma figura clandestina com o cigarro, vigian-

do-o tão mal disfarçadamente como o fez pela manhã — e ao mesmo tempo havia naquela sombra algum toque amigável, um desejo de aproximação, um cãozinho abanando o rabo, oferecendo amizade, cigarro, sorriso, mas temendo o corridão ou o poder da objetiva. O fotógrafo esqueceu-o, pensando na imagem em negativo a ser revelada, e respirou fundo: era preciso ganhar coragem e atravessar de novo a rua e enfren-

tar Íris e encerrar aquele pedaço de sua vida com 200 dólares de custo. Por que aceitei? — ele se perguntou já antevendo

a resposta: porque você é fraco, eles sentem quando você

está perdido, eles intuem perfeitamente quando você fará qualquer coisa para se mover de onde está porque você não se reconhece mais em lugar nenhum.

Percebeu os passos

no escuro.

— Esperando alguém? — e os dentes sorrindo.

Na outra calçada, dois vultos abraçados se aproximavam do prédio, e deles vinha o eco de uma risada feliz, vagamente familiar. Imaginou investir de novo contra o intruso com a objetiva — mas o prazer da agressão imaginária não resistiu; eu estou ficando estúpido, ele pensou: ele é um idiota. Os idiotas não são necessariamente inofensivos; eles querem arrastar você e o mundo inteiro à lógica deles, às vezes à força, com dois tiros na cabeça ou estrangulando meninos para que subam aos céus em segurança, ele lembrou — e correu para o outro lado da rua, agora a poucos metros da entrada do prédio, seguindo uma intuição que, sob a luz forte de outro poste, parecia iluminar o seu futuro inteiro, concentrado naquele prédio, que agora ganhava o alibi perfeito. O jovem, feliz, abraçava uma menina sorridente com o braço esquerdo e a mão direita avançava, chave em riste, para a fechadura do Edifício Liberdade — e iluminou-se duplamente ao ver o fotógrafo, um vago conhecido de um estágio na redação do jornal, tempos atrás; abandonou a chave para cumprimentá-lo, sempre feliz, abraçado à sua felicidade — uma alegria tão intensa nas faces apaixonadas que eles querem repartir o astral, ele pensou, também feliz por osmose, fantasiando a grande chance de sua vida num instante do acaso da madrugada.

— E daí, velhão!? Tudo bem com você?

— Tudo bem! Que coincidência!

— Pois é — e ele enfiou a chave na fechadura, abrindo a porta e em seguida o deixando entrar na frente. — Não me diga que você mora aqui e a gente nunca se encontrou?!

— Não não! — E ergueu o envelope: — Entregar umas fotos. Vida dura!

— Eu sei como é, cara! — E eles riram. — Você está na publicidade agora?

— Também. Mas continuo no jornal. Os bicos de sempre.

— Pois eu abri uma agência!

— É mesmo!? — e passavam agora pelo porteiro recostado e sonolento diante de uma tevê em preto e branco, que balbuciou um boa-noite sem mover os olhos, e o fotógrafo sentiu alívio por não ser o mesmo da manhã: ele nem lembrava mais do nome que havia inventado, e a entrada sorridente com o casal amigo abria todas as portas, coração disparado — nada a mentir daqui para a frente.

— Resolvi arriscar, e sabe que está dando certo? — A mão livre do amigo (a

outra não largava a namorada sorridente) tirou do bolso um cartão, que estendeu ao fotógrafo assim que entraram no elevador. O dedo agora apontava o quadro de teclas: — Você vai em que andar?

— No 8 — disse o fotógrafo, olhos fixos no cartão, que via sem ler, imaginando o que pensaria o colega desse oitavo andar assim de madrugada, com a desculpa de um envelope ridículo à mão, já sob o terror de que eles também fossem ao mesmo andar, mas não, ele apertou o quinto, ele viu com o canto dos olhos, tanto melhor, e enfim se concentrou no cartão — Síntese Propaganda, com um logotipo enxuto e elegante, endereço, telefone, www tal, mais o e-mail, e afinal o nome, Mauro, lembrou, agora nitidamente, encaixando enfim a figura num quadro da memória.

— Ligue pra gente! — disse Mauro, tocando-lhe o ombro com um esboço de afeto, sempre sorrindo: — Às vezes a gente precisa de fotógrafo. Você podia deixar teu número lá.

— Vou ligar sim — disse ele, realmente feliz com a oferta, e guardou o cartão no bolso, evitando olhar nos olhos do amigo até que o elevador parou; Mauro finalmente largou a namorada, empurrando a porta com a mão esquerda e estendendo a direita para se despedir:

— E eu nem apresentei minha noiva! — a noiva riu alto agora, mais feliz ainda.

— Prazer! Alice!

— É o nome da minha filha!

— Legal!

E todos riram, o final de um belo encontro; a porta se fechava e ele ainda ouviu um Não deixe de ligar! — que ele respondeu com um Vou ligar sim! — fantasiando um contrato grande da Síntese Propaganda que de algum modo envolvesse suas fotos de Íris, mas assim que o elevador se moveu com um tranco ele se perguntava intrigado: — Os homens ainda têm noivas?

Ele mesmo jamais noivou; nascido em 62, cresceu no final dos anos 70 cultivando a boa memória do que a geração anterior chamava libertação sexual, alguma coisa boa porém diáfana, que ele nunca aproveitou (e o fotógrafo sorriu) mas amava como a imagem do paraíso, o possível, que incluía o pão distribuído, o despojamento dos simples, a sinceridade cotidiana, o amor à natureza, o horror à gravata, aos ricos, ao poder, a essa merda de publicidade, ele pensou, já azedo

(sempre o angustiou a posição ambígua do pai nas greves do Banco do Brasil e a sua igualmente ambígua posição nos anos finais da ditadura militar; alguma coisa poderosa se esfarelava na sua alma naqueles anos de formação, ele lembrou), no exato momento em que o elevador lhe oferecia a porta do oitavo andar que ele empurrou sob um curto ataque de pânico, a cinco passos do 802 — onde a luz, ele conferiu na fresta sob a porta, estava acesa, o que era um convite para ir adiante, ele pensou, com esperança; quem sabe Íris abrisse a porta, sorridente, e lhe dissesse alguma coisa alegre, ou tranquila, um suave “É você?” — e então. Ou talvez apenas empurrar envelope sob a porta com um bilhete gentil, e —

Não, ele decidiu enfim, eu tenho uma confissão a fazer. E estendeu o dedo para a campainha.

LÍDIA ACORDA DE MADRUGADA

Ela acordou de um sonho devastador e, ao abrir os olhos para a escuridão do quarto, bateu a cabeça e descobriu-se só. Procurou o interruptor da luz de cabeceira e a luz como que lhe devolveu um senso brutal de realidade, naquele instante não muito melhor que o sonho, do qual, aliás, se esqueceu imediata e completamente. Fez um esforço inútil para lembrar-se dele, mas isso funcionou apenas como um alibi para não acordar — e a memória recusava-se a servi-la. Sonhei nada, ela se disse, pensando vagamente que horas seriam e onde andaria seu fotógrafo, e sentou-se na cama, totalmente acordada agora, mais um dia irrevogável. O mau humor das manhãs, ela lembrou o que ouviu a vida inteira de sua mãe — custava a sintonizar com o mundo para enfim se mover. Talvez, nesse momento, nem quisesse mesmo sintonizar com nada, ela se analisou caminhando para o quarto da filha no cacoete de vigiá-la, protegê-la do eterno friozinho curitibano, cobrir-lhe os pés, juntar a boneca caída, recolher a revistinha aberta, todos os signos da imagem clássica da infância, ela avaliou, crítica, imaginando no mesmo instante como seria explicar para ele a necessidade da separação, algo que ninguém ali disse em voz alta mas que era uma fissura escancarada entre eles. Eu não quero trair meu marido, ela pensou: não é esse o problema. O problema — e agora ela abriu a geladeira, olhando para o interior iluminado sem nenhum objetivo — é que estamos encerrados acabados liquidados, com prazo de vencimento estourado e já fora de qualquer garantia — e ela pensou em pegar o leite, mas desistiu, fechando a geladeira. Talvez beber um vinho, a mim mesma, ela pensou, e imaginou-o entrando no exato momento em que ela estivesse enchendo um cálice à mesa da sala, festejando a liberdade: pela primeira vez na vida, ela calculou, teria aberto ela mesma uma garrafa de vinho, o saca-rolhas triunfal nas suas mãos. Veja do que sou capaz, ela diria, brandindo o saca-rolhas — e Lídia riu alto um riso alegre e ao mesmo tempo nervoso, de quem não quer pensar no que de fato importa, a presença agora soberana, concreta como um corpo próximo demais do nosso hálito, do professor Duarte em sua vida.

— Não. Não pode ser assim — ela se ouviu dizendo em voz alta.

Decidiu-se enfim por um copo d'água, da torneira mesmo, porque o galão de água mineral continua vazio há mais de uma semana: as coisas vão degradingolando, e como uma não funciona a outra também emperra e assim por diante até o desastre — tolerância zero comigo mesma, ela pensou, imaginando-se subitamente só na casa inteira, como se, então, isso aqui voltasse ao normal. Até que ponto ele aceitaria sair de bom grado? Assim: Adeus, Lídia. Foi bom enquanto durou. Temos Alice em comum, e isso será sempre uma aliança secreta. Seja feliz.

— Seja feliz.

Eu não posso me separar “porque” isso ou aquilo; mas porque chegamos ao fim. Ou “ele” chegou ao fim, ela se ouviu pensando com uma ponta de rancor que se estendeu imediatamente à família dele, ao que restava dela, o torturante almoço de sábado — e isso talvez também seja um alibi, porque nesse momento você não pode enganar a si mesma.

— Sim, Lídia. Não descarregue nele o peso da sua decisão. Menos ainda nos parentes dele.

A água não foi suficiente. Procurou uma garrafa de vinho e encontrou uma última, empoeirada. Ninguém bebe vinho nesta casa, e ela se lembrou imediatamente das garrafas e latas de cerveja que às vezes ele deixava na mesa numa sequência de curvas caprichosas, uma latinha ao lado da outra como num jogo de dominó. Abriu a gaveta atrás do saca-rolhas, que nunca está onde você procura, ela repetiu o lugar-comum, e afinal o encontrou e levou-o para a sala com a garrafa, já devidamente lavada e enxuta. Com a ponta do saca-rolhas abriu o invólucro de chumbo da garrafa, espetou a rolha mirando o seu centro geométrico e girou a borboleta até o fim, o que foi fácil; depois, tentou puxar a rolha, que não veio. Agachada como uma camponesa que arranca uma mandioca do solo árido (lembrando ao mesmo tempo jamais ter visto uma plantação de mandioca na vida), prensou a garrafa entre as coxas, segurou-a com a mão esquerda no gargalo e puxou o saca-rolhas com a direita, o início de uma batalha, de um cabo de guerra entre ela e a maldita garrafa: aquilo estava colado, Lídia pensou, como quem denuncia uma fraude. Respirou fundo e tentou de novo, e de novo, e mais uma vez, e agora sim, de um golpe, com um estalo seco, veio tudo, incluindo uma golfada de vinho

sobre a camisola.

— Merda.

Mas não se incomodou. Com um pano de prato enxugou-se e enxugou a garrafa, que não perdeu muito vinho, ela calculou, levantando-a contra a luz para conferir o nível. Procurou um cálice — eu não tenho um único cálice nesta casa que não esteja lascado, isto é uma ruína — ela disse em voz alta e trouxe um copo da cozinha para a mesa da sala, pensando no prefeito de Nova York que implantou o sistema de tolerância zero, ao mesmo tempo buscando uma correspondência possível entre essa memória e a sua situação cotidiana.

— Eu sempre fui exigente comigo mesma. — Deu um primeiro gole, ainda em pé, pensando não no vinho, mas em outra coisa: — Por que agora não posso mais ser exigente?

Sentiu a camisola molhada de vinho tocando fria a sua pele e cheirando a álcool, mas sentou-se assim mesmo: não sei nem abrir uma garrafa de vinho, ela pensou, e sorriu: mas isso até um homem pode fazer, e ela riu alto. Deu outro gole, agora mais demorado, e fechou os olhos. Seria bom que ele chegasse agora, Lídia pensou, sentindo imediatamente a sombra (e o temor) do enfrentamento — e no entanto será preciso, decidiu, dando mais um gole. Não — ela diria a ele — não é por ninguém em especial — ela frisaria, diante da provável incredulidade dele — não é uma mera substituição da paixão — ela insistiu, agora pensando no peso da paixão, que peso ela teve na minha vida e quanto durou? Durou nada: uma sucessão de afazeres depois da primeira fotografia. Ele sempre foi um homem doce, ela se viu concedendo — mas. Olhou para a porta da rua, ouviu o silêncio daquela pequena casa nesse escuro da madrugada e sentiu um fiapo de medo pela solidão, não a da vida inteira, mas a daquele momento preciso, assim só, num espaço perdido nas Mercês, com a filha no quarto e sem um homem comigo, e era como se voltasse à cabeça cada vez mais frequentemente o terror do assalto. Isso é um lugar-comum, ela pensou, defensiva, como quem escreve literatura, mas o fiapo do medo continuou ali.

— Quando eu falo para ele de um apartamento — ela disse em voz alta, enchendo outro copo e olhando para a porta fechada: — Onde ele está agora?

Ergueu o copo contra a luz, como quem avalia a pureza de um diamante — a cor do vinho, se eu soubesse avaliar, ela disse, e sentiu uma intuição bruta e irresistível e levantou-se imediatamente — ao se voltar, o susto terrível do vulto

inesperado na porta do corredor: a filha, praticamente dormindo em pé, olhava para ela com os olhos sonados, a boneca debaixo do braço, o dedão na boca. O corpo inteiro da menina interrogava a mãe, em silêncio.

— Ai, filha. Que susto.

A menina olhou para a mãe e apontou os dedos para a mancha de vinho na camisola. Lídia conduziu-a devagar de volta à cama, sem uma palavra. A menina deitou-se e dormiu imediatamente. Lídia esperou o próprio coração voltar ao normal, contemplando a filha. Voltou ao corredor e dali foi ao banheiro, diretamente para o laboratório — aquele espaço absurdo que atravessou sua vida, ela pensou, ainda agastada pelo susto. Luz acesa, descobriu três fotografias grandes em preto e branco, penduradas no barbante, já secas. Uma das fotos não tinha foco, era uma cena abstrata de subtons, vagamente lembrando um rosto através do qual não se via nada, só o brilho suposto de um flash; outra era alguém de costas, olhando por uma janela — uma fotografia sem expressão alguma, formas desunidas, pesadas, sem graça — ele está perdendo a força como fotógrafo, ela arriscou pensar, agressiva. A terceira foto era — Eu já vi essa menina, Lídia intrigou-se, duvidando em seguida e não conseguindo mais se concentrar na memória daquele rosto, porque o contemplava agora (e, parecia, era contemplada diretamente pelos olhos da fotografia) com a angústia da beleza. O coração voltou a bater forte sob a força de um outro susto, em outra esfera da alma — ela tentava compreender o que estava vendo, sentindo-se por um instante absurdo estranhamente traída. Os dólares do marido, ela concluiu, tranquilizando-se: a foto é para uma agência, é claro — mas havia alguma coisa, um fiapo de lembrança, e de novo percorreu a memória sem encontrar nada. Olhos nos olhos da fotografia, uma última vez; apagou a luz para não mais vê-la e foi direto ao espelho do banheiro, onde se contemplou, assim sonada, começando a se sentir bêbada — e impregnada desse sentimento esquisito de coisa nenhuma que às vezes me bate, ela pensou, tentando racionalizar o que não entendia.

— E no entanto era sempre eu que compreendia as coisas.

Voltou à sala e sentou-se na mesma cadeira diante do vinho, olhando para a porta da rua. Tentava agora recuperar o momento que ficou para trás antes que a filha surgisse. Alguma coisa sobre viver em um apartamento, como se tudo fosse uma questão de geografia. Não é; é uma questão de pele, ela pensou, passando os

dedos no braço: à flor da pele, é assim que estou, e fechou os olhos pensando em Duarte, no escuro do escuro. Sim, aqueles beijos foram beijos de paixão. E no entanto ele não disse nada. Logo eu, ela pensou, que prego tanto o método e a nitidez (meu fotógrafo que disse, muitas vezes, como quem acusa), achei que o silêncio era exatamente o que tínhamos a dizer, como quem abre um espaço sem limites. Mas o silêncio, angustiou-se ela, agora com método, é também uma sombra. É preciso recuperar os sinais por onde andei para saber onde estou exatamente. Sim, o Duarte sempre me deu uma atenção especial — eu não sou louca. Ou sou? Aquelas coisas que nos tocam a autoestima, de corpo e de alma; e de inteligência também, porque é como se, com ele, eu suportasse conversar horas, dias, semanas, meses, anos a fio. Eu sou uma mulher à altura dele, ela pensou; ou, melhor ainda — e ela encheu outro cálice, uma sensação crescente que lhe pareceu um sopro raro de felicidade — ele é um homem à minha altura. Eu tenho esse direito, ela frisou, e a imagem dela ao lado de Duarte parecia-lhe conveniente.

— Não. Não é essa a palavra.

O orgulho feminino, ela corrigiu, de ter um homem que. Não. Fomos feitos um para o outro, ela pensou sem pensar, e súbito lhe desabava o peso do chavão, da frase feita, o peso do ridículo como que a esbofeteou: eu nunca mais vou dormir, ela pensou, sentindo-se suar — isso mexe com as glândulas, a vergonha. Imediatamente avançou para o telefone e discou o número que ela sabia de cor sem jamais ter usado. Uma voz que lhe pareceu de criança disse alô — e, novamente em estado de terror, desligou o telefone.

— Mas o que eu estou fazendo?!

Voltar ao início: ordem e método, ela determinou-se, enchendo mais um cálice e sentindo a angústia prévia do vinho que se acaba: esse era o último. O problema não é o professor Duarte, ela decidiu; ele não pode ser o ponto de partida. Ele é o ponto de chegada.

— É isso. Simples assim. Não há pressa.

O problema é o fotógrafo, sou eu, é minha filha, é a vida que levamos, é o almoço de sábado, é pau, é pedra. O problema é o esgotamento. O esgotamento de um tempo, ela tateou, afastando-se um pouco dela mesma, o que sempre relaxa. Assim: Lídia! Agora sob nova direção! — e sorriu da ideia. Uma mudança de governo, e Lídia riu alto, finalmente solta, pensando na eleição. Algo

como: Lula lá! E encheu outro cálice, o último, brindando à porta fechada por onde entrevia o vulto imaginário de seu antigo fotógrafo chegando para ouvir dela, enfim, claramente, nitidamente, palavra por palavra, uma coisa de cada vez, que as pessoas se transformam, e isso é muito bom.

O FOTÓGRAFO REENCONTRA ÍRIS

Ele apertou a campainha com um suspiro: estou exausto, pensou, a sensação de quem levou uma surra de ossos e ao mesmo tempo a de quem, definitivamente, se entrega — chega. O que estou fazendo aqui, ele se pergunta, e se corrige: mas em que outro lugar eu poderia estar? E era como

se Lídia devesse abrir aquela porta fechada, mas também Lídia, ele calculou, não é mais nada. Nem sequer uma fotografia, ele lembrou, olhando para o envelope, e isso foi um breve alívio, o seu álibi. Mecanicamente, apertou de novo a campainha. Talvez o mesmo homem da manhã esteja agora aqui, a perguntar o que venho fazer na casa de sua mulher. Ou filha? Entregar umas fotos e me confessar, ele diria, e sorriu de si mesmo — mas o sorriso morreu, pela memória do homem: eu não tinha pensado nele. Deu dois passos de volta ao elevador e parou: imaginou ter ouvido alguém. De novo diante da porta, escutou agora claramente a voz de Íris: Quem é? Ele apegou-se momentaneamente à ideia de um pequeno milagre.

— O fotógrafo — ele se ouviu dizendo. — Por favor, eu... Desculpe.

Melhor voltar de uma vez, e no instante em que tentava se decidir, a porta se abria diante dele. A luz completamente inesperada de Íris — ela parecia feliz e isso não fazia sentido nenhum na geometria daquela noite — desarmou-o. Como se ela fosse alguém — mas isso é absurdo — que esperasse ansiosamente pela sua chegada, um outro deputado à espera de um fotógrafo (não é a mesma coisa), e ele deu dois passos incertos à frente, pensando em entregar as fotografias e voltar atrás: havia tempo. Mas ela não permitiu, abrindo espaço para que ele entrasse e fechando a porta em seguida.

— É você?! — ela disse, parecendo também ela atrapalhada (mas feliz, ele percebeu, atento) e só agora o fotógrafo notou que Íris saía do banho, os negros cabelos úmidos, o rosto limpo, quase transparente, ele observou, como se fosse bater uma fotografia e precisasse compensar só pela força do olhar aquele excesso despropositado de claridade, iluminada ainda mais pelos dentes que o sorriso deixava entrever. É como se dissessem, ele chegou a pensar, que isso é uma brincadeira, uma molecagem, alguma coisa fora do prumo que faz a delícia

da vida, e o fotógrafo se animou subitamente com essa perspectiva, porque Íris permitia e escancarava a possibilidade, envolta num roupão amarelo como se estivesse ao mesmo tempo com frio (e talvez fosse verdade) e com vergonha, mas uma vergonha brejeira e simulada, a vergonha sorridente que só a intimidade é capaz de criar, quase acusatória, porque quem teria de sentir vergonha seria eu, ele pensou, a essa hora, quando ela, a mão delicadamente tocando o umbral do corredor — o mesmo gesto da fotografia da manhã, ele lembrou, a leveza — eu deveria ter consultado a sortista antes de vir aqui, ele pensou, enquanto ela desaparecia no corredor escuro depois de dizer alguma coisa que ele não ouviu, uma espécie de “já volto”.

O fotógrafo depositou cuidadosamente a máquina e envelope na pequena mesa da sala, na verdade um balcão separando dois espaços, e avançou até a janela, sentindo o corpo inteiro relaxar: por esse momento, ele calculou, o dia valeu a pena, mas não — ainda estou calculando, ele disse em voz baixa. O que eu queria dizer é — e ele quase disse em voz alta — é que Íris amplia o futuro, e isso tranquiliza, e ele suspirou, agora sim enxergando o que via diante dele, a escuridão de Curitiba com uma ou outra janela que se acendia e se apagava numa sequência aleatória mas programada, ele imaginou, estranhamente comovido. Ela não deve ter cerveja, ela não bebe cerveja, com certeza. Mas não era isso que ele tinha de pensar: era o essencial, o de sempre — por onde começo?

Nua, Íris em segundos puxou a gaveta, pegou a primeira calcinha e vestiu-a e sem pensar abriu a outra porta e puxou do cabide a calça preta, que vestiu em seguida — com a roupa veio um toque de perfume, e ela como que suspendeu a memória para decidir-se entre a camiseta branca e a negra — a negra, calculou ela, mergulhando nela, para o alto, e saindo do outro lado com um espichar de pescoço que livrou os cabelos. No espelho, gostou do que viu — calçou rapidamente a sandália e voltou para a sala, ainda sem pensar, sem querer pensar nesta visita absurda às duas? três? da manhã. Absurda mas tranquila — assim que ela reapareceu, ele se virou da vidraça (onde Íris se refletia súbita e trêmula) e ergueu os braços, como quem vai se desculpar, sinceramente desarmado:

— Eu —

— Você quer um café? Ou um chá? — Diante do seu pânico, aquela alma

sem direção na graça do gesto incompleto, ela acrescentou: — Ou vinho, quem sabe?! — e sorriu, sentindo-se definitivamente dona absoluta do poder daquele pequeno espaço. E havia, ela sentiu desde o primeiro instante, alguma coisa boa entre eles, como a paz de velhos conhecidos. Madame Susana — era esse o nome da sortista? — teria dito, lendo a mão de Íris (ela imaginou): Alguém vai salvar você do seu carma. Do velho Joaquim eu mesma me salvei, dona sortista — mas agora os seus olhos se deslocam para o envelope, curiosos, enquanto ele prosseguia naquela mímica inepta para se explicar:

— Desculpe, eu estava com o seu vizinho, o Mauro, da agência, e... eu sei que a essa hora — e ele apontou para o envelope enquanto ela parecia se divertir com aquela sequência cada vez mais esfarrapada de mentiras, e enfim ela diz:

— Eu pensei que era outra pessoa.

Outro susto:

— Desculpe! Eu — e o gesto de voltar à porta, venho outro dia, algo assim, que ela interrompeu com uma risada luminosa:

— Não, por favor. É muito melhor que tenha sido o meu fotógrafo — agora ele sorriu. E mais: — Você me salvou!

Ele ergueu os braços de novo — ela amplia o futuro, ele lembrou — e emendou a deixa:

— Pois é exatamente sobre isso que — e o braço mais uma vez avançou para o envelope, sem que a perna obedecesse, como um assaltado que faz um gesto cuidadoso para não assustar ninguém, por favor, não atire, e o braço sentiu a mão de Íris, seguida de sua voz baixa:

— Vinho?

— Por favor, eu —

— Eu quero beber — ela disse. Um dia comprido demais, ela pensou, sem dizer. — Você me acompanha?

Diria “cerveja”? O vinho sempre me deixa triste, ele lembrou — e parece que só agora se olhavam atentos um ao outro, e ele descobriu intrigado que ela se divertia.

— Vinho, você disse?

— O ideal era uma cerveja, eu sei — ela respondeu como se adivinhasse, entrando na cozinha. — Mas eu nunca tenho cerveja em casa, porque engorda. Afinal, ainda tento ser uma modelo.

Com um breve riso, Íris desapareceu nos fundos da cozinha durante um lapso — ele se apoiou no umbral da porta da sala ainda tentando inutilmente organizar a cabeça sobre a melhor estratégia, não só desse momento, mas de sua vida inteira — e reapareceu com uma garrafa na mão:

— Tenho ainda duas ou três ali no armário — e ela sorriu: — Acho que dá pra gente colocar em dia a história das nossas vidas, não? Hoje eu estou — e abriu uma gaveta, onde meteu a mão livre e irritada revirando talheres — e eu nunca sei onde está... onde está a bosta do saca-rolhas.

— Está aqui — ele disse, avançando para uma tabuleta artesanal na parede, o escudo do Clube Atlético Paranaense encimado por um “Home Sweet Home” e abaixo um ganchinho, de onde ele tirou o saca-rolhas; ele pensou em perguntar por perguntar se ela gostava de futebol, mas não teve tempo:

— Ah! Hoje está no lugar! Obrigada! Você abre pra mim? — e lhe estendeu a garrafa. — Se eu me meto a rabequista faço uma — e ela riu, sustando o palavrão — bobagem que me respingo inteira!

— Eu também — ele mentiu, pegando a garrafa e lendo o rótulo.

— É bom esse vinho? Eu —

— É muito bom — ele disse, incerto, mas seguindo a intuição do rótulo que parecia fino. Que o vinho não me deixe triste, ele pensou, torcendo a borboleta do saca-rolhas, sob o olhar atento de Íris, que agora parecia gentilmente admirar a sua habilidade.

Um homem silencioso, ela avaliou; e bonito, atrás da timidez de pedra, que parece uma máquina de pensar. Ou de penar, talvez — e ela olhou pela janela da cozinha, descobrindo no lado oposto o seu vigia de sempre, binóculo à mão. É bom que ele saiba. Que ele saiba o quê? Que o vizinho saiba que eu estou com companhia, e a companhia não é o velho Joaquim? Ou que o fotógrafo saiba que eu — mas o que ele precisa saber de mim? Por que ele estaria me vigiando, como disse o diabo loiro da esquina? Será mesmo verdade? — e ela ficou indecisa entre o vizinho e o fotógrafo. Eu não preciso ter medo. Sou uma mulher livre. Passou-lhe pela cabeça outro fio de desconfiança (é bom que o binóculo do vizinho me veja com alguém aqui, é sempre uma testemunha) — ou, menos que isso, paranoica Íris — um fio de incerteza, que se misturava com curiosidade e a segurança, agora sim, de que era uma mulher dona do próprio nariz e do próprio destino: alguma coisa parecida com liberdade. E no mesmo instante em que o

fotógrafo abriu a garrafa com um ruído seco e discreto e cheirou o gargalo de olhos fechados, simulando, talvez, o difícil conhecimento do vinho, o território idiota dos especialistas em qualquer coisa (ela lembrou o doutor Joaquim e respirou fundo, pressentindo o binóculo do vizinho acompanhando cada pensamento, nos olhos o mistério da visita, mais o medo do interfone e súbito vê a vida desabando na ansiedade de um segundo, por que eu sou assim?). Ela lembrou dos cálices e avançou para a sala, esbarrando levemente nele — desculpe — como se o espaço fechado da cozinha lhe fizesse mal; abriu a pequena cristaleira e dali tirou dois dos três últimos cálices que sobraram, herança ainda da mãe perdida — contaria a ele? — ela pensou, olhando para o cálice atrás de poeira, avaliando se seria preciso lavá-los, há quanto tempo sem uso? — mas não teve tempo; ele pegou os dois cálices de suas mãos e colocou-os lado a lado na mesinha. Com extremo cuidado para não derramar, serviu um, depois o outro, deixando-os com o vinho exatamente à mesma altura, quase uma brincadeira de criança. Ele olhou para ela e mostrou os cálices e um sorriso faceiro:

— Viu? Idênticos! Sem privilégios!

Ela olhou sorrindo para ele, um homem de olhos nitidamente cansados, a piada tola mas com graça — que diabos ele faz aqui? — e Íris começou a rir. Pensou em dizer “Você é engraçado”, mas não disse. Ele sentou de um lado, ela de outro, e brindaram: Tim-tim! Ele pegou o envelope e empurrou-o delicadamente para ela.

— As fotografias. Eu revelei algumas.

Ela se ergueu e disparou para a cozinha sem palavra (ele não entendeu), e voltou com o maço de cigarros e a caixa de fósforos, depois de procurar inutilmente por um isqueiro. Olhou aqui e ali até achar o cinzeiro e colocá-lo entre eles.

— Você quer?

— Não, não fumo. Obrigado.

— Eu bebo e fumo — ela disse, sem rir. Acendeu o cigarro, deu uma tragada funda e olhou para ele, que sustentou o olhar por dois segundos, desviando-o para o envelope.

— As fotos. Você não vai ver?

Ele sentiu alguma coisa pesada e o coração começou a bater mais forte. Deu

outro gole de vinho, vigiado pelo olhar devastador de Íris. Podia sentir a sua aura diante dele, e com ela um toque de medo. Ela é mais alta do que eu, ele calculou, vendo a sombra das cabeças na parede, e os dedos brancos e longos de Íris batendo o cigarro no cinzeiro; ele ouvia a respiração dela, e lutou para não se amedrontar — isso não é nada, ele se disse, olhando o cálice; é um encontro fortuito que se transforma em confissão, e, através dela, em purificação — e ele ergueu o cálice contra a luz, um especialista em diamantes avaliando uma peça rara.

— Linda, essa cor — ele disse, o coração ainda batendo mais do que devia, o que transpareceu na minha voz, ele pensou.

Ela abriu vagarosamente a aba do envelope e ele contemplou a delicadeza dos dedos de Íris manipulando as fotos, que estavam ao contrário; ela endireitou-as e, agora sim, o fotógrafo olhou para ela, que abriu um sorriso inteiro, enquanto o braço afastava a fotografia para melhor admirá-la, os dedos (ele notou) sempre cuidando para não tocar a face do papel.

— Sou eu — ela disse, tanto uma criança que descobre a fotografia quanto um adulto surpreso com algum mistério insuspeitado que se revela bruto no espelho. — Linda, essa fotografia. — E, para que o fotógrafo não imaginasse excesso de vaidade (ele pensou), acrescentava: — Você me melhorou muito — e sorriu, sem tirar os olhos dela mesma.

Ele gaguejou alguma coisa para desmenti-la, mas não era preciso — ela não ouvia. Agora contemplava a outra foto, na moldura da porta, e de novo ela esticou o braço para melhor se ver, inclinando um pouco a cabeça, como se também esse pequeno gesto ajudasse a melhorar o mundo, e o mundo inteiro — ele pensou — é agora ela mesma. Íris não interrompia o sorriso — sustentava as duas fotografias, uma ao lado da outra, com a mesma discreta inclinação de cabeça. Sem olhar para ele:

— Essas fotos são minhas?

— Você quer dizer — como se por algum absurdo ela sugerisse que a mulher retratada era outra, até que entendeu — Sim, é claro! São suas! — Ele quase perguntou: Você gostou? — mas se conteve. O coração continuava a bater mais que o normal, como alguém que acaba de subir apressado um lance de escadas, ele calculou, e era isso mesmo que estava acontecendo, Eu estou subindo um lance de escadas, e de novo olhou para o cálice de vinho, novamente cheio (só o

dele; ela recusou com um gesto, sempre olhando para ela mesma), contra a luz, e de novo admirou aquela cor volátil e luminosa.

— Obrigada — ela disse, finalmente, devolvendo as fotografias ao envelope e colocando-o próximo da parede, ao seu lado, como proprietária, e, sem sorrir, olhou direto nos olhos dele: essa noite interminável começa agora, ela pensou. Pegá-lo desprevenido, com o pé nas nuvens, é assim que ele está. Mas desviou o olhar, esmagando o cigarro ainda pela metade no cinzeiro.

— Diga a verdade.

Ele se assustou com a afirmação inesperada (a voz quase dura, com um toque discretíssimo de súplica) e, reflexo de mentiroso (ele lembraria depois), esticou o braço à porta, rosto alerta, quase iluminado, pronto a revelar todos os detalhes de sua visita ao Mauro, a lembrança das fotos, o ato impensado de aparecer agora (interminavelmente pensado ao longo do dia inteiro), é que — mas antes da primeira palavra sentiu a palma da mão, tranquilizadora, suave no seu braço, quase sem tocá-lo:

— Você acha que eu tenho mesmo chance como modelo?

Um outro lance de escada, mas, ofegante, ele gostou daquilo: esse mundo vago das possibilidades dava-lhe um espaço momentâneo. Ela quer ouvir um sim e ao mesmo tempo sabe que não é esse o problema. Ela sabe que está sendo enganada, ele intuiu com uma nitidez lancinante — o coração voltou a acelerar.

— É claro que você tem chance. O problema — e eles se olharam nos olhos, ele percebendo a instantânea tensão de Íris — é a competição. Você sabe. É uma — e refugiou-se no chavão: — É uma selva.

Mas ela não queria ouvir, ele avaliou; ela queria falar agora.

— Quando fiz o meu book e me inscrevi naquela agência, era só um escapismo, eu sei. As coisas não dão certo de um jeito e aí você imediatamente inventa uma moda pra justificar, uma espécie de álibi. Não é assim? Você diz que está num lugar mas nunca esteve nele. — Ela riu, pensando no que tinha acabado de dizer. — Alguém me disse que eu podia ser modelo e... bem, muitas vezes me disseram isso. — E como se ela quisesse confirmar a consistência do que diziam, abriu de novo o envelope e de novo se concentrou em ver-se, mas agora com uma certa dureza no olhar, sem admiração nem autopiedade, ele avaliou, agora ela estava vendo também o

olhar dele, fotógrafo, e no fundo tentava descobrir o que aquele olhar tinha de verdade, no que aquela imagem equilibrada em preto e branco, no que aquela delicadeza em chiaroscuro teria parentesco com ela mesma. Agora — ele continuou avaliando, dando mais um gole de vinho e tentando ganhar tempo — parece que o sonho acabou, é isso que está no rosto dela, alguma descoberta; é como se ela visse um longo filme naquela imagem que do papel olhava para ela, e ali fosse se decifrando — a fotografia como uma espécie de chave, ele pensou, tentando adivinhar o que era a umidade dos olhos de Íris, se fumaça, se lágrima, se pornografia, ela pensou, tentando se controlar, aquilo sobre o que não temos controle, e mordeu o lábio devagarinho para não se entregar enquanto se via assim, tão bonita no papel e tão desesperadamente inútil na vida real, ela se ouviu dizendo em silêncio ao somar os pauzinhos daquele longo dia desde o seu corvo da guarda (há um fotógrafo perseguindo você) até o beijo na boca de Danton, de quem recusou um poema, e agora, sobre o susto de Joaquim, a paz da fotografia. Controlou a umidade dos olhos e voltou a se concentrar nas fotos, mas, mais uma vez, como álibi — e era como se, aos poucos, o quebra-cabeça se revelasse, não que Joaquim tivesse mandado esse fotógrafo aqui, não, parece lógico mas não faz sentido, ele é estúpido demais para repartir sequer uma imagem, ela pensou. E às vezes o golpe dá errado, se for esse o caso, e ela acendeu um outro cigarro, olhando para o fotógrafo e dessa vez sorrindo, de modo a não assustá-lo, agora mais uma vez dona de seu nariz; o golpe dá errado, ela prosseguiu, porque há um toque de paixão nessas fotografias e em cada gesto dele, ela avaliou. Ele quer me dizer alguma coisa, e ela avançou atropelando as ideias, vendo-se subindo as escadarias de uma catedral com seu fotógrafo, Joaquim seria o padrinho; ou fazendo o discurso de formatura do curso de História, linda, inteira branca naquela beca negra na boca de algum palco —

— A minha mãe — ela se ouviu dizendo e ficou súbito inteira vermelha. — É o vinho — gaguejou Íris, tentando um sorriso, perdida momentaneamente — eu não estou acostumada. Se fosse maconha — e ela afinal riu falso, o rosto queimando de alguma vergonha que estava em outra parte, as mãos devolvendo as fotografias ao envelope, melhor acabar com isso e ir dormir.

— A sua mãe — ele disse, interrogativo, estendendo a mão para Íris e ousando tocar o seu braço; era como se ambos entrassem num território de pequenos deslocamentos mentais, pequenos mas ininterruptos — e veio-lhe à

mente que ele estava num ponto vazio da vida, tudo enterrado atrás, parece, e nada adiante exceto a miragem de Íris. Não há o que pegar, ele pensou: falta gravidade, as coisas não caem.

— Esqueça. Não era disso que eu queria falar.

— Lembrei que sábado tenho um almoço de família. Que dia é hoje?

Era uma pré-despedida abrupta e absurda que lhe escapava; agora Íris tocou o seu braço:

— Não vá. Eu queria conversar um pouco.

Ele também, ele pensou sem dizer. Mas esticou de novo aquele braço idiota à porta, o gesto de quem está pronto para desistir.

— Eu invadi a sua noite, assim, e —

— Quem foi que contratou você? — Enfim a pergunta clara, nítida, direta, e mesmo assim, ele avaliou no miolo do susto, ambígua, mantendo ainda uma saída de emergência. É como se a própria Íris não quisesse saber mas sentisse a obrigação moral de perguntar.

Ele se ergueu — alguém que ensaia uma pequena chantagem, sair sem resposta, mas era outra coisa, agora de verdade:

— O banheiro?!

Ela estendeu o braço e alguma coisa irritou seu nariz — ergueu a cabeça numa careta dolorosa, de olhos fechados, e desviando-se rapidamente, espirrou alto, o que deu um toque de graça; entre um novo espirro e o sorriso (Saúde! — ele disse, e era como se fizessem as pazes) voltou a estender o braço para o corredor a dois metros e ele desapareceu naquele escuro até achar uma porta, onde se trancou, ouvindo outro espirro e tateando para acender a luz que, quando veio, feriu seus olhos. Sentiu no ar o vapor de um banho recente e avaliou a razoável organização dos espaços, o que o surpreendeu, toalhas vidros sabonetes; não há criança nesta casa, ele pensou, e absurdamente se imaginou compartilhando aquele banheiro com Íris, casados há dez anos — o que seria diferente? Quem foi que me contratou? — ele relembrou a pergunta antes do espirro, e o coração voltou a acelerar.

A agência Espadas? Ou Copas? Copas é melhor. Mas foi isso mesmo que eu disse pela manhã? Ou um velho senhor corrupto, talvez pedófilo? Não, pedófilo não. Ergueu a tampa do vaso e começou uma mijada longa, de olhos fechados, deixando-se dirigir pelo ruído na água, como num alvo de circo do Marquês de

Sade, as preliminares de toda espécie de escatologia sexual. Quem me contratou? Sou o mensageiro da identidade, como diz o chefe. Revelo as pessoas. Para isso, devo desaparecer, Mensageiro da Identidade: não é tão ridículo assim, como pensei quando ouvi. Ele falava sério. Todos amam um bom fotógrafo. Exceto a Lídia. Fez uma maçaroca com o papel higiênico, limpou a borda respingada do vaso e pensou em lavar o sexo na pia (imaginou-se beijando demoradamente a boca de Íris, sobre a mesa estreita), mas desistiu da ideia, fechando a braguilha. Deteve-se diante do espelho: um homem decente, ainda quase bem-vestido na madrugada. Reparti-los, ele decidiu, súbito: 100 dólares para mim, 100 dólares para ela, e assim começamos uma nova vida. Sentiu um sopro de náusea subindo à garganta, talvez azia, e imobilizou-se, à espera de um vômito que não veio. Debruçou-se sobre a pia e lavou o rosto demoradamente, jogando água também nos cabelos. Enxugou-se com a toalha suavemente perfumada e penteou-se com um pente cor-de-rosa de dentes largos e gorduchos que encontrou ali. Conferiu a imagem do espelho: estava razoável. Agora, beber água com o vinho, e a confissão irá longe. Tudo aqui parece mais suave, ele pensou olhando detidamente em torno, um vago sentimento de inveja, e não há nenhuma passagem secreta a um laboratório de revelações.

Ao voltar à sala, encontrou-a sorumbática no mesmo lugar, olhando para o cinzeiro, um pequeno vinco na testa que se desfez assim que ela ergueu o rosto para ele, um olhar agudo, exigente, que em meio segundo se aliviou por uma sombra de preocupação:

— Você está pálido.

Ele fez um gesto de pouco-caso, não é nada, não se preocupe, e disse o que passou o dia, minuto a minuto, querendo dizer:

— Foi um homem que me contratou — e estendeu a mão para o cálice.

— Você quer água? — ela perguntou, tocando o seu braço e pensando no que ele acabava de dizer: Eu sei, ela pensou.

— Quero.

Ela foi à cozinha, uma máquina de pensar. Enchia o copo de água olhando para a janela dois andares acima onde a sombra do seu voyeur adolescente dirigia o binóculo diretamente para a minha cabeça, ela pensou, até que o copo transbordou. Vou pôr uma cortina aqui, ela quase disse, como uma manobra de quem quer mudar de assunto — não o voyeur, mas o fotógrafo. Talvez ele seja

da polícia. Mas então — ela procurava um pires para colocar o copo sobre ele, mas na verdade ela só queria tempo para poder voltar à sala com todas as perguntas e todas as respostas, esse filho da puta — ela estava prestes a jogar o copo e o pires e a puta que pariu na parede, mas se controlou: não, não é da polícia, concluiu, porque ele é um fotógrafo muito bom — e ela desejou rever imediatamente os dois retratos. Encheu de novo o copo de água, agora se concentrando no que fazia, sob o binóculo atento e concentrado do vizinho, colocou-o sobre o pires e voltou para a sala em passos lentos. Ele olhava para o cálice de vinho contra a luz, um gesto que repetia de tempos em tempos — como um padre rezando a missa, ela pensou. Colocou a água diante dele. Ele estava de fato muito branco. Ela tocou a mão dele: Você está frio, sussurrou, e voltou para o seu lugar no outro lado da mesinha. Ele bebeu a água até o fim, sob o olhar de Íris, que reassumiu a iniciativa, agora para eliminar de vez a outra hipótese:

— Você por acaso foi contratado por aquele homem que encontrou hoje de manhã aqui? — e agora era ela que estendia o braço para a porta.

— Não. — Era preciso marcar definitivamente o absurdo da ideia: — Não. Não é ele. É um homem gordo, de barba. — E começou a se apalpar atrás de algum papel imaginário, porque súbito o nome do homem desapareceu da sua cabeça.

— Eu sei — ela disse, agora estranhamente aliviada: o que seria pior? A mesma mão quente sobre a mão fria dele: — Não fale mais nada. Eu sei.

É o meu pai, ela pensou, sem dizer. Contaria? Contou duas vezes na vida: para a mãe, que a ignorou, e para a analista, e no mesmo instante, nos dois momentos, dez anos entre um

e outro, arrependeu-se como alguém que, pelo sopro da palavra, perde a alma para todo o sempre. A única coisa que eu tenho é a minha intimidade, ela pensou. Contaria a ele?

— É o meu pai.

O fotógrafo levou um pequeno choque — a confissão, e o modo como ela pela primeira vez parecia evitar os olhos dele, e as mãos abrindo de novo o envelope das fotografias para nelas se refugiar — e em seguida se tranquilizou, como quem compreende: sim, é claro, é o próprio pai. Faz sentido. Era como se isso o absolvesse também, Íris pensou, oculta nas fotos: um pai zeloso da filha, e a

espionagem não será tão covarde assim, ela pensava, concentrando-se mais uma vez nela mesma, aquelas duas imagens tão bonitas, harmoniosas, equilibradas, suaves, o mesmo olhar, a natureza exigente daquele olhar que é o meu, e que ele viu e que foi capaz de reconhecer: ele me deu forma, ela pensou, de novo no limite, o pai e o fotógrafo — o dia dos vômitos e das lágrimas, o dia da pornografia. Ela precisava dizer alguma coisa a mais.

— Amei estas fotografias. Obrigada.

Talvez houvesse ali um toque de despedida, ela temeu, pensando o que disse, mas ele não se movia, a contemplar o vinho no cálice. Contar mais a ele? Arrancá-lo daquele suposto idílio familiar, o pai protegendo a filha indefesa? Quando confessou à analista, já adulta, cada palavra mastigada — ou cuspidada, é esse o termo — ia abrindo as entranhas, lâmina cortando carne, enterrando-se sexo adentro, até a barriga, dali aos seios, então à garganta, ao rosto e enfim à alma, toda entregue, um ser que se vomita: como se, sem o segredo, sem o silêncio, sem o poder da solidão, ela não fosse mais nada. Não pense mais nisso, ela se ouviu dizendo. Ele ergueu os olhos (era como se o tempo agora voltasse a passar, depois uma hora inteira imóvel no silêncio).

— Como? Perdão, eu...

— Nada. — Olhou para as fotos, o pequeno álibi, e suspirou: — Eu já estava me vendo em toda a cidade, carro-chefe da campanha do shopping.

E ela riu, o mais natural que pôde — uma vingança contra ele, que ele se sinta mesmo culpado, já que ela não podia falar do que realmente importa. Num gesto automático, ele tentou encher os cálices de novo, mas o vinho acabou. Ela arrancou a garrafa da mão dele:

— Eu pego outra. Vamos beber.

Impulso tânico, ela lembrou: essa era uma das expressões da analista. As coisas vão se descontrolando, e aí você se entrega, autoestima zero. Lá estava, incansável, o vizinho de binóculo — ela esticou o dedo médio para ele e avançou para o armário da despensa de onde tirou outro vinho, de outra marca, ainda herança do bom doutor Joaquim. Não se meta com adolescentes, ela se ouviu dizendo, enquanto decifrava o rótulo sujo de pó, e quando ergueu a cabeça assustou-se com a presença súbita do fotógrafo diante dela, no meio da cozinha, saca-rolhas à mão:

— Eu abro.

Ela entregou a garrafa e voltou à sala, dessa vez sem esbarrar nele, um inesperado senso de vergonha — Será que ele me viu mostrar o dedo para o vizinho? — que desapareceu assim que ela abriu de novo o envelope não para se olhar, mas para entender o fotógrafo; quando ele voltou com o vinho aberto ela devolveu rápida as fotos ao envelope. Não brindaram dessa vez — havia, como se ela pudesse sentir fisicamente, uma imensa quantidade de memória atulhada nas cabeças. Entulho é o nome certo, ela pensou, lembrando por alguma associação absurda que deveria consertar o seu computador, o primeiro passo da velha fantasia de normalizar sua vida. E então ele remexeu alguma coisa nos bolsos, aqui e ali, como quem procura um isqueiro, e tirou duas notas e mais um papel dobrado — Madame Susana —, o que o fez lembrar do deputado e perguntar, com aquelas três peças sem sentido na mão:

— Você vai votar no Lula?

Uma pergunta imbecil de que ele imediatamente se arrependeu enquanto Íris tentava não olhar para aquele dinheiro que o filho da puta parecia manusear diante dela, sim, você tem de pensar na hipótese da prostituição como um valor, disse a analista, e isso eu acho que — mas algo não encaixava, e ela não perguntaria jamais o que o fotógrafo calhorda fazia com aquilo (devolveu o dinheiro ao bolso) e mais um folheto diante dela —

— É que minha mulher vai votar no Lula. Eu não sei ainda.

— Eu não vou votar em porra nenhuma e quero que essa merda se foda — ela se ouviu dizendo e, depois de um lapso de silêncio, os dois riram alto como se súbito o absurdo daquilo ficasse evidente — tão evidente, enquanto ele continuava teimoso remexendo no bolso, agora erguendo a carteira e mais um cartão de visitas (Síntese Propaganda, ele releu, estúpido), mas ela ainda parecia surpresa: — Eu não sabia que você era casado. — O que, ela pensou automaticamente, parecia dar a Íris algum poder adicional, pelos caminhos tortos que não permitem entregas definitivas, só as para sempre provisórias —

— Eu também ainda não sei — ele disse.

— Se é casado? — e ela riu. — Alguém mais distraído do que eu?!

O fotógrafo olhou para ela, surpreso, e então sorriu: É — ele disse, ainda pensando em algum duplo sentido, e então finalmente tirou de outro bolso duas notas verdes, agora sim, e estendeu-as na mesinha em direção a Íris. Ela olhou

para ele (que baixou os olhos):

— Que merda é essa? É para comprar o meu voto? — mas a entonação não tinha humor.

Ela viu os dedos dele se erguerem da mesa, como ramalhetes, tímidos, pedindo paz e calma, ao lado das duas notas de 100 dólares.

— São os trinta dinheiros que eu recebi para fotografar você.

Agora ela ficou surpresa. Devagar pegou uma das notas com as duas mãos, olhou de um lado, de outro, olhou para os olhos dele, que aguardavam encabulados, e voltou à nota: É o estilo dele, ela pensou — comprar. Aproximou a cabeça dos 100 dólares, de onde uma figura careca, de cabelos compridos, que hoje seria, ela imaginou, uma espécie de hippie de 60 anos, olhava severamente — mas com alguma tolerância, ela fantasiou — para os olhos de Íris.

— Esse que é o George Washington?

Como uma pausa estratégica para pensar melhor. Ele pegou a outra nota e conferiu:

— Não. Esse é o Franklin. Benjamin Franklin, eu acho. O George Washington aparece na nota de 1 dólar. — E quase acrescentou, como quem se desculpa: Eu sei disso pelos desenhos animados que a minha filha assiste, mas desistiu, para que a paz momentânea se mantivesse, e devolveu discretamente a nota à mesa, empurrando-a mais uma vez em direção a Íris.

— Duzentos dólares. Quanto dá isso em real?

Ele relaxou: ela estava conversando e a tensão parecia se esvaziar. Começou a sentir um grande alívio. Encheu outro cálice.

— Não sei como está a cotação. Acho que é dois e cinquenta, ou sessenta, por aí. Com a eleição o dólar vai disparar. É o que dizem. — Deu um gole e olhou para ela, que continuava olhando para as notas, mas como se pensasse em outra coisa. — São seus.

— Meus?! — e Íris pegou as duas notas da mesa. Sorriu: — Eu sou baratinha, você não acha?

— Espere — e de novo os dedos em ramalhete, pedindo paz, mas ela não estava agressiva; só queria entender.

— Os 200 dólares incluíam o quê?

— Cada rolo de fotografias suas entregue a ele sem revelar. Esses dólares

foram um adiantamento. Pegue para você. Estou encerrando o serviço. Não entreguei filme nenhum. Eu quebrei o contrato. Nunca que eu poderia ter vindo aqui bater na sua porta.

— Mas esse... contrato, ele incluía mais alguma coisa?

— Mais nada. O seu pai pediu só fotografias. Mas, é claro, para isso eu teria de vigiá-la algumas vezes. Só que não tenho vocação para detetive. É um saco. Só no cinema o sujeito fica quatro ou cinco horas numa esquina esperando alguém passar. Hoje de manhã fiquei uma hora e meia e quase morri.

Íris olhava para o cálice de vinho.

— O meu pai — mas ela não prosseguiu. Só pensou: Ele previu tudo; ele sabe que a essa altura estamos conversando aqui. Ele quer alguém por perto. Deu mais um gole de vinho e disse em voz baixa: — Bem, sempre me resta a opção de ir à Delegacia da Mulher.

Ele ergueu as mãos:

— Mas eu não fiz nada! — e imediatamente sentiu os dedos dela no seu braço, tranquilizadores:

— Desculpe. É outra coisa. — E eu posso destruí-lo, ela fantasiou, angustiada; é por isso que ele mantém essa rede. Agora em voz alta, como alguém que mantém dois canais ligados ao mesmo tempo, um para ocultar o outro: — Por que você está me contando isso? Por que está me dando esse dinheiro? Afinal — e ela tocou no envelope, sorrindo — você trabalhou. As fotos estão lindas.

Ele suspirou, sob o seu olhar atento — ela apoiava o queixo na mão, aguardando, sorridente. Ela está lisonjeada, ele avaliou; e, ao mesmo tempo, sabe que tudo isso é um erro de princípio, o mais difícil.

— Não sei. Porque não sou da polícia. Porque senti vergonha. Porque minha mulher vai se separar de mim, ou eu dela. Porque eu tenho uma filha.

Porque Lídia tem outro homem. Porque a tua beleza, essa aura, é tão desproporcional que eu imaginei que. Porque eu queria ver você de novo, e de perto, e para isso precisava revelar o filme e perder 200 dólares. Ele esboçou um sorriso, e pela primeira vez no dia sentiu que a bebida começava a bater na sua alma.

— Porque o dinheiro não é tudo na vida — e, primeiro ele, depois ela, caíram na gargalhada, como quem enfim descarrega a eletricidade de um dia inteiro.

Ela parecia mais calma. Agora se olhavam e sorriam, ela apoiando o queixo

na mão, e pensando. O fotógrafo desviou os olhos dela. Pensou em fotografá-la agora — chegou a estender o braço para a máquina, mas desistiu — e sentiu um sopro de angústia. Enfim ela falou:

— Sim, dinheiro não é tudo. Mas quem rasga dinheiro é louco. Eu tenho um plano melhor do que a gente simplesmente desistir de tudo.

Aquilo o surpreendeu; o coração voltou a bater mais forte. O vinho prosseguia fazendo efeito na sua alma, avançando perigosamente em todas as esferas do cérebro, ele calculou, ao mesmo tempo que se deixava levar pela comoção da presença de Íris. Alguém que encontra alguém próximo para compartilhar sensações irmãs. O que Madame Susana diria? — ele se perguntou, defendendo-se da fantasia pelo humor.

Com alguma solenidade, Íris estendeu para ele uma das notas:

— Cem dólares para você, cem dólares para mim. É justo.

— Mas — ele tentou protestar; ela dobrou a nota e colocou-a no bolso de sua camisa, definitiva.

— Não discuta. Ouça. Em primeiro lugar, vamos aumentar o preço. Dobrar. Que tal? — e ela começou a rir: um plano infalível.

Ele encheu outro cálice, para não pensar no que estava ouvindo: Ela quer que eu continue.

— Peça 400 dólares. É justo. Estabeleça, como exigência sua, e não dele, um filme por semana. Fale sobre o que você disse agora: a chatice da espera. Diga que você perde muito tempo. Reclame. Descreva a dificuldade de fotografar sem

ser visto. Fale na interferência no seu trabalho pessoal — você deve ter outras coisas a fazer, não? Ah, fale da tua filha, também. Aliás, no que você trabalha mesmo, além de assediar mocinhas desamparadas? — e ela deu outra risada, com todos os dentes, que ele acompanhou. Brindaram, rindo: Tim-tim!

— Eu sou jornalista. Tenho um nome a zelar. — E outra risada comprida. Ele sentiu a mão dela, quente, sobre a sua, fria:

— Você pegou o espírito da coisa.

Súbito, aquilo parecia o projeto de uma vida inteira — viu-se perseguindo de máquina em punho uma Íris volátil pelas ruas e praças de Curitiba, num jogo de cartas marcadas; talvez, ele fantasiou, ela levasse o jogo tão a sério que não se deixasse ver senão como vulto — e ele ergueu o cálice de vinho contra a luz,

mais uma vez avaliando a qualidade da cor. Sem olhar para ela:

— Ele é seu pai. Ele —

— Ele é um filho da puta. E tem muito dinheiro naquela empreiteira. Aliás, mais do que ele pode explicar. Isso aqui — ela estalou a nota — é lixo para eles.

O fotógrafo tentou lembrar-se do nome da empresa, mas lhe escapava; alguma coisa firme, discreta, sólida, de bronze, em letras engastadas em fundo negro de mármore. A ilusão da eternidade. Um nome para não ser lembrado, apenas sentido, como o trecho de um filme. A ideia da riqueza como um crime. Ou da exigência absoluta do filho sobre o pai, apenas pelo direito do sangue. Nascer é uma injustiça: alguém deve nos recompensar por isso. Um padrasto, quem sabe, ele pensou, sem coragem de perguntar. Ainda tentava descobrir: por que aceitou? Uma experiência nova, um momento difícil — e agora estou aqui, ele pensou, vendo o sorriso de Íris no gesto de cortar a mão com a mão:

— Meio a meio. Tudo bem?

O peso da noite começava a cair sobre ele, monolítico, numa exaustão de ossos. Talvez eu deva voltar para casa e conversar com Lídia, ele pensou quase em voz alta, como se ela, Lídia, devesse antes autorizar o plano. Mais uma vez por que aceito?

— Fazemos um jogo — ela acrescentou, como se presentindo a dúvida dele. — Nem você, nem eu temos nada a perder. E você vai fazer o que gosta.

Ele entendeu: prosseguir o jogo da simulação.

— E o que eu gosto de fazer? — perguntou, sentindo que a balança dos poderes pendia um pouco mais para ele, como se por alguns minutos fosse sua a iniciativa da noite. Ela precisa de mim, ele pensou, quase com frieza. Alguma coisa que sutilmente se afasta.

— Fotografar, é claro. — E ela abriu mais uma vez o envelope. — São as duas melhores fotografias da minha vida. Só quem ama o que faz poderia me ver assim — ela acrescentou, como um enigma. Esticou o braço mais uma vez, para se ver melhor naquele espelho. — Vou fazer um pôster. O que você acha?

— Coloque numa moldura com vidro — ele disse. — Protege melhor. Um passe-partout branco, e uma moldura fina de madeira, preta, sem friso.

Eu tenho ainda a dimensão do tempo: as coisas devem durar. A permanência como um valor — e ele lembrou a explicação de Lídia, abrindo o livro e lendo um trecho em voz alta para ele. Discutiram fotografia digital em seguida. Faz

muito tempo isso, ele calculou.

— Veja um exemplo. Amanhã, digamos, eu vou ao parque São Lourenço. Adoro caminhar lá. Você vai também e me fotografa. Nós não nos falamos, é claro. Você me segue. Pega o ônibus comigo. Depois, escolhe os ângulos. De longe. De perto. Fora de foco. No meio dos outros. De costas. Entrega o filme, recebe quatro notinhas estalantes do Benjamin Franklin e deixa o envelope com a metade para mim. Na outra semana você me segue até a universidade, ali na Reitoria. No supermercado. No restaurante a quilo. Que tal?

Ele abriu lentamente um sorriso: Vim aqui me purificar, e aceito mais uma trapaça. Consultou o resto do vinho contra a luz.

— Esse vinho parece mais claro que o da outra garrafa.

— Eram diferentes.

Ficaram alguns segundos em silêncio.

— Eu acho que tem mais uma garrafa ainda. Você quer?

Ela parecia aflita: um pequeno vinco vertical na testa, logo acima do nariz; ela está olhando para mim, ele pensou, como quem quer de fato me ver. E o rosto dela, ele avaliou, não perde nada com o cansaço. Percebeu a sombra das olheiras, ou talvez a sombra da luz (de onde vem? e ele olhou em torno, a mão quase segurando a máquina de novo), e as formas claras e as formas escuras prosseguiram equilibradas naquela face séria e atenta, esperando a resposta. É apenas um jogo; ela tem 20 anos, ele pensou.

— Mais uma?

— Sim. Você quer — ela afirmou e sorriu.

— Que horas são?

Ela desapareceu. No momento seguinte — mas foi assim mesmo? — ele tentava se lembrar, já no elevador — ele está na cozinha abrindo outra garrafa, e ela falou alguma coisa de alguém com binóculo. Depois, estou novamente brindando. É um jogo, ele pensou. Uma espécie de brincadeira.

O rosto de Íris, que nunca perde a forma, sorridente e cansado, desaparece atrás da porta do elevador — ele sente ainda no próprio rosto o perfume suave de quando se despediram; era como abraçar um breve e envolvente calor, ele pensou, lembrando principalmente da pele do rosto no seu rosto, e restou alguns segundos imóvel até se lembrar de apertar o botão do térreo. A porta interna se fechou barulhenta, e ele fechou os olhos, para se lembrar. Ela perguntou: Você

está bem? Não quer mesmo deitar aqui no sofá? Durma um pouco, ela disse. Durma um pouco. E a mão tocou o seu ombro. Não, eu disse, e ele repetiu agora em voz alta, Eu vou para casa. Obrigado. Quanto tempo passaram simulando o jogo? O tempo de outra garrafa de vinho. Imaginaram cada situação, e parecia tão atraente que por pouco não saíram os dois à rua, entre risadas, para começar a partida, madrugada adentro. Amanhã ela tomaria um ônibus na praça Tiradentes. As primeiras fotos de longe. E então. O elevador parou. Ele custou a sair, esperando que a porta externa também se abrisse, até se lembrar de que era preciso empurrá-la. Num sobressalto, imaginou que estivesse sem a máquina fotográfica, e pensou em apertar o 8 novamente para buscá-la, mas não, aqui está ela, a tiracolo — só o envelope que ficou lá. Ela disse, ele lembrou agora: Não esqueça a máquina. Você está mesmo bem? Foi um dia longo, eu disse. Amanhã — o que tem amanhã, além da praça Tiradentes? Esqueceu de avisar: tem a marcha dos sem-terra. Para o jornal. Mas a marcha é de manhã ou é à tarde? O porteiro levantou-se no escuro como um fantasma e avançou ao seu lado pelo corredor comprido até a porta, que, é claro, estava chaveada.

— Preciso de um táxi — ele disse, como a um porteiro de hotel, que resmungou alguma coisa parecida com boa-noite e deixou-o no lado de fora do prédio, trancando-se em seguida.

Amanhã é daqui a pouco, ele disse em voz alta. As fotos estão lindas, ele lembrou. Obrigado. Sentiu um princípio de euforia, imóvel na calçada. Deveria ter ficado lá. Ela ofereceu o sofá. Agora é tarde, e súbito se lembrou de que não tinha sequer anotado o seu telefone, nem ela o dele. Não faz mal: praça Tiradentes, duas horas da tarde. Ela não perguntou absolutamente nada da minha vida. É que eu estou escrito na minha testa, ele imaginou, e só então viu o vulto no outro lado da rua — mas não era bem o mesmo da manhã, era outro, parece. O vulto descolou-se do poste e fez menção de atravessar a rua, na direção dele. O fotógrafo lembrou-se de que havia um ponto de táxi num hotel próximo, e afinal se moveu dali, cambaleante; a Lídia deve estar preocupada, ele imaginou-se pensando, como se voltasse no tempo, vendo já um fiapo da manhã se refletindo na calçada.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

O fotógrafo

Site do autor:

<http://www.cristovaotezza.com.br/>

Artigo sobre o autor na Wikipédia:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Crist%C3%B3v%C3%A3o_Tezza

Resenha do livro no site do autor:

http://www.cristovaotezza.com.br/critica/ficcao/f_ofotografo/paradoxo_13dez04.h

Resenha do livro em Literatura no Brasil:

<http://www.literaturanobrasil.com.br/as-tres-vozes-de-cristovao-tezza-em-o-fotografo/>

Página do livro no Skoob:

<http://www.skoob.com.br/livro/4128-o-fotografo>